

DEIXE O MEU POVO IR!

por David W. Dyer

Tradução: Maria Regina Vidal Eliasquevici

Publicação: Ministério Grão de Trigo

PUBLICAÇÃO:
MINISTÉRIO GRÃO DE TRIGO

Título do original em inglês: *The One True Church* “A Grain of Wheat” Ministries Publication
Primeira edição em inglês: 2007

www.graodetrigo.com
email: davidwdyer@yahoo.com

Tradução: Maria Regina Eliasquevici
Revisão: Silvana Pinheiro Taets Jair de Almeida Silva
Capa: John D. Dyer

Todas as citações foram extraídas da Tradução em Português de João Ferreira de Almeida, versão Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil. As citações que fogem a essa regra são seguidas de indicações.

VITÓRIA, novembro/2007

“Filho do homem, descreva o templo para a nação de Israel, para que se envergonhem dos seus pecados.”

“Que eles analisem o modelo e, se ficarem envergonhados por tudo o que fizeram, informe-os acerca da planta do templo – sua disposição, suas saídas e suas entradas – toda a sua planta e todas as suas estipulações e leis.”

“Ponha essas coisas por escrito diante deles para que sejam fiéis à planta e sigam as suas estipulações.”

(Ez 43:10-11, NVI)

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
1.....	7
UMA VISÃO CELESTIAL	7
2.....	18
A SUBSTÂNCIA DA IGREJA	18
3.....	34
A FORMA DA IGREJA	34
4.....	53
ONDE DEUS MORA	53
5.....	69
LIDERANÇA NA IGREJA	69
6.....	107
DEIXE O MEU POVO IR!	107
7.....	125
A UNIDADE DA IGREJA.....	125
8.....	141
COMPROMISSO	141
9.....	158
REUNIÕES	158
10.....	187
VIVENDO EM AMOR	187
11.....	212
COISAS QUE DESTROEM	212
12.....	234
CONSTRUINDO SOBRE A FUNDAÇÃO	234
POSFÁCIO	256

PREFÁCIO

Este é um livro sobre a casa de Deus. Poucos cristãos parecem ter muito interesse neste assunto. Eles parecem pensar assim: “Quem se importa com o lugar onde Deus vive? Certamente Ele é capaz de tomar conta de Seus próprios problemas. Temos nossas vidas para viver. Temos contas a pagar, crianças para educar e trabalho para fazer. Não temos tempo para nos preocuparmos com o lugar onde Deus irá morar”.

O Rei Davi, porém, tomou uma atitude diferente. Ele tinha um outro tipo de coração. Ele disse: “...não darei sono aos meus olhos e nem repouso às minhas pálpebras, até que eu encontre lugar para o Senhor, uma morada para o Poderoso de Jacó” (Sl 132:4-5).

Davi era um homem que tinha intimidade com o Todo Poderoso. Por causa dessa comunhão, seu coração começou a abraçar os desejos do Altíssimo. Ele começou a sentir as coisas que estavam no coração de Deus e a desejá-las também. Talvez por esse motivo, o Senhor o considerou como “um homem segundo o Seu coração” (At 13:22).

Davi foi um homem abençoado por Deus, em parte porque procurava as coisas que Deus desejava. Muitos crentes hoje não aproveitam essa bênção. Trabalham longas horas para pagar suas prestações e outras dívidas, mas parecem nunca chegar a um topo financeiro. Tentam se entreter com várias diversões, incluindo comidas e bebidas, mas não se satisfazem facilmente. Estão constantemente comprando novas roupas, mas isto também não parece ir ao encontro de suas necessidades emocionais.

“...considerai o vosso passado, diz o Senhor. Tendes semeado muito e recolhido pouco; comeis, mas não chega para fartar-vos; bebeis, mas não dá para saciar-vos; vestis-vos, mas não estais bem aquecidos e aquele que recebe salário o coloca num saco furado.”

“...considerai o vosso caminho. Procurastes por muito, mas na verdade alcançastes muito pouco e este pouco, quando o trouxestes para casa, Eu lhe assoprei para longe. Por quê? disse o Senhor dos Exércitos. Por causa da minha casa, que está deserta, e cada um de vós corre à sua própria casa.

Por isso, retém os céus o seu orvalho e a terra retém os seus frutos. E fiz vir a

seca sobre a terra e sobre os montes, e sobre o trigo e sobre o mosto, e sobre o azeite e sobre tudo o que a terra produz, como também sobre os homens, e sobre os animais, e sobre todo o trabalho das mãos” (Ag 1:5-7 e 9-11).

Deus hoje está chamando homens e mulheres a se voltarem para Ele e trabalharem junto com Ele na construção de Sua morada eterna. Ele está procurando por aqueles que irão Lhe responder de todo o coração e dedicar-se ao Seu serviço. Ele está procurando aqueles cujos corações irão corresponder ao Seu coração.

Este autor espera que, por meio deste livro, alguns cristãos sejam levados a mudar o seu foco. Talvez por meio deste texto, alguns sejam induzidos a compreender mais profundamente as coisas que estão no coração de Deus.

Então, poderão dedicar suas vidas a construir a casa de Deus. Eles podem ajudar a construir o Seu reino e transformar isso na prioridade de suas vidas. Deste modo, certamente irão experimentar maravilhosas bênçãos em seu trabalho e também recompensas eternas quando Jesus voltar.

David W. Dyer

1.

UMA VISÃO CELESTIAL

As instruções que Deus deu a Moisés, Ele também está falando hoje a cada um de nós. Não somente no Velho Testamento, mas também no Novo, encontramos a seguinte advertência: “*Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte*” (Êx 25:40 e Hb 8:5). Esta é uma admoestação que precisamos contemplar seriamente.

Moisés foi um homem chamado por Deus para liderar Seu povo e para construir um lugar para Sua morada. Moisés compreendeu muito bem essa excelente chamada e estava pronto para responder a ela com todo o seu coração.

Entretanto, ele não era livre para fazer o que quisesse. Não tinha liberdade de inventar coisa alguma, de planejar o que quer que fosse ou de fazer qualquer coisa de acordo com os seus próprios gostos ou desejos. Ele foi instruído a fazer tudo estritamente de acordo com a visão celestial que havia recebido pessoalmente, enquanto estava com Deus na montanha.

Veja, Moisés havia subido ao monte santo. Lá, ele passou um bom tempo (40 dias e 40 noites, para ser exato), na real presença do Deus Todo Poderoso. Ele conheceu o temor a Deus. Havia experimentado Sua terrível majestade e poder. Além disso, havia contemplado o coração de Deus e começado a compreender algo sobre o que o seu Criador estava desejando. Então, quando desceu daquela montanha, tinha queimando dentro de si uma visão celestial, uma revelação espiritual, que passou a controlar a sua obra, enquanto ele estava construindo uma morada para o Altíssimo.

Essas coisas nos deveriam falar, hoje, bem claramente. Quando nos convertemos e começamos a desejar nos envolver na obra de Deus, isso é algo que devemos considerar seriamente. Se desejamos ser colaboradores de Deus e auxiliá-Lo na construção de Sua eterna morada, esse é um aspecto importante a ser considerado.

Antes de começarmos a nos empenhar nisso, precisamos ter entrado profundamente na presença de Deus. Não apenas ter entrado, mas ter gasto um tempo – um bom tempo – ouvindo, vendo e compreendendo o que é que Deus deseja. Antes de ir muito além do estágio e das atividades da infância espiritual, é importantíssimo que tenhamos recebido uma revelação celestial, de maneira que o nosso trabalho seja feito com substância divina e não meramente com madeira, feno ou palha (1 Co 3:12). Precisamos ter visto o santo plano de Deus e, então, construir de acordo com Sua planta.

Queridos irmãos e irmãs, esta não é uma consideração sem importância. Não é algo com que possamos lidar superficialmente. Quando começamos a nos envolver em construir juntamente com Deus, tomamos parte em uma construção que é eterna. O que Deus constrói por meio de nós será Sua habitação eterna. Portanto, não pode e não deve ser algo feito sem muita revelação e oração, e até mesmo temor e tremor. Todos nós deveríamos ter uma dose saudável de respeito e temor a Deus, quando começamos a construir algo em Seu nome.

O Senhor nosso Deus não habita e nem nunca irá habitar em um templo construído por mãos humanas (At 7:48). Portanto, se não construirmos de acordo com o Seu desenho, o que construirmos não irá satisfazê-Lo, e Ele não irá morar ali. Não será o lugar de Sua morada. Muitos cristãos hoje ficam iludidos porque Deus ocasionalmente visita suas obras em construção. Já que Sua presença vem de vez em quando, eles imaginam que Ele está aprovando o que estão fazendo.

Mas o que precisamos construir urgentemente não é um lugar que Deus venha visitar uma vez ou outra, mas um lugar onde Ele aprecie morar. Precisamos construir a eterna casa espiritual de Deus, onde Ele irá residir permanentemente, por toda a eternidade. Para fazer assim, precisamos receber uma profunda visão celestial. Tudo o que fizermos deverá ser guiado por esta revelação.

OUTROS PADRÕES

Milhões de crentes, homens e mulheres de Deus, estão construindo hoje. Há muita atividade cristã. A cada dia literalmente centenas de “igrejas” brotam ao redor do mundo. Agrada-me acreditar que a maioria destes queridos irmãos esteja fazendo o seu

trabalho com o coração puro e um sincero desejo de agradar a Deus. Entretanto, muitos deles parecem estar construindo sem muita compreensão do plano celestial. Eles estão simplesmente copiando o que vêem os outros fazendo. Estão construindo de acordo com a visão que viram na esquina de baixo, e não na santa montanha de Deus.

Em vez de receber uma visão de Deus, eles estão confiando no homem. Em lugar de uma revelação celestial, ouvem de um grupo ou de outros que estão fazendo sucesso e atraindo um grande número de pessoas, e então correm a copiar o que estes outros estão fazendo.

Talvez alguns estejam meramente fazendo o que sua denominação fez no passado. Possivelmente a tradição os inclinou a certo padrão de construção. Outros podem estar fazendo o que aprenderam na Escola Bíblica ou no Seminário. Outros ainda confiam em sua própria popularidade, dons ou carisma, para atrair e conservar muitas pessoas em seu rebanho. Há, de fato, muitos métodos e padrões sendo usados nas construções hoje.

Mas talvez todos nós devêssemos parar por um momento e considerar cuidadosamente o que estamos fazendo. Este é um assunto muito sério. As coisas que fazemos têm conseqüências eternas. Portanto, não nós feriremos se tomarmos alguns minutos e, em oração, avaliarmos nosso trabalho diante de Deus.

Vamos entrar em Sua presença e derramar nossos planos e projetos diante Dele. Vamos com reverência abrir nossos corações para ouvir a Sua opinião. Vamos perguntar honestamente a nós mesmos e a Deus: “Todas as coisas que estamos fazendo são realmente à prova de fogo? O que estamos construindo é realmente a casa de Deus? Será que é mesmo um lugar onde Ele se alegrará em morar eternamente?”

Em 1 Coríntios 3:10-17, Paulo nos faz algumas admoestações e nos dá algumas instruções sobre como construir a casa de Deus e quais materiais devemos usar. Ele nos persuade a tomar muito cuidado com o que estamos fazendo. Ele diz: “Porém cada um veja como edifica [sobre a fundação]” (vs. 10). Não é suficiente construirmos algo que achamos bom ou algo que os outros aprovem. É essencial construirmos de acordo com o desenho de Deus e com materiais aprovados.

Então, queridos irmãos, sejam cuidadosos! Sejam muito, muito cuidadosos, para que o que vocês estão fazendo esteja em harmonia com a mente de Deus! Não tenham pressa em sair por aí fazendo algo *para* Deus. É extremamente importante ouvir *de* Deus e

ver a Sua habitação eterna primeiro, antes de começarmos a construir. Se começarmos com uma visão celestial, então todo o nosso trabalho será aprovado. Desta forma, não seremos envergonhados quando Ele vier e examinar as coisas que temos feito.

Ao prosseguirmos com este livro, estaremos examinando detalhadamente que tipo de materiais devemos usar, mas, por enquanto, precisamos ver claramente que há dois tipos disponíveis. Há materiais sobrenaturais, que são tipificados por

“ouro, prata e pedras preciosas”; e os materiais terrenos, representados por “madeira, feno e palha” (vs. 12). O primeiro tipo tem sua origem em Deus, sendo celestial em qualidade. O segundo tipo é algo meramente humano e natural.

No mundo atual, os dois tipos de materiais podem ser usados para fazer construções impressionantes. Muitas mansões multimilionárias têm a madeira como sua estrutura básica, mas no Reino de Deus, apenas usando os Seus materiais e seguindo os Seus planos, poderemos satisfazê-Lo.

O SUCESSO NÃO É O PADRÃO

Em nosso empenho para sermos agradáveis a Deus, uma coisa precisa ficar muito clara: a medida de julgamento para nossas obras não é o sucesso. Deixe-me repetir isso. Ou que confirma ou não a satisfação de Deus com o que estamos fazendo não é se muitas pessoas estão comparecendo aos nossos encontros. Não é o quão popular nós e nossa mensagem nos tornamos. Não é o fato de muitos na comunidade cristã estarem aplaudindo e admirando nosso trabalho. Não é porque nosso trabalho está crescendo e se espalhando de tal maneira que a nação inteira, ou mesmo o mundo todo, está ouvindo falar de nós. Honestamente, até mesmo um vírus pode se espalhar rapidamente e se tornar mundialmente famoso.

Hoje em dia, parece haver um critério que as pessoas admiram. Quando outras pessoas olham para nosso trabalho, normalmente estão tentando ver uma coisa. Eles querem ver se somos bem sucedidos ou não. O padrão do mundo é este, normalmente: “Há um sucesso visível? A obra está se expandindo? Há alguma evidência concreta de êxito?” Se houver, nossa obra é admirada e aprovada. Se não houver, então o que estamos fazendo é

negligenciado ou mesmo desprezado. Este é o padrão do mundo.

Mas o padrão de Deus é completamente diferente. Seu padrão é a obediência. Sua aprovação ocorre se estamos trabalhando de acordo com os Seus planos ou não. O que fazemos em obediência a Ele pode parecer um sucesso aos olhos humanos, entretanto, também é possível que não pareça. Os caminhos de Deus freqüentemente são misteriosos. Ele não usa os meios e os métodos do mundo. Sua sabedoria é algo que o mundo e as pessoas que vivem nele não conseguem compreender (1 Co 1:18-25). Muitas vezes Suas obras são ocultas, pequenas e inesperadas. Entretanto, com o passar do tempo, elas produzem os resultados mais excelentes.

Para esclarecer um pouco este ponto, vamos dar uma olhada em alguns dos homens de Deus que foram poderosamente usados por Ele, mas ainda assim foram desprezados e rejeitados. Eles eram bem sucedidos aos olhos de Deus, mas desconsiderados pelo mundo, e alguns, até mesmo pelas comunidades religiosas de seus dias.

Noé era obediente, mas certamente não era popular. Eu imagino que a maioria das pessoas o considerava louco. Lá estava ele construindo um imenso barco em terra seca, sem nenhum modo de conseguir levá-lo à água. Não há dúvida de que ele era motivo do riso da vizinhança. Mas ele foi obediente a Deus.

Jeremias foi um profeta ungido e usado por Deus. Dois livros inteiros do Velho Testamento são suas obras e profecias. Cada simples palavra era inspirada e ungida pelo Deus do Universo. Cada profecia que ele falou estava correta e veio (ou ainda virá) se cumprir.

Entretanto, ele não tinha grupos de seguidores. Quase ninguém prestou alguma atenção a ele e nem obedeceu às suas palavras. A nação para a qual ele profetizava nunca se arrependeu e eventualmente teve que ser julgada por Deus. Seu “ministério” foi um desastre, do ponto de vista humano. Muitos outros profetas também se encaixam nessa categoria.

Embora possamos imaginar uma situação diferente, Paulo, o apóstolo, também parecia um fracasso no final de seu ministério. Ele foi preso, de maneira que “a esfera de seu ministério” encolheu: de um obreiro viajante pelo mundo a alguém que tinha contato apenas com umas poucas pessoas que o visitavam na prisão. Então, todas as igrejas da Ásia,

muitas das quais ele havia fundado, o rejeitaram e se desviaram (2 Tm 1:15). Ele aproveitou para escrever e enviar umas poucas cartas da prisão, mas isto certamente não tomava todo o seu tempo. Entretanto, quem poderia ter imaginado o fruto que esse período de sua vida iria produzir?

Jesus, o Filho primogênito de Deus, também foi desprezado e rejeitado pela maioria (Is 53:3). Embora gozasse alguns períodos de popularidade, Ele sabia que os homens freqüentemente estavam se congregando com Ele por razões erradas. Quando Ele lhes falava algo mais duro, que exigia um compromisso maior da parte deles, muitos se viravam e O deixavam. No final de Seu ministério terreno, Jesus estava sozinho. No auge de Seu trabalho sobrenatural, todos os Seus seguidores O abandonaram.

Muito embora hoje se veja a obra de Jesus como um sucesso, já que o Cristianismo se espalhou por todo o globo, se olhássemos para as coisas como se estivéssemos lá naquele tempo, Sua obra provavelmente iria parecer falha ou até mesmo um desastre. Ele, o líder, foi morto, e todos os Seus seguidores foram dispersos. O sucesso aparente não é, e nunca poderá ser, a medida de nosso trabalho para Deus.

NOSSAS OBRAS SERÃO JULGADAS

Quando Jesus voltar, o que nós fizemos em Seu nome será julgado. De novo, em 1 Coríntios 3:13, lemos que nossas obras serão testadas pelo fogo sobrenatural. Se nossas obras foram feitas com materiais combustíveis, isto é, algo humano, natural e terreno, elas serão queimadas. Se nossas obras foram feitas com materiais celestiais, elas sobreviverão ao teste.

Deus nos assegura aqui que, mesmo que as obras de alguns sejam destruídas, eles próprios serão salvos (vs.15). Entretanto, é mostrado que haverá um severo julgamento para aqueles que construíram erradamente. Não apenas suas obras se perderão junto com as recompensas por tais obras, mas também haverá um tipo de julgamento para eles próprios.

Talvez isso se refira ao julgamento expresso no alerta de 1 Coríntios 3:17, onde lemos: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá...” O contexto deste

versículo é muito importante. O assunto aqui é a construção do Templo de Deus. Neste trabalho de construção, somos ensinados que se “destruirmos” o Templo de Deus, sofreremos severo julgamento. De acordo com R. N. Champlin, Ph D, em seu comentário sobre o Novo Testamento, esta palavra “destruir” também pode ser traduzida por “arruinar”, “corromper,” “fazer desviar” e/ou “estragar”, em sentido moral ou físico (volume 4, p. 51).

A palavra traduzida como “destruir” (vs. 17), referindo-se ao que Deus fará à pessoa ofensora, é exatamente a mesma palavra grega traduzida por “destruir” na primeira parte do versículo. Assim, vemos que Deus irá punir aqueles que poluem Sua morada eterna, de acordo com o que ele ou ela fez. As obras destruidoras que alguém pratica se tornarão o seu próprio julgamento.

O que então significa “destruir” ou “estragar” a casa de Deus? Significa que, usando materiais incorretos, podemos poluir ou danificar o verdadeiro lugar de residência de Deus – o Seu Templo. É inteiramente possível para nós, trabalhando sem revelação sobrenatural, construir coisas dentro do Templo de Deus, que o vão poluindo, danificando e estragando. Além disso, se fizermos tais coisas, sofreremos severas conseqüências quando Jesus vier para nos julgar pelas nossas obras.

Queridos irmãos e irmãs, esse versículo deveria ser muito sério para nós. Não estamos tratando aqui com algum tipo de construção temporária. Estamos construindo a morada eterna do Deus Todo Poderoso. Portanto, devemos ser muito cuidadosos com o que fazemos. Se nós, por meio de nossa ignorância e motivos carnais, destruirmos a casa de Deus, seremos destruídos da mesma maneira quando Ele vier.

ALGUNS EXEMPLOS DO VELHO TESTAMENTO

No Velho Testamento, vemos alguns exemplos desse tipo de poluição. No livro de Levítico, capítulo 10, versículo 1, lemos a história de dois sacerdotes: Nadabe e Abiú, que eram filhos de Arão. Eles pareciam gostar de suas obrigações religiosas e se tornaram orgulhosos de suas posições entre as pessoas. Então, pensaram que podiam melhorar ou aumentar um pouco os desígnios de Deus.

Um dia, em vez de seguir os mandamentos de Deus, eles pegaram seus

incensários, puseram um pouco de incenso neles e marcharam para o tabernáculo para fazer o seu próprio tipo de oferenda. Eles vieram com um novo e moderno jeito de adorar. Do ponto de vista de Deus, isso era “fogo profano” (Lv 10:1). A invenção deles lhes custou suas vidas. Profanaram a casa de Deus e então veio o fogo da presença de Deus e os consumiu.

Em 2 Reis, capítulo 16, temos a história de Acaz, que foi um dos reis de Judá. Infelizmente, esse homem não temia a Deus e nem compreendia os Seus caminhos. Um dia, ele viajou para Damasco para encontrar o rei da Assíria, a quem acabara de pagar tributos com o ouro e a prata que havia roubado do Templo.

Então, naquela cidade, ele viu um altar pagão. Era bastante comovente. Era grande, muito enfeitado e espetacularmente bonito. Parecia muito melhor aos seus olhos do que o razoavelmente mais simples e bem menor altar de bronze que Salomão havia feito.

Assim, ele mandou ao sacerdote Urias algumas medidas e a planta do altar que viu. Antes mesmo de Acaz voltar para casa, Urias edificou uma réplica do altar pagão. Em seguida Acaz e Urias arrastaram o altar de bronze do Senhor e colocaram no Templo o novo e impressionante altar. Então, Acaz instruiu os sacerdotes a usar o extravagante altar para todos os sacrifícios e ofertas. O velho altar de bronze seria usado apenas para Acaz “buscar orientação”, o que significa “procurar a direção de Deus”. Imagino que o altar de bronze foi pouco usado por ele.

O novo altar era grande e impressionante, mas não foi planejado por Deus. Era uma grande obra humana. Era atraente, do ponto de vista terreno e carnal. Mas era uma poluição para a habitação simbólica de Deus, o Templo.

Há muitas coisas que os homens apreciam com os seus sentidos naturais. Ambientes bonitos, mensagens eloqüentes, música agitada e muitas outras coisas nos são agradáveis. Portanto, há uma grande tentação de instituir tais coisas em nosso trabalho para o Senhor.

Enquanto estamos construindo Sua morada, é tentador adicionar um pouco de nossas idéias ou decorações. É muito difícil não incorporar algo de nossos próprios desígnios e direções. Mas vamos nos lembrar sempre: “...pois aquilo que é elevado entre os homens é abominação diante de Deus” (Lc 16:15).

MUITOS TIPOS DE TRABALHADORES

Há muitos tipos de obreiros hoje no projeto de construção de Deus. Assim como o projeto de uma construção terrena requer diferentes tipos de trabalhadores, incluindo eletricitas, encanadores, carpinteiros, pedreiros etc., assim também a construção de Deus requer pessoas para desempenhar diferentes funções.

Lemos no Novo Testamento sobre apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Além disso, aprendemos sobre diversos tipos de dons e ministérios. Este livro não tem o objetivo de delinear e discutir cada uma dessas diferentes funções, mas apenas dizer que elas são muitas e variadas.

Um importante ministério que tem uma relação direta com nossa atual investigação é o trabalho de um apóstolo. Deus é o Arquiteto de Sua construção. Ele mesmo desenhou a planta. Mas também há aqueles que são chamados “sábios construtores” (1 Co 3:10-NVI). São um tipo de supervisores ou mestres de construção. São indivíduos que passaram um tempo na montanha de Deus, olharam profundamente dentro do Seu coração, viram o Seu plano e entenderam como construir aquilo que viram. Este é o trabalho de um apóstolo. Portanto, um apóstolo é alguém que tem uma visão ampla dos desejos de Deus e uma clara compreensão espiritual de como construir aquilo que Deus revelou a ele.

Os apóstolos são aqueles a quem Deus revelou “Seus mistérios”. Paulo escreve: “...pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério...” (Ef 3:3). Tendo recebido revelações, então eles se tornam “dispensários dos mistérios de Deus” (1 Co 4:1). Eles obtiveram algo de supremo valor e são responsáveis perante Deus por sua administração. Isto significa que os apóstolos devem ser humildes servos, compartilhando fielmente com o resto do corpo de Cristo as coisas preciosas que Deus lhes revelou. Eles precisam trabalhar para que os outros membros sejam guiados pela mesma revelação celestial.

É claro que cada tipo de ministério necessita de alguma revelação divina para operar. Cada membro do corpo deve seguir a liderança sobrenatural para ser efetivo. Entretanto, é aqui que encontramos um problema comum na Igreja hoje.

Para explicar melhor, vamos falar sobre o encanador. Vamos admitir que ele saiba lidar com os canos. Ele é bom naquilo que faz e sabe que seu trabalho é uma parte essencial

do projeto. Mas, se ele começar a pensar que o que vê e sabe é a totalidade do projeto, então começam a surgir problemas.

Talvez pudéssemos pensar em nosso “encanador” como um evangelista. Ele é bom naquilo que faz. Ele sabe que a sua parte é importante. Em tudo que lê na Bíblia, ele vê evangelismo. Já que esse é o seu dom e a sua função, isto é o que Deus revela a ele pela Sua Palavra. Mas também é muito possível e até mesmo comum para este evangelista começar a imaginar que viu o plano completo de Deus. Ele começa a pensar que a sua parte é a mais importante, que o seu trabalho é o *trabalho* que Deus quer que seja feito. Já que é isto que vê quando olha a Palavra de Deus, ele supõe que isto é tudo o que está ali para ser visto.

Entretanto, já que este(a) irmão(ã) não é um apóstolo, sua visão é limitada, porque Deus não revela a ele(a) o Seu plano mais completo. A menos que tenha a humildade de considerar isto e compreender que necessita do resto do corpo, ele indubitavelmente irá encontrar dificuldades e também causar muitos problemas na Igreja por meio do seu trabalho. Em vez de trabalhar em harmonia com as outras partes, ele ou ela podem se tornar independentes e até mesmo lutar contra o que os outros estão fazendo, já que as ações destes são diferentes daquilo que ele(a) entende.

A propósito, não queremos perseguir os evangelistas. Esse mesmo problema também é evidente em outros membros do corpo de Cristo, ainda que cheios de dons.

Hoje, na Igreja de Cristo, vemos muitos irmãos e irmãs construindo dessa maneira imprevidente. Pensando que o seu ministério é o mais importante ou mesmo o único caminho, eles começam a “construir uma igreja” em torno do seu ministério. Em vez de simplesmente fazer a parte deles na construção do corpo, eles se retiram para um canto e congregam com outros que concordam com eles, ou a quem eles convencem da importância de seu ministério.

O resultado é que vemos grupos tentando construir a casa de Deus exclusivamente com canos e encaixes (que exemplificariam o evangelismo). Outros estão construindo somente com fios, tomadas e pontos de luz (que corresponderiam à profecia ou ensino). Cada um enfatiza a sua compreensão e o seu dom, sem a humildade de ver que a parte deles é apenas uma parte do plano.

Assim, compreendemos parte da importância do ministério apostólico. Parte dessa

função é servir às várias partes do corpo, ajudando-as a compreender o plano mais amplo de Deus e lhes mostrando como podem executar a sua parte em harmonia com o resto. Já que viram mais da construção completa, eles podem ser úteis aos outros, ajudando-os a utilizar seus dons e ministérios para construir a eterna morada de Deus. A visão apostólica é um elemento necessário à construção da casa de Deus. Então, é importante para todos os trabalhadores da construção que eles ouçam e compreendam a visão celestial daqueles que genuinamente a receberam.

A revelação divina é absolutamente essencial quando estamos construindo a Igreja de Deus. Não podemos nem mesmo começar sem ela. Assim como um construtor de um grande edifício ou até mesmo de uma casa bem menor, não pensaria em começar a construção sem uma planta, assim também nós precisamos receber a revelação de Deus. Precisamos ver o que está em Seu coração. Então, precisamos ser cuidadosos para construir exatamente de acordo com a visão que temos recebido, enquanto estamos com Ele na montanha.

2.

A SUBSTÂNCIA DA IGREJA

Quando nos convertemos e começamos a pensar em trabalhar junto com Deus para cumprir Seus propósitos eternos, primeiro precisamos receber Dele uma revelação. Precisamos gastar tempo em Sua santa presença. Precisamos subir “ao santo monte de Deus”. É lá que percebemos o que está em Seu coração e é lá que compreendemos o que devemos construir e como fazê-lo. Sem esta revelação, é possível e até bem provável que muito do nosso tempo e energia seja gasto construindo algo que Ele não deseja.

Uma das coisas sobre as quais devemos ter certeza quando começamos a construir é sobre o tipo de materiais que devemos usar. Quando estamos construindo a habitação do Deus eterno, há normas específicas que precisamos seguir no que diz respeito aos materiais empregados. Não somos livres para usar qualquer tipo de elementos que consideramos apropriados. Se quisermos satisfazer o coração de Deus, precisamos seguir cuidadosamente o plano divino.

Por um lado, podemos facilmente construir com materiais naturais. As Escrituras chamam estas coisas de “madeira”, “palha” e “feno”. Estes itens são representativos do que o ser humano pode fazer por si próprio. Por exemplo, um homem natural pode planejar, organizar, administrar e usar seus talentos “dados por Deus” para influenciar pessoas e até mesmo atrair seguidores.

Muitos homens e mulheres podem persuadir outros sobre sua “posição”. Podem recrutar outros para se unir às suas fileiras. Podem dar conselhos, ensinar e até pregar sobre um grande número de assuntos. Podem fazer discursos interessantes, poderosos e cheios de emoção. Estas e muitas outras coisas podem ser feitas pelo homem natural.

Já que o homem natural pode fazer todas estas coisas, é fácil fazer todas elas quando começamos a trabalhar para Deus. Especialmente se temos habilidades em algumas áreas, é muito natural pensar que podemos usar nossos recursos para ajudar a construir a

casa de Deus. Mas, como a origem destas coisas é terrena e humana, elas realmente são apenas madeira, palha e feno. Não importa o quão impressionante seja a estrutura que estamos construindo. O que conta é o tipo de material que usamos na construção.

As Escrituras também mencionam outros tipos de materiais de construção: ouro, prata e pedras preciosas. Estes itens são representativos de materiais de origem divina. Eles não são as obras que os homens fazem *para* Deus, mas as obras que o próprio Deus faz *por meio dos homens*. Quando estamos construindo com materiais divinos, não somos mais nós que estamos fazendo a obra, mas Deus que vive e Se move por meio de nós para cumprir Seus propósitos.

Muitos homens têm habilidades. Alguns podem construir uma choupana ou uma casa. Outros possivelmente poderiam construir um avião. Outros ainda são capazes de desenhar e construir espaçonaves ou computadores gigantes. Há coisas realmente notáveis que os homens têm construído.

Mas ainda há uma coisa que o homem não pode construir. Ele não pode fazer um ser vivo. Nenhum homem pode juntar célula com célula, conectar as várias células aos nervos, fazer ossos e músculos, vários órgãos específicos e fazer com que tudo viva e respire. Somente Deus pode dar a vida e fazer um ser vivo.

A casa de Deus, na qual Ele irá morar por toda a eternidade, é uma casa viva. Nós, o Seu povo, somos “as pedras vivas” desta casa (1 Pe 2:5). A casa de Deus não é uma estrutura física, estática, como a que construiria qualquer presidente ou rei na Terra. Ao contrário, é uma construção viva, com a Vida de Deus. É um tabernáculo vivo, que respira e se move. É um vaso no qual Ele pode ser visto e através do qual Ele viverá, Se moverá e Se expressará no Universo.

Já que nenhum homem pode fazer algo vivo, é claro que nós não podemos construir coisa alguma para Deus por nós mesmos. O melhor que podemos fazer é trabalhar junto com Ele (1 Co 3:9). Seguindo a Sua liderança, momento a momento, e confiando plenamente em Seu poder, podemos ser usados por Ele para construir algo que Lhe agrada.

Mesmo se tivéssemos recebido a revelação do produto final, ainda assim, não teríamos a habilidade sobrenatural para fazer aquilo que vimos. Podemos receber uma visão divina. Podemos receber um vislumbre de Sua casa eterna. Mas nós somos e sempre seremos dependentes de Deus para fazer a obra em nós e por meio de nós. A revelação

nunca nos faz capazes de fazer as coisas por nós mesmos. Em vez disso, como criancinhas, precisamos andar de mãos dadas com o nosso Criador e cooperar com o que Ele está fazendo a cada dia.

DEUS DESEJA UMA NOIVA

“Então o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem e este adormeceu: tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne” (Gn 2:21).

Aprendemos nas Escrituras que nosso Senhor está preparando uma Noiva para Si (Ap 21:2). No Velho Testamento, lendo sobre a criação de Adão e Eva, encontramos um quadro profético referente à futura Noiva de Cristo. Ali podemos entender bem sobre o tipo de materiais que Deus quer usar. É dito que Adão foi criado “do pó da terra” (Gn 2:7). Ele foi feito de material comum, terreno.

Mas quando Eva, sua noiva, foi criada, Deus usou algo diferente. Eva foi feita de algo que saiu “do lado” de Adão. Nada mais foi acrescentado. Nenhum “pó”, nenhuma madeira, folha, ou pedra foi usada. Deus usou apenas o que Ele havia retirado do lado de Adão para fazer sua noiva. Esta história antiga ainda nos fala hoje.

Assim como Adão foi colocado para dormir, a fim de que Deus executasse nele a primeira cirurgia para a retirada do material com o qual faria sua noiva, assim também Jesus “caiu adormecido” na cruz. Lá, o cirurgião assistente de Deus, o soldado romano, fez uma incisão no lado de Jesus e algo muito precioso jorrou: sangue e água (Jo 19:34). O sangue e a água, representando a Vida derramada de Cristo, são as genuínas substâncias que o Pai está usando hoje para construir uma Noiva, Sua Igreja. Assim como no caso de Eva, nada terreno ou humano pode ser acrescentado. Nenhum outro ingrediente pode ser usado. Somente a Vida de Jesus Cristo pode ser usada para edificar uma Noiva que o Seu coração deseja.

A VIDA DE DEUS

Já que a Vida de Jesus é a substância – de fato, a única substância que podemos usar para construir apropriadamente a santa habitação de Deus – talvez seja bom gastarmos

um tempo para investigar exatamente o que ela é. Embora alguns leitores possam já estar bem familiarizados com este assunto, para muitos será algo novo e muito importante.

No Novo Testamento, que foi escrito originalmente em grego, encontramos pelo menos três diferentes palavras gregas que são traduzidas por uma única palavra em português: “vida”. Evidentemente, os gregos tinham uma cultura filosófica com uma compreensão mais rica e mais ampla da vida do que temos hoje. Então, eles usaram várias palavras diferentes para expressar essas idéias.

Neste momento, três palavras gregas vão ter a nossa atenção. Elas são “BIOS”, “PSUCHÊ” e “ZOÊ”. Estas três palavras são traduzidas por uma única palavra portuguesa – “vida”, embora elas tenham significados bastante diferentes. Portanto, é importante conhecer o significado destas palavras e fazer a diferença entre elas enquanto lemos a Bíblia. Desta forma, podemos ter uma compreensão melhor do que a Bíblia está dizendo. Por favor, me acompanhe enquanto revemos os significados destas três palavras gregas.

A palavra BIOS parece ser a que mais se aproxima do que queremos dizer quando falamos “vida” em português. Inclui idéias como a duração de nossa vida, nosso trabalho ou sustento, nossa conduta moral e nossa vida biológica.

A palavra PSUCHÊ geralmente significa nossa vida psicológica ou a vida de nossa alma. Isso inclui nossa vida emocional e nossos pensamentos. De fato, esta palavra é freqüentemente traduzida por “alma” e é contrastada com o nosso espírito. Em Hebreus 4:12, lemos que uma das funções da Palavra de Deus é fazer uma clara e definida divisão entre nossa alma (PSUCHÊ) e nosso espírito.

A palavra grega ZOÊ é mais freqüentemente usada no Novo Testamento para se referir a um tipo de vida muito especial, a Vida de Deus. Os escritores do Novo Testamento escolheram esta palavra grega para expressar algo supremamente exaltado – a Vida do próprio Deus. Já que Ele é o único ser eterno do Universo, o único que nunca foi criado, Sua Vida é realmente algo muito especial.

É esta Vida sobrenatural que estava em Jesus Cristo (Jo 1:4). É esta Vida, sem princípio e sem final, que fluiu do Seu lado no Calvário. É esta Vida toda-poderosa e triunfante que Ele dá gratuitamente àqueles que crêem. E esta é a Vida genuína do próprio Deus, que Ele usa para construir Sua Igreja, Sua Noiva. Esse é o único material aprovado com que podemos construir a Sua morada eterna.

OUTROS MATERIAIS

Então, quando começamos trabalhar com Deus e construir Sua casa, devemos usar os materiais apropriados. Precisamos construir com a Sua Vida ZOÊ. Precisamos usar apenas esta substância. Nada mais precisa ser acrescentado. Nada mais, humano ou terreno, pode ser usado. Isto significa que nossas habilidades naturais estão excluídas.

Por exemplo, precisamos pôr de lado nossa habilidade para fazer com que as pessoas nos sigam. Nosso dom para influenciar pessoas e persuadi-las a fazer o que queremos também precisa ser desconsiderado. Nossa personalidade carismática, que freqüentemente usamos para encantar os outros e atraí-los para a nossa obra, é rejeitada. Nosso modo de manipular os outros politicamente; nossas técnicas de aparência para sermos amigos de todos e atraí-los para o nosso grupo; nossa presença autoritária que temos usado para impressionar as pessoas – todas essas coisas devem ser lançadas fora. Mais do que isso, nosso conhecimento, todas as coisas que aprendemos sobre “como” construir uma “igreja”, devem ser descartadas.

Por que estas coisas devem ser descartadas? Porque elas têm origem na alma. Elas são uma expressão da nossa vida PSUCHÊ e não uma revelação da Vida de Deus. Enquanto nossos talentos e habilidades são uma expressão de nossa vida natural, nenhum resultado sobrenatural pode acontecer.

Quando desejamos trabalhar junto com Deus e construir a Sua morada eterna, precisamos nos humilhar e nos esvaziar de todas as nossas idéias e planos pré-concebidos. Precisamos deixar de lado tudo o que aprendemos com as outras construções meramente humanas. Na verdade, precisamos nos arrepender de tudo o que estivemos fazendo e que não passava de esforço humano e natural. Então precisamos aprender a construir de acordo com Seu plano celestial. Como vimos, um aspecto essencial deste plano é que nenhum material pode ser usado, além daquele que Ele providenciou e que é a Sua própria Vida sobrenatural!

Alguns poderão argüir que Deus, já que nos fez de uma certa maneira, com certas aptidões e talentos, certamente gostaria que usássemos estas habilidades naturais para a Sua glória. Entretanto, este não é o caso. Nada natural pode ser usado em Sua construção. Ele não irá morar em um Templo feito por nossas mãos, não importa o talento que você

imagina ter. Sua construção de madeira, palha e feno pode ser bonita, mas não é a casa de Deus.

A questão aqui não é se temos ou não habilidades, mas: Quem está no controle destas habilidades? Quem está realmente fazendo a obra? Que “vida” está animando nossos talentos e habilidades? É verdadeiramente a Vida de Deus ou é o homem natural tentando trabalhar *por* Deus? Somos nós que estamos dando o melhor de nós para Ele ou é Ele Se movendo e fluindo por meio de nós?

Nada que seja natural dentro de nós pode ser usado por Ele, *até que seja total e completamente quebrado por Suas mãos!* Nossa confiança em nossa capacidade de fazer as coisas deve acabar totalmente. Nossas habilidades pessoais e qualificações não têm nenhum valor para Deus, enquanto elas estão sob o controle do homem natural. Enquanto é a nossa vida natural se expressando, o resultado só pode ser algo combustível.

Paulo, o apóstolo, antes de se converter, era um forte homem natural. Tinha muitas habilidades naturais. Então Deus trabalhou em sua vida para quebrar a confiança que ele tinha em si mesmo. Depois de anos de experiência seguindo a Cristo, ele pôde escrever: “Porque, quando estou fraco, então, é que sou forte” (2 Co 12:10). E: “Porque nós também somos fracos nele, mas viveremos, com ele, para vós outros pelo poder de Deus” (2 Co 13:4). Ele cita, em nosso benefício, o que Jesus ensinou a ele:

“Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza [humana]” (2 Co 12:9). As habilidades humanas freqüentemente atrapalham a obra de Deus, mas, nas fraquezas humanas, Ele é glorificado, porque nelas pode exhibir o Seu poder.

OUTROS TIPOS DE ANIMAIS

Antes de Deus fazer uma noiva para Adão, Ele e Adão examinaram juntos todos os animais, e Adão foi lhes dando nomes. Mas, quando lemos essa passagem cuidadosamente, em Gênesis 2:18-20, vemos que aquela não foi apenas uma sessão para denominar animais. Deus e Adão estavam procurando por algo específico. Estavam procurando uma noiva para Adão (vs. 20). Mas nenhuma pôde ser encontrada.

Embora os pássaros e outros animais fossem, sem dúvida, graciosos, felpudos,

amigáveis e atraentes, cada um a seu modo, eles não tinham o mesmo tipo de vida que Adão tinha. Eles não eram da mesma espécie que ele. Portanto, nenhum deles se qualificava para ser sua esposa. Eles foram rejeitados. Do mesmo modo, o próprio Deus só pode se casar com alguém que tenha a mesma Vida e a mesma natureza que a Sua. Isto significa, assim como no caso de Adão, que a Noiva de Deus deve ser construída com aquilo que sai do Seu lado.

Talvez, o grupo com o qual você se reúne seja bem sucedido. Pode ser que muitas pessoas sejam atraídas pelo seu trabalho. Possivelmente, seus programas diferenciados para jovens, solteiros, casais etc., sejam bem freqüentados. Pode ser que sua perícia (ou a de sua esposa) em organização e gerenciamento seja espantosa, e você esteja conseguindo alcançar suas metas.

Talvez, suas realizações aparentes estejam atraindo a atenção dos outros, e o seu “ministério” esteja se expandindo rapidamente. É possível que recentemente você tenha se unido a um movimento “cristão” muito popular, e por isso “sua igreja” esteja crescendo muito rapidamente. Talvez, você esteja ganhando fama ou até mesmo uma audiência internacional.

Em todas essas situações, há uma questão importante que precisa ser respondida: Tudo isso é um produto da Vida Divina ou é fruto da habilidade e ambição humana? É um produto do que está jorrando do lado de Jesus ou é algo natural e terreno, vestido com palavras e frases cristãs? O que você está construindo é realmente a Noiva de Cristo ou é apenas um outro tipo de animal gracioso e felpudo? Ou, pior ainda, é algum tipo de monstro religioso? Apenas um tipo de obra irá suportar o dia do julgamento. As outras todas serão queimadas (1 Co 3:15).

Não sou juiz de sua obra para Deus. Ele é quem vai analisar tudo o que fazemos. Cada um de nós estará diante do trono de Deus, apresentando todas as nossas obras, e então o julgamento de Deus será executado sobre nós. Com isto em mente, nós somos exortados a examinar cuidadosamente nossa própria obra à luz de Deus (Gl 6:4).

Meu trabalho como seu irmão em Cristo não é aprovar ou condenar o que você está fazendo em nome de Jesus. É apenas compartilhar com você as coisas que Ele tem me mostrado e estimular você, no temor a Deus, a ouvir o que Ele pode estar falando a você e a responder a Ele de todo o seu coração.

A VERDADEIRA CASA DE DEUS

A verdadeira casa de Deus é construída pela ministração de Vida ZOÊ fluindo para nós e através de nós pelo Santo Espírito. Estamos sendo transformados em habitação de Deus através do Espírito (Ef 2:22). É “o Espírito da vida (ZOÊ) em Cristo Jesus” (Rm 8:2) que está fazendo a obra em nós e por meio de nós. Este não é um trabalho que o homem natural possa fazer. Não há nada dentro de nós, desassociado da ministração da Vida pelo Espírito Santo, que possa servir para ser usado na construção.

Portanto, é essencial para cada cristão saber distinguir se está no Espírito ou se está meramente operando pela alma. É preciso ser capaz de discernir quando se está agindo e falando pelo fluir da Vida divina ou quando algo natural está operando.

Precisamos desesperadamente discernir o que vem do Alto e o que vem da Terra.

A chave aqui é que a nova Vida de Deus vive em nosso espírito humano. O Santo Espírito Se uniu ao nosso espírito e os dois espíritos se tornaram um (1 Cor 6:17). Portanto, o que está fluindo para nós, vindo do nosso espírito, vem de Deus. Por outro lado, o que vem de nossa alma é natural, terreno e rejeitado para a santa construção do templo de Deus.

Como precisamos nós, o povo de Deus, experimentar a separação entre nossa alma e nosso espírito (Hb 4:12)! É desesperadora a nossa necessidade, nesta hora, de saber quando é simplesmente nossa alma agindo por Deus e quando é realmente Deus agindo por meio de nós! Esse assunto de distinção entre alma e espírito é vasto. Não há espaço neste livro para falar disso com grandes detalhes. Mas eu quero estimular todos os leitores a gastar algum tempo revendo dois capítulos de meu livro *DE GLÓRIA EM GLÓRIA*. Estes dois capítulos, o 10 e o 11, sobre a divisão entre alma e espírito, podem ser de grande ajuda para a compreensão desse assunto essencial.

Entretanto, há dois aspectos da alma que necessitam ser examinados mais detalhadamente, já que eles entram muito facilmente em nossos projetos de construção para Deus.

A MENTE HUMANA

Primeiro, vamos falar sobre nossa mente. A mente é parte de nossa alma. Quando nossa mente está debaixo do controle do Espírito, temos o fluir da Vida ZOÊ e paz (Rm 8:6). Mas quando nossa mente está sendo motivada pela carne, a vida da alma flui de nossa mente e o resultado é a morte.

Freqüentemente, tal uso carnal de nossa mente é o resultado de agirmos de acordo com o nosso conhecimento acumulado. Muitos crentes, talvez sem imaginar isto, têm “aprendido” a agir como um cristão. Eles têm experiência no que dizer ou fazer e em como lidar com diversas situações. Talvez tenham sido treinados em alguma escola sobre como viver e agir em um ambiente cristão. É possível que pensem saber como construir uma igreja ou um grupo e estão ocupados completando o que sabem fazer entre o seu círculo de conhecidos cristãos.

Por exemplo: pode ser que eles tenham um certo jeito de orar que pensem “trazer resultados”. Possivelmente pensam que sabem a maneira certa de expulsar demônios. É possível que tenham aprendido uma maneira especial de pregar, usando vários tons de voz e gestos dramáticos, parecendo uma peça de teatro. Essas e muitas outras coisas similares são freqüentemente empregadas na Igreja do Senhor.

Desta forma, estão tentando construir a casa de Deus com materiais terrenos, carnis. Eles usam a sabedoria natural da mente humana. Isto talvez nos faça lembrar as palavras de Paulo: “Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber” (1 Co 8:2). O que realmente precisamos saber é como construir com o Espírito Santo e por meio Dele, que é quem transmite a Vida de Deus.

Você se lembra do Jardim do Éden? Lá havia uma árvore chamada “árvore do conhecimento do bem e do mal”. A árvore era cheia de conhecimentos. Talvez fosse bom expandirmos um pouco a nossa compreensão dessa verdade, para ver que ela representa muito mais do que simples conhecimento do mal.

Devemos estar cientes de que há também um “bom” conhecimento exibido por essa árvore. Tal árvore era (e ainda é) cheia de todo tipo de conhecimento e sabedoria boa, humana e terrena. Esse “bom” conhecimento inclui o conhecimento de: como construir uma igreja; como aconselhar pessoas em determinadas situações; como organizar vários

ministérios da igreja; como fazer isto ou como fazer aquilo de um modo “cristão”; e muito, muito mais.

O resultado de comer o fruto daquela árvore era a morte. Também hoje isto é uma verdade. Sim, a mente usada pelo homem natural produz morte. A mente humana, cheia de todo o tipo de conhecimento de como ser um cristão, de como agir ou reagir em cada situação, como formar um grupo etc., resulta em morte espiritual. A mente natural, sendo animada e usada pela vida da alma, produz morte, onde quer que ela se manifeste. Verdadeiramente, as Escrituras dizem que “o saber ensoberbece” (1 Co 8:1), mas nada faz para construir a casa espiritual de Deus.

Possivelmente, você tem passado por algumas experiências que podem confirmar essas verdades. Você pode ter assistido a muitos cultos e pregações que não edificaram o seu espírito. Pode ser que sua mente tenha sido estimulada, mas o seu homem interior não foi alimentado. Possivelmente, você recebeu conselho ou ministração que não penetrou na raiz de suas necessidades, nem ministrou a Vida ZOÊ. Seu espírito foi deixado sem o verdadeiro alimento espiritual.

Há incontáveis homens e mulheres hoje que, embora sejam participantes de algum tipo de grupo cristão organizado, estão realmente morrendo de fome espiritual. Se a ministração que recebem é meramente mental, se é simplesmente a transmissão de conhecimento bíblico, eles não podem receber nutrição. Qualquer ministração que não seja a expressão da Vida divina fluindo por meio do Espírito Santo não pode edificar a Noiva. A Noiva de Jesus é feita somente do que fluiu do Seu lado no Calvário.

EMOÇÕES E ENTRETENIMENTO

É claro que alguns percebem a falta do fluir da Vida. Eles discernem que não estão recebendo alimento espiritual. Mas, comumente a solução deles também é carnal. Sentindo a lacuna espiritual, eles recorrem à estimulação emocional para tentar preencher o espaço vazio. Sua música de louvor torna-se mais e mais alta. Participantes são incentivados a bater palmas, saltar e dançar. Algumas pregações se tornam simplesmente uma gritaria de palavras ou frases comumente aceitas. Tudo isso e muita coisa mais é meramente um

esforço para incitar as emoções dos que assistem, tentando preencher a falta do fluir do Espírito Santo. Isto também tem a sua origem na alma.

Estimulação emocional não faz nada para alimentar o espírito humano. Quando encontros cristãos sempre se constituem em muito som estridente e gritaria, um observador casual pode ser levado a concluir que, ou o Deus desse grupo é surdo, ou Ele está muito, muito distante.

Uma outra tática comum nas igrejas dos nossos dias, em uma tentativa de compensar a falta do fluir da Vida, é recorrer a vários entretenimentos. Claro que há os corais e os solos padrões. Mas, popular mesmo hoje em dia, são as danças costumeiras, com bandeiras e roupas, apresentações de teatro, mímica e até bandas profissionais. Luzes faiscantes e efeitos especiais também podem ser usados. Pode ser que estas coisas tragam ao nosso grupo um sucesso aparente. É possível que mais e mais pessoas estejam comparecendo aos nossos encontros. Talvez imaginemos que estamos construindo a casa de Deus com os nossos métodos diferenciados.

Mas, precisamos parar um minuto e nos perguntar questões muito sérias. Será possível que essas coisas sejam simplesmente terrenas e humanas? Elas estão produzindo resultados espirituais? Os homens e mulheres que estão comparecendo aos nossos encontros têm sido transformados à imagem de Deus? Eles têm sido libertos do pecado e cheios da Vida de Deus de uma maneira visível, que pode ser comprovada? Eles estão sendo transformados em pessoas santificadas, em quem Deus se agrada de habitar? Suas vidas estão sendo mudadas, seus casamentos restaurados e as suas famílias estão sendo governadas pela graça de Deus?

A nossa ministração é o resultado do fluir da Vida divina ou um substituto humano? Esse é um trabalho que estamos fazendo *para* Deus ou um trabalho que Deus está fazendo por meio de nós? E tal trabalho é verdadeiramente à prova de fogo, para que vençamos o teste no dia do julgamento, ou é algo que parece bom, mas na verdade é feito de madeira, feno e palha? A verdadeira Noiva de Cristo está sendo construída somente com aquilo que está fluindo de Seu lado ferido.

ANDANDO POR FÉ

Muitas pessoas, quando discutem como construir a Igreja, querem saber quais passos devem dar. Parecem desejar algum tipo de fórmula ou programa que possam seguir. Gostam de ter algo tangível em suas mãos, algo que possam fazer, algo que usem para melhorar o seu grupo. Eles se sentem muito inseguros em simplesmente confiar que Jesus fará a obra.

Mas a casa de Deus é uma casa espiritual. Não é nada que dependa de planos, programas e fórmulas. Por ser espiritual, é também misteriosa e intangível. O homem natural não pode compreendê-la com a sua mente natural. Nossos olhos físicos não podem vê-la. E nossas mãos humanas não podem construí-la. Somente a Vida derramada de Cristo pode executar este trabalho.

A casa de Deus é uma casa viva. Não é algo estático que possamos planejar, determinar ou controlar. Já que ela é viva, ela é sempre nova. Jesus, o arquiteto desta casa, está vivo hoje. Quando Ele andava aqui na Terra, Suas palavras e ações eram sempre imprevisíveis. Quando Seus discípulos acordavam a cada manhã, não tinham a menor idéia sobre para onde Ele iria, o que iria dizer ou o que iria fazer a seguir. Eles simplesmente tinham que confiar Nele para liderá-los e, assim, eles O seguiam para onde Ele fosse.

Nada mudou. Jesus não nos revela uma série de passos para construir a Sua casa. Nós, com a simplicidade das crianças, devemos andar com Ele todos os dias. Nós também precisamos andar com Ele mesmo sem saber o que vai acontecer depois. Precisamos acreditar que, conforme O seguimos e obedecemos, Sua casa estará sendo construída. Colaborar com Deus na construção de Sua casa é um caminho de fé. Não é algo fixo ou pré-programado. Se não soubermos como caminhar com Jesus por fé, não poderemos construir Sua casa. Pela fé, somos capazes de sentir Sua liderança no dia a dia e de colaborar com Ele nas coisas que Ele está fazendo.

Se pensarmos que sabemos o que fazer, há uma grande probabilidade de tentarmos fazê-lo. Se imaginarmos conhecer o plano, é muito fácil para o nosso homem natural tentar executá-lo. No momento em que pensamos saber o que Deus está fazendo, nós estendemos nossas mãos humanas para tentar ajudar.

Por esta razão, Deus não nos mostra tudo. Seu plano é que caminhemos com Ele

e O obedeçamos. Nunca vai terminar a necessidade de caminhar com a confiança de uma criança. Se quisermos trabalhar com Deus na construção de Sua casa, este é o único caminho.

Imaginar que sabemos o que fazer e como fazê-lo é evidência de que perdemos nossa direção espiritual. No momento em que pensamos que sabemos como ou o quê construir, isto é prova de que Jesus se mudou e nós estamos simplesmente nos agarrando à forma vazia de algo que Ele fez no passado. Quantos homens de Deus estão nesta posição! Estão tentando permanecer em algo que Deus fez no passado. Isto não funciona.

É verdade que Deus pode nos dar uma direção futura. Ocasionalmente, Ele nos mostrará como executar uma coisa ou outra para Ele. Entretanto, estas coisas são sempre sujeitas a mudanças. Nosso Senhor está sempre fazendo coisas novas. Não podemos tirar os olhos Dele. Precisamos olhar sempre para Ele e não somente para as coisas que Ele fez no passado. Precisamos estar sempre prontos, como o povo de Israel no deserto, para empacotar nossas coisas e partir a qualquer momento. Não podemos perder contato com Ele. Deste modo, seremos frutíferos em nosso trabalho de construção de Sua morada eterna.

CONSTRUINDO COM VIDA

Nosso chamado da parte de Deus é para edificar os membros individuais do corpo de Cristo. Isso requer que estejamos ministrando uns aos outros a Vida de Jesus. Como podemos ser cheios da Vida de Deus? Vamos investigar um pouco sobre este importante assunto.

A necessidade básica de tudo que tem vida é alimento. Qualquer ser vivo, seja planta ou animal, precisa de alimento para viver. Portanto, podemos concluir que, para estarmos cheios da Vida espiritual, precisamos receber algum tipo de nutrição espiritual. Nossa Vida espiritual não cresce por aprendizagem. Não é produto de um esforço mental ou emocional. Não há outro jeito de estar cheio de Vida, a não ser comer. Ainda mais, precisamos comer freqüente e consistentemente.

O alimento que nosso ser espiritual necessita é uma pessoa: Jesus Cristo. Ele nos

explica: “...se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida [ZOÊ] em vós mesmos” (Jo 6:53). Isto é muito simples. Para estarmos cheios de Sua Vida divina, precisamos estar em intimidade espiritual com Ele. Precisamos estar comendo e bebendo de tudo o que Ele é.

Portanto, o primeiro passo que precisamos dar para construir a casa de Deus é nos encher de tudo o que Ele é. Precisamos gastar tempo, muito tempo, em Sua presença. Precisamos comer, beber e respirar todas as facetas de Sua natureza. Precisamos nos saturar, até o ponto de transbordar esta Vida (ZOÊ) abundante. Isto deve se tornar a nossa experiência diária.

Então, quando falamos aos outros, isso é o que devemos compartilhar com eles. Quando estivermos com eles, eles sentirão o aroma suave de Cristo. Quando ministrarmos, ensinarmos, aconselharmos ou ajudarmos alguém, o que sairá de dentro de nós será aquilo que tivermos adquirido. “A boca fala do que o coração está cheio” (Mt 12:34). Se não estivermos nos alimentando do Cordeiro, teremos apenas algo humano para compartilhar. Se não estivermos nos enchendo dessa substância divina, nosso “ministério” será somente terreno e humano.

Quando nos falta a Vida ZOÊ para ministrar, a única alternativa é confiar na carne. Então, dependemos de nosso conhecimento bíblico. Nossa educação, nossa atração pessoal, nossas habilidades naturais, nossos talentos persuasivos entram em ação. Quando não temos o verdadeiro Cordeiro para oferecer, resta-nos, como foi com Caim, meros vegetais. E isto não pode construir a morada eterna de Deus.

EM QUÊ ESTAMOS TRABALHANDO?

Na Igreja de Jesus Cristo hoje há muita atividade. Encontros, conferências, seminários e retiros existem em abundância. Muito trabalho está sendo feito. Há muita atividade na construção. Mas parece que muito deste trabalho está sendo feito para melhorar a alma. Muitos dos esforços cristãos parecem se direcionar para fazer “o velho homem” melhorar.

Algumas igrejas empregam regras e regulamentos para tentar controlar apetites

carnais. Talvez essas normas se apliquem a tipos de roupas, estilos de cabelos e atividades esportivas.

Outros grupos submetem seus membros a algum tipo de autoridade humana, como o pastor ou algum tipo de “disciplinador” que, supostamente, deve supervisionar suas vidas. Outros ainda empregam algum tipo de sistema de reeducação, seja de estudos bíblicos, programas de treinamento, seminários etc., para ensinar o novo crente como se comportar de um modo melhor. Em quase todas as “igrejas” há algum esforço sendo feito para melhorar, retrainar ou restringir a velha vida e a velha natureza.

Mas todos estes esforços são condenados ao fracasso. Isto é porque eles não penetram na raiz dos problemas humanos. A causa real de nosso problema não é o que fazemos, mas o que *somos* em nossa PSUCHE ou alma. O que nós somos – seres humanos com vida e natureza pecadoras – é o que nos faz errar. Somente a Vida de Jesus Cristo tem o poder de lidar com este problema.

A solução aqui é ministrar a Vida aos espíritos dos outros. Conforme o homem espiritual cresce, o velho homem é levado à morte. Quando a nova Vida espiritual se fortalece, nossas atitudes e ações mudam. Nossos apetites e desejos se tornam diferentes. Nossos pensamentos e opiniões começam a refletir os de nosso Senhor. Isto não é porque nós fomos instruídos ou reeducados, mas porque há uma nova Vida vivendo em nós e por meio de nós.

A Vida que recebemos de Jesus é cheia do Seu caráter e de Sua natureza divina. Seus pensamentos, sentimentos, planos e propósitos são todos contidos em Sua Vida. Assim, quando esta Vida cresce, ela começa a se expressar em nós e por meio de nós. Começamos então a sentir Seus sentimentos e a, realmente, pensar Seus pensamentos. Quanto mais esta Vida amadurece, mais refletimos Cristo em cada aspecto de nossas vidas. Em vez de tentar pensar, agir ou falar imitando Jesus, podemos nos tornar uma expressão real de Sua Vida eterna. Nós nos tornamos vasos vivos por meio dos quais o próprio Deus Se revela.

Então a nossa meta deve ser nos encher com esta Vida e ministrá-la aos outros. Quanto mais dela obtivermos, mais frutífero será o nosso ministério. Deus irá usar nossos dons e habilidades espirituais para Se expressar por meio de nós. Então, os que estão ao nosso redor também serão alimentados e crescerão. A coisa mais importante que podemos

fazer para construir a casa de Deus é vir a Ele constantemente e encher nossos espíritos com Sua Vida. Deste modo, nós podemos “repartir” ou “ministrar” aos nossos irmãos e irmãs e até mesmo ao mundo que perece.

Qualquer outro método, não importa o quanto seja bem intencionado, não pode deter o pecado. Isto é porque tais métodos somente funcionam tentando corrigir nossos pensamentos, nossos sentimentos e nossas decisões. Estes são simples aspectos de nossa alma.

Paulo é muito claro quando explica que a lei é fraca, porque ela opera somente através da carne (Rm 8:3). Do mesmo modo, todos os nossos esforços para aplicar “princípios cristãos” às nossas vidas, apenas atingem o homem exterior. Eles não fazem coisa alguma para transformar algo da PSUCHÊ para a Vida ZOË. Além disso, qualquer “disciplina” a que possamos submeter qualquer crente que está errando nada fará para penetrar a profundidade da questão, que é aquilo que ele é.

A verdadeira solução é a ministração do Espírito. Quando estamos caminhando em Vida, é porque estamos em comunhão com Deus e cheios de Sua Vida. Então podemos ministrar isto aos outros. Esta ministração viva penetra no profundo do espírito humano, efetuando uma mudança verdadeira e eterna no centro daqueles a quem ministramos.

Esta Vida, que fluiu do lado ferido de Jesus Cristo na cruz, é o único elemento que pode ser usado para construir a casa de Deus. Como precisamos experimentar esta Vida! Como precisamos conhecer esta Vida, para discernir entre ela e as manifestações da alma! É uma necessidade desesperadora, nesta última hora, para o povo de Deus deixar os vãos exercícios religiosos. É essencial pararmos toda atividade que é meramente da alma, humana e terrena. É crucial nos arrependermos de toda a nossa obra natural e de todos os esforços terrenos e começarmos a viver e a trabalhar pelos impulsos de uma Outra Vida.

Queridos irmãos e irmãs, estas considerações são importantes. Todas as nossas obras serão julgadas um dia. O fogo de Deus irá nos testar e também àquilo que estivemos construindo. Que possamos ter humildade para interromper qualquer coisa que percebemos não vir Dele. Que nós possamos ter honestidade para admitir e abandonar qualquer construção que tenha sido feita por mãos humanas. Que nós possamos estar entre aqueles de quem será dito: “...suas obras foram feitas em Deus” (Jo 3:21).

3.

A FORMA DA IGREJA

Cada tipo de vida, seja vegetal, seja animal, tem sua forma particular. Quando cresce, ela se molda aos padrões de seus genitores. Torna-se aquela forma reconhecível que mostra de onde veio. Por exemplo, cada variedade de árvore cresce de acordo com a sua forma familiar. Uma bananeira tem sempre a mesma aparência. Uma macieira tem uma forma típica. As pessoas que têm familiaridade com plantas podem dizer, à distância, que árvore é aquela, apenas pela sua forma. A mesma regra é verdadeira para com os animais. Um cão sempre aparenta ser um cão, assim como um gato sempre aparenta ser um gato.

Reconhecemos a vida desses animais pela sua forma. Esta forma exterior é resultado da vida que está no interior deles. A vida do gato sempre produz a forma de gato. A vida do cachorro sempre cresce em forma de cachorro. Essas formas familiares não são um resultado de auto-esforço da parte dessas criaturas. Também não são produzidas por meio de outros seres administrando ou fiscalizando o desenvolvimento delas. Ao invés disso, é a própria vida presente nelas que produz a forma familiar.

Exatamente do mesmo modo, a Vida de Jesus Cristo, á medida que cresce dentro dos crentes, produz a Igreja. Esse é um princípio da maior importância. É a Vida de Deus que produz a forma da Igreja, Sua Noiva! Mais do que isso, é *apenas* esta Vida (ZOÊ) que produz a Igreja. Se vamos trabalhar junto com Deus na construção da Igreja que Ele deseja, precisamos compreender inteiramente esse fato básico.

Quando desejamos trabalhar junto com Deus e construir Sua morada eterna, precisamos aprender a construir de acordo com o padrão que vimos na montanha. Este padrão é um padrão vivo. A Igreja de Jesus é um ser vivo. Sua Noiva é construída pela Sua Vida. Portanto, é apenas construindo com a Sua Vida e pela Sua Vida que podemos chegar ao resultado que Ele tanto almeja. *Até que tenhamos compreendido essa verdade básica e essencial, não estamos em condições de construir a casa de Deus!*

O PADRÃO DO NOVO TESTAMENTO

Muitos crentes estão construindo hoje, mas muitos deles não têm um entendimento claro sobre o que estão fazendo. O erro mais comum que cometem é achar que discernem o padrão de construção enquanto lêem o Novo Testamento. Então começam a copiar este padrão. Eles trabalham ativamente para reproduzir a forma que acreditam ter visto.

É comum que alguns líderes ou grupos imaginem ter alcançado o padrão que mais se assemelha ao padrão do livro de Atos ou das Epístolas. Eles acreditam que o seu jeito é o mais bíblico. Talvez estejam implantando um certo tipo de estrutura de autoridade. Talvez selecionem diáconos e pastores de uma maneira especial. Possivelmente estão iniciando certos tipos de encontros, cerimônias ou práticas. Pode ser que estejam insistindo em um certo esquema de doutrinas, crenças ou até no uso de novas palavras “mais bíblicas”.

O problema é que copiar um padrão que alguém pensa ter percebido é um sério engano. É colocar o carro na frente dos bois. Nunca podemos colocar em prática algum padrão, doutrina ou exercício e produzir algo que agrade a Deus. O padrão que acreditamos ver, nunca, nunca irá produzir a Vida de Cristo. Por outro lado, a Vida de Cristo sempre gera o padrão ou forma apropriada, aquele que Deus deseja.

Esta é verdadeiramente uma questão de vida ou morte. Quando tentamos reproduzir um padrão, invariavelmente o resultado será algo sem vida, algo morto. Nós não temos o poder de gerar Vida. Somente Deus pode fazer isso.

Talvez acreditemos que, se produzirmos algo próximo ao padrão divino, Deus vai descer correndo para abençoá-lo. Possivelmente, pensemos que, se conseguirmos construir algo semelhante ao que vimos na Bíblia, Ele virá morar neste lugar. Talvez achemos que Ele virá e dará Vida à imagem que fizemos. Mas não, isso nunca acontecerá! Nosso Deus nunca dará Vida ao que construímos para Ele, não importa se acreditamos que é algo bíblico.

Portanto, muitas de nossas obras permanecem mortas ou sem efeito. Permanecem uma coisa sem vida que precisamos constantemente tentar empurrar para a frente com programas, atividades e entusiasmo humanos. Sempre requerem a nossa atenção para que se mantenham em movimento. Precisamos sempre manter a estrutura religiosa sendo alimentada pela energia, esforço e organização humana .

Por não ter a sua própria vida, a estrutura humana sempre requer o serviço daqueles que têm um relacionamento vivo com Jesus. Porque a forma religiosa não é viva, ela necessita constantemente sugar nutrição daqueles que têm intimidade e comunhão com Jesus.

Então, o zelo, o entusiasmo e o amor por Jesus, que os membros dos grupos humanamente controlados têm, tornam-se o suporte para os planos e programas da instituição. Os membros são usados para liderar vários programas, acompanhar novos visitantes e assumir muitas outras atividades, que são necessárias para manter a máquina em movimento.

Tais organizações necessitam de homens e mulheres que lhes sirvam de alimento, assim como um parasita necessita de um corpo vivo para dele tirar seu sustento. Algumas vezes, quando a organização já usou toda a vida que estava em alguns membros, quando eles já deram tudo o que podiam para ajudar e acabaram sem força e sem ânimo, ela os cospe e procura outros para tomar seus lugares. Esse triste desfecho é o resultado de se estar construindo com materiais terrenos, ao invés de substâncias divinas.

ENTÃO, COMO VAMOS CONSTRUIR?

Podemos trabalhar com Jesus na construção de Sua Igreja, ministrando Sua Vida uns aos outros. Ele declarou que Ele é “a Vida” (Jo 11:25). Portanto, quando O compartilhamos com os outros, estamos construindo a Igreja. Conforme O seguimos, Ele nos guiará a usar de maneira certa os dons e os ministérios que nos deu para edificar a outros. Por meio de nosso relacionamento íntimo com Ele, iremos receber uma revelação viva, cheia de sabedoria e de direção. Após isso, podemos compartilhar o que recebemos. Essa Vida produzirá, então, a forma que Ele desejar.

Os crentes que estão em relacionamento íntimo com Jesus a cada dia estão cheios de Sua Vida. Estes indivíduos estão constantemente fazendo algo, pois o seu Senhor os está dirigindo dia a dia. Eles estão visitando os doentes. Estão compartilhando o Evangelho. Estão procurando solucionar as necessidades dos outros e pedindo a Deus maneiras para conseguir fazer isso. Estão cuidando dos pobres. Estão orando uns pelos outros e constantemente procurando um meio de ministrar Cristo uns aos outros.

Tais cristãos estão sempre juntos, porque o Espírito de Deus os está incitando a procurar a companhia e a amizade dos outros. Estão se encontrando, orando juntos e louvando juntos. Estão sendo edificados e mantidos unidos pelo Espírito Santo. Não há necessidade aqui de controle humano. Não há homem algum ou grupo algum que esteja planejando ou organizando isso. A direção é sobrenatural. A Vida de Cristo irá produzir todos os atributos da Igreja que vimos no Novo Testamento.

Todos os elementos da Igreja devem ser um produto da Vida sobrenatural de Cristo: quando nos encontramos; onde nos encontramos; como os encontros são conduzidos; o uso dos dons; a função dos vários ministérios; nosso relacionamento com os outros membros do corpo; quando atuamos juntos; quando vamos orar; como, quando e onde iremos evangelizar; o exercício de qualquer tipo de liderança; etc. Cada aspecto singular da Igreja deve ser um produto da Vida Divina. Cada atitude, movimento ou atividade do corpo deve ser um resultado da Vida e da direção do Cabeça da Igreja. Enquanto isso não acontecer, haverá apenas uma forma religiosa e morta.

Jesus ressuscitou da morte. Ele está vivo hoje e é capaz de nos liderar. Porque Ele vive e Se move por meio dos diferentes membros de Seu corpo, a forma de Sua Igreja começa a se manifestar. Quando ministramos Jesus Cristo uns aos outros, a morada de Deus está sendo construída. Quando o Espírito de Deus flui dentro de nós e através de nós, esta edificação sobrenatural aparece. É a Vida de Deus que habita em nós e que é ministrada aos outros por meio de nós. É o próprio Senhor Jesus vivendo e Se movendo por meio de Seu povo para preparar a Sua Noiva. Esse é o modo, na verdade o único modo, pelo qual a Igreja pode ser edificada.

Queridos irmãos e irmãs, precisamos edificar com Vida. Não devemos tentar arrumar a Igreja do jeito que julgamos ser correto. Não precisamos planejar, controlar ou organizar as pessoas para conseguir a forma que achamos ideal para a Igreja.

Não há absolutamente nenhuma necessidade de homens e mulheres tentarem manipular a outros para conseguir uma aparência bíblica. Não somos chamados a usar métodos humanos para atingir metas sobrenaturais. O segredo de construir a Igreja viva é ministrar Jesus aos outros. Sua Vida sempre irá produzir a Noiva pela qual Ele tem ansiado.

Deus não depende de nossas habilidades organizacionais para reunir um grupo de pessoas e mantê-las unidas. Ele não espera ansiosamente que usemos nossos dons para

impressionar um número adequado de indivíduos, a fim de podermos constituir uma “igreja”. Não é necessário moldarmos os outros a algo que julgamos ser o desejo de Deus. Nosso Deus não mora e nem irá morar nesses templos construídos por mãos humanas. Ele está procurando por uma casa viva. Esta casa é resultado de Sua Vida crescendo dentro de homens e mulheres.

Sabemos pelas Escrituras que Jesus está procurando por uma Noiva. Vamos tomar como ilustração o exemplo de um homem. Normalmente, o homem está muito interessado na beleza e na forma de sua futura esposa. Essas coisas são importantes para ele. Ele pode, então, sair e comprar um manequim? Esse objeto pode ser excepcionalmente atraente e bem feito, mas irá satisfazê-lo? Claro que não! Este homem está procurando por alguém vivo, cheio de vida, que possa responder a ele de muitas maneiras diferentes.

Da mesma forma, Jesus nunca iria desejar entrar em uma união matrimonial com uma forma vazia. Ele está procurando por alguém que esteja vivo, cheio de Sua própria Vida. Conseqüentemente, nunca deveríamos fazer da forma a nossa meta, mas sim permitir que a Sua Vida crie Sua Noiva da maneira que Ele a deseja.

FALSOS APÓSTOLOS

Há hoje, na comunidade cristã, muitas pessoas que se autointitulam “apóstolos”. Pode ser que alguns deles tenham realmente este ministério. O esperado é que muitas dessas pessoas tenham recebido uma visão e estejam construindo de acordo com ela.

Entretanto, existem, infelizmente, os “falsos apóstolos” (2 Co 11:13). Há aqueles que pretendem ter sido enviados por Deus, mas na verdade não têm a preparação e a visão necessárias para realizar este ministério. Possivelmente, eles mesmos se autoenviaram ou foram enviados por outros homens para tentar fazer a obra de Deus. Muito embora eles possam ser bem sucedidos ao estabelecer vários grupos debaixo de sua liderança e controle, pode ser que o que estejam fazendo não resista ao teste do dia do Julgamento.

Há alguns desses homens, aparentes apóstolos, que poderiam ser chamados “apóstolos cortadores de biscoitos”. Um cortador de biscoitos é uma forma de metal ou plástico que emprega o mesmo padrão de corte repetidamente, em uma peça suave e

moldável de massa. Esses apóstolos são aqueles que imaginam ter discernido o padrão encontrado no Novo Testamento. Eles supõem ter compreendido a “forma” da Igreja.

Então eles vão, de grupo em grupo, aos que dão abertura para eles, e ali “colocam as coisas em ordem”. Isso significa que eles arrumam a liderança e as atividades do grupo, subjugando-os às suas idéias. Quando os membros do grupo são jovens, inexperientes ou suficientemente maleáveis para se submeter ao seu controle, então eles estabelecem o seu padrão naquele lugar. Assim, eles acreditam estar “plantando uma outra igreja neotestamentária”.

Mas há um pequeno problema. Essa fórmula não pode e nunca irá atrair ou produzir a Vida de Deus. Tudo o que pode ser adquirido com esses esforços é chegar a algo parecido com uma Igreja, mas sem Vida. Pode ser que tais esforços produzam algo que aparente ser muito bíblico. É provável que esses construtores tenham muitos versículos para dar sustentação ao que estão fazendo. Mas, conforme estivemos vendo, ser bíblico não é suficiente. Ser meramente bíblico não produz a Vida de que necessitamos.

Por exemplo, os fariseus dos dias de Jesus eram muito familiarizados com a Palavra de Deus, embora falhassem em ver Deus nela. Eram muito bíblicos, mas O perderam. Precisamos estar construindo com a Vida Daquela que foi revelado na Bíblia. Simplesmente imitar o que achamos que os primeiros crentes fizeram irá produzir algo morto. Uma forma morta, superficial, não é um lugar onde Deus Se interesse em morar.

O padrão do Novo Testamento, que precisamos ver e com o qual necessitamos construir, é uma Pessoa Viva. Deixe-me repetir isto. O padrão do Novo Testamento é uma Pessoa! Não é um sistema, uma estrutura de autoridade ou algum tipo de “ordem” bíblica a qual devemos aderir. Quando construímos com Jesus, a casa de Deus é edificada. Quando plantamos a semente viva, a Igreja viva cresce a partir dela.

O EXEMPLO DA FLOR

Vamos tomar agora o exemplo da flor. Suponha que desejamos ter um tipo de planta com flores – talvez uma margarida. Temos duas escolhas. Para atingir o nosso objetivo, podemos ir a uma loja que venda determinados objetos e comprar alguns itens:

material de seda colorida, arame verde, um pouco de cola, tinta e tudo o que precisamos para produzir uma planta e suas flores. Podemos então trabalhar com este material. Podemos cortar, colar e pintar. Podemos fazer folhas, hastes, botões e flores. Logo teremos algo que se pareça com a flor que desejamos.

Hoje, há pessoas que são peritas nesse tipo de coisa. Tenho visto flores de seda que nem se distinguem das flores reais. São tão reais e bem feitas que aparentam ser flores genuínas. Você pode até mesmo comprar um perfume e colocar nelas para que cheirem como uma flor real. Mas há um pequeno problema. Elas estão mortas. São artificiais. Elas se parecem com algo real, mas são falsas. São uma simples imitação.

Quantas obras para Deus se encaixam nesta categoria! Elas têm a aparência ou a estrutura das Escrituras, mas falta-lhes abundância de Vida. Elas parecem adequadas e possuem características que estão de acordo com o Novo Testamento. Elas têm flores, com hastes e pétalas, mas não são vivas. Talvez elas tenham anciãos, diáconos, cultos etc., mas não têm a Vida de Deus que está enchendo e animando cada parte de sua estrutura. A forma não é resultado da Vida e, portanto, nunca poderá satisfazer o Senhor.

Se quisermos ter uma flor, há uma outra maneira de consegui-la. Entretanto, é um modo muito mais vagaroso e é um processo que pode parecer tolo. Entretanto, é o caminho da vida. Primeiro você pega um pequeno grão – a semente – e a enterra no solo. Após isso, você espera alguns dias. Com carinho e o tempo apropriados, a vida que está contida nesta semente irá florescer. O poder da vida que está nesta pequena e insignificante semente irá produzir as lindas flores que você deseja.

Do mesmo modo, quando desejamos edificar a Igreja, precisamos compreender esse princípio da Vida. Temos que ter paciência. Algumas vezes podemos parecer tolos aos olhos dos outros. Nosso trabalho é simplesmente ministrar Jesus Cristo aos outros, quando e como o Espírito Santo escolher. Não precisamos saber muito. Não precisamos de educação religiosa formal. Não precisamos fazer nada com nossa própria força ou inteligência. Apenas precisamos pacientemente servir aos outros com alimento eterno, a Vida de Jesus Cristo. Podemos fazer isto confiando completamente que esta Vida produzirá o padrão do Novo Testamento. A ministração do Espírito Santo resultará sempre em Igreja. Nunca crescerá algo diferente.

Conforme uma planta cresce, no começo, ela não se parece em nada com a foto

que você vê no pacote de sementes. Provavelmente é como um pequeno broto verde, muito frágil e que poderia ser confundido com muitas outras plantas ou mesmo com erva daninha. Mas, com tempo e nutrição, todas as feições da flor começam a aparecer. Começamos a ver as folhas, as hastes e os botões. Finalmente, a flor completa está em vigor.

Quando simplesmente ministramos Jesus, no princípio as coisas podem parecer pequenas e insignificantes. Contudo, somos advertidos a não desprezar “o dia das pequenas coisas” (Zc 4:10). Pode ser que nem todas as “características” da Igreja estejam em evidência. Talvez, todos os dons e ministérios não estejam ainda em plena floração. Pode ser que algumas partes estejam faltando. Mas Deus nos fala sobre isso em Sua Palavra. Em Marcos 4:28, lemos “...primeiro a erva e então a espiga de milho”. O pequeno broto verde (a erva) surge primeiro e, então, depois de algum tempo e de nutrição, nós vemos o fruto (a espiga do milho).

Precisamos confiar na semente. A Vida de Cristo irá produzir sempre e somente a verdadeira Igreja viva. Não temos a necessidade de sair correndo e começar a fabricar algo por nós mesmos, nem para Deus. Vamos esperar pacientemente. Vamos continuar semeando e regando, sabendo que, em Seu tempo, o desejo divino virá à tona.

Sabemos, por exemplo, que na Igreja vemos certos dons e ministérios. Lemos no Novo Testamento sobre evangelistas, pastores, mestres, apóstolos e profetas (Ef 4:11). Lemos sobre dons de cura, milagres, sabedoria, conhecimento, profecia e muitas outras coisas. Compreendemos que a igreja primitiva se reunia diariamente, de casa em casa (At 2:46). Os apóstolos estavam ensinando no Templo (At 5:42). Pouco depois, alguns foram enviados para ensinar e pregar. Diáconos foram escolhidos (At 6:5). Anciãos foram reconhecidos (At 14:23). Igrejas foram plantadas. Podemos identificar muitas partes diferentes desta planta. Mas como tudo isto aconteceu? Foi resultado de esforço humano ou do fluir da Vida Divina?

O QUE JESUS ESQUECEU

Não sei como aconteceu, mas parece que Jesus Se esqueceu de ensinar aos discípulos como estabelecer uma igreja. Ele passou um bom tempo com eles, cerca de três anos e meio. Estavam juntos todo o tempo, comendo, viajando, ministrando e dormindo.

Entretanto, Ele parece ter Se esquecido de ensiná-los como organizar uma igreja. Nos quatro evangelhos não encontramos registro de tal instrução.

Jesus não explicou como realizar os cultos. Não mencionou como selecionar diáconos ou anciãos. Ele parece ter negligenciado o ensino de como organizar coisas, como fazer alguns encontros, como realizar reuniões de oração, grandes celebrações ou pequenos grupos. Talvez não tenha passado pela Sua mente deixar instruções sobre como levantar ofertas, pagar os pastores e outras despesas. Ele não deu sugestões de como criar novos grupos para as crianças e atividades para os adolescentes, ou promover retiros e convenções. Ele passou tanto tempo com eles e não lhes ensinou coisa alguma sobre essas coisas e outras tantas que parecem tão importantes.

Mas, de fato, encontramos dois versículos nos quais Jesus nos ensina sobre a Igreja. Um deles é quando Ele especificamente diz: “Eu edificarei a minha Igreja” (Mt 16:18). Isto deveria falar profundamente conosco. Ele nunca disse: “Por favor, vão e construam a minha Igreja de acordo com as seguintes instruções.” Ele insistiu em dizer que *Ele* iria fazer o trabalho. Ele iria fazer a construção.

Nossa função seria partir e pregar ao mundo sobre Ele. Nós devemos anunciar ao mundo as Boas Novas sobre a Sua Pessoa e sobre a Sua obra. Enquanto nós O ministramos aos outros, Ele vai construindo a Sua casa. Sim, somos Seus colaboradores. Nós temos uma parte para executar. Entretanto, não é construir algo para Ele, mas deixar que Ele trabalhe por meio de nós.

Um segundo versículo no qual Jesus nos fala sobre a construção de Sua Igreja é João 16:13. Ali nós lemos que Jesus iria nos enviar o Espírito Santo e que, quando Ele viesse, nos guiaria à toda verdade. Em vez de ensinar aos discípulos uma lista de instruções e de passos a serem tomados, Ele disse que lhes enviaria o Espírito Santo. Seguindo o Espírito Santo, todas as necessidades de seus corações seriam supridas. A ordem destas coisas é muito importante. Primeiro, Deus derramou do Seu Santo Espírito. Depois, temos o registro de tudo o que Deus fez em Seu povo e por meio de Seu povo.

Todas as características, os dons, as reuniões e os ministérios da Igreja, sobre a qual lemos na Bíblia, eram resultado dos homens e mulheres seguindo o Espírito Santo. Aquelas pessoas não tinham o Novo Testamento. Elas também não possuíam instruções detalhadas de Jesus. Então, eram forçadas a confiar no Espírito Santo dia a dia.

Simplemente tinham de segui-Lo em fé e confiança. Elas eram guiadas por Sua Vida, e a Sua Vida produziu as igrejas que vemos na Palavra de Deus.

Então, se queremos ver essas mesmas coisas acontecendo em nosso tempo e lugar, o que devemos fazer? Precisamos fazer as coisas do mesmo modo que os crentes do Novo Testamento. Primeiro, precisamos ser cheios do Espírito Santo. Depois, precisamos segui-Lo em tudo o que Ele nos levar a fazer. Quando fizermos isso, poderemos ter completa certeza de que a Sua liderança irá produzir as coisas que vemos no livro de Atos e nas Epístolas. A Vida de Deus somente irá produzir a Igreja.

Por outro lado, se simplesmente tentarmos repetir o padrão que acreditamos ver no Novo Testamento, iremos nos desviar do objetivo. Iremos produzir uma forma vazia, sem o conteúdo essencial. A substância da Igreja no Novo Testamento era a Vida de Cristo, ministrada pelo Espírito Santo. Todas as características que vemos eram o resultado direto desta Vida. Se nós também quisermos ver a casa de Deus sendo edificada, precisamos construir do mesmo modo.

Verdadeiramente, Jesus não Se esqueceu de nada. Ele ensinou aos Seus discípulos tudo o que era necessário para viver e ser dirigido pelo Espírito Santo. Ele lhes ensinou a humildade; a serem submissos a Ele; a se amarem uns aos outros. Todos os ingredientes cruciais para construir a Igreja eram evidentes em Seus ensinamentos. O que Ele fez foi preparar Seus seguidores para receber e caminhar com o Espírito Santo que lhes seria enviado.

A NECESSIDADE DA BÍBLIA

Quero afirmar aqui, enfática e claramente, que não sou contra a Bíblia. Nem estou afirmando que é desnecessário sermos bíblicos em nossa caminhada e em nosso trabalho para o Senhor.

De fato, estou ensinando exatamente o contrário. A única questão é COMO usar esse livro.

A Bíblia é absolutamente necessária para a nossa vida e caminhada cristã. Ela tem importantes funções para cada crente. Em primeiro lugar, e o principal, ela nos revela a

pessoa de Jesus Cristo. Em vez de uma série de regras ou instruções, o principal objetivo da Bíblia é nos revelar Deus. Ele pode ser visto em cada página. Se falharmos em penetrar por trás das palavras e letras, se apenas virmos a forma, mas não compreendermos a Vida da Pessoa que produziu esta forma, perderemos completamente a mensagem.

Essa Pessoa que é revelada na Palavra de Deus é nosso alimento. Ela é nossa nutrição espiritual. Precisamos aprender a comer e a beber Dela a cada dia. Como isto é feito? Quando abrimos a Bíblia, precisamos ao mesmo tempo abrir o nosso espírito para Jesus. Em vez de tentar acumular informações *sobre* Deus em Sua Palavra, precisamos aprender a realmente ter comunhão *com* Deus em Sua Palavra. Precisamos encontrar ali uma Pessoa viva e ter um relacionamento íntimo com Ela, à medida que vamos lendo. Esta é a realidade espiritual da comunhão. Comer e beber Cristo em Sua presença, por meio da Sua Palavra.

Eu recomendo que cada cristão passe muito tempo meditando na Palavra de Deus a cada dia. Conforme nos enchemos com a Sua Palavra, nosso homem espiritual vai crescendo (1 Pe 2:2). Recebemos nutrição espiritual. Ficamos cheios da Vida Divina. Assim nós temos algo vivo e real para ministrar às pessoas ao nosso redor. Ao invés de lhes contar sobre algo que aprendemos mentalmente, podemos compartilhar com elas Alguém que conhecemos intimamente. É assim que podemos trabalhar junto com Deus para construir Sua santa habitação.

Quando oramos, podemos orar no Espírito. Quando louvamos, nosso louvor pode ser do tipo aceitável, “em espírito e em verdade” (Jo 4:23). Quando ministramos, compartilhamos a substância espiritual que nos tem alimentado. Tudo isso é resultado de aprendermos como nos alimentar da Palavra de Deus.

Se você não conhece esse segredo, se não está encontrando Sua doce presença quando abre o Seu livro, então você precisa de algumas mudanças reais em sua vida.

Qualquer coisa que esteja inibindo seu relacionamento espiritual com Jesus necessita de tratamento. Qualquer coisa em sua vida que não agrade a Ele necessita de arrependimento. Se você não se sente confortável, em completa transparência e intimidade com o seu Salvador, você deve procurá-Lo para compreender o que está impedindo esse relacionamento. Então você precisa fazer os ajustes necessários, de maneira que, quando

você estiver meditando em Sua Palavra, você também possa estar usufruindo do Seu falar e da Sua presença.

A Bíblia é absolutamente essencial para uma caminhada cristã saudável. Através dela, Deus nos revela a Si mesmo e Sua vontade. Nela, Ele mostra a Sua direção e podemos compreender Seus planos e propósitos. A Palavra de Deus nos convence do pecado. Ela nos mostra quando estamos carentes da glória de Deus e longe de Sua vontade. Ela nos desafia, mostrando-nos onde estamos falhando em manifestar a natureza divina. Ela nos revela como Deus tem conduzido e usado outros irmãos, abrindo novas perspectivas para nossa vida espiritual e para a nossa obra.

Referente à Igreja, a Bíblia nos mostra qual é o produto final, de modo que possamos procurar Jesus, em busca de vivenciar a mesma coisa em nosso meio. Se percebermos que certas características estão faltando, precisamos orar para que Ele nos leve a adquiri-las. Em vez de tentar corrigir qualquer falha por nós mesmos, precisamos nos voltar para Deus.

Nenhum plano ou procedimento humano é necessário. Precisamos deixá-Lo nos convencer das atitudes ou ações que estão inibindo o fluir de Sua Vida. Precisamos abrir nossos corações e nossos espíritos para Ele fazer qualquer obra que seja necessária. Quando vemos instruções na Bíblia que estão faltando na parte do corpo de Cristo a que estamos ligados, somente Ele poderá produzi-las em nosso meio.

Vamos supor, por exemplo, que alguns estão sentindo falta de algo entre os jovens. Talvez eles não estejam sendo adequadamente tocados pelos ministérios que existem. Então, o que fazemos? Devemos instituir algum tipo de programa ou de atividade ou encontrar alguém que irá suportar nos ombros o peso de supervisionar esse grupo? É esse o modo de Deus trabalhar? Há uma grande chance de que isso produza meramente uma outra forma vazia.

Mas há uma outra opção. Aqueles que vêem a falta de algo devem começar a orar. Podem começar a interceder a Deus para que Ele venha suprir essa necessidade. No tempo certo, Ele irá levantar alguém com unção para ministrar nesta área. Ele encontrará alguém que Ele já preparou para tratar dessa necessidade. Então, em vez de mais um programa de igreja, teremos um ministério ungido, que Deus irá usar para edificar a Igreja.

Além disso, quando vemos acontecendo ações entre nós que não se

fundamentam na Palavra de Deus, precisamos ser corrigidos pela Palavra. Por exemplo: quando alguém está exercendo sobre outros um tipo de autoridade que não está nas Escrituras, sabemos que isto não vem de Deus. Quando existe pecado; quando existe uma ênfase equivocada na “liberdade”; quando alguma doutrina ou prática estranha é notória; então a Bíblia é essencial para nos convencer. Este livro santo é de alguma forma semelhante à foto da planta que desejamos ver. Todas as práticas e hábitos entre nós que não estão em conformidade com o quadro bíblico devem ser descartados.

De maneira alguma estou negando a necessidade da Bíblia. Só estou dizendo que este livro pode ser usado de dois modos. Pode ser usado como fonte de Vida ou pode ser usado como uma ferramenta legalista para ministrar morte aos outros. Paulo diz que ele e seus colaboradores eram “...ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito”. E amplia esta idéia explicando que “a letra [das Escrituras] mata” (2 Co 3:6).

Tudo isso foi escrito para dizer que podemos usar mal a Bíblia. Podemos usá-la para ensinar um padrão. Podemos insistir na aparência superficial daquilo que acreditamos ver e perder a substância dela. Podemos realmente trazer dano espiritual aos outros e até mesmo a morte espiritual através de tal ministério.

Ou podemos usá-la como fonte de Vida. Por meio de nosso relacionamento íntimo com Jesus em Sua Palavra, nós podemos compartilhar esta Vida com outros para edificá-los. A conclusão de Paulo então se torna a nossa experiência: “Mas o Espírito [das Escrituras] dá vida [ZOÊ]” (2 Co 3:6).

A FORMA ESTÁ NA VIDA

Uma conclusão a que podemos chegar, pela nossa discussão anterior, é que, quando estamos trabalhando junto com Deus para construir Sua morada eterna, não precisamos nos preocupar muito com a forma que ela vai tomar. Não precisamos gastar tempo e energia organizando, planejando e manipulando a estrutura. Não temos necessidade de tentar controlar nada nem ninguém. Se Deus não está no controle, nossos esforços são vãos. “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Sl 127:1). Nossa principal necessidade é aprender como ministrar Jesus Cristo uns aos outros e ao mundo que perece.

Conforme já mencionamos, podemos ter inteira confiança na semente da Vida. A forma da Igreja está na semente de Vida que estamos semeando. Por exemplo, se plantamos uma semente de milho, crescerá trigo dessa semente? É claro que não. Se plantarmos uma semente de feijão, brotará dessa semente um pé de tomate? Nunca! Portanto, quando estivermos ministrando Jesus Cristo, Sua semente irá produzir a Igreja e nada mais.

Podemos confiar completamente nesse fato. Nossa fé precisa repousar na habilidade de Jesus Cristo para fazer o que Ele disse que faria – edificar a Sua Igreja. À medida que nós simplesmente fazemos a nossa parte, em obediência ao Seu Espírito, Sua casa será edificada. Podemos descansar, crendo que Ele é capaz de fazer tudo que vai satisfazer Seus desejos.

A vida cristã deveria ser de grande simplicidade. Precisamos nos tornar como criancinhas. Nossa meta não deve ser nos tornar grandes e termos uma organização enorme debaixo de nossa autoridade. Não temos necessidade de tentar controlar o modo como as coisas estão indo. Não há necessidade de organizar grupos ou igrejas. O simples objeto de nosso trabalho é ajudar os outros a se transformarem à imagem de Jesus Cristo. Deste modo, e somente deste modo, a casa de Deus é construída.

Esse tipo de ministério envolve uma grande fé em Jesus Cristo. Significa que precisamos seguir nosso Líder invisível a cada dia. Precisamos confiar que Ele sabe o que está fazendo e irá nos conduzir. Precisamos aprender a depender completamente de nossa comunhão espiritual com o nosso Salvador ressurreto.

Aqui não há necessidade de forma ou fórmulas. Não precisamos de algum tipo de doutrina especial que nos garanta que faremos a coisa certa. Sabemos que O estamos agradando, porque estamos caminhando com Ele em um relacionamento de fé.

Por outro lado, o ser humano natural gosta de um tipo de segurança terrena. Ele aprecia algo planejado anteriormente. Quer saber o que irá acontecer amanhã. Coloca grande confiança nas coisas que são visíveis e tangíveis. Portanto, ele anseia por algo organizado, bem planejado e “seguro”. Ele quer um tipo de estrutura terrena da qual ele possa depender.

Se vamos construir a morada eterna de Deus, precisamos construí-la com Vida. À medida que esta Vida cresce dentro de cada um, a forma da Noiva irá aparecer. Como Deus

Se agradará dessa visão! Como o coração do Noivo está esperando por uma Noiva viva que seja semelhante a Ele!

Quando ela estiver cheia de Sua Vida e natureza, quando estiver se movendo pelo Seu Espírito e respondendo a cada desejo Dele, Ele vai adorar a presença dela! Esse é o tipo de experiência da Igreja que atrai a presença do Senhor. Esse é o tipo de casa onde Ele Se agrada em morar.

DEVEMOS FAZER NADA?

Estamos enfatizando aqui o perigo de se construir uma estrutura meramente religiosa. Vimos como apenas a Vida de Deus pode produzir a forma que Ele deseja. Mas isto significa que nós não devemos fazer nada? Por medo de fazer a coisa errada, devemos simplesmente nos sentar e observar? Certamente que não! Os resultados dessa revelação deveriam ser que muitos outros irmãos e irmãs se sentissem livres para seguir o Espírito Santo e fazer o que Ele os está levando a fazer.

Uma vez que nós tenhamos adquirido um temor de construir com materiais errados, uma vez que já tenhamos visto o perigo do esforço humano, deveríamos estar muito mais equipados para fazer o que Jesus nos está direcionando a fazer.

Não precisamos mais esperar que nossos “líderes” nos digam o que vai acontecer ou esperar uma orientação. Não precisamos mais da aprovação de uma instituição para fazer o que Deus quer que façamos. Cada membro do corpo é livre para seguir o Espírito Santo. Cada um pode construir de acordo com a Sua liderança.

Todas as pessoas têm algo para fazer. Qualquer um pode evangelizar. Talvez algum irmão ou irmã possa abrir as portas de sua casa para um estudo bíblico, uma reunião de oração ou para aconselhamento. Aqueles que têm dons devem visitar os outros, ministrando a eles a sua porção. Curas e profecias, louvor e oração não se limitam a uma construção religiosa. Há coisas que ainda podemos experimentar “de casa em casa” (At 2:46). Nenhum membro do corpo deveria estar inativo. Cada um tem algo para executar. Com o “auxílio de toda junta” (Ef 4:16), cada membro da Igreja de Cristo é importante para a edificação do todo.

Complacência não é recomendada aqui. Seremos responsáveis perante o Senhor se não fizermos nada com todas as coisas maravilhosas que Ele nos tem dado. Então, ocupe-se!

Movendo-se em temor a Deus, obedeça-O naquilo que Ele está dirigindo você a fazer. Muitas pessoas estão dependendo de sua porção de Cristo para alcançar crescimento e bem-estar.

O PROBLEMA DA MISTURA

Temos falado sobre a experiência de Igreja que é nascida, conduzida e cheia do Espírito Santo. Isso é o ideal. Mas, quando olhamos ao nosso redor, vemos muitas construções que não são feitas com substâncias divinas. Muitos grupos manifestam uma mistura do humano e do divino. As obras dos homens e a obra de Deus parecem estar ocorrendo no mesmo contexto.

Muitas situações não são extremas, isto é, não são uma coisa ou outra. Em muitos grupos, embora pareça claro que as mãos dos homens estejam trabalhando, algumas vezes vemos evidência do Espírito Santo também. Por exemplo, em algumas organizações religiosas humanas, podemos ver homens e mulheres nascendo de novo. Alguns estão crescendo na fé. Outros estão sendo libertos de diversos problemas. O que podemos pensar disso?

Deus é muito simples. Ele não insiste em que devemos estar completamente certos sobre tudo antes que Ele comece a trabalhar conosco. Se Ele insistisse em que estivéssemos completamente certos, Ele nunca poderia trabalhar com ninguém. Então nosso Senhor Se humilha e tenta Se adaptar às nossas obras, quando Ele acha um espaço ou uma oportunidade. Ele encontra meios de trabalhar ao nosso redor e apesar de nossas construções humanas. Por ver fome espiritual entre o Seu Povo, Ele descobre um modo de ministrar às suas necessidades.

Por exemplo: Ele pode dar a um pastor uma mensagem ungida; pode inspirar um irmão ou uma irmã para orar pela cura de uma outra pessoa, pela libertação de alguém ou por qualquer outra necessidade; pode levantar alguns para interceder pelo grupo e pela

liderança; e sem dúvida, Ele irá usar os diferentes membros para espalhar o Evangelho aos ímpios.

Essas e muitas outras coisas Deus fará entre nós, apesar de qualquer estrutura religiosa humana que tenhamos.

Talvez muitos fiquem confusos, interpretando mal o fato de Deus agir entre eles, entendendo que têm Sua bênção sobre tudo o que estão construindo. Já que eles vêem que Deus os está usando em algumas coisas, então supõem que Ele está aprovando *tudo* o que eles fazem. Eles se enganam, achando que os frutos que vêem são o resultado das ações deles.

A verdade é que Deus responde a corações abertos. Quando vê anseios espirituais entre o Seu povo, Ele faz tudo o que pode para suprir suas necessidades. Ele encontrará maneiras de trabalhar ao lado das construções humanas para cumprir os Seus propósitos. Portanto, alguém pode perguntar: Então, por que a estrutura é tão importante? Que diferença faz o modo como construímos? Por que esse autor se preocupa tanto em construir somente com materiais divinos e da maneira desejada por Deus se os resultados são os mesmos?

O problema com a construção inadequada é que ela atrapalha a obra de Deus. Ela fica no Seu caminho. Embora Ele possa encontrar maneiras de trabalhar ao redor dela e ao lado dela, ela é uma espécie de obstáculo para aquilo que Ele verdadeiramente quer fazer no Seu corpo e com o Seu corpo. O nosso Senhor deseja fazer muitas coisas e o fará, se dermos abertura para isso.

Se a nossa construção não for simplesmente um impedimento, Jesus pode trabalhar por meio de nós muito mais eficientemente. Se aprendermos a trabalhar lado a lado com Deus, usando os Seus materiais, nosso trabalho para Ele será muito mais efetivo. Se o que nós fazemos da maneira errada, usando materiais errados, pode ser um pouco usado por Ele, imaginem o que Ele fará se nós realmente trabalharmos de acordo com o Seu plano.

O poder de Deus e as Suas bênçãos serão muito mais abundantes, se fizermos as coisas do jeito Dele. Muitos ímpios se converterão. Muito mais vidas serão verdadeiramente transformadas. Muito mais casamentos serão restaurados. Mais curas acontecerão. Mais discípulos verdadeiros serão feitos por Ele. Esses e muitos outros benefícios ocorrerão quando aprendermos a trabalhar junto com Ele, usando os Seus materiais. Quando

aprendermos a permanecer Nele, iremos produzir muito mais frutos e estes frutos serão do tipo que dura para sempre, passando pelo teste do dia do Julgamento (Jo 15:5).

Então devemos tolerar a mistura? Certamente que não! Se nós expurgarmos o “velho fermento”, seremos santos para o Senhor (1 Co 5:7). Se trabalharmos junto com Ele para limpar o Seu Templo, Sua presença será manifesta entre nós muito mais poderosamente! À medida que começamos a construir junto com Ele, usando os Seus materiais, Ele realmente vai começar a viver permanentemente entre nós.

Esta experiência de ter Deus morando e Se movendo no meio de Seu corpo, é um tipo de experiência que poucos têm conhecido de maneira poderosa. Entretanto, esta é a Sua vontade. Quando nós correspondemos aos Seus critérios e construímos algo que seja verdadeiramente a Sua casa, Ele virá e fará morada entre nós. Isso resultará em um tipo potente de cristandade, com a qual muitos nem sequer sonharam. Então, não vamos nos satisfazer com uma construção onde Deus nos visite apenas de vez em quando, mas, sim, com uma onde Ele Se agrada em morar.

PURIFICANDO O TEMPLO

O Novo Testamento relata que Jesus fez um tipo de chicote e purificou o Templo, mas uma leitura cuidadosa das Escrituras mostra um fato ainda mais interessante. Parece que Ele purificou o Templo duas vezes, uma no começo de Seu ministério e, de novo, no final. No Evangelho de João, esse episódio é registrado imediatamente depois do primeiro milagre de Jesus. Durante a Páscoa, Ele fez um chicote de cordas e lançou fora os cambistas e os animais. Isso foi no início de Seu ministério (Jo 2:13-16). Mas também no Evangelho de Lucas, depois da “entrada triunfal” de Jesus em Jerusalém, montado em um jumento, lemos: “Então Ele entrou no Templo e começou a expulsar os que estavam vendendo” (Lc 19:45NVI). Parece claro que aconteceu uma segunda purificação – algo que Ele fez no final de Seu ministério.

É possível considerarmos esses eventos como proféticos, pois, quando o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes, Deus fez uma “limpeza” em Seu Templo. Ele arrancou o Seu Povo da velha forma religiosa do Judaísmo e começou uma construção nova

e limpa. Entretanto, durante anos, entre aquela época e hoje, o homem tem feito muitas coisas para novamente poluir e degradar o que Deus considera santo.

Vamos pensar nisto por um momento. Será possível que nestes últimos dias, no final da “Era da Igreja”, Ele queira purificar outra vez o Seu Templo? É possível que nesta “última hora” Jesus outra vez deseje levantar Seu povo e fazer uma obra purificadora?

A minha crença é que será assim. Meu contato com homens e mulheres em toda parte do mundo me leva a acreditar que esse é o Seu plano. Essa revelação do Seu Templo não é isolada ou única. É uma visão que Deus tem dado a muitos no meio de Seu povo, em muitas partes do mundo nestes últimos dias.

Com isto em mente, a questão agora é esta: Você deseja trabalhar junto com Deus nesse projeto? Você está pronto a desistir de toda forma religiosa vazia e se mover com o Espírito Santo na obra que Ele está fazendo hoje? O seu coração pode responder ao chamado de Deus para purificar Seu Templo e construir Sua verdadeira casa?

Se pode, esta é a hora. Hoje é o dia para rejeitar todos os esforços humanos e métodos terrenos. Agora é a hora do arrependimento de tudo o que temos feito, usando apenas madeira, feno e palha. É agora, no final desta era, que precisamos atender ao Seu chamado e ajudar a preparar Sua Noiva para a Sua volta.

4.

ONDE DEUS MORA

O Senhor nosso Deus não mora em uma casa construída por mãos humanas. Isso está muito claro em Sua Palavra, onde lemos: “O Deus, que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo Ele Senhor do céu e da Terra, não habita em santuários feitos por mãos de homens” (At 17:24). Claro que muitos crentes compreendem que isso significa que Deus não reside em algum tipo de templo ou catedral de construção terrena.

Não importa o quanto sejam ornamentados, bonitos ou elaborados, Deus não é atraído por templos terrenos e não mora neles. Embora algumas pessoas admirem construções religiosas extravagantes e confundam esse sentimento da alma com uma bênção espiritual, a verdade é que Deus não mora e nem nunca irá morar em algum tipo de edifício físico. Muito menos, Ele habita em uma caixinha dourada na frente da catedral, ou em qualquer tipo de imagens, sejam elas feitas de porcelana, plástico, madeira ou metais preciosos. A maioria dos crentes verdadeiros de hoje compreendem essa verdade.

Mas o que muitos falham em perceber é que Deus também não vive em organizações humanas. Estou querendo dizer com isso que Ele não habita em grupos cristãos que se tenham formados por esforços meramente humanos. Esse é um ponto que talvez seja muito difícil para alguns compreenderem. Embora a maioria saiba que Deus não mora em uma casa de tijolos ou pedras, muitos têm um conceito fortemente arraigado de que Ele, na verdade, mora em qualquer grupo cristão que se intitula “igreja”. Nós facilmente imaginamos que Deus vive em nossa organização particular.

Contudo, à medida que recebemos uma revelação celestial, começamos a compreender que a casa de Deus é viva. Não é uma estrutura estática, mas algo que é cheio de Sua Vida. O corpo de Cristo – o lugar onde Ele realmente vive – é um organismo vivo. Não é uma organização. Tal residência viva não é um produto do esforço ou da vontade humana. Não é algo que o homem possa criar sozinho. É resultado de Sua Vida

sobrenatural. É algo que cresce e toma a forma que Ele deseja como resultado de Sua própria Vida eterna.

Portanto, podemos facilmente entender que nosso Senhor não irá morar em qualquer grupo cristão, a menos que este seja um produto de Sua própria Vida. Não é suficiente que a nossa igreja seja “bíblica”. Não é o bastante que um grupo cristão pareça se conformar aos padrões do Novo Testamento. Só o que O atrai é a Sua Noiva viva (o Seu corpo) com a qual Ele deseja viver por toda a eternidade. Somente aquilo que é produto de Sua Vida sobrenatural servirá para ser a Sua habitação.

Ao começarmos a ver com mais clareza a casa de Deus, somos levados a concluir que, se o nosso grupo é resultado de capacidade humana, Deus não irá morar nele. Se nossa igreja é o resultado da habilidade organizacional, do esforço terreno, da liderança especial (não importa o quanto ela possa ser carismática), do talento administrativo ou de atrações populares, ela realmente não é a casa de Deus.

Simplesmente colocar o nome “igreja” em nosso grupo não irá qualificá-lo para ser a habitação eterna de Deus. Simplesmente organizar algo que parece ser bom e “religioso,” do ponto de vista humano, não garante Sua aprovação. Qualquer coisa que seja feita por mãos humanas não se adapta para ser o lugar da morada de Deus.

OS BLOCOS FUNDAMENTAIS DA CONSTRUÇÃO

Os materiais, os blocos fundamentais para a construção da casa de Deus, são individuais e não grupais. Ele habita pessoalmente em homens e mulheres, individualmente. Nós lemos que nós somos o templo do Deus vivo e que Ele irá morar em nós (2 Co 6:16). Também lemos que nossos corpos são o templo do Espírito Santo (1 Co 6:19). Desta forma, homens e mulheres, individualmente, são os materiais da casa de Deus.

Portanto, para que a casa de Deus seja edificada, os crentes, que são esta casa, precisam deixar que a Vida de Deus cresça neles. É necessário que eles amadureçam e se tornem aquilo que Deus deseja que eles sejam. Este crescimento individual de cada membro é o que faz com que Sua casa seja edificada. Não é suficiente juntar um grande número de pessoas, mas o crescimento dos indivíduos faz com que o todo funcione em plenitude.

Vamos analisar um pouco melhor este pensamento. Se nós desejarmos construir a casa de Deus, precisamos concentrar nosso trabalho nos materiais, os blocos básicos, que são os indivíduos. Precisamos centralizar nossos esforços em ajudar cada pessoa a crescer em Cristo. Precisamos aprender como ministrar Cristo uns aos outros, de modo que eles possam amadurecer espiritualmente. Deste modo, a casa de Deus será edificada.

Se desejarmos construir o templo do Espírito Santo, só há um modo de fazê-lo. Precisamos encher-nos com a Vida sobrenatural de Deus diariamente. Precisamos cultivar uma intimidade com Jesus, comendo e bebendo Dele, para nos enchermos daquilo que Ele é. Após nos enchermos, podemos “ministrar” ou compartilhar esta Vida com outros crentes (ou mesmo com os ímpios) com os quais temos contato. Ao compartilharmos Jesus com os outros, eles também irão crescer até à Sua estatura.

Isso nem sempre tem acontecido hoje. Muitos estão trabalhando para formar algum tipo de grupo. Seu foco é a aparência do conjunto total. Eles estão tentando montar um tipo de estrutura na qual os crentes se ajustem. Estão organizando, administrando, planejando e fazendo. Estão ocupados construindo a sustentação da obra, da maneira como eles pensam que a igreja deveria ser. Estão trabalhando para manter um grupo unido, o que para eles parece ser “uma igreja”.

Mas, muito desse esforço não faz com que os membros cresçam em Vida. Muito freqüentemente, uma coleção de indivíduos assim é exatamente isto: um grupo de crentes cujas vidas não são realmente transformadas à imagem de Cristo. Geralmente muitos desses crentes são mantidos por uma estrutura que alguém fez e não estão realmente crescendo espiritualmente. Conseqüentemente, o grupo não se torna um lugar onde a presença de Deus vem e faz morada.

Já que Deus mora em indivíduos cristãos, quando estão juntos, há uma manifestação da Sua presença. Mas esta manifestação – o poder de Sua presença – é inteiramente dependente do grau de intimidade de cada indivíduo com Ele. Quanto maior for o espaço dado a Ele por cada um em sua vida, mais poderosamente Ele será expresso no grupo e por meio do grupo. Quanto mais maturidade espiritual e mais amor por Jesus tiver cada membro, mais o grupo será realmente o Seu templo.

A ênfase dos ensinamentos de Jesus, e do Novo Testamento em geral, é nos materiais individuais, os blocos de construção, por assim dizer, e não na aparência do

conjunto. Não é desejo de Deus simplesmente juntar um número impressionante de crentes. Não faz parte de Seus planos que a igreja seja um tipo de organização bem sucedida. Ele não é atraído por isto.

Seremos coletivamente o Seu lar, somente à medida que cada membro do corpo se abra para ser Sua habitação individualmente. Seu desejo é que cada um de nós seja santificado, transformado e esteja pronto para recebê-Lo como morador, para que Ele possa Se mover por meio de nós.

Talvez uma analogia possa ajudar aqui. Vamos supor que uma pessoa muito rica tenha contratado um construtor para lhe fazer uma casa de blocos de granito. Vamos imaginar que o construtor tenha empregado outros materiais no lugar do granito. Ele queria construir mais rapidamente e de maneira mais barata. Então, usou tábuas e madeira compensada e, para que parecesse granito, ele prendeu um tipo de chapa plástica no exterior, muito parecida com a rocha genuína. É até possível que, no final, ele tenha conseguido chegar a algo que se assemelhava ao plano original.

Quando o dono da casa chegar para ver o trabalho, ele se agradecerá do resultado? Ficará satisfeito com a obra? Ou ele se recusará a morar em uma casa feita com materiais inferiores e mais baratos? Não há dúvida de que ele não pagará pela obra e não se mudará para essa casa de imitação.

Quanto menos irá o Deus do Universo morar em algo que não é feito com os materiais corretos e que não foi construído de acordo com os Seus planos. Nesse caso, assim como é com a Igreja, o material individual é que é essencial, não simplesmente a aparência do conjunto.

Esta distinção é muito importante. Se formos colaborar com Deus construindo a Sua casa, precisamos compreender como é o lugar em que Ele vive. Ele não vive em organizações cristãs que foram formadas por esforços humanos, e que, por meio de métodos terrenos, mantêm seus membros agregados.

Todavia, nós muitas vezes encontramos servos de Deus bem intencionados, trabalhando para conseguir agregar um grande número de crentes, debaixo do mesmo teto. Eles estão usando sua personalidade e talentos para agrupar as pessoas em volta deles ou de seus ministérios, supondo que ali seja a casa de Deus.

Muitas pessoas hoje comentam sobre maneiras de fazer “a igreja delas” crescer. A

idéia principal parece ser a de conseguir aumentar o número de pessoas que assistem aos cultos. Vários métodos estão sendo empregados com esse intuito, incluindo novos edifícios, novos programas, ênfase em alguns dons, experiências etc. Mas simplesmente aumentar o número de membros nada faz para construir a casa de Deus a não ser que esse aumento seja de ímpios que verdadeiramente tenham nascido de novo. A casa de Deus não é construída pelo crescimento meramente numérico. Construir uma organização religiosa não é a mesma coisa que construir o templo do Deus vivo.

A idéia de Deus não é construir um grupo, mas sim edificar cada homem e cada mulher que formam os grupos. Sua intenção é que nós edifiquemos uns aos outros. É assim que iremos nos ajudar a crescer espiritualmente. À medida que crescemos, damos mais “espaço” para Ele viver e Se mover dentro de nós e através de nós. À medida que nos edificamos uns aos outros na fé santíssima (Jd 1:20), estamos construindo o lugar de residência de Deus. Essa é a nossa tarefa. Jesus nos instruiu a ir e a fazer discípulos. Isto significa auxiliar outros a virem para Jesus e a se submeterem a Ele. É o próprio Deus, então, que toma esses “materiais” e os ajunta conforme Sua vontade (1 Co 12:18).

A manifestação de Sua presença em qualquer reunião de crentes depende dos corações dos indivíduos que ali estão reunidos. Não tem nada a ver com o bom funcionamento da organização. Não depende do número de pessoas presentes. Deus não é atraído por nossos programas ou “ministérios”. Então, o que estamos construindo? Se Sua presença é atraída por homens e mulheres abertos a Ele, e não por nossa superestrutura, onde deveríamos estar investindo nosso tempo?

Agora, alguns podem argüir: “Mas a Bíblia diz que onde dois ou três se reunirem em nome dele, Ele aí estará no meio deles”. Sim, Jesus visita nossos encontros. Mas, quero repetir, a intensidade de Sua presença vai estar diretamente relacionada com a abertura dos corações das pessoas envolvidas. Quando os corações das pessoas presentes estiverem fechados, elas não poderão sentir a Sua presença.

A visitação de Deus não depende da posição doutrinal do grupo. E nem está baseada em aparência exterior ou qualquer outro fator superficial. Deus olha para os corações dos indivíduos. Além disso, a qualidade do ministério que recebemos Dele e a profundidade de nossas experiências em tais circunstâncias coletivas estão diretamente relacionadas com a fome espiritual e a abertura daqueles que estão envolvidos. Tudo isso é

para dizer que a experiência espiritual do grupo depende dos indivíduos nos quais a obra de Deus está sendo feita.

DEUS NUNCA NOS DISSE PARA ORGANIZARMOS GRUPOS

Em nenhum lugar no Novo Testamento, somos instruídos a tentar edificar um tipo de grupo, de igreja ou de organização religiosa. Isso é muito importante. Nunca nos falaram para tentar ajuntar um grande número de crentes e organizá-los em algum tipo de grupo. Nunca fomos ensinados que deveríamos construir “uma” igreja. Nunca fomos exortados a formar alguma organização cristã.

É nosso trabalho, sendo dirigidos pelo Espírito Santo, nos edificarmos uns aos outros. Essa é a nossa parte da obra. Então é *trabalho do próprio Deus nos colocar juntos*. Essa união não é um trabalho que o homem possa fazer, nem uma obra que tenhamos sido instruídos a realizar. Uma leitura cuidadosa do livro de Efésios ajudará o leitor a ver isto mais claramente. Foi Deus quem “nos ressuscitou” e “nos fez sentar juntamente com Ele nos lugares celestiais” (Ef 2:6).

Jesus disse explicitamente: “Eu edificarei a minha igreja” (Mt 16:18). Lemos que “o *Senhor* lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos” (At 2:47-NVI). Foi o próprio Deus quem colocou junto esse grupo. Os primeiros cristãos não trabalhavam para convencer as pessoas a se juntar ao seu grupo, mas para apresentá-las a Cristo. Eles não estavam tentando formar um novo tipo de sociedade, mas sim viver pelo Espírito Santo e compartilhar Jesus com o mundo. A Igreja ou as igrejas que surgiram foram um resultado espontâneo da ministração de Jesus. Elas eram o fruto automático da pregação do Evangelho. Esses resultados não foram conseguidos por crentes tentando organizar grupos, mas um produto da Vida de Jesus sendo vivida entre eles.

Lemos em Zacarias 6:12,13, que o trabalho do Filho de Deus é edificar o templo do Senhor. Ali lemos: “Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; Ele brotará do seu lugar e edificará o templo do Senhor. *Ele mesmo edificará o templo do Senhor* e será revestido de glória, assentar-se-á no Seu trono e dominará e será sacerdote no Seu Trono...”

Deus também diz: “O céu é o meu trono, e a terra, o escabelo dos meus pés, que casa me edificareis vós?” (Is 66:1). A resposta é que não existe casa que possamos edificar para Ele. Nada que possamos construir irá agradá-Lo. Nenhuma de nossas organizações humanas e terrenas funcionará. Não importa o que possamos construir, não importa o quanto seja bom ou quão bíblico possa parecer, não podemos, nunca, construir algo onde Deus possa morar. Somente Ele pode fazer isto.

Não podemos construir a casa de Deus. O melhor que podemos fazer é trabalhar em colaboração com Ele. Esta cooperação é feita quando ajudamos a preparar os materiais. É Ele, então, quem os coloca juntos, da maneira como Lhe agrada.

A igreja primitiva, que talvez julgamos ser um tipo de “grupo”, era obra de Deus e não de homens. Era o resultado natural e espontâneo da obra de Jesus Cristo nos corações dos homens e das mulheres, individualmente. Foi Ele quem os reuniu. Também era Sua a responsabilidade de mantê-los juntos, se assim o desejasse. Em nenhum lugar do Novo Testamento, encontramos os apóstolos correndo atrás de ajuntar crentes a fim de agrupá-los.

Muitos crentes estão, hoje em dia, tentando montar algum tipo de estrutura ou madeiramento para a igreja. Por exemplo, eles acham que, se podem providenciar encontros, orações, louvores, vários ministérios, como a Escola Dominical, grupos de adolescentes etc., então, os crentes podem se encaixar nessa organização. Eles podem usar essa estrutura para “apoiar” nela as suas vidas espirituais. Os membros, então, são levados adiante passivamente pelas atividades e ministérios dessa organização.

Infelizmente, esse é, exatamente, o tipo de obra do qual falamos no capítulo anterior. É tentar fabricar uma estrutura e esperar que ela se encha de Vida. É tentar fazer talos, pétalas, flores e folhas de seda e arame e não deixar simplesmente que a vida da planta cresça. Qualquer tipo de estrutura ou madeiramento organizacional, que possa ser fabricado por seres humanos, nunca se tornará a casa eterna de Deus.

Nossa meta, nossa única meta, é ministrar Jesus uns aos outros e ao mundo. Nosso chamado é para edificar indivíduos. Nosso trabalho é edificar o templo de Deus, que é constituído por homens e mulheres.

Deus então irá usar esses materiais de construção, irá colocálos juntos em um arranjo divino, que somente Ele pode fazer. Ele irá construir a Sua Igreja! Ele fará o edifício, juntando as partes separadas. Nossa parte é ministrar Jesus Cristo uns aos outros e deixar

os resultados com Ele.

COMO FUNCIONA

Quando somos bem sucedidos ao ministrar Vida a outras pessoas, elas amarão mais a Deus; aprenderão a andar em intimidade com Ele; aprenderão a ouvir a Sua voz e a Lhe obedecer. Conseqüentemente, desejarão estar junto com os outros que sentem esse mesmo amor. Então irão procurar companheirismo. Elas irão naturalmente procurar por chances de se juntar a outros para orar, louvar e compartilhar. Assim, a casa de Deus irá crescer e será edificada.

À proporção que cada um segue a liderança do Cabeça e compartilha sua porção de Vida com o resto, a casa de Deus começa a aparecer. Todos os aspectos da Igreja que vemos no Novo Testamento, incluindo encontros, ministérios, uso de dons etc., começarão a se manifestar automaticamente entre qualquer grupo de crentes que caminham amando e seguindo a Jesus. A Vida Dele irá produzir isso, irá sempre produzir tão somente a Igreja. Deus os conduzirá a tudo o que Ele tem preparado para os que O seguem.

Este conceito é muito simples, embora muito profundo. Se nós, como criancinhas, simplesmente amarmos e seguirmos a Jesus a cada dia, a Igreja brotará. A casa de Deus aparecerá como resultado de Sua Vida. O edifício será o produto de um trabalho sobrenatural. Será algo edificado por Jesus.

Aqui não há lugar para mãos humanas. Não há necessidade de planos e esquemas de homens. Não há necessidade de madeiramentos organizacionais e de estruturas humanas. À medida que simplesmente vivemos Jesus, Sua Vida irá produzir a Igreja. De fato, não há outro modo de se atingir este objetivo.

Por favor, preste cuidadosa atenção nisto. Não há outro modo de construir o templo do Senhor, a não ser permitir que a Vida do Senhor o faça. Somente Ele é capaz de fazer a obra. Com Jesus vivendo em nós e por meio de nós, haverá uma estrutura sobrenatural sendo construída. À medida que O seguimos a cada dia, ministrando-O aos outros, Sua morada aparecerá. A ministração da Vida eterna resultará na edificação da casa de Deus. A Vida de Deus sempre irá crescer na forma da Igreja que Ele deseja. Qualquer

coisa que passe disso é apenas uma substituição humana.

Esse modo de edificar quase nunca será impressionante. Aqueles que escolherem edificar com a Vida, dificilmente ficarão famosos, muito procurados ou populares. Suas obras nunca irão competir em termos de grandeza e números com os esquemas dos homens. O modo de Deus tem sido sempre um caminho modesto e humilde.

Precisamos preparar nossa mente para isso. Precisamos imaginar, antes de começarmos, que nossa obra não vai massagear nosso ego ou elevar a nossa popularidade. Nossos corações precisam estar preparados para simplesmente obedecer a Jesus e nunca procurar por resultados que o mundo considera impressionantes. É apenas nos humilhando e nos tornando como criancinhas que seremos bem sucedidos em entrar no Reino de Deus (Mt 18:3).

Quando o primeiro broto de uma planta irrompe da terra, nunca é algo pomposo. Não parece ser grande coisa. Contudo, é a coisa real. Portanto, nunca deveríamos julgar nossa obra ou qualquer outra em termos seculares. Nunca deveríamos procurar por sucesso, números grandiosos, fama etc., para ver se o que estamos fazendo agrada a Deus.

O único padrão de qualquer obra é se estamos obedecendo a Deus. Se O estamos seguindo fielmente em tudo o que fazemos, então nossa obra será aprovada. Por outro lado, se ambicionamos o sucesso e toda a pompa que o acompanha, então teremos muitos problemas ao tentar construir a casa de Deus a Seu modo.

A NECESSIDADE DE FÉ

Construir à maneira simples da Vida requer fé. Exige que cada um tenha um relacionamento de fé com Jesus Cristo. Precisamos acreditar que, se apenas O seguirmos a cada dia, fazendo o que Ele nos conduz a fazer, Ele irá produzir os resultados. Isso requer muita fé. Precisamos crer que Jesus fará o que Ele disse que faria – construir a Sua Igreja. Precisamos confiar que, enquanto fazemos nossa pequena parte no plano de Deus, Ele cuidará do resto.

Se não tivermos tal fé, então começaremos a fazer coisas por nós mesmos. Por ser o modo da Vida freqüentemente vagaroso e nada impressionante, sempre haverá uma

grande tentação para que o homem dê uma mãozinha a Deus. Muitas vezes haverá coisas que imaginamos precisam ser feitas para acelerar um pouco o processo. Haverá freqüentemente a oportunidade de estender as mãos humanas e tentar fazer a obra de Deus no lugar Dele.

Edificar com Vida é caminhar por fé e não por vista. Mas esse tipo de caminhada é muito difícil para o homem natural. É normal para os seres humanos dependerem apenas de coisas tangíveis. Eles confiam facilmente naquilo que podem ver, ouvir e sentir. Conseqüentemente, os homens tendem a buscar algo exterior e terreno. Qualquer homem ou mulher de Deus que quiser construir com Sua Vida, precisa continuamente estar alerta contra essa tendência humana.

As estruturas religiosas fornecem tais escoras tangíveis para a alma humana. A organização humana freqüentemente atrai bastante o homem natural. É sempre muito mais fácil que homens e mulheres se sintam confortáveis com algo mental, regularmente esquematizado, visível e provável.

Tais sistemas religiosos não requerem muita fé. Não demandam uma completa submissão a Deus por parte dos congregados. Eles oferecem espaço de sobra para que crentes sejam conduzidos pelas suas muitas atividades, entretenimentos e programas, estejam eles, verdadeiramente, procurando a Jesus com todo o seu coração ou não.

Esta é a razão pela qual organizações humanas parecem prosperar, enquanto que o modo de uma simples fé genuína é negligenciado. Tais sistemas têm rótulo cristão, mas fornecem também muito espaço para o homem natural. Neles, um crente carnal pode participar, sem nenhum desconforto. Freqüentemente tais estruturas humanas fornecem apenas religião suficiente para satisfazer a consciência dos assistentes, junto com uma boa dose de funções sociais e outras atividades para manter o homem natural feliz.

Uma caminhada de fé genuína demanda contato contínuo e obediência a Alguém invisível. Esta caminhada em espírito não acontece com o uso de nossos sentidos naturais. Isto significa que precisamos manter um relacionamento íntimo com nosso Salvador, o qual é intangível ao homem natural. É somente por meio dessa comunhão espiritual com Deus que somos bem sucedidos em viver em obediência a Ele e em construir Sua casa eterna. É assim, recebendo Dele o fluxo de Vida, que podemos ministrá-Lo a outros também e construir algo que O agrade.

NÃO DESISTA DE CONGREGAR

Há uma importante admoestação nas Escrituras que nos incita “a não desistir de congregar” (Hb 10:25). Esta é uma palavra essencial para todos os crentes. Se amamos Jesus e O seguimos, naturalmente desejamos estar com outros cristãos tanto quanto possível. Esse “congregar” com eles será um grande desejo de nossos corações. Um cristão obediente sempre estará procurando isto. Portanto, encontrar-se com outros crentes para louvar, orar e fazer edificação mútua será um notável aspecto da experiência da igreja viva. Na verdade, esse desejo ou a ausência dele, é um bom teste para ver se realmente estamos andando em intimidade com Jesus.

Todavia, esse versículo não pode, de maneira alguma, ser considerado como uma ordem para tentar reunir um grupo ou uma estrutura humana. Isto não é o que dizem as Escrituras. Essa exortação visa estimular os crentes a obedecer à liderança do Espírito Santo e a procurar comunhão com outros crentes.

Pelo fato de nossa natureza humana não desejar estar na presença de Deus, seja quando estamos sozinhos, seja em comunhão com outros crentes, existe uma tendência a evitar encontros e camaradagem. Portanto, somos instruídos a não permitir que a carne domine sobre nós e a fazer um esforço para continuar a procurar comunhão com os outros.

À medida que servimos uns aos outros por meio do Espírito Santo, nós todos iremos crescer, e a casa de Deus irá se expandir. Quando usamos nossos dons e ministérios para edificar indivíduos, o templo de Deus estará sendo construído. O próprio Deus juntará as peças para a edificação da casa, conforme Lhe agrada (1 Co 12:18). Então é ali que Ele irá morar eternamente: “dentro” dos homens e mulheres espiritualmente edificados e “entre” eles.

Vamos, juntos, pensar nisto. Quando aparecermos diante do Senhor, o que apresentaremos a Ele? Demonstraremos a nossa maneira de conduzir os nossos encontros? Exibiremos as novas danças ou as peças de teatro? Mostraremos os nossos grupos especiais para os jovens, para os recém-casados, para os solteiros etc.? Nossos padrões, nossas práticas e nossos planos serão de interesse para Ele? Não!

O que Deus estará interessado em ver é como o Seu trabalho de transformação foi ocorrendo em cada indivíduo. Sua atenção estará focalizada no crescimento espiritual de cada um. O que Ele desejará examinar é como cada um de nós tem sido transformado à imagem Dele. O interesse de Deus não será quantas pessoas nós conseguiremos reunir, mas o nível de maturidade espiritual de cada uma.

Então, já que estas coisas são o objetivo Dele, não deveriam ser também o nosso foco? Não deveríamos também usar nosso tempo e energia para construir o que está no coração do Senhor? Não deveríamos deixar para trás coisas que não irão permanecer e nos concentrarmos naquelas que irão?

Vamos nos perguntar honestamente: nossa organização passará no teste do Dia do Julgamento? Nossos grupos e nossas atividades brilharão como a luz do sol no dia do Senhor? Então, quanto do nosso esforço é simplesmente inútil e desperdício, ao invés de construirmos aquilo que irá perdurar por toda a eternidade?

Na Igreja de Cristo hoje, muitos têm outro objetivo. Estão se esforçando para edificar uma organização grande, bem sucedida e que cresça rapidamente. Para ser totalmente justo, creio que a maioria dessas organizações acredita que o crescimento espiritual é uma de suas metas. Eles imaginam que a maturidade será o resultado de seus esforços.

Talvez alguns pensem que irão juntar um grupo de pessoas ou “igreja” e que irão usar esta organização como um meio para edificar pessoas. Supõem que irão usar o seu grupo para levar adiante a obra de Deus. Talvez os motivos deles sejam bons, mesmo que as suas práticas sejam deficientes. O problema com esse tipo de método é que, para juntar um grupo e mantê-lo unido, são usados meios humanos e naturais.

Em vez de simplesmente ministrar Cristo, somos levados a encarar a tarefa de fornecer apoio a várias atividades para atrair pessoas, ao mesmo tempo que tentamos trabalhar no estado espiritual delas. Tentamos mantê-las interessadas em algo diferente da pessoa de Jesus Cristo e ainda assim, tentamos ajudá-las espiritualmente. Esse é realmente um caminho inadequado para fazer a obra de Deus. Não é fazer a obra de Deus da maneira como Deus trabalha.

QUAIS SÃO OS NOSSOS MOTIVOS?

Uma outra questão importante, que temos que considerar cuidadosamente diante do Senhor, é: quais são os nossos motivos? Precisamos examinar honestamente os nossos corações. Quando estamos tentando colocar junto um grupo, os nossos motivos se tornam divididos.

Sim, queremos servir aos outros em nome de Jesus, mas também queremos que eles se juntem a nós em nosso grupo. Sem dúvida, cremos que o nosso grupo é obra de Deus, então fica difícil ver que edificar a nossa organização não é o mesmo que edificar a casa de Deus.

Quando temos a motivação de fazer crescer “nosso” grupo particular ou “nossa igreja”, então, torna-se impossível não convivermos com um tipo de teia de aranha escondida atrás de nós. Falamos sobre Jesus e as coisas de Deus, mas queremos que as pessoas se juntem a nós. Secretamente, queremos prendê-las em nossa teia. Mas, quando estamos sinceramente interessados só em edificar alguém em Cristo, todos os motivos dúbios desaparecem. Então nos tornamos livres para simplesmente edificar a casa de Deus. Temos então a grande liberdade de servir aos outros sem agenda secreta. Se eles se juntam a nós ou não, não é algo que deve ser considerado.

Com esse tipo de atitude, podemos servir a outros que não concordam conosco. Podemos compartilhar Jesus com outros, em outras “igrejas”, sem tentar, secretamente, persuadi-los a deixar o que estavam seguindo para se unir a nós. Podemos ministrar sem motivos dissimulados. Podemos simplesmente falar o que o Espírito Santo está falando no momento e podemos amar aos outros sem empecilhos. Podemos viver Jesus Cristo em grande simplicidade entre outros crentes e também entre os do mundo.

Quando o nosso único motivo é edificar a casa de Deus, podemos servir e edificar a outros livremente. Este tipo de propósito nos permite viver em um tipo de inocência infantil e também em grande liberdade. Quando a nossa meta é edificar indivíduos, podemos permanecer servos humildes. Mas, quando o nosso objetivo é reunir um grupo, então muitos fatores entram em cena.

Vamos raciocinar juntos sobre isto. Se desejamos formar um grupo ou uma “igreja” distinta, esse grupo deve ficar apartado da Igreja como um todo. Caso contrário, ela não tem sua própria identificação e, portanto, não poderá ser reconhecida como um grupo. Portanto, para que esse grupo seja formado, precisamos ter alguns métodos para separar homens e

mulheres do resto do corpo de Cristo e convencê-los a aderir a nós, às nossas práticas ou aos nossos ensinamentos.

Esses métodos incluem, mas não se limitam a: persuasão emocional e mental, manobras políticas, uso de forte personalidade, uma boa maneira de “vender” seu produto e exibição de dons espirituais. Usando vários destes métodos, convencemos um grande número de pessoas de que nossas idéias, práticas e doutrinas são melhores, e que eles devem aderir a nós, assim formando um grupo identificável ou “igreja”.

Isto, queridos irmãos e irmãs, é algo feito por mãos humanas. É um lugar onde Deus não mora e nem nunca irá morar. Não é algo feito de acordo com a visão celestial. É simplesmente, madeira, feno e palha.

COMO A IGREJA DE DEUS FUNCIONA

À proporção que vivemos e trabalhamos com o foco de edificarmos uns aos outros, é provável que Deus aproxime os corações de algumas pessoas. Certamente acontecerá que o amor de uns pelos outros irá crescer. Não há dúvida de que a comunhão de uns com os outros se tornará tão agradável que eles gastarão um bom tempo juntos. À medida que eles se edificam uns aos outros, Deus irá entrelaçá-los em amor (Cl 2:2). Naturalmente, eles se reunirão para louvar, orar e se edificar. Isto é algo que Deus faz acontecer normalmente, não o resultado de um esforço humano.

Alguém de fora, que olhe para esses relacionamentos, pode pensar que isso é uma organização. Mas, na verdade é algo orgânico, vivo, algo feito por Deus e não por homens. Essa “forma” é resultado da Vida de Deus crescendo e vivendo através dos indivíduos. Esse grupo não tem paredes. Não é separado do resto do corpo de Jesus. Aqueles que participam desta comunhão não são mantidos por algum tipo de artifício, doutrina, líder ou práticas humanas. Eles estão simplesmente vivendo pela Vida de Cristo e servindo uns aos outros.

O resultado disso é a manifestação do Santo Espírito. À medida que crescemos, Ele enche o templo que é formado por pessoas que têm sido edificadas por Ele. A Igreja primitiva era resultado desse tipo de ministração. Os discípulos estavam pregando e

ensinando sobre Jesus Cristo. Eles O estavam compartilhando com o mundo e ministrando-O uns aos outros.

Automaticamente, eles queriam estar junto com outros que amavam a Jesus. O Senhor, então, os entrelaçava, de maneira que eles podiam ser vistos como um grupo. Mas, isto não era resultado de esforço humano. Não era Pedro, Tiago ou João usando seus dons e ministérios para atrair seguidores. Não era resultado de um esforço para organizar o que quer que seja. Era o resultado espontâneo da ministração do Espírito Santo.

Verdadeiramente o Senhor Nosso Deus não vive em uma casa feita por mãos humanas. Se o que estamos fazendo é resultado de nossos próprios planos, energia e esforços, então Deus não irá morar lá. Se nosso grupo é um produto de talento administrativo ou habilidade organizacional, podemos estar certos de que Ele não chamará isto de Sua casa.

Se o que estamos fazendo é realmente algo natural e terreno, mesmo se for decorado com rótulos espirituais, ele será queimado no dia do julgamento. Não importa que pareça muito bom, não importa o que os outros pensem de nossa obra, qualquer coisa feita por mãos humanas nunca será a casa de Deus.

Queridos irmãos e irmãs, esta é uma consideração extremamente séria. Embora já tenhamos pensado em várias “igrejas” ou grupos religiosos como sendo santos ou algo muito especial aos olhos de Deus, está na hora – não, até já passou da hora – de olharmos para eles *através* dos olhos de Deus.

Com a Sua santa Palavra aberta diante de nós, vamos cuidadosamente e com muita oração, examinar à Sua luz aquilo que estamos fazendo. As tradições dos homens junto com todos os rituais, práticas e “serviços” que os acompanham, não são e nem nunca serão o Templo do Deus vivo.

Nestes últimos dias, com a vinda do Senhor parecendo cada vez mais próxima, seria sábio que nós examinássemos nossas vidas diante de Deus. À Sua luz, vamos honestamente considerar a obra de nossas mãos e vamos deixá-Lo expor ou mudar qualquer coisa que não seja de autoria Dele. Que nós possamos, pela Sua misericórdia, ser considerados por Ele como construtores de obras de ouro, prata e pedras preciosas.

Como precisamos de uma visão celestial! Como precisamos subir à montanha de Deus e olhar em Seu coração! Como precisamos construir de acordo com Seu plano celestial

e não de acordo com idéias e conceitos terrenos! Sem esta revelação sobrenatural, nossa obra para Deus não será vital, penetrante e genuinamente frutífera. Além disso, ela não realizará coisa alguma que seja de valor eterno.

5.

LIDERANÇA NA IGREJA

Agora chegamos a um dos mais importantes aspectos de nossa discussão. É talvez a parte mais mal compreendida da construção eterna de Deus. A menos que tenhamos uma clara compreensão de como o corpo de Cristo é governado, grande parte do nosso trabalho será em vão.

Sem tal clareza de visão, somos levados a usar métodos humanos. Quando há falta de uma revelação celestial, temos apenas métodos seculares dos quais depender. Esses materiais naturais não podem ser usados para edificar a Noiva real. Sem os materiais divinos, não podemos construir algo onde Ele se agrada em morar, nem edificar a Noiva com quem Ele deseja casar.

Esse é um assunto muito difícil, primeiramente porque quase todos chegam a tal discussão com muitas idéias pré-concebidas. Aquilo que é comumente aceito e pregado hoje nas igrejas é considerado como padrão. Até mesmo os não crentes têm noções fortemente firmadas sobre como deve ser a liderança na Igreja. Por exemplo, se você menciona a palavra “pastor”, quase todos, até não crentes, pensam em alguém que dirige uma igreja e prega lá todo domingo. O exemplo do mundo ao redor deles os ensina. Conseqüentemente, é muito difícil falar sobre algo novo ou diferente.

Nos tempos do Novo Testamento, não havia tais padrões estabelecidos. Nunca antes houvera algo parecido com uma igreja. Eles não tinham milhares de exemplos para copiar e, assim, suas mentes estavam em um tipo de estado original. O que quero pedir a todos os leitores é que tentem chegar a esse mesmo tipo de inocência, no que se refere ao assunto de liderança na igreja.

Vamos imaginar que nós também vivemos nos tempos do livro de Atos e que todas as coisas que o Espírito Santo estava fazendo eram muito novas e frescas. Talvez desse modo possamos deixar de lado, por um momento, toda a bagagem que adquirimos e

nos voltar para Deus. Pela Sua misericórdia, pode ser que uma visão mais clara do governo de Deus em Sua casa nos seja mostrada.

Se você se abrir por um momento, não há grande risco. Você sempre poderá voltar para o que pensava antes e continuar a praticá-lo. Se o que ler aqui não lhe tocar, se o Espírito Santo não revelar nada novo ou diferente, você não perdeu coisa alguma. Ninguém mais precisa saber que você secretamente tirou um pouco de tempo para rever o seu trabalho para Deus, a fim de verificar se perdeu alguma coisa ou se existe a possibilidade de melhorá-lo.

O PRINCÍPIO DO GOVERNO

No início de nossa discussão, o primeiro e principal fundamento que precisamos entender é que Jesus Cristo é O Cabeça de Seu corpo. Isso significa que Ele é o *único* governo. Isaías 9:6 diz: "...e o governo está sobre os Seus ombros" (NVI). Ele é alguém que dirige todas as coisas. Ele é quem toma todas as decisões. Ele é o líder. Ele é a Cabeça. Lemos: "Porque Ele é a Cabeça do corpo que é a igreja" (Cl 1:18 NVI). Além disso, somos ensinados que Ele é "...cabeça de *todas as coisas* para a Igreja" (Ef 1:22 NVI). Também vemos que Ele deve ter primazia sobre "*todas as coisas*" (Co 1:18).

Vamos parar aqui um momento e meditar na analogia referente ao corpo. Deus usa essa figura para nos revelar Sua vontade e autoridade. Em um corpo humano, a cabeça dirige tudo. Nenhum outro membro pode tomar decisões. Nenhuma outra parte está qualificada para guiar as outras.

Embora o corpo seja extremamente complexo e tenha diferentes tipos de membros e órgãos, a cabeça dirige as funções de todos eles. Os olhos podem ser muito aguçados, mas nunca conseguem dirigir o corpo. O coração pode ser muito saudável, mas ele nunca pode tomar decisões. As pernas podem ser fortes, mas elas não dão direção aos outros membros. Embora haja um sistema de nervos que transmitem a vontade da cabeça a todas as outras partes, estes nervos nunca se tornam capazes de pensar, raciocinar e então tomar decisões por conta própria.

Assim também é no corpo de Cristo. Jesus foi colocado pelo Pai como a Cabeça

de *tudo*. Até hoje, Ele ainda mantém esta posição. É intenção de Deus que Jesus governe cada movimento de Seu corpo. Cada obra, cada palavra, cada aspecto do corpo deve ser governado pela Cabeça. Nenhum outro membro pode substituí-La. Ninguém mais pode tentar usurpar ou compartilhar dessa autoridade. Jesus Cristo é perfeitamente capaz de sustentar cada molécula do Universo. Então, Ele também é capaz de funcionar como a Cabeça de todas as coisas para a Igreja.

Contudo, a Igreja hoje parece ser um tipo de monstro mitológico, como Hidra, uma criatura com muitas cabeças. Para onde se olha, há sempre muitos homens e mulheres afirmando ter autoridade. Eles estão governando, dirigindo e direcionando um ou outro tipo de igreja, a todo vapor. Talvez sem imaginar, muitos crentes estejam competindo com Jesus para ser a Cabeça de pelo menos uma parte de Sua Igreja.

A cada dia, uma outra “cabeça” começa a brotar, reivindicando ter um mandado do Senhor para dirigir uma parte de Sua obra. Muitos deles estão insistindo em que os crentes se submetam à sua autoridade, já que ela foi “recebida de Deus”. Mas, a qual deles devemos nos submeter? Qual dos milhares ou mesmo dos dez milhares de figuras de autoridade, que vemos na igreja hoje, é realmente a verdadeira?

O PROBLEMA DA INVISIBILIDADE

Talvez uma grande parte do problema que temos em compreender e tentar seguir o governo da verdadeira Cabeça é que Jesus é invisível. Não podemos vê-Lo com nossos olhos físicos. Porém, o homem natural acredita em coisas visíveis. Ele gosta de coisas que são tangíveis, de algo que possa ver, saborear, sentir e ouvir. Para ele, isso é real. O mundo espiritual, por outro lado, é um pouco místico demais e, portanto, não confiável.

Entretanto, de acordo com a Bíblia, as coisas espirituais são, de fato, as mais reais. Elas são mais “reais” do que o mundo físico, no qual tanto acreditamos. 2 Coríntios 4:18 diz “...porque as [coisas] que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.”

Aqui precisamos ajustar nosso pensamento. Nossa confiança no físico e no tangível deve ser substituída por uma completa dependência de nosso invisível Senhor. Por

meio de nossa fé, precisamos desenvolver um relacionamento íntimo com Jesus. Precisamos aprender a conhecê-Lo, a ouvi-Lo e a segui-Lo.

Isso é absolutamente essencial para cada crente. Ninguém mais pode fazer isso por você. Cada cristão, sem exceção, necessita se tornar um seguidor de Cristo. E isso exige que mantenhamos uma intimidade com Ele, pela fé.

Não é suficiente que alguém simplesmente se conforme a alguns padrões bíblicos. Não é o bastante se ajustar a algum tipo de grupo, aceitando seus costumes e suas metas. Não é intenção de Deus apenas darmos nossa aceitação mental a um conjunto de doutrinas ou práticas. Seu pensamento é que venhamos a conhecê-Lo pessoal e intimamente. Além disso, Seu desejo é que, por meio desse relacionamento íntimo e real, Ele seja capaz de nos guiar em todos os aspectos de nossa vida.

Deste modo, Ele pode ser nossa Cabeça. À medida que O conhecemos e O seguimos, Seu governo sobre nossas vidas se torna mais real. Ele pode dirigir nossas atividades diárias e nos mostrar Suas vontades e Seus métodos. Até mais do que isso, Ele pode começar a guiar nossos pensamentos e nossas emoções. Sua soberania pode começar a afetar nossas atitudes e nossas opiniões. Nossos desejos, expectativas e mesmo os nossos medos podem se sujeitar à Sua autoridade.

Assim como nossa cabeça humana guia não apenas o nosso corpo, mas cada aspecto de nossa vida psicológica, assim também Jesus pode reinar sobre toda a nossa vida. Desta forma, a Vida e a natureza de Deus podem ser manifestas em nós e por meio de nós. Esta é a verdadeira Cristandade. Esta é a verdadeira casa de Deus.

Todavia, é dolorosamente óbvio que nem todos os crentes estejam conseguindo, até nem procurando viver nessa intimidade e obediência. É triste, mas é verdade que muitos que se chamam de cristãos têm muito pouca intimidade com o Senhor e não têm idéia de como escutá-Lo e de como segui-Lo. É aqui então que se levanta uma grande tentação que se manifesta em dois aspectos que procuraremos detalhar.

Primeiramente, há aqueles que têm algum relacionamento com Jesus. Eles têm uma medida de consagração e fé, e ouvem a Deus num grau maior ou menor. Então, quando vêem que outras pessoas estão andando por aí sem qualquer direção da Cabeça, eles querem ajudá-las.

Mas, se não forem cuidadosos enquanto estiverem tentando ajudar outros, eles

próprios se tornarão uma cabeça. Pouco a pouco, eles começarão a ser um senhor nas vidas desses indivíduos. Eles começarão a dar conselhos e direção. Orientarão outros a buscar as metas que Deus mostrou a eles. Eles irão ensinar, pregar, “discipular” e liderar. Logo, terão um grupo completo de seguidores.

O problema é que, freqüentemente esses seguidores não foram levados a uma intimidade com Jesus. Eles não conseguiram estabelecer um relacionamento com Ele, para que Ele dirija suas vidas. Em vez disso, começaram a confiar e a seguir uma liderança humana. Como resultado, não estão sendo transformados à imagem de Cristo, mas estão simplesmente conformados à imagem de um líder ou do grupo a que se uniram.

É bem possível que o conselho e a direção que receberam possam ser “verdadeiros”. Podemos imaginar que o ensino que ouviram se fundamente na Bíblia. Contudo, tudo isso pode ser feito sem aproximar ninguém de Deus. É bem possível que eles simplesmente se tornem dependentes de um outro homem.

Pode ser que esses indivíduos possam aparentar uma pequena mudança. Talvez alguns de seus pecados mais graves tenham desaparecido ou se ocultado. Pode ser que os seus hábitos e estilo de roupas, corte de cabelos etc., tenham se modificado. Aos olhos do grupo, eles agora são considerados “bons cristãos”.

Mas, se eles não desenvolveram o tipo de comunhão com o Deus invisível que se tornou a fonte de sua vida e direção, todas essas mudanças foram em vão. Se eles não chegaram a uma total submissão de todo o seu ser à autoridade da Cabeça, perderam a verdadeira meta. Se não desenvolveram uma íntima caminhada diária com o Salvador invisível, eles realmente não foram ajudados. Essas pessoas foram conformadas a algum padrão, mas não transformadas à imagem de Jesus.

Acredito que a grande maioria de tais líderes comece com as melhores intenções. Querem ajudar o povo de Deus. Sentem compaixão por aqueles que não aproveitam o relacionamento com Jesus da mesma maneira que eles.

Então, trabalham para ajudá-los. Mas, se não forem cuidadosos, é extremamente fácil, querendo ou não, induzir outros a serem dependentes deles. É muito simples começar a se colocar no lugar de Jesus na vida dos outros.

Embora acreditemos ver algumas mudanças em suas vidas, se eles não se tornaram íntimos de Jesus e não aprenderam a realmente segui-Lo, tudo isso é inútil. A

menos que tenhamos recebido uma visão celestial, é muito fácil construir algo que não irá suportar qualquer teste. É possível também gastar muito tempo e esforço construindo uma casa na qual Deus não irá morar.

O PROBLEMA DO ORGULHO

Algumas vezes, as coisas que foram feitas com as melhores intenções não acabam bem. Podemos querer fazer a coisa certa, mas acabamos errando. Se começamos a construir sem a revelação celestial, isso pode facilmente ocorrer.

Dentro do coração de cada homem ou mulher, se esconde um pecado grave – o orgulho. Pode ser algo do qual não temos conhecimento, mas ele está lá. Então, quando outros começam a olhar para nós, quando nos honram com títulos e posições, quando o prestígio e o respeito começam a aparecer em nosso caminho, ficamos em uma posição muito perigosa.

Se aceitarmos tais coisas, quando o fazemos, caímos na “mesma condenação do diabo”. Outra tradução desse texto diz que caímos na “mesma armadilha em que o diabo caiu” (1 Tm 3:6). Jesus não aceitou honra de homens (Jo 5:41). Ele nunca tomou posição de autoridade terrena. Recusou-se a ser coroado rei (Jo 6:15). Ele evitou a fama, dizendo àqueles que curava, que ficassem quietos sobre o fato (Mt 8:4, Mt 9:30, Mc 7:36, Mc 8:26). Devemos seguir Seu exemplo.

Se também não recusarmos todas as atenções dos homens, iremos desviar do caminho de Deus. Se não aprendemos a evitar determinadas posições onde os homens olhem para nós e não para Jesus, cairemos num erro muito grave.

Ao começarmos a entender a importância da soberania de Cristo sobre o Seu corpo, essa verdade se tornará cada vez mais evidente para nós. Se nos exaltamos ou permitimos que os demais nos exaltem, isto demonstra que ainda não compreendemos a maneira certa de construir a casa de Deus.

No Novo Testamento, encontramos um conceito interessante. É a idéia de um “anticristo”. Na língua grega, esse radical “anti” tem dois significados. O primeiro, que nos

parece familiar hoje, é o significado de “contra”. Hoje, pensamos que um anticristo é alguém contra Cristo.

Mas, nos dias da Igreja primitiva, essa palavra tinha um significado ainda mais notável. Esse significado é “em vez de” ou “no lugar de”. Portanto, um anticristo seria alguém que estaria ocupando o lugar de Cristo. Em vez de Jesus Cristo ser a Cabeça e a fonte de nossas vidas, um anticristo seria alguém que O estaria substituindo neste relacionamento. Um anticristo moderno seria alguém para quem as pessoas estariam olhando em busca de direção, ao invés de olhar para Cristo.

No futuro, alguém chamado “anticristo” vai “...assentar-se no santuário de Deus ostentando-se como se fosse o próprio Deus” (2 Ts 2:4). Em outras palavras, tirando o lugar que, por direito, pertence a Deus. Mas, hoje, muitos estão, intencionalmente ou não, tomando o lugar de Jesus em Sua Igreja. Em vez de Jesus ser a Cabeça sobre tudo e sobre todos, eles é que se tornaram os líderes.

O HOMEM TENDE À DEPENDÊNCIA HUMANA

Um outro aspecto da tentação de que estamos tratando é que, muitos crentes gostam de ter um líder. Jeremias 5:31 diz: “...os sacerdotes dominam pelas mãos deles [pelas próprias forças], e o Meu Povo assim o deseja...” (VRC). Conforme vimos anteriormente, as pessoas confiam em seus sentidos físicos. Portanto, uma cabeça humana, ou um líder, é uma coisa maravilhosa para elas. Podem vê-lo, ouvi-lo e obedecê-lo. Esta é uma tendência natural da humanidade. Desde a queda de Adão e Eva, tem sido sempre assim. Seguir alguém invisível é um pouco difícil. Seguir um líder humano é muito mais fácil.

Então, é muito comum tais pessoas procurarem e olharem para aqueles que têm um relacionamento com Jesus. Elas estabelecem um tipo de intermediário, que recebe de Deus e lhes passa as instruções. O “intermediário” procura por Deus, em vez delas fazerem isso, e lhes dá conselhos, cuida de seus problemas e até mesmo faz os seus casamentos e funerais.

Assim, em vez de aprender a conhecer e a seguir a Jesus, esses homens e mulheres se ligam a uma outra cabeça. Sua dependência se fixa em uma outra pessoa. Seu

foco está em algum tipo de líder para o qual eles olham, buscando alimento espiritual e direção. Esse não é o plano de Deus. Essa não é a Sua Noiva. Essa não é a Sua casa. Esse não é o Seu corpo. É um substituto humano para todas as maravilhosas coisas espirituais que Jesus tem em Seu coração.

Estas duas tendências trabalham juntas para criar uma situação espiritual doentia: alguém com alguma vida espiritual querendo ajudar aos outros porém faltando revelação; e o fato de que o ser humano prefere depender de algo tangível.

Em vez de realmente ajudar os outros, podemos estar impedindo o seu crescimento. Sem uma profunda compreensão de como construir, é possível construir algo que bloqueie o trabalho de Deus em vez de adiantá-lo. Pode até ser que o que pensamos ser um grande trabalho para o Senhor seja realmente um substituto para aquilo que Ele gostaria de fazer. Vamos examinar mais adiante esta possibilidade.

O pensamento de Deus é estabelecer um relacionamento íntimo com cada crente, a fim de que cada um possa sentir Sua liderança e segui-la em cada aspecto de sua vida. Portanto, quando queremos ministrar a outros, esta também deve ser a nossa meta. Nosso objetivo deve ser expor e eliminar da vida de cada crente tudo o que está impedindo o seu relacionamento com Jesus.

Além disso, precisamos encorajá-los, de todos os modos, a obedecer-Lhe, a conhecê-Lo e a amá-Lo. Precisamos lhes incentivar a buscar uma total e inteira consagração à Sua vontade e à Sua obra. Precisamos constantemente orar e considerar como lhes encorajar a buscar Sua face mais e mais. É nosso privilégio exibir, por meio de de nossas vidas, palavras e obras, a natureza de Jesus, de tal maneira que isso levará outros também a uma intimidade com o Senhor. Esse é o verdadeiro ministério.

UM OUTRO OBJETIVO

Mas é possível termos um outro objetivo. Pode ser que nossa visão seja imperfeita e que estejamos tentando juntar algumas pessoas num tipo de grupo, que seja dependente de nossos dons e ministérios. Pode ser que o diabo tenha se saído bem em, sutilmente, nos

desviar do caminho de Deus, e que tenhamos começado a construir uma organização terrena em vez da casa de Deus.

Quando isso ocorre, nossa motivação é desviada. Desejando atrair membros, nossa mensagem se transforma. Em vez de procurar a profunda (e provavelmente desconfortável) convicção de que são pecadoras, queremos que as pessoas se sintam bem-vindas. Em vez de expor os pontos em que os crentes não estão bem com Deus, queremos que eles voltem e se tornem membros regulares. Em vez de ministrar o Espírito Santo, cuja principal tarefa é convencer o mundo do pecado (Jo 16:8), apresentamos vários entretenimentos e oratória inofensiva. Quando nossa visão é deficiente, começamos a agir e a trabalhar de algumas maneiras que conflitam com os propósitos eternos de Deus.

Jesus nunca modificou Sua mensagem para fazer as pessoas se sentirem bem-vindas e confortáveis. Ele sempre falou a verdade, independente das reações e dos resultados. Quando nosso único objetivo é trazer as pessoas para um relacionamento com Ele, quando não temos nossos próprios projetos e planos pessoais, então também somos livres para falar Sua palavra sem medo.

Se estamos apenas edificando pessoas, e não tentando juntar um grupo, então podemos ministrar Jesus com grande liberdade. Quando temos em vista apenas a casa de Deus e não algum tipo de sucesso secular, podemos mais facilmente ser dirigidos pelo Espírito de Deus e podemos seguir a verdade em amor (Ef 4:15).

AS PALAVRAS DE JESUS

Enquanto tentamos compreender o governo de Deus sobre o Seu corpo, precisamos ter sempre em mente os ensinamentos de Jesus. Quando lemos o livro de Atos e as Epístolas e vemos o que era ensinado e feito naqueles dias, precisamos nos lembrar de filtrar tudo através das palavras de nosso Senhor gravadas nos Evangelhos. Sem esta reflexão é possível que acolhamos alguma prática ou ensino que esteja fora da linha que Jesus ensinava.

De fato, muito do que é ensinado e praticado nas igrejas hoje, vai diretamente contra as palavras de Cristo. Uma justificativa para isto é que as pessoas recorrem às

Escrituras já com um certo ponto de vista , um punhado de idéias preconcebidas, que adquiriram no moderno Cristianismo. Portanto, elas tomam certas frases ou passagens das Epístolas e as distorcem, para amoldá-las às suas noções já arraigadas.

Os apóstolos não tinham essa bagagem extra. Passaram anos caminhando com o Senhor e as instruções Dele guiavam tudo o que faziam e o que ensinavam. Esses irmãos não modificavam os ensinamentos Dele. Eles não procuravam melhorar os ensinamentos de Jesus à medida que prosseguiam. Não colocavam em prática coisas que violavam o que haviam aprendido com Ele.

Portanto, também precisamos analisar tudo o que eles diziam ou faziam sob essa ótica. É essencial alterarmos o nosso modo de compreender este assunto, para entrarmos em harmonia com o que está registrado nos Evangelhos. Isso é muito mais seguro do que tentar alterar a Palavra de Deus para ser conveniente ou justificar nossas práticas.

Os ensinamentos de Jesus depositaram o fundamento para o exercício de toda autoridade em Sua Igreja. Tudo o que foi dito ou feito depois, que contrariava Suas instruções, foi um erro.

Além disso, qualquer coisa ensinada ou praticada hoje, que seja contrária aos Seus ensinamentos, é um sério engano. Isso deve estar muito claro para nós. O que nosso Senhor ensinou não era simplesmente um tipo de sugestão. Ninguém era ou é, hoje, livre para modificar as instruções Dele, de acordo com seus próprios caprichos.

O fundamento que Jesus claramente estabeleceu, referente ao exercício de autoridade, é absoluto! Precisamos trabalhar de acordo com Suas instruções ou estaremos agindo em desobediência.

OS PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

É lamentável, mas uma verdade, que vários tradutores da Bíblia fizeram o seu trabalho com muitos preconceitos modernos. Eles compreenderam liderança e autoridade olhando apenas através das lentes das práticas populares de seus dias. De fato, muitos deles foram clérigos de várias denominações. Conseqüentemente, em muitas versões da

Bíblia, alguns versículos-chave sobre autoridade, nas Epístolas, tem um tipo de ênfase ou alusão que não se harmoniza com os ensinamentos de Jesus.

Como todo escritor sabe, a maneira como as palavras são usadas é muito importante. As mesmas palavras colocadas em ordem diferente ou usadas com ênfase diferente, podem conduzir a idéias totalmente distorcidas. Portanto, durante a nossa investigação, examinaremos alguns desses vários versículos para ver se existem outras traduções que mostram uma compreensão mais coerente deste assunto tão importante.

ALGUNS PRINCÍPIOS BÁSICOS

Quando Jesus ensinou os seus discípulos, declarou alguns princípios básicos referentes à autoridade em Seu reino. Vamos tomar cada um destes itens individualmente e ver como eles se aplicam à nossa situação, hoje. Novamente, precisamos fazer isto com a seguinte compreensão firmada em nossa mente:

Nenhum ensinamento ou prática que julgamos encontrar no Novo Testamento irá contradizer ou substituir os ensinamentos de Jesus! Todas as coisas que vieram depois do ministério terreno Dele, incluindo o livro de Atos e as Epístolas, devem ser interpretadas e compreendidas à luz de tudo quanto Ele já havia dito.

A PROIBIÇÃO DE TÍTULOS

Talvez o primeiro princípio que atrai a nossa atenção é que Jesus proibiu o uso de títulos cortesês ou honorários entre o Seu povo. Isso mesmo. Jesus excluiu totalmente o uso de títulos na Igreja. Isto significa que não devemos usar nomes, designações ou termos especiais para distinguir indivíduos dos outros. Não deveríamos separar nenhum irmão ou irmã por reverência especial, respeito ou honra que decorrem do uso de títulos.

Lemos em Mateus 23:8-10: “Vós porém, não queirais ser chamados Rabi” (VRC). De acordo com o *Dicionário Vine* das palavras do Novo Testamento, a palavra Rabi é derivada da palavra “rab”, que significa literalmente “mestre”, o que contrasta com um

escravo. Adicionando o sufixo “ei”, significa “meu mestre”, indicando a reverente sujeição de quem fala. Tais títulos ou rótulos, incluindo a elevação que acompanha aqueles assim designados, eram e são absolutamente proibidos entre o povo de Deus.

Mais adiante Jesus proibiu o título “pai”. Chamar alguém de “Pai” é uma indicação de respeito especial e estima. Isso significa que não devemos designar nenhuma pessoa com este tipo de honra secular (a não ser aqueles com quem temos vínculo de família). E Ele continuou Seu discurso, excluindo também a designação especial de “mestre” entre o Seu povo. Essa é a palavra grega “DIDASKALOS”, que significa mestre ou professor, assim indicando alguma forma de superioridade daqueles assim intitulados. Alguns textos gregos antigos substituíram nesse versículo a palavra “KATHEGETES”, que significa “aquele que disciplina”, que significa “disciplinador”, “guia” ou “líder”. Claramente o uso de tais títulos está em oposição direta aos óbvios ensinamentos de Jesus.

Alguns têm tentado arguir contra essa verdade óbvia, citando o versículo 7 do capítulo 13 de Romanos, onde somos ensinados a dar honra a quem a honra é devida. Mas, quando lemos o contexto desse versículo, facilmente compreendemos que isso é referência às nossas atitudes para com as autoridades governamentais *terrenas*, tais como reis, presidentes etc. (vs. 1 a 6), e não em nossos relacionamentos na Igreja. Outra vez, nada que apareça nas Epístolas pode ser compreendido como contradição aos ensinamentos de Jesus.

A verdade que estivemos investigando também se aplica a todos os outros títulos religiosos. A proibição dos títulos precisa incluir palavras tais como “pastor”, “reverendo”, “bispo” e muitos outros termos de uso comum nas igrejas de hoje.

Quando pensamos nisto racionalmente, concluímos ser impossível que Jesus tivesse algum tipo de preconceito contra uns poucos termos. Seguramente, Ele estava ensinando contra a prática de usar qualquer título especial para indicar algum grau de superioridade. Ele estava nos mostrando que apenas Ele é digno de tal respeito.

Ele diz: “Porque um só é o vosso mestre [o Cristo]”, “porque um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus” (Mt 23:8-10). Ele explica que nós todos estamos no mesmo plano. Ninguém deve ser elevado acima dos outros, de modo algum. Concluindo, Ele diz: “Vós sois todos irmãos” (vs. 8). Portanto, não podemos honrar qualquer outro homem ou mulher

dando-lhes títulos respeitosos ou amáveis. Esta prática está claramente fora da vontade de Deus. É proibida!

Mas, qual é a razão para isso? Por que nosso Deus está nos ensinando a não fazer essas coisas? Porque elevar alguém sobre todos os outros, seja da maneira que for ou pela razão que for, cria uma outra cabeça sobre o corpo. Cria uma outra fonte de autoridade. Isso confere a tal pessoa a aura de ser mais capaz de se comunicar com o Senhor do que as outras. Conseqüentemente, aqueles que não são assim prendados, começam a olhar para aquela pessoa especial em vez de olhar para Jesus, em busca de direção e de alimento espiritual. Pouco a pouco, um tipo de “clero”, “sacerdócio” ou “barreira” se estabelece entre o Senhor e o Seu povo. Isso é exatamente o que Jesus nunca desejaria que acontecesse ao Seu corpo.

É PROIBIDA A AUTORIDADE DE UM SOBRE O OUTRO

Pode ser surpreendente para alguns de vocês, leitores, que Jesus tenha proibido qualquer um de Seus seguidores de exercer autoridade sobre os outros. Embora isto seja uma prática bastante comum nas igrejas atuais, é algo estreitamente proibido por Jesus.

Ele diz: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. *Não é assim entre vós...*” (Mt 20:25,26). Essencialmente, Ele está dizendo: “O mundo faz as coisas desta maneira, mas vós não podeis agir assim. A maneira humana é a de que um ser humano deve exercer autoridade sobre outro, mas na Igreja isso é proibido. “Não será assim no meio de vós.” Aqui, Jesus não está meramente proibindo autoridades abusivas, *mas toda e qualquer tipo de autoridade de um sobre o outro.*

No corpo de Cristo não há lugar para nenhuma figura de autoridade além da de Jesus. Ele é a única Cabeça. Somente Ele é autorizado pelo Pai a liderar, dirigir e comandar o Seu povo. Ninguém, absolutamente ninguém mais, deve assumir algum tipo de autoridade sobre os outros, seja ela pequena ou grande.

Essa verdade é repetida em Marcos 10:42,43, onde lemos: “Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. *Mas entre vós não é assim.*” O tipo de autoridade onde uma

pessoa manda ou tem controle sobre outra, é terminantemente proibido. Se você não compreende esta verdade extremamente básica, terá muitos problemas ao construir a casa de Deus.

Pode ser que você esteja pensando nos apóstolos, profetas, pastores e mestres citados do Novo Testamento. Possivelmente, muitas questões sobre isso estejam pipocando em sua mente. Mas, por favor, seja paciente. Chegaremos a essas questões ao seguirmos em frente com nosso assunto. Primeiro, precisamos estabelecer firmemente os princípios de Jesus. Depois, poderemos prosseguir para ver como se trabalhava na igreja primitiva e o que pode ser colocado em prática, hoje, entre nós.

Indo um pouco mais à frente, aprendemos que o exercício de autoridade de uns sobre os outros não apenas é proibido, mas é proibido pelo melhor dos motivos.

Gosto de acreditar que a maioria dos que estão agindo dessa forma na Igreja atual tem boas intenções. Eles acreditam que estão usando sua autoridade para o benefício dos outros. Estão tentando ajudá-los. Estão caridosamente exercendo autoridade sobre os outros para o seu conforto e bem estar. Interessante é que essa atitude e esse modo de agir são também expressamente proibidos por Jesus.

Em Lucas 22:25,26, lemos: “Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados *benfeitores*.” Um benfeitor é alguém que faz algo em benefício de outro. Supostamente alguém está tirando proveito de suas ações. O exercício de autoridade do benfeitor sobre alguém está fazendo bem a essa pessoa e lhe trazendo algum benefício.

Mas, referindo-se a este tipo de autoridade, Jesus afirma; “Mas vós não sois assim” (v. 26). Nós não devemos agir assim! Esta prática nunca deveria ser encontrada no meio do povo de Deus. Realmente, não pode! Em vez de ser benéfico e proveitoso, esse modelo está impedindo o fluir da autoridade sobrenatural. Torna-se um substituto para a verdadeira soberania de Cristo. Novamente lembramos Suas Palavras: “Todos vós sois irmãos” (Mt 23:8).

Não pode haver uma outra Cabeça ou fonte de autoridade no corpo de Cristo, mesmo se isto é feito com boas intenções. Quando permitimos isso, cria-se uma situação confusa. Os crentes não sabem a quem procurar em busca de direção: deveriam procurar Jesus diretamente ou simplesmente confiar em uma figura de autoridade?

Já que a autoridade humana é mais tangível, a tendência é que tal fonte se torne a principal. Portanto, precisamos estar sempre alertas contra essas tendências. Elevar-se para ter autoridade sobre os outros ou olhar para fontes humanas, ambas as atitudes devem ser evitadas.

TORNANDO-SE COMO CRIANCINHAS

Quando Jesus estava na Terra com os Seus discípulos, freqüentemente se levantava entre eles uma discussão. Parece que existia um tema freqüente em suas conversações. Estavam sempre tentando decidir quem entre eles era o maior. Quem estaria acima do resto? Quem se elevaria para ser o mais reconhecido, o mais importante ou o mais respeitado?

Jesus respondeu a esta discussão com uma ilustração poderosa. Ele pegou uma criancinha e a colocou no meio deles. Então, disse: “A não ser que vocês...se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos Céus” (Mt 18:3 NVI). A seguir, ainda disse: “Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior...” (Mt 18:4 NVI). Aqui encontramos o mais importante princípio que deve governar nossos pensamentos e nossas ações no que diz respeito ao governo da casa de Deus.

Vemos, então, que precisamos nos humilhar. Isto é absolutamente essencial. Se não o fizermos, estaremos em oposição à vontade de Deus. Isso contrasta diretamente com exaltar-se a si próprio ou deixar que os outros o façam. Humilhar-se a si mesmo significa: não aceitar louvor; não procurar por elogios e respeito; não procurar nem aceitar reconhecimento, poder ou controle sobre os outros. A nossa atitude deve ser de humildade.

Não sigam o mundo ao seu redor. Não prestem atenção ao que os outros cristãos estão fazendo. Precisamos olhar para a Palavra de Deus e seguir as instruções que encontramos ali. Somente deste modo, iremos receber louvor de Deus naquele Dia.

Uma criancinha é humilde porque não sabe muito, não tem grande poder. Ela é muito dependente de seu pai e de sua mãe, não dirige coisa alguma, não controla ninguém. Sua posição é modesta, sem grande destaque.

Por favor, deixe-me afirmar isto enfaticamente e com muita clareza: *a menos que*

você chegue a esta posição de humildade, igual a uma criança, e permaneça nela, você não estará entrando e nem vivendo no reino de Jesus! Você não poderá estar vivendo sob a liderança de Deus. Estas são as próprias palavras de Jesus. Isto é exatamente o que Ele nos ensinou.

Não há modo de evitar esse fato óbvio. Essa foi a resposta de nosso Senhor à ambição de Seus discípulos por autoridade e controle. Ainda é a Sua resposta hoje. Se você chegou a uma posição elevada ou deixou que outros o colocassem nessa posição, para receber respeito de outras pessoas do corpo de Cristo, de uma maneira substancial, você foi desviado do reino de Deus. Mais além, Jesus afirmou repetidamente: “Mas o maior dentre vós será vosso servo” (Mt 23:11). E “Mas vós não sois assim; *pelo contrário*, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lc 22:26).

Isso mostra claramente que, em vez de querer ou tentar ascender em algum tipo de hierarquia, assumir o comando ou o controle de qualquer tipo de crentes, devemos fazer exatamente o oposto. Precisamos descer, para nos tornar escravos deles. Nosso objetivo deve ser exaltar os outros até o ponto em que eles se tornem “maiores” do que nós mesmos. Em vez de nos tornarmos os maiores, precisamos nos tornar os menores.

O próprio Jesus nos mostrou esse exemplo na última ceia. Ali, Ele tirou Seu manto e colocou uma toalha. Então começou a exercer a função do menor entre os escravos. Ele lavou os pés dos discípulos. O Deus encarnado não insistiu em ter uma posição de respeito ou autoridade. Ele Se humilhou diante do Pai e diante dos Seus discípulos. Ele Se tornou um servo. Essa posição é aquela onde devemos nos encontrar.

Sem dúvida, a maioria dos líderes cristãos conhece este princípio. Eles lêem suas Bíblias. Isso não é uma idéia nova ou ensino secreto. O que parece estar faltando é o método de colocá-lo em prática.

Para começar, precisamos ter uma firme compreensão dessa idéia. É impossível estar “acima” de alguém – isso significa ter uma posição de autoridade sobre outro – e ser, ao mesmo tempo, seu escravo. É um absurdo pensar que você pode estar simultaneamente sobre e abaixo de alguém. Estas duas posições, uma de autoridade e outra de servidão, são opostas entre si. Você não pode ter as duas coisas ao mesmo tempo. Para assumir uma, você precisa abandonar a outra. Para estar abaixo, você precisa deixar de estar acima.

Para se tornar um servo ou escravo, você precisa deixar de lado as suas roupas

elegantes, precisa renunciar à posição de estar acima ou sobre; precisa deixar todos os seus títulos e a sua importância; precisa humilhar-se de maneira a desafiar o seu ego, a sua educação e até mesmo a sua renda; precisa desejar agir e viver de um modo que os outros não irão compreender ou aprovar.

Construir a casa de Deus, à maneira de Deus, pode desafiar a sua fé no nível mais profundo. Mas, como seu irmão, gostaria de encorajar você, porque as recompensas são grandes. Os tesouros espirituais, que podem ser obtidos em obediência ao nosso Senhor, estão além da descrição.

COMO ISSO PODE FUNCIONAR?

Então, como pode tal ministério se manifestar? Como devemos agir? O que devemos fazer? Vamos imaginar que, entre aqueles com os quais você tem relacionamento, você se torna um escravo e eles se tornam seus senhores. Como pode isso funcionar?

Para começar, sabemos que um escravo não é aquele que manda na casa. Não é ele quem tem autoridade. Ele não diz ao seu senhor o que deve ser feito; não organiza a vida de seu dono, nem controla nenhuma de suas atividades; não recebe mais consideração que seu senhor; não lucra mais do que o seu dono; não tem qualquer autoridade, seja lá qual for, sobre o seu dono, para discipliná-lo, dirigir sua vida, controlar sua família ou casamento. Sua posição é de muita humildade.

Agora vamos supor que esse escravo tenha um relacionamento com Jesus, o que faz de sua vida um exemplo. Ele não é apenas humilde, mas também cheio de amor. Ele gasta tempo meditando na Palavra de Deus e, assim, está pleno de revelações. Ele é honesto, obediente, fiel, bondoso e cheio de muitas outras virtudes de Cristo.

Portanto, seus “donos”, que são os outros cristãos, se tornam curiosos. Querem saber o que o faz ser assim. Estão famintos por mais luz, e Deus usa esse servo para compartilhar isso com eles. Sua vida é um exemplo tão grande de pureza e de verdade que as pessoas desejam ser como ele. Observando a sua vida, os donos acabam confiando no escravo e pedem sua recomendação e seu conselho.

Por causa de seu relacionamento de confiança com o seu “senhor”, esse escravo

ocasionalmente oferece sua opinião ou conselho, se o “mestre” quiser ouvi-lo. Assim, o escravo se torna uma fonte da luz de Deus e de nutrição para o “senhor”. Contudo, ele nunca deixa aquela posição de ser um humilde escravo para assumir a posição de autoridade ou controle.

Aqui precisamos parar um momento para analisar um versículo bíblico. Não há dúvida de que alguns leitores estão se lembrando de 1 Tessalonicenses 5:12, onde lemos: “E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam” (VRC). Eis uma daquelas ocasiões em que os tradutores da Bíblia podem ter realizado seu trabalho com um preconceito, que facilmente os conduziu a uma idéia errada. Aqui, precisamos aplicar o princípio de filtrar tudo pelos ensinamentos de Jesus. Assim, quando lemos sobre alguém que está “presidindo sobre” um outro, isso não se harmoniza com o que nós temos estudado. Portanto, precisamos chegar a uma nova compreensão desse versículo.

A palavra grega traduzida por “presidir” é “PROISTEMI”, que significa “andar adiante” conseqüentemente “para liderar”. “Presidir” é uma tradução pobre e contaminada. Não há, no grego, o sentido de ser “melhor” ou estar “acima”, mas simplesmente “em frente” na caminhada espiritual. Assim, a tradução aqui dá aos leitores uma impressão errada e contrária às palavras de Jesus.

O verdadeiro significado é que nós estamos mostrando pela nossa vida, um exemplo notável de intimidade com Cristo, para que outros O sigam. Tal “liderança” nunca deveria, de forma alguma, ser interpretada como estar “presidindo”, da mesma maneira que um presidente ou um dominador de alguém.

A LIDERANÇA VERDADEIRA É PELO EXEMPLO

Certamente que há liderança real de homens na vida cristã e entre os crentes. Mas, como isso é feito? Deve haver um tipo de liderança diferente daquele que vemos no mundo, já que é preciso seguir todos os princípios de Jesus, que estivemos estudando. A liderança no Novo Testamento é pelo exemplo. Aqueles que poderiam ser considerados “líderes” são aqueles que têm uma intimidade óbvia com Cristo, que está mudando suas

vidas e impactando suas famílias. Os que estão ao seu redor estão cientes de que o caráter de Jesus está sendo manifesto por meio deles.

Estes, então, se tornam os exemplos que os outros querem seguir. Outros querem ser como eles, e tornam-se seus imitadores (1 Co 11:1), porque também querem ter a mesma intimidade com Jesus. Dessa forma, alguns crentes são considerados “líderes” porque estão “bem à frente” na corrida para ganhar a Cristo. Estão demonstrando aos outros como crescer em Jesus. Por outro lado, não são líderes porque estão lá no palco, elevados sobre os outros crentes, exercendo autoridade sobre eles.

Naturalmente, quando alguém tem uma vida tão exemplar, os outros ficam curiosos. Desejam saber como essa pessoa humilde chegou a um estado tão maravilhoso. Se os outros estão realmente à procura de justiça, desejarão compreender as coisas que Deus revelou a uma pessoa como ela.

Pode ser que eles façam perguntas; desejem recomendações e conselhos; se abram para receber daquela pessoa todas as coisas que Deus colocou dentro dela. Dessa forma, então, um escravo pode servir aos outros, ensinando, aconselhando, amando e admoestando.

Entretanto, tudo isso é feito em uma posição de modéstia e humildade. A atitude de um “líder” genuíno é a de ser “o mais insignificante”. Nada é feito de uma posição de superioridade, autoridade, controle ou como forma de estar “sobre” os outros. Este é o verdadeiro ministério do Novo Testamento.

Além disso, nada do que esse escravo faça viola a vontade de seus “senhores”, que são os outros crentes. Ele não insiste em impor a sua vontade ou a sua maneira de ser; não ordena que alguém faça coisa alguma sobre a qual não esteja convicto (Rm 14:5); não está organizando suas vidas; não está dirigindo suas reuniões, planejando suas atividades ou, de um jeito ou de outro, exercendo autoridade sobre eles.

Sua posição permanece uma posição de humildade. Ele não recebe louvor e elogios dos homens; não deixa alguém colocá-lo numa posição de autoridade; sua ênfase está sempre colocada em Jesus e nunca nele mesmo; não se sente insatisfeito com a falta de atenção ou quando os outros não reconhecem suas palavras e seu trabalho. Já que não tem outra meta além de glorificar a Cristo, ele se satisfaz somente quando o seu Senhor Se agrada.

JUÍZES E REIS

Os juízes do Velho Testamento foram instituídos por Deus. Por outro lado, os reis foram estabelecidos pelos homens – uma instituição humana. De fato, quando os filhos de Israel pediram um rei a Samuel, afirmaram especificamente que desejavam ser como as outras nações – como o mundo ao redor deles (1 Sm 8:5). Ao contrário disso, o governo de Deus foi manifesto por meio dos juízes.

Então, podemos extrair dos juízes uma importante revelação. Para começar, notamos que as pessoas que procuravam os juízes para aconselhamento ou julgamento, vinham por vontade espontânea. Nunca eram coagidos ou forçados. Vinham porque queriam ouvir a Deus. Os juízes eram ungidos e usados por Deus e, assim, as pessoas os procuravam.

Em contraste com os reis, os juízes não dirigiam coisa alguma. Eles não governavam o país. Não organizavam um exército permanente, não criavam impostos, não começavam obras públicas etc. Com poucas exceções, em tempo de emergência nacional (talvez uma vez em vinte anos, quando eles chamavam o povo de Deus para a batalha), sua atitude normal era simplesmente a de estarem disponíveis para a população. Assim eles podiam servir ao povo quando este necessitava.

Gideão e os outros juízes pareciam simplesmente estar em casa a maior parte do tempo. Se as pessoas necessitassem deles, tinham que ir procurá-los. Um outro juiz, Jair, parecia fazer uma rota por todo o país, a fim de se tornar mais acessível (Jz 10:4). Débora tinha uma árvore, debaixo da qual ela se assentava, provavelmente em um lugar público, onde se colocava à disposição daqueles que procuravam a direção do Senhor (Jz 4:5).

Eles não organizavam coisa alguma na vida diária das pessoas. Não controlavam ninguém. Eram servos e não soberanos. Essas coisas deveriam nos falar ainda hoje, porque nessas pessoas, a vontade de Deus foi manifesta.

Quando Gideão foi usado por Deus para operar uma grande libertação, o povo ficou realmente impressionado. Seguindo a tendência humana natural de querer um líder, eles tentaram fazê-lo rei. Disseram-lhe: “Reine sobre nós, você, seu filho e seu neto, pois você nos libertou das mãos de Midiã” (Jz 8:22-NVI).

Mas Gideão, sabiamente, recusou este tipo de exaltação. Ele compreendia, pelo menos um pouco, dos métodos do Senhor. Então, respondeu: “Não reinarei sobre vocês...nem meu filho reinará sobre vocês. O Senhor reinará sobre vocês (Jz 8:23-NVI). Gideão recusou-se a ser elevado a uma posição onde poderia substituir o governo de Deus nas vidas daquelas pessoas. Será que isto corresponde ao que você está fazendo hoje?

MAIS VERSÍCULOS QUE PODEM GERAR CONFUSÃO

Em Hebreus 13:17, encontramos uma tradução que pode também gerar nos leitores um pouco de confusão. Ali, parece que o escritor nos ensina algo totalmente oposto às palavras de Jesus. Lemos: “Obedecei aos vossos guias, e sede submissos para com eles...” É possível abstrair do texto, que somos requisitados por Deus a “obedecer” a alguém. Parece que o escritor está insistindo em que há alguns seres humanos que, por causa de sua posição, são dignos de nossa absoluta obediência.

Alguns têm até mesmo sugerido que devemos obedecer, sem questionar, às direções de vários líderes cristãos. Se devemos obedecer a alguém, então, logicamente, esse alguém deve estar em posição de autoridade sobre nós. Mas, à luz das claras palavras de Jesus, como pode isto acontecer?

Aqui, o *Dicionário Vine* nos ajuda a conseguir uma tradução melhor. A palavra grega traduzida como “obedecer” é “PEITHO”. Vine diz que ela significa “persuadir”, “conquistar”, “ser persuadido”, “ouvir a” e, então, como conseqüência disso, obedecer. Ele esclarece bem, enfatizando: “A obediência sugerida *não é por submissão à autoridade*, mas como resultado de persuasão”.

Veja você, quando alguém vive uma vida que exhibe Cristo, somos induzidos a ouvir o que ele diz e a permitir que sejamos persuadidos por ele. Isto acontece porque respeitamos sua vida e seu caráter. Não quer dizer que devemos obedecer a alguém cegamente. Não quer dizer que devemos simplesmente fazer o que alguém manda. Ao contrário, indica que devemos considerar cuidadosamente as palavras de alguém que realmente vive em intimidade com Deus. Quando estão falando em nome de Deus, será bom ouvirmos o seu conselho.

Se não estamos completamente persuadidos, mas obedecemos cegamente a alguém que esteja falando em nome de Deus, então nossa obediência é algo superficial. Quando nosso coração não está completamente de acordo, mas obedecemos por algum tipo de obrigação religiosa, isto é uma violação à nossa vontade. Tal “obediência” não faz nada para favorecer os propósitos de Deus ou para mudar a nossa vida.

Observe atentamente: mesmo estando fazendo o que é correto, se nossa mente não foi persuadida, isso não pode agradar ao Senhor. Quando nossa obediência é superficial, não somos transformados interiormente. Com este tipo de prática, somos apenas conformados a alguma espécie de padrão. Quando nossa submissão não é de coração, ela não pode produzir fruto espiritual.

Conforme já vimos, liderança bíblica não envolve nenhuma forma de dominação. Funciona exatamente como é afirmado em Hebreus 13:7, onde lemos: “Observem bem o resultado da vida que tiveram e imitem a sua fé”. Os líderes tinham uma fé exemplar e deveriam ser imitados. A maneira de viver e a “conduta” deles eram algo digno de consideração. Aqui não há a idéia de assumir o comando ou o controle sobre os outros. Nunca deve acontecer qualquer substituição para a liderança direta de Cristo sobre cada homem (1 Co 11:3).

Agora, podemos entender que esses versos não indicam algum tipo de autoridade ou estrutura de poder que são contrários aos ensinamentos de Jesus. Em vez disso, devem ser vistos em harmonia com eles. Deste modo, um escravo que caminha em intimidade com Deus, pode fazer uma sugestão ou pode dar um conselho, quando alguém procura por isso. O servo não tem que deixar sua postura de ser humilde e o mais inferior. Ele nunca deve colocar-se “acima” de ninguém.

Quando esse servo, obviamente, tem um relacionamento com o Senhor, precisamos prestar cuidadosa atenção às suas palavras. Precisamos considerar o que tem sido dito, com muita oração. Isto porque existe uma grande possibilidade de suas palavras serem provenientes do próprio Deus.

Portanto, deveríamos estar muito atentos para sermos “persuadidos” por ele. Mas isso não indica, de forma alguma, que devemos obedecer a um homem. Até que sejamos persuadidos de que é mesmo nosso Senhor quem está falando por meio desse servo em particular, não somos obrigados a obedecê-lo.

Essa mesma atitude de ser um servo para os outros foi expressa por Paulo. Em 2 Coríntios 1:24, ele insiste em que ele e os outros apóstolos não tinham nenhum tipo de “domínio” sobre a fé dos outros, mas eram simplesmente “cooperadores” para com eles. Tenha cuidado e atenção quanto a isto. Eles não tinham domínio sobre aqueles irmãos e irmãs; não eram soberanos, governantes ou figuras de autoridade; não estavam controlando outros, nem suas vidas, nem suas reuniões. Em vez disso, eram modestos auxiliadores.

Além disso, não se comportavam pomposamente, com ares de muita importância e soberba. Eram apenas servos humildes. Na verdade, Paulo confessa que sua presença era singela. Quando estava com esses crentes, ele parecia “fraco”, e suas palavras, “desprezíveis” (2 Co 10:10). Ele era muito humilde e despretensioso. Estava com eles “em fraqueza, em temor e muito tremor” (1 Co 2:3).

Paulo não comandava nem era autoritário. Ele descreve sua atitude como sendo “humilde entre vós” (2 Co 10:1). Talvez, imaginemos que Paulo era uma espécie de figura de autoridade, que andava com ares superiores e atitude constrangedora, de alguém importante, a quem todos obedeciam e respeitavam. No entanto, uma leitura cuidadosa das Escrituras revela algo muito diferente.

Pedro também enfatiza esse mesmo comportamento. Ele ensina àqueles que são usados por Deus a liderarem o Seu povo, não agirem com “...domínio sobre a herança de Deus”. Em vez disso, incentiva-os a serem “...exemplo[s] para o rebanho” (1 Pe 5:3-VRC).

Isso deveria ser assim para que não se exaltassem. Eles não deveriam se colocar em uma posição falsa de superioridade sobre outros e também não deveriam agir com a expectativa de receber dinheiro (vs. 2). Deveriam simplesmente fazer o seu trabalho, alimentando os outros com o pão sobrenatural, que é Jesus Cristo. A liderança deles deveria acontecer por meio do exemplo e do serviço humilde, em vez de algum tipo de posição de autoridade, isto é, sendo “senhores”.

CONDUTORES DE AUTORIDADE

É bem claro que, em todo o universo, Deus é a fonte de toda a autoridade. Qualquer ser humano ou mesmo qualquer criatura que tenha autoridade, recebeu-a de Deus.

Ele permitiu que tivessem autoridade ou mesmo que fossem colocados em posição de poder. Sem a Sua permissão, eles não teriam qualquer poder.

Em nosso mundo, temos diferentes tipos de figuras de autoridade. Isto inclui presidentes, governadores, juizes, delegados, pais etc. As Escrituras mostram claramente que estas figuras de autoridade são estabelecidas por Deus e que nós devemos lhes obedecer (1 Pe 2:13,14).

Já que o mundo está em rebeldia contra o Senhor, Ele usa esses indivíduos para agir em Seu lugar, para, de algum modo, subjugar a rebelião e as tendências pecaminosas da humanidade. Até este momento, Ele ainda não retornou para governar pessoalmente este mundo, então Ele delega Sua autoridade a outros, para que governem em Sua ausência. Homens e mulheres que receberam essa autoridade de Deus são freqüentemente chamados de “autoridades delegadas”.

Na Igreja, entretanto, Deus designou um modo diferente de governar o Seu povo. Conforme já vimos, Ele é a Cabeça. Ele é o único que deve dirigir, organizar e controlar tudo. Embora a Sua presença física esteja ausente deste mundo, Sua presença espiritual é (ou deveria ser) muito real na Igreja.

A Igreja verdadeira de Deus não é governada por qualquer tipo de autoridade delegada. Existem vários motivos para que uma pessoa encarregada deva delegar sua autoridade. Uma é que ela não pode estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Outra é que ela fica ocupada demais para atender todas as necessidades da organização. Uma terceira razão pode ser que ela não tenha interesse nem perícia em todos os aspectos do trabalho.

Mas, Jesus não tem nenhuma dessas deficiências. Ele se levantou dos mortos! Ele está vivo! Está se movendo hoje, aqui, no meio do Seu povo. O Senhor é onipresente. Então, Ele pode estar presente em todo lugar ao mesmo tempo. Ele também é todo poderoso. Não há nada que Ele não possa fazer. Portanto, Ele não tem necessidade de delegar Sua autoridade sobre a Igreja. Não há necessidade de que outros ajam por Ele em Sua ausência ou por Sua incapacidade. Já que Ele é vivo, capaz e presente, Ele é perfeitamente apto para dirigir tudo sozinho.

Naturalmente, já que Ele vive nas “pedras vivas” de Seu templo, que são homens e mulheres, às vezes Ele Se expressará por meio desses vasos. Ele os usa como

condutores, por meio dos quais manifesta Sua autoridade. Já que Jesus mora em Seu corpo, Ele fala freqüentemente por meio dos diferentes membros do Seu corpo.

Quando alguém é muito usado por Deus desse modo, passa a ser conhecido como “líder”. Seu relacionamento íntimo com Jesus o faz útil a Ele para revelar a vontade Dele. Sua vida transformada fornece um claro caminho para Ele expressar Sua liderança. Essas pessoas são os vasos que Jesus geralmente usa para falar ao Seu povo e para liderá-los. Elas se tornam canais da autoridade de Deus.

Entretanto, um ponto deve estar bastante claro em nossas mentes. Não importa a freqüência com que Deus use alguém como um vaso para manifestar Sua autoridade, *este alguém nunca se torna uma autoridade!* A autoridade nunca pertence a ele. Ele ou ela permanecem sempre um(a) servo(a) humilde, através do(a) qual, a vontade de Deus é manifesta.

Esta é a única compreensão bíblica que pode harmonizar os ensinamentos de Jesus e a prática da Igreja no Novo Testamento. É a única maneira pela qual alguém pode continuar a ser escravo ou servo e, ainda assim, manifestar autoridade. Isto só pode acontecer quando a autoridade não pertence àqueles por meio dos quais ela está sendo manifesta!

Se alguém pode receber ou ter sua posição de autoridade sobre outros, isto automaticamente o coloca em uma situação incompatível com a Escritura. Qualquer tipo de posição de autoridade deve, por definição, estar sobre alguns ou sobre todos os outros. Novamente, é impossível estar “sobre” e “abaixo” ao mesmo tempo.

Muitas pessoas têm visto que, em geral, o exercício de autoridade na Igreja, hoje, vai mal. Elas vêem coisas muito prejudiciais, errôneas e mesmo ridículas sendo feitas em nome de uma liderança. Entretanto, supõem que o problema é com os homens e mulheres que estão exercendo essa autoridade. Imaginam que, se esses líderes fossem somente um pouco mais transformados, mais bem equipados ou treinados, ou melhor supervisionados por outros homens ainda mais espirituais, eles fariam as coisas corretamente. Se esses líderes tivessem longos anos de experiências, se eles apenas tivessem a preparação necessária, então iriam agir de maneira diferente. Talvez, então, pudessem suportar ser uma autoridade sobre outros.

Mas, quando pensamos sobre isso logicamente, logo compreendemos que essa

idéia nunca irá funcionar. Há literalmente centenas, se não milhares de grupos cristãos, brotando pelo mundo todo a cada dia. Então, onde poderíamos encontrar tantos líderes bem preparados? Onde poderíamos achar um número de crentes tão maduros, completamente transformados e confiáveis para ter sua própria autoridade e ainda exercê-la de um modo divino? Se necessitássemos de apenas uma figura de autoridade para cada grupo, onde poderíamos encontrar um suprimento de tantas pessoas quebrantadas e humildes? Além disso, como os levaríamos para o lugar onde deveriam estar?

A resposta deve ser que devemos deixar a liderança da Igreja no lugar que lhe pertence: nas mãos do Senhor. Precisamos ensinar uns aos outros como nos submeter a Ele. Precisamos nos ajudar a entrar em um relacionamento íntimo com Jesus e a mantê-lo. Precisamos trabalhar para estabelecer Sua autoridade na vida de cada membro.

Assim, todos serão capazes de ouvir Suas ordens, serão capazes de sentir Sua direção. Já que tais pessoas estão verdadeiramente submissas a Jesus em seus corações, serão capazes de ouvir Sua voz, mesmo quando Ele está falando por meio de outros irmãos e irmãs. Não importa se é por meio de um líder, por meio de um modesto, humilde e desconhecido membro do corpo de Cristo ou mesmo por meio de um jumento, tais pessoas submissas ouvirão Sua voz e a obedecerão.

A autoridade da Cabeça freqüentemente flui por meio dos membros do seu corpo. Por exemplo, quando Paulo o apóstolo ensinava, exortava ou admoestava os outros em suas epístolas, sabemos que era o Espírito de Deus falando por meio dele. Ele estava sendo ungido para escrever aquelas cartas. Portanto, a autoridade manifesta ali não era dele. Não pertencia a ele, mas era simplesmente uma exibição da autoridade da Cabeça. Do mesmo modo, hoje, Jesus fala através do Seu povo. Sua autoridade é freqüentemente manifesta por meio dos outros, para aqueles que têm ouvidos para ouvir.

Talvez seja interessante examinar uma palavra que achamos em 2 Tessalonicenses, capítulo 3, versículos 4, 6, 10 e 12. Neste trecho, é usada a palavra “ordenar” ou “comandar”. Parece que Paulo está usando uma autoridade pessoal e “ordenando” ou “comandando” os discípulos a fazerem alguma coisa ou outra. A palavra grega aqui é PARANGELLO.

Segundo W. E. Vine, em seu dicionário de palavras do Novo Testamento, essa palavra significa literalmente: “repassar um anúncio” de uma pessoa para uma outra

(traduzido do original inglês por este autor). A origem dessas “ordens” foi de uma outra Pessoa. Paulo simplesmente estava “repassando” comandos para os discípulos.

Não existe aqui o pensamento de “comandar”, como se Paulo tivesse sua própria autoridade. Ao invés disso, ele estava simplesmente repassando instruções que recebeu de Jesus. Ele foi um vaso através do qual a autoridade de Deus estava fluindo, e não uma pessoa exercitando uma autoridade própria. A palavra grega, então, serve para confirmar o entendimento que estamos apresentando a vocês.

O EXEMPLO DE MOISÉS

Moisés foi um bom exemplo de um condutor de autoridade. Ele andava em tal intimidade com Deus, que falava com Ele “...face a face, como quem fala com seu amigo” (Êx 33:11). Quando Deus revelava Sua vontade a Moisés, então ele agia. Quando Sua palavra vinha a ele, Moisés falava ao povo. Ele era um vaso bastante usado por Deus para expressar Seus planos e Sua vontade para Israel.

Moisés não estava iniciando coisa alguma. Não estava planejando e liderando o povo por conta própria. Quando os outros o desafiavam, ele tentava lhes explicar que era realmente Deus quem estava falando e agindo por meio dele. Ele disse: “Pelo que tu e todo o teu grupo junto estais contra o Senhor...” (Nm 16:11).

Entretanto, uma única vez, Moisés tomou essa autoridade sobre si mesmo. Uma única vez, ele assumiu a posição de autoridade sobre o resto e agiu do alto desta posição. Em vez de permitir que Deus trabalhasse por meio dele, agiu como uma figura com autoridade própria. Bateu na rocha com ira, em vez de obedecer a Deus. Por causa disto, embora Deus tenha lhe honrado e lhe permitido extrair água da rocha, sua atitude lhe custou o impedimento dele entrar na terra prometida. Apenas esse único instante agindo com uma autoridade delegada por Deus, em vez de ser um vaso de autoridade transmitida, trouxe-lhe um custo muito alto.

Talvez devêssemos considerar cuidadosamente este exemplo, hoje. Como deve ser importante para o nosso Senhor ser Aquele que conduz o Seu povo! Como é crucial para Ele que Sua autoridade seja mantida. Vendo o que esse ato de autoridade posicional custou

a Moisés, deveríamos examinar nossas próprias vidas e autoridades hoje.

É possível que muitos estejam iludidos. Eles agem e falam de uma posição de autoridade sobre o povo de Deus; planejam, organizam e lideram os outros. Entretanto, não caiu sobre eles um julgamento visível. Então, imaginam que deve estar tudo OK, Deus deve aprovar o que eles fazem. Mas estes queridos irmãos e irmãs estão falhando em ver o futuro.

Hoje estamos na Era da Graça. A maior parte do tempo, Jesus nos permite fazer nossas próprias escolhas e seguir nosso próprio caminho. Está esperando para julgar o Seu povo quando Ele aqui voltar. Quando Jesus voltar, teremos que responder por nosso comportamento contrário às Suas claras instruções. Quando Ele surgir, nossas obras serão testadas pelo Seu fogo.

Significativamente, somos ensinados que, naquele dia, “...muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros” (Mt 19:30). Você percebe que há, hoje, muitas pessoas que assumem posições de autoridade sobre outras. Elas se colocam em primeiro lugar. Estão ganhando popularidade, seguidores e dinheiro. Estão à frente da liderança de congregações do povo de Deus. Talvez imaginem que estão tendo sucesso. Aparentemente eles são “os primeiros”.

Mas, quando Jesus voltar, todas essas coisas serão expostas à luz de Sua glória. A palavra que Ele falou irá nos julgar (Jo 12:48). Isso significa que Seus claros ensinamentos, que temos estudado – os quais muitos conhecem, mas não estão seguindo – irão nos julgar. Para “muitos”, toda a sua importância e posição será vista como realmente é – algo terreno e humano. Toda ambição para ser o maior e todo o orgulho serão revelados com a maior clareza. Todos que almejam atenção, poder, e mesmo dinheiro, serão expostos como sendo guiados pela cobiça da natureza humana caída.

Pode ser que em seu caso, Deus o use de vez em quando para manifestar Sua autoridade. Talvez você seja um vaso que Ele usa para transmitir Sua vontade a outros. Confiantemente, você tem aprendido a ser um servo humilde e não está tentando ser senhor sobre qualquer outra pessoa. Entretanto, ainda há uma outra coisa que precisamos entender.

Não nos compete impor a autoridade de Deus. Nós não somos responsáveis por tentar convencer o povo a fazer o que Ele diz. Talvez você esteja certo de que Deus o tenha usado para dar alguma direção ou alguma revelação a uma outra pessoa. Sua parte termina aí. Quer eles ouçam ou não, quer eles obedeçam ou não, não é de sua responsabilidade.

Você fez o que Deus queria que você fizesse, agora está nas mãos Dele. Ele é Aquele que falou, portanto, é Ele quem deve cuidar dos resultados.

ESCOLHENDO ANCIÃOS

Sem dúvida, alguns irão dizer: “Mas Paulo e os outros escolheram ou ordenaram anciãos em cada igreja. Portanto, não devemos nós também escolher tais figuras de autoridade (Tt 1:5)?” Mais uma vez o *Dicionário Vine* nos dá um discernimento importante. A palavra grega traduzida por “escolher” ou “constituir” é “CHEIROTONEO”, que significa literalmente “estender as mãos para”. Vine escreve, no texto original em inglês (versão da tradutora): “Não é uma ordenação eclesiástica formal que está em vista, mas um apontar o dedo para que as igrejas reconhecessem aqueles que *já tinham sido levantados e qualificados pelo Espírito Santo* e já tinham dado evidência disso em suas vidas e em suas obras”. Infelizmente, a tradução mais recente do dicionário de Vine em português não seja fiel às ideias do autor.

Para entender isso claramente, precisamos imaginar o contexto no qual foi dada essa direção, na carta a Tito. Na Igreja primitiva havia uma situação muito diferente do que vemos hoje. As igrejas naquelas diversas cidades eram recentes. A idéia de Igreja era uma coisa bem nova. Além disso, havia muitos novos crentes que necessitavam de cuidados, conselho e atenção.

Em Jerusalém, novos convertidos sabiam facilmente onde procurar por conselho e direção. Os doze apóstolos haviam caminhado com Jesus. Mas, naquelas outras cidades, a idéia de Igreja era uma coisa bem recente. Então, quem eram aqueles a quem Deus estava usando? Quem estava andando em intimidade com Deus e, portanto, poderia ser procurado para dar conselhos e recomendações. Quem eram os servos fiéis?

Aqueles crentes estavam na infância espiritual e não tinham discernimento para perceber quem eram os que tinham mais maturidade cristã. Portanto, Paulo achou necessário auxiliar os novos crentes a identificarem os mais maduros. Ele não estava “selecionando” homens para posições de autoridade, mas os estava indicando (estendendo as mãos para apontar = CHEIROTONEO) para o benefício dos outros, daqueles que estavam em comunhão com Jesus. A vida dos homens indicados era um testemunho de seu

crescimento e de seus dons. Assim sendo, eles deveriam ser usados por Deus como exemplos para o rebanho.

Existe, então, a *função* de presbítero ou supervisor? Claro que sim, deve existir. Pode existir a *posição* de presbítero que tem autoridade sobre os outros? Não, isso nunca deve existir. Mais uma vez, devemos lembrar que nada que foi feito pelos apóstolos pode contrariar o que Jesus claramente ensinou. Só podemos compreender essas situações harmonizando-as com as instruções do Mestre. Assim, é impossível pensar que Paulo e Tito estavam dando “posições de autoridade” a algumas pessoas, a fim de exercerem comando sobre outros. Eles estavam simplesmente “indicando” pessoas que já tinham maturidade para ajudar outros. A colocação de Vine clareia esta questão.

TERMINOLOGIA BÍBLICA

No Novo Testamento, encontramos muitas palavras diferentes, que acabaram, ao passar do tempo, se transformando em títulos e posições na Igreja. Lemos sobre pastores, mestres, anciãos, profetas, diáconos, e assim por diante. Como então podemos compreendê-las à luz de nossa atual discussão?

Primeiramente, precisamos entender que tais termos nunca são usados na Bíblia como títulos. Nunca lemos sobre “Pastor” Pedro ou “Apóstolo” Paulo ou “Ancião” Tiago. Pelo contrário, elas eram a descrição das funções em que esses homens serviam, de seus dons e chamados particulares. São palavras usadas para indicar que tipo de servos eram esses homens, e não a espécie de posição que haviam conseguido. Encontramos textos, por exemplo, assim: Paulo, “um servo de Deus e um apóstolo de Jesus Cristo”(Tt 1:1) e Pedro, “um servo e apóstolo” (2 Pe 1:1).

Então, como podemos entender tais termos? Como um exemplo, podemos olhar para o mundo à nossa volta. Em nossa sociedade, temos muitos tipos diferentes de profissões. Temos carpinteiros, pedreiros, encanadores, mecânicos, programadores etc. Estas palavras são as descrições do tipo de trabalho que essas pessoas fazem. Não são posições de autoridade sobre o resto da sociedade.

Considera-se que essas pessoas tenham alguma habilidade especial em sua área

de serviço. Sem dúvida, eles têm uma certa experiência que os qualifica para dar conselhos aos outros, que querem fazer o mesmo trabalho. Mas não são títulos ou posições, são simplesmente descrições do tipo de serviço que essas pessoas executam.

Durante todos estes anos, desde que o Novo Testamento foi escrito, palavras como pastor, ancião etc. têm sido retiradas de seu contexto e alteradas. Elas passaram a significar algo diferente e, em muitos casos, completamente oposto do que significavam há dois mil anos atrás.

Um exemplo disto é a palavra “ministro”. Hoje em dia, pensamos em um ministro como alguém que dirige uma igreja. Entretanto, a revelação da Escritura do que é ser “um ministro” é muito diferente. Há três palavras diferentes no grego que são traduzidas em português como “ministro”.

A primeira é “DIAKONOS”. Significa servo ou atendente. Indica um simples servo doméstico. Frequentemente é traduzida como “diácono”.

A segunda palavra, “LEITOURGOS”, refere-se a alguém que serve o público com uma capacidade especial, às suas próprias custas.

A terceira palavra, “HUPERTES”, originalmente significava “o mais baixo remador”, que era uma classe inferior de marinheiro. Mais tarde, passou a significar qualquer subordinado agindo sob a direção de outro. Certamente este tipo de “ministro” não dirigia o navio.

Algumas outras palavras que são usadas para falar daqueles que são servos espirituais, são: DOULOS, “um escravo”; OIKETES, “um servo caseiro”; MISTHOIS, “um servo assalariado”; e PAIS, um servo menino (Definições do *Dicionário Vine* do Novo Testamento). Não há nada em nenhum destes termos que indique uma posição de autoridade ou controle sobre os outros. A verdade é exatamente o oposto. Vemos aqui que a Bíblia frequentemente usa terminologias para os servos de Deus, que se referem aos menos estimados membros da sociedade. Eles eram os mais inferiores servos domésticos.

Outros termos que comportam investigação são: “ancião”, “supervisor” ou “bispo”. Anciãos eram pessoas de idade avançada e muita experiência. Não se conceberia a idéia de que uma pessoa de 20 anos de idade pudesse ser um “ancião”. Isto seria ridículo. Tais homens, por terem vidas exemplares e serem considerados sábios, eram procurados para conselhos e recomendações. Eles não governavam o povo. Os anciãos do Novo Testamento

também agiam desse modo.

Outro termo, “Bispo”, vem do grego EPISKOPOS, que significa “ficar de olho” ou “zelar por”. A segunda parte desta palavra, “SKOPEO”, foi tomada e traduzida como “bispo”. O verdadeiro significado aqui parece totalmente claro. Aqueles que são maduros, têm muita experiência e andam em intimidade com Jesus, têm uma responsabilidade: são uma espécie de observadores ou “supervisores”.

Quando as coisas começam a ir mal na vida de alguns crentes, esses observadores são aqueles que notam isto. Eles, então, têm a responsabilidade diante de Deus, de orar e ver o que Deus deseja que digam ou façam para servir nessa situação. Isto não significa que eles têm autoridade para dirigir a vida de outras pessoas. Eles sabem que somente Deus pode transformar alguém ou mudar sua situação. Porém, eles têm a função de obedecer a Jesus e “repassar” para os outros tudo o que o Senhor está falando. Entretanto, com toda humildade, podem dar conselhos, avisos ou sugestões. Outra vez, isso não tem nada a ver com solicitar submissão dos outros, mas simplesmente servi-los, para o seu bem estar, com a capacidade de observar de fora.

Também devemos notar que esses irmãos *não* estavam supervisionando. Será que essa palavra indica que eles estavam dirigindo uma organização religiosa? Será que eles estavam supervisionando todas as atividades de alguma igreja? Eram eles que decidiam onde e quando as pessoas deveriam se encontrar e que papel cada membro teria na organização? Eles estavam planejando e dirigindo todas as atividades do grupo? Não! Essas idéias não são encontradas no Novo Testamento. Nunca houve um grupo de homens dirigindo a igreja. Tal direção era o trabalho da Cabeça.

Em vez disso, os supervisores estavam simplesmente atentos às vidas individuais dos outros crentes. Estavam sempre vigilantes para ver se as outras pessoas estavam bem em seu relacionamento com o Senhor. Quando ocorria algum problema, se alguém estivesse com uma necessidade física ou espiritual, eles então poderiam procurar a Deus para saber como ministrar Sua Vida naquela determinada situação.

Uma outra palavra que devemos discutir é “apóstolo”. Ela significa alguém que foi enviado por uma outra pessoa para fazer um serviço. Como exemplo, podemos citar algumas situações onde o termo seria aplicável: mandar um encanador para a sua casa, a fim de consertar um vazamento; enviar um garoto vizinho para comprar um refrigerante etc.

No Novo Testamento, foi o próprio Deus quem enviou alguns homens com uma visão celestial. Era tarefa deles compartilhar aquela revelação com todo aquele que estivesse aberto para recebê-la.

O fato de Deus ter enviado essas pessoas, certamente dá um peso ao que elas tinham a dizer. Assumindo que alguns ainda são apóstolos genuínos hoje, e não falsos apóstolos, precisamos prestar cuidadosa atenção à mensagem deles. Mas eles não foram e não são enviados pelo Senhor para dirigir a Igreja. Eles não estão autorizados a assumir uma posição de controle ou importância. São simplesmente humildes servos dos outros irmãos e irmãs. Aqueles que se proclamam apóstolos e não compreendem essa verdade, não podem ser genuínos.

A grande maioria da Igreja, e até mesmo o mundo, compreende esses termos de modo a não se harmonizar com a mensagem de Jesus. Portanto, é meu costume evitá-los. Embora esses termos estejam na Bíblia e, portanto, sejam termos legítimos, eles são quase universalmente mal entendidos. Se os usarmos, correremos um sério risco de expressar uma idéia ou dar uma impressão errada. Descobri que é virtualmente impossível reeducar todo mundo sobre o real significado de tais palavras.

Talvez devamos retroceder ao que João Batista disse de si mesmo: “Eu sou a voz do que clama no deserto” (Jo 1:22,23). Ali estava João, de quem fora dito que nenhum profeta maior do que ele havia existido (Mt 11:11). Mas, quando as pessoas vieram questionar sobre quem ou o quê ele era, recusou-se a se exaltar. Em vez de insistir que era alguém ou alguma coisa, ele se descreveu como uma voz solitária, gritando no deserto. Ele tomou uma posição de humildade. Tomando-o como exemplo, então, nos humilhar e glorificar a Jesus nunca pode dar errado.

Mais adiante, neste livro, discutiremos como funcionam algumas dessas funções de serviço. Tentaremos falar como a Igreja genuína pode ser experimentada. Mas, por ora, precisamos seguir para outras questões sobre autoridade.

UM SERVO HUMILDE

Um verdadeiro servo de Deus no corpo de Cristo pode ser freqüentemente difícil de reconhecer. Isto, porque tal servo é humilde. Ele não exalta a si mesmo; não está empurrando para frente a si mesmo e a seu ministério; não está procurando uma oportunidade de mostrar seus dons aos outros; não está procurando reconhecimento; não tem título ou posição de prestígio. Portanto, não se distingue como alguém especial. A menos que tenhamos olhos espirituais, será fácil, para nós, não percebermos esse vaso de Deus.

Esta deve ser exatamente a razão pela qual o escritor de Hebreus escreveu sobre a necessidade de reconhecermos tais pessoas (Hb 13:7,17). Note bem que a Palavra diz “reconhecer” e não “dar reconhecimento”. O autor de Hebreus nos incita essencialmente a prestar cuidadosa atenção ao que eles dizem. Já que eles são humildes, não ficam insistindo em sua própria autoridade. Já que são servos, é fácil os outros negligenciarem suas advertências ou seus conselhos. É natural que os outros não reconheçam a autoridade do Senhor sendo manifesta na vida deles.

Já que vivemos em um mundo secular, onde as pessoas olham e admiram aqueles que têm títulos, posições, fama e transpiram um ar de importância, é fácil para muitos crentes terem problemas em reconhecer aqueles servos humildes a quem Deus está usando. E quando a Igreja perde as instruções da Cabeça, fica sem rumo e vive em desobediência.

Aqui encontramos um ponto chave. Todo crente, toda parte do corpo de Cristo, precisa ouvir a voz do Senhor falando por meio de servos humildes. Deus não vai mandar Suas instruções pelo SEDEX. Ele raramente vai falar em voz audível a todos. Quase sempre Jesus falará por meio de um membro do Seu corpo. Portanto, devemos estar sempre atentos para ouvir o Espírito Santo, quando nossos irmãos e irmãs estão ministrando, admoestando ou compartilhando. Precisamos desesperadamente distinguir a voz do nosso Mestre e obedecer o que Ele está falando a nós. Se falharmos nisso, vamos acabar andando em trevas e perdendo muito do que Jesus pode querer fazer em nós.

É possível que a situação daqueles dias fosse quase o oposto do que vivemos hoje. Os verdadeiros líderes espirituais não eram reconhecidos ou ouvidos. As pessoas não tinham discernimento espiritual para imaginar que era o *Senhor* falando por meio dessas pessoas. Então, os escritores das Sagradas Escrituras precisavam incentivar as pessoas a

ver e a ouvir o Senhor falando por meio de outros. Bem, de qualquer forma, talvez isto não seja tão diferente de hoje, apesar de tudo.

DIÓTREFES

Essas considerações nos trazem o exemplo de Diótrefes. Eis um homem que amava ter uma posição. Ele gostava de controlar os outros. Adorava a atenção e poder que tal situação trazia a ele. Ele amava "...exercer a primazia entre eles" (3 Jo 9). Assim, ele se levantou para assumir o controle da igreja. Tornou-se o líder. Ele era o homem que chefiava.

A grande consequência desse ato é que Diótrefes teve que começar a proteger o território, de cujo controle havia assumido. Quando os outros se aproximavam – qualquer um que estivesse andando "em verdade" (vs. 12), isto é, alguém que pudesse expor a ambição egoísta dele – Diótrefes tinha que se livrar deles, tinha que "proteger" seu rebanho dessas "más" influências.

É quase inevitável que, quando alguém assume uma posição de poder, entre em contenda com os outros para proteger sua posição. Quando você não tem posição ou poder, você não tem nada para defender. Mas, uma vez que você assume controle sobre os outros, mais cedo ou mais tarde, alguém com um dom ou um ministério poderoso irá aparecer em cena. Então, isto pode ser visto como uma ameaça.

No caso de Diótrefes, ele usou alguns métodos antiqüíssimos para defender seu território. Suas táticas de defesa eram as mesmas usadas hoje por muitas pessoas. Ele criticava, caluniava e censurava o testemunho de qualquer pessoa que representasse uma ameaça à sua posição. Até usou linguagem bombástica contra João, "com palavras maliciosas" (vs. 10). Sem dúvida, ele difamava o caráter, as práticas e as doutrinas dos outros.

Além disso, ele não recebia qualquer um que discordasse dele. Ninguém poderia ter comunhão com o grupo, a menos que se conformasse com as suas idéias. Também, se alguém da congregação recebesse outros com pensamentos diferentes, ele os expulsava (vs. 10). Talvez as coisas na Igreja tenham mudado muito pouco desde aqueles tempos. Disputas tão mesquinhas por controle e poder não são estranhas ao povo de Deus, hoje.

A RESTAURAÇÃO DA IGREJA

No século passado uma nova idéia teológica se levantou. Tal pensamento afirma que a prática genuína da Igreja necessita ser “restaurada”. Isso significa que deveríamos retornar à prática do Cristianismo, como se fazia no Novo Testamento, incluindo sua vida diária, ministério e estilo de reuniões. Um dos que deram origem a este movimento foi Watchmann Nee.

A partir dele, muitos outros se levantaram, afirmando ser detentores do padrão para tal restauração. Cada um acredita que compreendeu o “padrão do Novo Testamento” mais precisamente e está trabalhando para conformar as igrejas, debaixo de sua influência, a este padrão.

Para alguns, tal padrão é o reconhecimento de apóstolos e a submissão a eles. Insistem em que, nos submetendo à autoridade deles, chegaremos à experiência da Igreja primitiva. Uma parte do pensamento deles é que na Igreja atual está faltando autoridade apostólica e, pela restauração da submissão a esses apóstolos, a verdadeira Igreja será experimentada.

Incontáveis apóstolos estão circunavegando o mundo, procurando por grupos vulneráveis às suas idéias e conformando-os à sua ênfase particular. O pensamento deles é que, quanto mais grupos estiverem sob sua autoridade, mais a Igreja verdadeira será restaurada. Embora as fórmulas variem de acordo com cada indivíduo, a idéia geral é que, apenas através da submissão ao ministério deles, as pessoas podem, realmente, estar agradando a Deus.

Outros têm uma doutrina sobre a “base” da igreja. Alguns pensam, por exemplo, que, se somente nos encontrarmos debaixo da bandeira de ser “a igreja em alguma cidade em particular” (a igreja em São Paulo, por exemplo), estaremos nos reunindo da forma correta. Acredita-se que o segredo está no nome que é usado para identificar o grupo dos crentes.

As igrejas do Novo Testamento, dizem eles, não tinham nome, mas eram apenas identificadas pelo nome de sua localidade. Assim, se eles pudessem persuadir cada um a

deixar de lado seus nomes particulares e se reunir com eles sob a bandeira de ser “a igreja da cidade em...”, a unidade da Igreja seria restaurada. Essa seria, então, a verdadeira experiência do Novo Testamento.

Mais recentemente iniciou-se um movimento que faz encontro nos lares. Acredita-se que o problema da Igreja atual é o local onde nos encontramos. A construção de grandes catedrais, obviamente, é anti-bíblica. A posição de um líder em uma plataforma e o resto dos membros nos bancos inibe o funcionamento apropriado do corpo. Portanto, se voltássemos às práticas do Novo Testamento, de encontros nas casas, tudo se transformaria. Isso iria agradar a Deus.

Então, agora vemos “o movimento da igreja nos lares”, colocado como resposta para a restauração da Igreja. Livros estão sendo escritos e conferências estão sendo feitas para propagar essa prática considerada essencial.

A idéia básica por trás deste e de muitos outros esforços é esta: se nós, de alguma forma, pudéssemos voltar ao padrão exato e à prática dos crentes do Novo Testamento, Deus se agradaria tanto, que desceria correndo do céu para nos abençoar. Se, de algum modo pudéssemos pôr “as coisas em ordem”, isso seria exatamente o que Jesus estaria esperando ansiosamente, e então começaria um reavivamento. Se nós, finalmente, pudéssemos imitar o que os cristãos faziam no livro de Atos, então seríamos cheios do Espírito e de poder. O que Deus poderia desejar mais do que uma exata reprodução do Cristianismo do Novo Testamento?

Meu conselho para esses queridos irmãos é: esqueçam isso! Dessa forma, nunca chegaremos ao lugar onde Deus nos quer. Nunca poderemos restaurar a Igreja. Simplesmente, esse não é o nosso trabalho. Somente Ele pode fazê-lo. Se imaginamos que podemos “restaurar” a Igreja ao padrão e às práticas do Novo Testamento e que, de alguma forma, isso irá agradar a Deus, estamos enganados.

PRECISAMOS RESTAURAR A CABEÇA

O problema com essas idéias, é que estamos colocando o carro na frente dos bois. Não podemos restaurar a Igreja. Jesus é o único que pode restaurar qualquer coisa. Portanto, o que precisamos é recolocar Jesus em Seu lugar de direito entre nós. Precisamos restaurar o lugar da Cabeça. Quando Ele for a Cabeça sobre todas as coisas em nossa experiência cristã, então, e somente então, a Igreja será restaurada. Enquanto tivermos entre nós “cabeças” competindo com Cristo e outras figuras de autoridade entre nós, sempre estaremos fora da meta.

Por que não temos hoje a experiência do Novo Testamento? Porque perdemos nossa Cabeça. Nós A substituímos por homens que usam uniformes, títulos e posições. Temos olhado para figuras de autoridade que são terrenas, humanas e falíveis, em vez de olhar para o Único que deve dirigir todas as coisas. Nós temos colocado nossa confiança em meros seres humanos, em lugar do nosso divino Líder.

Em vez do Deus invisível ser o Senhor responsável por nossas vidas, nossos ministérios e nossos encontros, temos meros seres humanos como nossos guias. Temos pensado que podemos relegar Jesus ao lugar de um mero espectador, enquanto andamos de cá para lá, fazendo coisas bíblicas para agradá-Lo.

Se quisermos reavivamento, precisamos recolocar Jesus em Seu legítimo lugar dentro de nós e entre nós. Se quisermos experimentar o mesmo que os primeiros crentes, precisamos remover toda e qualquer “autoridade” substituta. O único jeito do corpo de Cristo funcionar normalmente é com a verdadeira Cabeça governando cada atitude e ação dos membros e da vida do corpo.

A hora chegou de todos os crentes se arrependarem de sua dependência de lideranças humanas. Também é o tempo para nos arrependermos, se somos culpados de ocupar o lugar de Jesus no meio de Seu povo. Hoje é o dia para voltarmos ao nosso verdadeiro Rei e entronizá-Lo como o autor e o diretor de todas as nossas vidas pessoais, todos os nossos encontros na Igreja e de todos os nossos relacionamentos.

Agora é a hora de restaurar o governo de Deus em nós e entre nós. Podemos depender Dele para nos levar de volta ao genuíno padrão do Novo Testamento. Na verdade, este é o padrão do Novo Testamento.

6.

DEIXE O MEU POVO IR!

Depois de ler os capítulos anteriores deste livro, algumas pessoas podem imaginar que estou advogando a ausência de toda e qualquer autoridade institucional no meio do povo de Deus. Elas podem pensar que estou induzindo à eliminação total de submissão à autoridade posicional e ao domínio humano na Igreja. Podem ter tido a idéia de que estou sugerindo o final completo da submissão dos crentes a qualquer pastor, bispo, supervisor ou Papa, simplesmente porque eles têm algum título ou alguma posição religiosa. Se você está pensando assim, então você compreendeu claramente a mensagem. Isso é absolutamente correto. Estou ensinando aqui a completa liberdade para os filhos de Deus.

Mas alguns, sem dúvida, irão dizer: “Isso não resultará num caos? Os crentes não irão começar a fazer qualquer coisa que antes desejavam fazer? Sem líderes especialmente treinados em seminários, tal liberdade não iria produzir toda espécie de heresias, seitas, pecados e um grande número de coisas más? Sem liderança oficial, a Igreja não vai simplesmente cair em pedaços?”

Há muitas coisas que precisam ser ditas com relação a estas questões. São preocupações válidas. Entretanto, é muito difícil mudar conceitos humanos. Muitos têm em suas mentes a idéia fixa de como deve funcionar a Igreja, e isso não pode mudar de um dia para o outro. Portanto, nossa discussão levará um tempo. Tentaremos verificar as muitas faces destas questões, uma por vez. Pode ser que a sua preocupação particular não seja mencionada imediatamente. Mas, por favor, seja paciente, enquanto examinamos juntos todas os aspectos.

Uma coisa precisa ser admitida por qualquer pessoa honesta, que olhe para a situação da Igreja como um todo, no mundo atual. Ela não é saudável, não está bem. O pecado está brotando excessivamente em seu interior.

Por exemplo, nos Estados Unidos, a imoralidade sexual – adultério e fornicação –

é tão comum dentro da Igreja evangélica, quanto, fora dela. Os índices de divórcio hoje são maiores dentro da Igreja do que fora. Muitos membros da Igreja estão secretamente fazendo abortos. A cada dia estão sendo expostos novos pecados escondidos. Novas divisões aparecem constantemente. Heresias recentes e sectarismo aumentam com freqüência cada vez maior.

Há muitos membros da Igreja cujas vidas são uma confusão. Muitos deles têm estado assim durante anos e parece que nunca irão mudar. Parece não existir ou ser muito pequena a transformação de vidas. Grande número dos freqüentadores de igrejas é de pessoas rebeldes, egoístas, não amorosas e profanas. Muitos são desonestos, não confiáveis, rompedores de alianças, fofoqueiros, caluniadores, críticos e desobedientes. Infelizmente, em muitas igrejas, esses formam a maioria e não a minoria. Alguma coisa está seriamente errada!

Certamente há alguns focos de luz. Nem tudo está perdido. Nem tudo é trevas. Há alguns que são genuinamente convertidos. É possível encontrar aqueles que estão verdadeiramente procurando o Senhor. Certamente, em termos numéricos, a Igreja está crescendo rapidamente. Eu não quero ser excessivamente crítico, mas simples, total e completamente honesto sobre a verdadeira situação do povo de Deus nos dias de hoje.

Enquanto estamos sendo completamente honestos, há alguns fatos bem nítidos que precisamos admitir. Os muitos problemas que vemos, incluindo o pecado, a divisão e a heresia, não foram interrompidos ou curados pelas nossas organizações religiosas. Nossa confiança em líderes bem treinados não evitou essas coisas. Nossa dependência dos homens não solucionou os problemas.

Por exemplo, quantos líderes de seitas religiosas começaram como líderes em uma ou outra igreja ou mesmo se formaram em seminários? Quantos deles estão hoje ensinando falsas doutrinas ou mesmo heresias?

O governo oficial na Igreja não tem cessado de espalhar o erro, a tendência para o pecado ou o problema das divisões em seu interior. Com todo o ensino hodierno sobre se submeter a um ou outro líder, a situação geral está se tornando pior. Em resumo, a liderança humana, a autoridade posicional e o controle organizacional claramente não conseguiram mudar as tendências pecaminosas do coração humano. Isso é algo que precisamos ser bastante honestos para admitir.

Como homens naturais, temos a tendência a olhar para instituições, como a polícia, o sistema judiciário, o governo etc., como aqueles que devem subjugar as más tendências da humanidade. Achamos que as escolas devem educar e compartilhar valores com as nossas crianças. Sendo assim, talvez imaginemos que esse mesmo tipo de estrutura institucional irá nos ajudar em nossos trabalhos para Deus. Talvez esperemos que semelhantes tipos de organizações possam ajudar também a controlar as inclinações dos crentes para o pecado.

Entretanto, mesmo no mundo, essas estruturas nada fazem para transformar os corações dos homens. Por exemplo, pode ser que a ameaça da prisão possa subjugar a carne, mas nada faz para verdadeiramente alterá-la. Do mesmo modo, a autoridade posicional dentro da Igreja nada faz para transformar a alma do homem. Pode servir para subjugar as tendências más de alguns, mas nunca pode alcançar o objetivo de Deus, que é a completa transformação da alma.

Talvez, então, tenha chegado o tempo de olhar em outra direção. Possivelmente, é agora o tempo de parar nossa dependência de líderes humanos e instituições e buscar algo mais. Se formos honestos para admitir que o que está sendo feito não está funcionando, então devemos procurar uma outra resposta.

Portanto, pode ter chegado a hora de começar a confiar em Jesus. Talvez seja o tempo de nos voltarmos para o nosso Salvador ressuscitado como a ÚNICA autoridade. É possível que Ele possa dirigir bem as coisas. De algum modo, Ele pode ser capaz de tratar com o pecado, as divisões e os erros que estão explodindo ao nosso redor.

Verdadeiramente, precisamos de uma outra Cabeça. Precisamos desesperadamente de uma outra autoridade em nossa experiência como Igreja. Precisamos ter Alguém poderoso o bastante para transformar o coração humano. É apenas pela verdadeira submissão a Ele que iremos encontrar a solução para os muitos problemas da Igreja atual.

Nós, a Igreja, tentamos o caminho da autoridade humana por quase dois mil anos. Não funcionou. Agora é a hora de tentar à maneira de Deus. Vamos, portanto, derrubar todos os ídolos. Vamos eliminar do nosso meio todas as práticas que impeçam, limitem ou interfiram na autoridade da verdadeira Cabeça. Precisamos abandonar totalmente nossa dependência do homem e voltar nossos corações para o Senhor.

Tudo que O substitua na vida individual de cada crente precisa ser posto de lado. Como precisamos de um grande arrependimento! Como o povo de Deus necessita render seus corações diante Dele e clamar por Sua liderança e autoridade em seu meio! Nossas vidas individuais necessitam desesperadamente se submeter à Sua soberania e nossas reuniões nas igrejas estão clamando pela Sua direção!

RESTAURANDO A VERDADEIRA CABEÇA

Esta é a grande necessidade de hoje. Precisamos restaurar a Cabeça para a Sua posição de direito sobre nós e entre nós. Precisamos entronizar Jesus como Senhor em nossas vidas e em Sua Igreja. Ele é a cura para as nossas doenças. Ele é a resposta para cada problema na Igreja. Sua liderança e Sua autoridade irão resolver todas as questões de pecado, heresia e divisão.

Precisamos Dele e somente Dele. Nenhum programa novo de encontros nos lares ou discipulado irá fazer o trabalho. Retornar ao Judaísmo ou “aprender a se submeter à autoridade” não irão resolver as reais necessidades. Nem grandes manifestações de dons ou milagres podem efetuar a mudança que é necessária.

O que estou advogando aqui é na verdade, algo muito radical. O que necessitamos é um novo tipo de reforma ou mesmo revolução dentro da Igreja. Martinho Lutero foi considerado um radical em seus dias. Na verdade, ele e vários outros homens trilharam um longo caminho para ajudar a Igreja a escapar da escravidão do catolicismo.

Mas eles não foram suficientemente longe. Outra mudança é necessária. Precisamos voltar aonde eles pararam e continuar a reforma, até que nada que seja humano e terreno seja deixado. Precisamos desesperadamente avançar com a limpeza do Templo de Deus, até que não restem mais altares substitutos e objetos de louvor.

Movendo-se no temor do Senhor, necessitamos voltar a Ele de todo o nosso coração. Se deixarmos qualquer “cananeu” na terra, eventualmente sua influência irá trabalhar para nos trazer de volta à idolatria e à escravidão.

Moisés gritou a faraó em nome do Senhor, dizendo: “Deixa ir o meu povo, para que me sirva...” (Êx 7:16). Muitos filhos de Deus estão hoje em escravidão a vários

capatazes e são oprimidos por seguir as ordens de lideranças humanas. Eles estão subjugados por um sistema organizado de práticas religiosas. Muitos e variados líderes estão reinando sobre outros, usando seus esforços para edificar suas próprias “grandes obras” para Deus.

Os membros submissos são freqüentemente usados na construção de monumentos terrenos que declaram o sucesso e o orgulho de seus líderes. Quase invariavelmente, quanto mais bem sucedida se torna uma “igreja” ou um “ministério”, mais abundante e grandioso seu edifício físico parece ser. Isso requer o trabalho e o dinheiro do povo de Deus. Creio que nestes últimos dias Jesus deseje libertar Seu povo de tal escravidão.

Honestamente, não temos nada a perder ao trilharmos por esse novo caminho. É dolorosamente óbvio que a Igreja de nossos dias não é “sem máculas ou rugas ou qualquer outra coisa” (Ef 5:27). Ela está muito longe do que necessita ser, para estar pronta ao encontrar seu Rei. Se tivermos medo de “arriscar”, ao confiar plenamente em Deus, então seremos deixados somente com aquilo que já temos. Isso, queridos irmãos, não funcionou até agora e nem nunca funcionará. O que necessitamos para prosseguir é de uma grande dose de fé.

Precisamos acreditar que, se pararmos com nossas ações, direções e organizações na casa de Deus, Ele será capaz de fazer o trabalho. Precisamos crer que Jesus é apto para ser nossa Cabeça. Precisamos confiar num Senhor invisível. Temos que ter fé que, já que Ele está sustentando o Universo inteiro, poderá liderar cada membro do Seu corpo. Se não acreditarmos em Sua capacidade para fazer isso, então não iremos a lugar algum.

“Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). É imperativo que o corpo de Cristo retorne a uma caminhada de fé com o Jesus ressuscitado. Por fé, podemos sentir Sua liderança e seguiLo. Nenhum substituto humano, visível e tangível, poderá nos ajudar a chegar aonde precisamos estar.

NÃO EXISTE REI EM ISRAEL?

Alguns podem tentar desaprovar essa nova caminhada – de seguir um líder invisível – citando o versículo 25 de Juízes 21, que diz: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto”. Usando os exemplos que encontramos no livro de Juízes, de quão longe o povo pode chegar sem liderança, eles insistirão em que a idéia de andar sem liderança humana não pode funcionar e somente irá provocar confusão. Vamos tomar algum tempo aqui para examinar essa idéia mais profundamente.

É verdade que, quando não havia rei em Israel, cada um fazia o que era reto aos seus próprios olhos. A situação naqueles tempos era uma verdadeira confusão. Aconteciam muitas coisas bárbaras e estranhas. O povo estava completamente sem governo ou controle.

Mas hoje nossa situação é completamente diferente. Hoje, existe um Rei em Israel! Nós temos um Líder. Supostamente estamos em contato com Ele e nos submetemos a este Rei. Nós temos um Mestre, um Guia, um Senhor, um Pastor (e o que mais for necessário) muito real, vivo e presente. Não deveria haver falta de autoridade e liderança para nenhum crente.

O governo de Deus, ou o Reino de Deus, está próximo. Isso significa que Ele está presente e disponível aqui e agora. A única questão é até que ponto desejamos nos submeter completamente a Ele.

Se formos genuinamente submissos e nos submetermos a Jesus, Ele nos guiará em cada aspecto de nossa vida. Ele nos dirigirá em nossos relacionamentos com os outros. Ele irá até mesmo nos dirigir quando estivermos reunidos em Seu Nome. Jesus deseja fazer tudo isto e muito mais e Ele é capaz disso. Simplesmente nos submetendo a Ele, encontraremos novas perspectivas de Sua verdade e Sua glória se abrindo em nossas vidas a cada dia.

Mas, se não desejarmos nos submeter ao Seu controle, se tivermos alguma resistência ao Seu governo, se formos rebeldes em nossos corações, então este governo invisível não funcionará. Nós não iremos ouvi-Lo, procurar por Ele e nem Lhe obedecer. Ele não será realmente o Senhor de nossas vidas.

Entretanto, se este for o caso, então, substituir a liderança de Jesus por uma outra variedade humana também não funcionará. Se os crentes se recusam a se submeter a Deus, então não serão ajudados por serem ensinados a se submeter aos homens. A solução para os crentes rebeldes é aprender a se arrepender e a verdadeiramente obedecer a Jesus. Se

não desejarem fazer isso, não existe nada, além de oração, que os outros crentes possam fazer para ajudá-los.

O EXEMPLO DA ETIÓPIA

Talvez muitos imaginem que, se o peso da autoridade humana fosse subitamente retirado da Igreja, seria o caos. Outros podem pensar que a maioria dos crentes, sem o suporte das instituições cristãs, iria simplesmente se desviar. Talvez os encontros cessassem, o evangelismo se reduzisse pela metade e os ministérios desaparecessem. Todavia, temos vários exemplos na história recente que parecem falar algo diferente. Permitam-me repetir aqui uma história que eu ouvi.

Alguns anos atrás, num país chamado Etiópia, os comunistas tomaram o poder. Como parte de sua estratégia de criar um estado ateu, eles fecharam todas as igrejas e aprisionaram todos os pastores. Pensaram que poderiam acabar com todo o despropósito religioso.

Então, o que aconteceu? Qual foi o resultado da completa remoção de toda autoridade posicional e adereços religiosos? A Igreja foi posta de lado e se desintegrou? O resultado foi desordem e confusão? Não! Pelo contrário, aconteceu o oposto disso. O reavivamento irrompeu.

Sem instituições humanas e autoridades terrenas, cada pessoa teve que procurar o Senhor por si mesma. Todos tinham que orar. Necessitavam procurar comunhão uns com os outros. Tinham que aprender a tocar em Deus por si mesmos, a ouvi-Lo e a Lhe obedecer. Sem ninguém mais para carregá-los, sem instituições religiosas para supri-los com programas, atividades e entretenimentos, eles foram deixados apenas com Deus, o Único de quem podiam depender.

Segundo o relato que ouvi, quando os comunistas tomaram posse, havia cerca de 5 mil crentes no país. Em um curto período de tempo, talvez alguns anos, esse número explodiu para 50 mil. A remoção dos aparatos religiosos e a ausência de todos os adereços da liderança e da autoridade humana tornou-se uma grande bênção. Deus foi realmente capaz de liderar Seu povo! Surpreendentemente, Ele foi realmente capaz de ser para eles a

Cabeça sobre todas as coisas. E a Sua autoridade mostrou-se muito mais poderosa e eficaz que qualquer modelo humano.

Essas pessoas não podiam planejar reuniões. Se o fizessem, havia uma grande possibilidade de que as autoridades descobrissem e prendessem a todos. Então eles tinham que seguir o Espírito Santo. Tinham que sentir quando e onde deveriam ir para se encontrarem com outros crentes. Surpreendentemente, quando chegavam à casa de algum irmão, muitos outros irmãos já estavam lá reunidos.

Em vez de depender de um homem para organizar e dirigir a Igreja, eles tinham que procurar a Deus. A cada dia, tinham que ouvir Dele sobre: para onde ir; a quem ministrar; com quem orar; com quem compartilhar o Evangelho. A vida deles era de total dependência de Jesus. E funcionava! Não havia confusão ali. Não havia caos. Em vez disso, todos os membros do corpo trabalhavam juntos em harmonia, simplesmente seguindo a direção da única Cabeça.

Era exatamente desse jeito que a igreja funcionava no livro de Atos. Sabemos que os crentes se reuniam diariamente de casa em casa (At 2:46). Os apóstolos estavam diariamente ensinando no Templo e também nas casas. Sem dúvida, muitos irmãos cheios de dons circulavam entre os outros ensinando, encorajando, orando, curando, profetizando, operando milagres etc.

Mas, quem organizava tudo isso? Era Pedro quem fazia o esquema de visitas dos pastores a várias casas? Era Tiago ou João quem planejava os diferentes encontros nos lares ou preparava um pequeno texto para ser ensinado por algum dos líderes de grupos nos lares? Quem estava no controle? Quem estava dirigindo a igreja? Era Jesus! Era o Espírito Santo quem estava dirigindo e orquestrando todas as atividades da igreja.

Eles não precisavam de que seres humanos fizessem isso. Não precisavam depender de homens. Não havia confusão. Não era uma grande desordem. Ninguém precisava manobrar todas as coisas nem dizer a todos o que fazer. Não havia necessidade de uma grande organização e de muito planejamento. E ainda assim, tudo funcionava bem. O evangelismo acontecia. As necessidades eram supridas. Os crentes eram edificados e fortalecidos na fé.

Os muitos ministérios e encontros pareciam acontecer de uma maneira coordenada. Isto acontecia porque todos estavam sendo dirigidos pela mesma Pessoa. O

próprio Senhor ressuscitado estava entre eles, dirigindo cada aspecto da Igreja. Ele, a Cabeça, estava controlando cada movimento de Seu próprio corpo.

Como precisamos de uma dose desse tipo de cristianismo, hoje! Como nós, povo de Deus, precisamos retornar a Ele como nosso Líder, Mestre e Guia. Se nós pudéssemos, por fé, olhar para Ele, para que Ele dirigisse nossas vidas diárias e nossa experiência de corporação, não haveria limite para o que Ele poderia fazer em nosso meio. A verdade é que, em vez de ajudar a Deus com todas as nossas figuras e estruturas de autoridade, estamos realmente impedindo a Sua obra entre nós.

RESTAURANDO A AUTORIDADE DE CRISTO

Nós, povo de Deus, precisamos retornar a uma caminhada de fé. Precisamos nos arrepender de tudo o que temos feito para substituir o Seu governo e restaurá-Lo ao Seu legítimo lugar entre nós. Já é tempo! Não, já passou o tempo de colocarmos de lado todos os substitutos, tudo o que ocupe o Seu lugar em nossas vidas e no meio de Seu povo. Somente deste modo começaremos a experimentar o Cristianismo do Novo Testamento. Somente retornando a Ele como nossa Cabeça e nosso líder, iremos ver Seu poder e Sua glória no meio de nós. Somente se reentregarmos todo poder e autoridade sobre cada membro da Igreja para Jesus Cristo é que poderemos ver um verdadeiro reavivamento como resultado. Ele é capaz e está pronto para liderar o Seu povo.

Você vê, quando tentamos estabelecer figuras de autoridade, criamos um tipo de gargalo na Igreja. Isso é o que chamo de “problema de funil”. Os homens são finitos. Seu tempo, atenção e energia são limitados. Sua capacidade, imaginação e mesmo revelação sobre a obra de Deus é restrita. Então, quando elevamos alguns de nós como nossas cabeças, as atividades do corpo de Cristo se tornam truncadas. Com o homem na direção, os membros não são livres para seguir Jesus. Tudo precisa ser checado através do “funil” da liderança.

Suponha, por exemplo, que a irmã Ruth sinta que o Senhor deseja que ela comece um estudo bíblico para mulheres em sua casa. Antes de fazer isso, ela precisa pedir a autorização do pastor. Ela não quer ser vista como rebelde. Não quer que os outros pensem que ela está desafiando a autoridade dos líderes, então precisa pedir autorização

antes.

Mas, o pastor está ocupado. Talvez tenha acabado de brigar com sua mulher ou esteja em uma crise familiar. Ele reluta em que Ruth comece um estudo bíblico sem sua supervisão. O que ela poderia ensinar? O que poderia acontecer? Se qualquer coisa der errado, ele será responsabilizado e terá que extinguir o fogo. Então, ele diz: “Olhe, eu não tenho tempo para lidar com isso agora. Talvez uma outra hora. Vamos pensar nisto!”, ou qualquer outra resposta semelhante. Assim, Ruth não é realmente livre para seguir o Senhor. A liderança humana se torna um gargalo para o fluir das direções de Deus.

Esse é apenas um entre os milhares de exemplos. Esse tipo de problema é endêmico em relação qualquer tipo de autoridade humana na Igreja. Todos os membros do corpo de Cristo têm dons. Portanto, todos se tornam ministros, exercendo seus dons em benefício de todos os outros.

Mas, nenhum homem ou mesmo nenhum grupo de homens é capaz de supervisionar tudo isso. Somente alguém infinito poderia coordenar e direcionar todas as coisas. Então, quando o homem está encarregado, uma imensa parte desse ministério desaparece. O funil no topo da pirâmide da autoridade o restringe. Ninguém é simplesmente livre para seguir o Senhor e fazer o que Ele diz. Deste modo, a autoridade humana, em vez de ajudar o trabalho de Deus, grandemente o impede.

Quantos homens e mulheres de Deus estão abandonando a fé e correndo atrás de coisas deste mundo, porque não encontram espaço para seus dons e ministérios na igreja? Eles não se adequam ao programa. As atividades do grupo simplesmente não dão tempo ou espaço para eles. Seus dons e seus chamados não são reconhecidos.

Talvez a estrutura organizacional só tenha deixado lugar para uns poucos membros cheios de dons, enquanto o resto só pode se sentar passivamente nos bancos e ouvir. Talvez o líder se sinta ameaçado pela união ou dons de outros, então ele os lança fora. Esse e muitos outros males são o resultado da autoridade humana e da estrutura terrena na igreja.

Mas, que diferença quando Jesus está na liderança! Então todos os membros são livres para funcionar, enquanto Ele os dirige. Seus dons e talentos são necessários. É precisamente “o auxílio de todas as juntas” (Ef 4:16) que algum outro membro está precisando para derrotar seu pecado, ser curado de alguma doença ou liberado de alguma

força dominadora.

Com Jesus dirigindo todos os movimentos de Seu corpo, cada necessidade é suprida. O poder do Espírito Santo está mais em evidência, já que cada um está respondendo a Ele e Lhe obedecendo. O corpo é edificado muito mais rápido e eficientemente, porque cada um está fazendo o seu trabalho sem restrições. Tudo é bem coordenado, porque uma única Cabeça está no comando.

Talvez o irmão Felipe, o evangelista, pudesse ser um bom exemplo aqui. Ele sentiu que o Espírito Santo estava lhe dizendo para ir até o meio do deserto e permanecer lá (At 8:26). Isto parece ser um estranho tipo de liderança.

Então, o que fez ele? Foi pedir permissão a Pedro? Foi pedir conselho a João? Será que Tiago o aconselhou desta forma: “Olhe, irmão, isto parece estranho. Por que Deus iria querer você no meio do deserto? Provavelmente foi apenas imaginação sua ou um espírito mau. Precisamos dos seus dons aqui, onde estão os crentes, e não no meio do deserto. Não, acho que você não deve ir.”

Em vez disso, Felipe obedeceu a Deus. Conseqüentemente, levou um servo da rainha da Etiópia a Cristo e, muito provavelmente, uma nação inteira foi impactada com o evangelho naquele tempo. O resultado de sua obediência foi fruto espiritual. É precisamente assim que deveria ser hoje, se déssemos a Deus a chance de nos liderar.

O QUÊ? TORNAR TODO MUNDO LIVRE?

Então, se simplesmente deixarmos todos crentes seguirem Jesus, o que acontecerá? Pelo lado positivo, creio que um reavivamento poderá irromper. Muitos dons e ministérios serão liberados. Muitos crentes serão desafiados, quer eles tenham ou não tido um compromisso com o Senhor. O corpo de Cristo será edificado muito mais rápida e eficientemente. O poder de Deus será visto em Sua Igreja. Até mais do que isso, Ele virá e fará morada entre nós.

Pelo lado negativo, haveria a possibilidade de se cometer erros. Alguns iriam pecar; outros iriam se desviar. Outros ainda iriam apostatar. Sem dúvida, haveria um risco de erro e/ou heresia. Certamente, nos tempos do Novo Testamento, tais coisas também

ocorreram. Mas, tais pecados e erros não seriam diferentes dos que temos hoje. As coisas negativas que poderiam acontecer já estão acontecendo em grande abundância na Igreja de nossos tempos. Então, não há realmente riscos. O único risco é não fazer o que Deus está nos dirigindo a fazer. O único perigo está na desobediência. Dois mil anos de controle humano na Igreja não nos levaram à meta. Então, vamos tirar nossas mãos do controle e deixar Jesus Cristo reinar supremo sobre nós.

Se, subitamente, todos os crentes fossem libertos da autoridade humana, então eles teriam que afundar ou nadar. Seriam confrontados com a necessidade de procurar a Deus por si mesmos. Teriam que aprender como ouvi-Lo e como segui-Lo. Seriam pressionados a conhecer Sua palavra e a serem capazes de sentir Sua presença. Muitos devem supor que a maioria iria afundar. Acredito que nos surpreenderíamos com tantas pessoas que conseguiriam nadar.

Não é como se não houvesse ajuda para os fracos. Deus nunca deixaria perecer alguém cujo coração estivesse aberto para Ele. Além disso, no corpo de Cristo existem muitos membros cheios de dons que ministrariam àqueles que estivessem em dificuldades. Entretanto, essa ministração não deve ser para trazer de volta à escravidão da liderança humana, mas uma ajuda aos fracos para que conheçam Jesus por si mesmos. Através do poder do Espírito Santo e de Seu ministério, acredito que cada um, que realmente tenha um coração puro para seguir Jesus, iria certamente aprender a nadar.

O PERIGO DA ORGANIZAÇÃO

No Novo Testamento, quase nada na igreja era organizado. Ali temos pouquíssimos exemplos de “planejamento”. De fato, é impressionante como eles tinham pouca organização. Todavia, este autor não está insistindo que é antibíblico organizar alguma coisa. Verdadeiramente, é impossível viver sem qualquer forma de planejamento. Por exemplo, se telefone para um amigo e o convido para jantar, organizei algo antes. Se concordo em me encontrar com alguém em um tempo e um lugar determinado, nosso encontro foi organizado anteriormente, de alguma forma. À medida que vivemos, sempre necessitaremos ter alguma forma de organização.

O perigo da organização é este: uma vez que é colocada em movimento, pode facilmente permanecer em movimento. Pode adquirir uma vida própria. Uma vez que os elementos essenciais de qualquer obra ou esforço são estabelecidos, torna-se fácil as coisas seguirem em frente desta forma. A Companhia FORD é um bom exemplo disto. Henry Ford está morto. Ele morreu há bastante tempo. Entretanto, a companhia que ele organizou, continua existindo até hoje.

Muitas obras para o Senhor também estão nesta categoria. Podemos admitir, como argumento, que uma ou outra obra foi iniciada por Jesus. Talvez Ele tenha levado algum filho Seu a trabalhar para Ele, de algum modo específico. Mas, e hoje? Esta ainda é a Sua vontade? Ele ainda está no comando de tudo? Ou será que o Espírito Santo Se mudou e alguém ainda está tentando fazer funcionar o que agora é realmente uma forma vazia?

Parte do perigo é que as pessoas tendem a gostar de coisas bem organizadas. Querem coisas previsíveis. Sentem-se confortáveis com algo bem estruturado e bem dirigido. Elas têm pouca necessidade de buscar o Senhor sozinhas. Sua carne pode relaxar e acreditar que tudo está sendo cuidado. Coisas familiares fazem pessoas sentirem-se bem e seguras, e muitas realmente gostam desse sentimento.

Quando as coisas são organizadas, os crentes não têm que estar em um constante e vivo contato com Jesus. Não precisam: se exercitar para procurá-Lo a cada momento; estar prontos para obedecer; ministrar ou fazer algo para Ele. Com uma organização, não necessitam estar preparados para mudar suas atividades, seus empregos ou mesmo o lugar onde vivem. Podem simplesmente se sentar e deixar a organização dirigir seus encontros e suas vidas.

Mas, nossa vida com o Senhor é nova a cada manhã (Rm 6:4). Enquanto Ele estava na Terra, estava constantemente fazendo algo diferente. Sua vida estava bem distante da rotina. A cada dia, os discípulos eram surpreendidos pelo que Ele fazia, pelos lugares onde Ele ia e pelo que Ele dizia. Portanto, podemos estar certos de que a Sua liderança na Igreja e em nossas vidas individualmente será desse jeito também. Precisamos ter a flexibilidade para nos mover e mudar o rumo com Ele a qualquer momento.

A experiência dos filhos de Israel no deserto é um excelente exemplo disso. Eles seguiam o Deus vivo que Se manifestava na coluna de fogo e na nuvem. Quando Ele Se movia, eles tinham que estar prontos para se moverem também. A nuvem ou a coluna de

fogo podia se mover a qualquer momento do dia ou da noite. Eles tinham que estar sempre prontos (Êx 13:21,22 e Êx 40:36,37).

Talvez eles ficassem num lugar por uma hora, uma semana, meses ou mesmo um ano. Mas, a qualquer momento, Deus podia Se mover e eles tinham que estar prontos para embrulhar tudo em um instante e partir.

Até mesmo o Tabernáculo, que Deus instruiu Moisés a construir, foi feito com essa intenção. Ele era portátil. Era facilmente desmontável e pronto para se mover. A prontidão para abandonar nossas práticas e comportamentos estabelecidos, horários e lugares de encontros e todos os hábitos religiosos arraigados deve também ser a nossa atitude.

Desta forma, a chave para qualquer organização, de qualquer encontro, ministério ou obra para Deus, é sermos conduzidos pelo Espírito Santo. É a Sua direção que precisa iniciar qualquer coisa. É Ele quem precisa estar nos liderando em tudo o que fazemos. Além disso, precisamos ser intensamente sensíveis a Ele para dismantelar qualquer coisa organizada previamente sem a Sua direção. Precisamos estar constantemente sintonizados com Ele para frear tudo que foi colocado em movimento sem a Sua liderança.

É essencial que preservemos Sua soberania sobre todas as coisas, especialmente sobre algo que tenha a tendência a se tornar organizado e, portanto, rotineiro e previsível. De outro modo, logo seremos deixados com uma forma vazia. Teremos apenas algo que Deus usou e abençoou em algum momento no passado, mas hoje é um simples modelo ou fórmula sem o conteúdo divino.

Um dos poucos exemplos do Novo Testamento de algo sendo organizado foi a escolha dos diáconos em Jerusalém (At 6:1-7). Ali surgiu um problema. Algumas viúvas estavam sendo negligenciadas quando a comida era distribuída. Evidentemente, isso era feito de uma maneira esporádica e acidental, e algumas viúvas “helenistas” não estavam sendo atendidas. Então, elegeram-se alguns homens para tomar conta desse trabalho.

Mas, por favor, preste atenção ao tipo de homem que eles escolheram. Qualquer um pode distribuir comida. Até mesmo um ímpio poderia tomar conta de um trabalho assim e tudo correr muito bem. Entretanto, eles foram cuidadosos em selecionar homens com uma certa virtude: eram especialmente “cheios do Espírito Santo” (vs. 3). Os apóstolos e os outros estavam preocupados com que este trabalho fosse algo dirigido por Deus. Não era suficiente simplesmente suprir necessidades. Eles queriam estar certos de que o que estava sendo

feito era iniciado, conduzido e, se necessário, terminado pelo Senhor. Então, selecionaram homens que sabiam como segui-Lo.

LIBERDADE GLORIOSA PARA OS FILHOS DE DEUS

Somos chamados para “a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8:21). Fomos libertos do pecado. Fomos libertos da lei. À medida que entendemos mais perfeitamente os caminhos de Deus, estaremos libertos da escravidão de estar “debaixo” de autoridades religiosas também. Os filhos de Deus não devem estar sujeitos a qualquer variedade de servidão terrena. Paulo vai mais longe e diz que, devido a essa tremenda liberdade, “todas as coisas são lícitas” (1 Co 6:12, 10:23) para o crente. Um cristão é livre para fazer tudo aquilo que ele escolher.

No princípio, Deus deu a Adão e a Eva, o livre arbítrio. Eles podiam fazer tudo aquilo que quisessem. Somente uma coisa era proibida. Mas, mesmo isso estava disponível para eles. A árvore do conhecimento do bem e do mal estava bem diante de seus olhos. O Senhor lhes dera até mesmo o direito de fazer a escolha errada. Ele nunca interferiu, mas deixou-os tomar suas próprias decisões.

Do mesmo modo, hoje qualquer cristão tem total liberdade de escolher o seu próprio caminho, sem ser impedido por qualquer autoridade religiosa. Será que devemos dar uns aos outros menos liberdade do que Deus nos dá? Será que estamos em uma posição capaz de restringir a completa liberdade dos outros, de um modo que nem o Senhor o faz? A resposta é clara: não! Assim como nossos ancestrais no jardim tiveram liberdade para escolher, também hoje cada crente deve ter completa liberdade de escolha.

Todavia, esta grande liberdade se torna uma prova para nós. Nossas escolhas irão nos expor: O que exatamente está em nossos corações? Estamos realmente procurando por Jesus e por Seu Reino de todo o nosso coração? Ou há outras coisas escondidas em nossas almas? Desejamos verdadeiramente agradá-Lo em todas as coisas ou estamos brincando com o Seu perdão e a Sua graça? Como estamos usando nossa liberdade?

A completa liberdade irá expor como realmente está o seu coração no relacionamento com Jesus Cristo. O que você faz, diz ou pensa, quando não há uma

autoridade humana observando você, revela o que realmente existe em seu interior.

Se quando considera sua verdadeira posição de liberdade, você para de orar muito, isso diz algo. Se você não medita mais diariamente na Palavra de Deus, procurando Sua vontade e revelação, isso também fala alto. Se você abandona o hábito de diariamente procurar seus irmãos para comunhão e oração, isso também está revelando algo.

Se encontrar outros crentes para louvar o Senhor e compartilhar não alegra o seu coração, isso expõe o estado real de seu coração. Se andar lado a lado com Jesus e ser agradável em tudo (Cl 1:10), em cada aspecto e detalhe de sua vida, não é o seu foco e deleite, então isso certamente fala muito alto. Se existe alguém que não está realmente comprometido com o Senhor, se por acaso há alguns cuja participação na comunidade cristã não é baseada em submissão e amor a Jesus, a verdadeira liberdade irá mostrar quem eles realmente são.

EXPONDO O PECADO

Como pôde ser visto, essas falhas não podem ser sanadas pela submissão ao homem e não podem ser consertadas pela insistência na obediência à autoridade posicional. De fato, é somente quando tal autoridade é removida que as atitudes reais do coração são expostas. Muitas vezes, a submissão à autoridade humana só serve para encobrir esses e muitos outros problemas. Facilmente começamos a estar “servindo à vista, como para agradar a homens”, em vez de agir “como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus” (Ef 6:6).

As metas dos cristãos podem facilmente passar à tentativa de satisfazer às demandas de um líder humano ou de algum grupo religioso em particular, enquanto realmente negligenciam às de nosso Senhor. Se nossa figura de autoridade fica satisfeita com nossa conduta, naturalmente achamos que Jesus também ficou. Quando os padrões de nosso grupo religioso são atingidos, fica fácil supor que estamos bem com Deus. Desta forma, tal submissão trabalha para esconder o pecado em vez de o expor.

Mas Deus vê as profundezas de nosso coração. Ele sabe o que está lá, mesmo que esteja escondido. Nenhum conselheiro ou pastor pode fazer tal coisa. Os homens são

fáceis de enganar. No entanto, “...todas as coisas estão descobertas aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4:13). Deus sabe todas as coisas. Você pode esconder algo dos outros. Você pode até mesmo tentar esconder de si próprio, mas Jesus “...sonda as mentes e os corações” (Ap 2:23).

Uma grande parte da obra de Deus em nossas vidas é expor o pecado. Seu propósito é que nos vejamos como realmente somos, nos arrependamos de todos os nossos pecados e sejamos transformados pela obra do Espírito Santo. O trabalho do Consolador que Jesus enviou foi justamente este: convencer o mundo do pecado (Jo 16:8). Talvez esta seja uma razão pela qual recebemos tão grande liberdade. Ela expõe justamente quem e o quê realmente somos.

O modo como você usa a sua liberdade mostra o que vai em seu coração. Ele revela se você está realmente bem com Deus e caminhando em intimidade com Ele. Portanto, liberdade total é uma experiência absolutamente essencial para cada crente. Se você nunca a experimentou, então deve procurar fazê-lo. À medida que você a desfruta, começará a se enxergar à luz de Deus. Suas escolhas, ações e palavras revelarão quem e o quê você realmente é.

Se o seu coração procura realmente pela justiça de Deus e pelo Seu reino, isso lhe será mostrado. Se há outras prioridades dentro de você, isso também será exposto. Foi o Senhor Jesus Cristo quem deu a você essa liberdade. É vontade Dele que você a experimente. Somente deste modo, você pode se ver à Sua luz e ser transformado naquilo que Ele é. Sem tal liberdade, a obra de Deus não pode se completar em sua vida.

Sim, em qualquer lugar em que haja liberdade, existe um perigo. É o perigo do povo usá-la de maneira errada. A liberdade nos dá a opção de simplesmente agradar a nós mesmos. Também é possível que um cristão abuse da bondade de Deus e a use como um meio para satisfazer a carne e pecar.

Paulo nos exorta a sermos cuidadosos e a não usarmos nossa liberdade para “...dar ocasião à carne”, para satisfazer seus desejos pecaminosos (Gl 5:13). Ele ensina que, ao contrário, devemos usar nossa liberdade para nos tornar servos de outros irmãos e irmãs. Devemos nos entregar por Seu amor a ajudá-los a crescer na plenitude de Deus. Além disso, nos adverte que, por causa de nossa liberdade, há o perigo de nos tornarmos envolvidos de novo no jugo da escravidão do pecado ou da lei (Gl 5:1). A instrução de Paulo é que sejamos

libertos da lei para pertencermos a outro, àquele que ressuscitou dentre os mortos (Rm 7:4).

Assim, vemos que a meta não é viver sem restrição ou autoridade, mas se submeter voluntariamente a Jesus. O objetivo de nossa liberdade não é nos tornar um tipo de “espírito livre”, circulando por aí a fazer tudo o que nos dá vontade, mas escolher sujeitar nosso corpo, alma e espírito a Jesus Cristo.

Dando-nos completa liberdade, Deus está nos testando. Nossa liberdade total se torna uma espécie de instrumento de prova para ver o que realmente está em nossos corações. Nesta era da graça, nosso Senhor não está impondo Sua autoridade a ninguém. Ele nunca nos pressiona à submissão. Qualquer pequena resistência de nossa parte interrompe Sua obra em nossas vidas.

Com a liberdade, vem a responsabilidade. Tornamo-nos responsáveis por nossas escolhas diante de Deus. Quando uma outra pessoa está dirigindo a nossa vida, é fácil imaginar que ela seja responsável pelos resultados. Mas, quando temos a liberdade de escolha, então somos nós que temos que suportar a responsabilidade das conseqüências.

Algum dia, quando Jesus voltar, Ele nos julgará por aquilo que fizemos com a liberdade que Ele gratuitamente nos deu. Cada um de nós deveria estar vivendo, lembrando constantemente de que esse julgamento virá.

7.

A UNIDADE DA IGREJA

O PONTO DE VISTA DE DEUS

Para viver e trabalhar em harmonia com os pensamentos de Deus, precisamos antes ver as coisas do Seu ponto de vista. Qual é este ponto de vista? É este: quando Deus olha para baixo, do céu, Ele não vê milhares de “corpos de Cristo”. Ele vê apenas o Seu único corpo. A Bíblia afirma especificamente que “...há *somente um corpo* e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Ef 4:4-6). Há realmente uma única Igreja. Este é o ponto de vista de Deus.

Enquanto nós, do nosso ponto de vista terreno, podemos ver as muitas divisões, “igrejas”, denominações, seitas etc., que dividem o corpo, na realidade ele é somente um. Sem dúvida, Deus concebe que esses diversos segmentos existem. Ele deve estar ciente deles. Entretanto, quando olha para a Terra, Deus vê somente uma Igreja, uma Noiva. Portanto, para trabalhar em harmonia com Ele, precisamos adotar o Seu ponto de vista. Também precisamos começar a ver a Igreja como uma só.

À medida que caminha com Ele, você deve notar que Deus, embora esteja ciente das divisões dentro de Seu corpo, visita cada uma de suas partes. Ele ama cada um de seus membros, ama todos eles. Ele ministra a cada grupo, igreja e denominação. Seu cuidado amoroso, Sua abundante graça, Seu poder para libertar e curar e Sua obra de santificação estão disponíveis para todos, sem exceção.

Realmente, quase todo grupo de crentes verdadeiros – não importa qual seja a posição doutrinária deles, os costumes, as práticas ou ênfases tradicionais – experimenta a

presença de Deus de um modo ou de outro. Portanto, podemos perceber que nosso Senhor visita e compartilha de Si mesmo em qualquer grupo de cristãos abertos a Ele e prontos a receber Dele. Ele não é limitado por divisões; não é interrompido por muros doutrinários; não é impedido por práticas peculiares. Ao contrário, Seu amor O compele a ministrar a todos, usando qualquer abertura disponível.

Não há dúvida de que essas divisões O aborrecem. É bem provável que Ele desejasse que as coisas fossem diferentes. É certo que tais facções são contrárias à Sua vontade manifesta. Entretanto, à Sua maneira humilde, Jesus visita e compartilha de Si mesmo com cada pequena parte do corpo de Cristo.

Vamos considerar isso muito cuidadosamente. Já que nosso Senhor se comporta desse modo, como é que devemos nos conduzir? Somos melhores do que Ele? Somos mais santos do que o Espírito Santo? Podemos nos separar dos outros porque eles são causadores de divisão? Temos a permissão Dele para sermos mais discriminadores, ao decidir a quem iremos ministrar, ou não; com quem teremos, ou não, comunhão? Certamente a resposta para isso deve ser “NÃO”.

Portanto, precisamos adotar a perspectiva de Deus quando tomamos a iniciativa de trabalhar com Ele na construção de Sua Noiva e de Sua Igreja. Os outros podem ter suas divisões, no entanto nós não devemos ter nenhuma. Alguns podem ter seus muros e barreiras, mas para nós isso não deve existir. Muitos podem se isolar do resto do corpo, criticando os outros e sentindo-se superiores por causa de seus entendimentos, suas lideranças ou suas práticas. No entanto, para aqueles que são íntimos de Cristo, essas coisas não deveriam impedir que eles amassem e servissem a qualquer irmão.

Hoje em dia é impossível quebrar todas as diversas barreiras de separação que existem no corpo de Cristo. Não podemos eliminar todas as divisões. O problema é grande e difundido demais.

Entretanto, existe um lugar onde podemos eliminar todas essas tais barreiras. Há somente um lugar onde toda divisão pode cessar de existir – em nossos próprios corações. Sendo cheios do amor de Deus e motivados por ele, podemos adotar o Seu próprio ponto de vista. Podemos deixar para lá esses impedimentos criados pelo homem e, então, quando e onde pudermos, ministrar Jesus Cristo a cada pessoa do Seu povo.

Nós, povo de Deus, somos livres. Somos livres para amar a todos. Somos livres

para receber todos, abraçar a todos, servir a todos e até mesmo nos encontrarmos com todos. Nossa atitude para com cada membro do corpo de Cristo e até mesmo para com as diversas reuniões de Seu povo, podem ser as mesmas atitudes de Deus. Podemos amá-los e ministrar Cristo a eles.

APENAS UM IMPEDIMENTO

O único limite a essa manifestação de unidade vem quando começamos a colaborar com outros na construção da casa de Deus. Temos sido claramente exortados a construir apenas de acordo com a visão celestial. Portanto, não somos livres para nos lançar em qualquer construção que encontrarmos. Não é sábio nos envolvermos em obras e esforços humanos. Não podemos ajudar outras pessoas a construir algo que não satisfaça os desejos de Deus.

Entretanto, embora não devamos nos unir a muitos grupos cristãos naquilo que eles estão construindo, ainda podemos amá-los e servi-los de várias maneiras. Mesmo que venhamos a discernir que a construção deles não é eterna e que não devemos perder tempo em colaborar com eles neste esforço, ainda é possível colocar de lado esse impedimento e ministrar o Espírito de Jesus Cristo onde e quando isso for possível. Em muitos casos é possível encontrar maneiras, assim como Deus faz, de compartilhar Sua Vida eterna com eles.

Talvez, por trabalharmos deste modo, quando a aparência exterior da construção humana for queimada pela presença de Jesus em Sua vinda, algo precioso e eterno irá permanecer. Seremos capazes, por meio da sabedoria e do poder de Deus, de construir algo sólido e duradouro, em vez das construções terrenas.

É verdade que devemos tomar cuidado para não nos envolvermos e sermos atolados em organizações humanas, mas também é verdade que, pela sabedoria de Deus, podemos ministrar Cristo em quase todas as situações. Nunca devemos perder a visão da casa de Deus e nos embarçarmos com obras religiosas terrenas. É necessário sempre discernir cada situação e tomar o cuidado de construir apenas com os materiais de Deus e à Sua maneira. Mas, com isso em mente, assim como Jesus encontra meios de compartilhar

de Si mesmo com outros, mesmo no meio de várias construções imperfeitas, também nós podemos trabalhar junto com Ele para amar e servir ao Seu corpo.

Quando vemos o pecado dos outros, quando percebemos que as divisões existentes são contrárias à vontade de Deus, não precisamos fugir e nos esconder. Também não temos obrigação de excluir esses “pecadores” de nossa esfera de amor e serviço. Não temos necessidade de evitar todo contato com eles por medo de sermos contaminados por divisões. Esta é uma reação simplesmente natural e carnal.

O ministério de Jesus nos dá um exemplo a seguir. Lemos que Ele freqüentemente ministrava nas sinagogas em Seus dias (Mt 4:23; 9:35). Entretanto, essas reuniões não eram bíblicas. Em nenhum lugar da Bíblia, Deus instruiu os judeus a construir sinagogas e a realizarem reuniões. Esta foi uma invenção religiosa, meramente humana. Então, Jesus as evitou? Ele desviou o Seu nariz e pensou – não vou me envolver nessa obra humana, não bíblica e contaminada? Não! Ao contrário, Ele ia regularmente compartilhar de Si mesmo com o povo (Lc 4:16).

É verdade que o sistema da sinagoga não mudou por causa de Seu ministério. É certo que a maioria não foi transformada por Suas palavras. Houve, indubitavelmente, muitas vezes em que Jesus não foi bem recebido. Ocasionalmente, até mesmo tentaram matá-Lo. No entanto, Ele persistentemente ia à sinagoga, porque sabia que muitos dos que lá estavam tinham fome Dele. Jesus amava aquelas pessoas e usava cada oportunidade para compartilhar de Si mesmo com elas.

Jesus não se tornou o líder de sinagoga alguma. Ele não tentou “trabalhar dentro do sistema”, para trazer alguma mudança. Ele não ficou enredado nas obras humanas e práticas religiosas. Entretanto, usou cada oportunidade para apresentar-Se (Lc 4:16-21) e para servi-los com o Pão da Vida. Nós, Seu povo, somos também livres para viver e trabalhar do mesmo modo.

COMO O CORPO SE DIVIDE

A Igreja de Deus é única. Há uma unidade espiritual inerente em toda a Igreja, que inclui cada crente desde o tempo em que Jesus Cristo morreu na cruz por nossos pecados

até o dia de hoje. Embora isso ocorra, a Igreja verdadeiramente está dividida de várias maneiras.

Primeiramente, a Igreja está dividida em duas categorias: os membros da Igreja que já morreram e partiram para estar com o Senhor e aqueles membros que ainda permanecem na Terra. A realidade física da morte divide a Igreja nessas duas categorias. Mas também a parte da Igreja que “permanece” aqui na Terra está dividida em várias partes. Estamos falando não sobre o problema da divisão, mas sobre os fatos das limitações físicas. Um desses limites é a geografia.

Então, o corpo de Cristo está dividido geograficamente. As pessoas vivem em países diferentes, em cidades diferentes, em bairros diversos. Faz parte da natureza dos homens se reunirem em comunidades, então a Igreja também se divide fisicamente, da mesma forma. Assim, a única Igreja verdadeira se separa em uma igreja em cada comunidade. Obviamente é impossível que esses crentes nesses locais díspares se reúnam, se encontrem e sirvam uns aos outros diariamente.

Portanto, vemos que a única Igreja de Deus se divide em unidades locais. Por exemplo, a Bíblia fala de uma igreja nesta ou naquela cidade. Estas não são igrejas realmente separadas, mas são simplesmente partes da Igreja verdadeira que existem em um ou em outro lugar particular. Tal separação geográfica não implica, de maneira alguma, que os cristãos que vivem em diferentes cidades sejam separados espiritualmente dos outros que vivem em lugares diferentes. A divisão terrena da Igreja é devido somente à tendência de homens se separarem em cidades.

O fato de que essa separação física não deve envolver nenhuma separação espiritual é claramente mostrado pelos ensinamentos bíblicos sobre hospitalidade. As Escrituras nos ensinam que devemos acolher bem os estrangeiros. Precisamos abrir nossas casas e nossos corações para os irmãos que estão passando por nossa cidade (Rm 12:13; 1 Tm 3:2; Tt 1:8; 1 Pe 4:9).

Estes versículos nos mostram que devemos ter o mesmo amor, a mesma sinceridade e a mesma unidade espiritual com cada cristão, independente do local em que ele vive. Assim, é evidente a percepção de que a unidade real se estende para além da divisão física da Igreja por localidades. Embora a Igreja esteja geograficamente dividida, a unidade do Espírito ainda prevalece.

LIMITAÇÕES DE NATUREZA PRÁTICA

Em cada cidade pode haver milhares de cristãos. Dependendo do tamanho da cidade e do número de cristãos, provavelmente é impossível que todos se conheçam. Chega a ser impossível que todos se encontrem e tenham comunhão cotidiana.

Por essa razão, na prática, a Igreja de Deus está ainda mais dividida. Os membros da única Igreja podem freqüentemente se reunir em pequenos grupos quando se encontram para louvar e orar. Entretanto, esses cristãos ainda são membros da única igreja em sua cidade, a qual é apenas uma pequena parte da única Igreja verdadeira. Novamente, precisamos conceber que a divisão da Igreja, com relação a encontros em determinados lugares, é apenas física e nunca deve levar à desunião espiritual.

Essa é só uma limitação de natureza prática. Embora possa ser impossível que todos os crentes de uma mesma cidade se reúnam em uma única sala ou auditório, o princípio da unidade permanece o mesmo. Embora certamente estes crentes possam se encontrar em casas independentes ou em locais variados, seu compromisso com o serviço e com o amor devem ser com todos e não simplesmente com um grupo distinto com o qual eles tenham uma associação mais freqüente.

LIBERDADE PARA SE ENCONTRAR COM TODOS

Precisamos também considerar um erro comum. É freqüente o ensinamento de que o grupo com o qual nos reunimos junto a outros crentes seja um tipo de grupo “absoluto”. É uma espécie de agrupamento santo com o qual estamos comprometidos. Se nos encontramos com o grupo “X”, por exemplo, então não devemos nos encontrar com o grupo “Y”.

Porém, tal pensamento não está e nem nunca esteve no coração de Deus, nosso Pai. No livro de Atos, lemos que os crentes se encontravam “diariamente, de casa em casa” (At 2:46). Isto significa que um dia alguns se reuniam em uma casa e, no dia seguinte, em outra. Mas, seguramente existia um inter-relacionamento. Com toda certeza, cada reunião não era um agrupamento distinto e separado. Sem dúvida, alguns dos que se encontravam

em uma casa, também se encontravam em outras casas, com crentes diferentes, dependendo da direção do Espírito Santo.

Vamos considerar este fato: talvez o irmão José se encontre com um grupo na terça-feira à noite, na casa de alguém. Isso significa que na quarta-feira ele não pode se encontrar com um outro grupo em uma outra casa? Certamente que não!

O irmão José é um membro do corpo de Cristo. Ele é livre para encontrar-se com todo e qualquer crente do mundo inteiro. Tem liberdade para congregar com diferentes crentes a cada noite, se quiser. Nenhum irmão ou irmã está debaixo de qualquer constrangimento bíblico que o limite a apenas uma reunião com um grupo em particular. Quando fazem isso, estão provocando uma divisão.

NOSSA ATITUDE DE CORAÇÃO

Muito embora o corpo de Cristo esteja “dividido” por constrangimentos geográficos e práticos, ainda permanece a questão de nossa atitude de coração. Para manter uma posição bíblica, precisamos também manter o coração cheio de amor por todos os filhos de Deus. Nunca devemos nos tornar exclusivos em nossas atitudes ou ações. Nosso amor deve ser o mesmo por todos, quer nos encontremos freqüentemente com eles, quer não.

Esta deve ser a nossa posição. Devemos amar a todos, servir a todos, abraçar a todos e ministrar a todos. Nossos corações devem ter essa disposição se quisermos agradar a Deus. Precisamos receber e preservar o ponto de vista de nosso Pai celestial. À Sua vista, tudo é apenas um só corpo (Ef 4:4). Nossa obrigação é viver, agir e nos mover nesta realidade.

Não faz realmente diferença se os outros concordam conosco. Pode ser que eles nem mesmo gostem de nós. As coisas podem chegar a um ponto em que outros crentes verdadeiramente lutem contra nós e até mesmo desejem nos matar (Mt 10:16-22). Mas a atitude de nosso coração deve permanecer aquela de amor e perdão. As instruções de nosso Senhor são para amar os nossos inimigos. Isto também se aplica a irmãos ou irmãs que se tornam nossos inimigos.

Ter unidade espiritual significa que o laço de amor fraternal nunca se rompe.

Permitam-me, por favor, esclarecer melhor isso com uma ilustração. Dois crentes que moram na mesma cidade, mas não se conhecem. Um pode estar se encontrando com cristãos com os quais está familiarizado, e o outro, com aqueles que conhece.

Entretanto, se eles se encontrarem, deve existir entre eles harmonia e unidade. Eles devem se aceitar e amar um ao outro, assim como aqueles que já se conhecem. Isso só será possível se eles não tiverem uma atitude de coração que produza divisões ou que provoque a ruptura da unidade do corpo de Cristo. Esta é a genuína unidade espiritual. É algo inerente a cada cristão e, portanto, possível de ser experimentado por cada cristão. Embora a unidade seja primeiramente espiritual, ela tem uma expressão real, tangível – o amor fraternal.

A IGREJA EM CORINTO

No livro de 1 Coríntios, lemos sobre um grupo de pessoas, a igreja de Corinto, que, evidentemente, não tinha uma experiência de unidade. A igreja daquela cidade estava dividida em várias facções ou partidos. Paulo escreveu uma parte da Epístola aos Coríntios com o propósito de repreendê-los e exortá-los a serem um no Senhor. Como essa passagem nos lembra a situação entre tantos cristãos hoje!

Lemos em 1 Coríntios, capítulo 1: “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer. Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós. Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo; Eu, de Apolo; e Eu, de Cefas; e Eu, de Cristo. Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes batizados em nome de Paulo?” (1 Cor 1:10-13-VRC).

Esses versos poderiam facilmente ser escritos para a igreja de qualquer cidade hoje! Tal divisão é uma situação comum entre os cristãos de nossos tempos. Na verdade, muitos cristãos foram ensinados que é apropriado que se dividam dessa maneira. Quão lamentavelmente longe isso fica do ideal da cristandade nas Escrituras.

Cada grupo diz: “somos desta crença”; ou, “somos daquela opinião”; “eu sou

carismático”; “eu, pentecostal”; “sou dos que batizam por um ou outro método”; ou “sigo um determinado líder”. É assim que encontramos uma grande parte da Igreja de Deus hoje: dividida, argumentando e discordando uns dos outros.

Um grupo de cristãos talvez desconfie dos motivos, ensinamentos ou métodos do outro. Um determinado grupo, ainda, pode ter ciúme do outro porque este tem mais membros ou um prédio mais extravagante. Todas estas coisas apenas dividem a Igreja de Deus.

Argumentações, contendas e dissensões dessa natureza entre os membros do corpo de Cristo, é uma atitude carnal e mundana. Vamos ler novamente 1 Coríntios, desta vez no capítulo 3: “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco agora podeis, porque ainda sois carnis. Pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu, de Apolo; porventura não sois carnis?” (1 Co 3:1-4-VRC).

O problema entre os cristãos hoje, em cada cidade, não é que existam muitos encontros diferentes. Isso é uma questão de necessidade. O problema é que cada um desses encontros possui uma identidade separada. Cada um desses grupos começa a aderir a certa doutrina, líder, prática ou caminho que o diferencia dos outros encontros de cristãos genuínos naquela cidade.

Cada grupo constrói um tipo de parede ou barreira para manter “suas ovelhas” separadas de todas as outras. Para cada grupo, o ponto de separação pode ser uma coisa diferente. Entretanto, o resultado é o mesmo: a divisão da igreja em cada cidade em pequenas seitas ou facções, que têm pouco ou nada a ver uns com os outros. Essa situação não é de Deus. É o que Paulo designa como carnal e infantil. Tal divisão destrói o funcionamento adequado do corpo de Cristo e impede a obra de Deus na Terra.

Permita-me ser corajoso para fazer uma pergunta. Há uma diferença entre dizer: “sou de Paulo”; ou “sou de Apolo”; ou “sou de Cristo”; e dizer: “sigo os ensinamentos de Lutero”; “sou batista”; “apóio uma certa organização do presbitério”; ou “sou da igreja de Cristo”? Como a situação atual se assemelha com aquela da cidade de Corinto!

Entretanto nós, seres humanos, justificamos fortemente o que estamos fazendo, em vez de seguirmos os claros ensinamentos encontrados nas Escrituras.

Certo, isso tudo é feito por boas razões, humanamente falando. Alguns estão tentando proteger o que chamam de “fé”. Outros podem estar tentando preservar a pureza de alguma verdade que tenham descoberto. Outros ainda podem estar se esforçando para proteger seus membros de ensinamentos errados. No entanto, o resultado de todas estas razões bem intencionadas é desobedecer as Escrituras e dividir a Igreja de Deus.

Pode ser instrutivo lembrar que Paulo escreveu essa epístola à “igreja que estava em Corinto”. Esta cidade estava repleta de divisões religiosas. Havia muitas facções diferentes e em desacordo. Entretanto, apesar das divisões, Paulo reconheceu que aquela era somente uma igreja que, na verdade, era uma pequena parte da única Igreja verdadeira.

Conforme vimos, a igreja de cada cidade consiste na junção de cada crente verdadeiramente nascido de novo que habita naquela cidade. Além disso, todas as reuniões cristãs são realmente apenas reuniões de uma única Igreja. Portanto, deveríamos nos empenhar por viver esta realidade. Nossos encontros com outros cristãos não deveriam ser fechados e distintos das reuniões do resto dos cristãos da cidade em que vivemos.

Quero dizer com isso que nunca deveríamos ter algum tipo de membresia confinada, separada. Nunca deveríamos insistir em que alguém participe apenas dos nossos encontros, proibindo-os de participar de outros encontros cristãos com outros crentes. Nossas paredes deveriam cair e nossas portas deveriam se abrir. Assim também nossos corações deveriam se abrir para cada cristão com o qual entramos em contato. Essa é a verdadeira unidade.

A BASE DA UNIDADE

A unidade cristã não é baseada em um acordo a respeito de doutrinas. Por exemplo, não há dúvida de que muitos não concordam com o que estou ensinando neste livro. Mas a nossa obrigação de amar uns aos outros transcende tal desacordo. Nosso amor pelos outros está baseado no fato de que nós temos um compromisso com Jesus Cristo e com todos aqueles que pertencem a Ele.

A verdadeira unidade não é o mesmo que unanimidade. A verdade sincera é que nós todos nunca concordaremos uns com os outros doutrinalmente. Sempre haverá

diferenças de opinião. Nem todos têm a mesma revelação. Alguns carecem de compreensão espiritual. Outros não cresceram espiritualmente para receber certas verdades.

O escritor aos Hebreus, por exemplo, tinha desejo de ensinar muitas coisas aos crentes, mas eles eram muito infantis para recebê-las (Hb 5:11-13). Outros, ainda, são teimosos, cheios de opinião ou apenas claramente equivocados sobre muitas coisas.

Portanto, acordo doutrinal nunca poderá ser a base de nossa unidade.

A verdadeira unidade também não é uniformidade. É verdade que somos exortados a ter a mesma mente e a falar as mesmas coisas (1 Co 1:10). Entretanto, esta meta não pode ser alcançada pela insistência em que todos concordem conosco. Esse ideal só pode ser atingido através da obra do Espírito Santo em cada indivíduo. Se insistimos em que aqueles com quem temos relacionamentos espirituais falem, ajam e pensem apenas de acordo com certas linhas predeterminadas, podemos conseguir uma aparência de uniformidade, mas nunca teremos a verdadeira unidade que Jesus deseja.

Somos instruídos por Deus a manter a “unidade do Espírito” até que todos nós cheguemos à “unidade da fé” (Ef 4:313). Assim, vemos que a verdadeira unidade de compreensão espiritual só virá com o crescimento, com a maturidade e, talvez, com a segunda vinda de Cristo. Mas, enquanto isso, somos exortados a manter a unidade espiritual – a unidade do Espírito – com cada membro do corpo de Cristo.

A verdadeira unidade também não é conformidade. Muitos grupos de crentes pressionam seus membros, sutil ou abertamente, a se conformar a um certo conjunto de práticas e regras. Isto pode envolver o tipo de roupas a vestir, uma gama de atividades, uma submissão a figuras de autoridade ou mesmo uma maneira peculiar e distinta de falar, interagir socialmente ou até mesmo de pregar.

Entretanto, isto também não é unidade real. O homem natural pode ser ensinado e condicionado a se conformar a muitos padrões diferentes. O exército é um bom exemplo disto. Lá, todos se vestem, falam, obedecem e agem do mesmo modo.

Em alguns grupos cristãos, tais coisas também estão em evidência. Mas isso não se constitui em verdadeira unidade. A unidade que Deus procura é a de que todos sejam transformados, para se tornarem semelhantes à mesma pessoa – Jesus Cristo.

A ORAÇÃO DE JESUS

O capítulo 17 do livro de João é uma oração especial. Ali Jesus está intercedendo para que aqueles que o Pai Lhe concedeu sejam um (Jo 17:20,21). Como um novo cristão, eu acreditava que o que Jesus estava pleiteando a Seu Pai é que todos os crentes concordassem.

Imaginava que Ele estivesse pedindo que Sua Igreja não tivesse seitas ou divisões. Supunha que Jesus estava pedindo pelo tipo de unidade “horizontal”, que produziria uma expressão visível do corpo único que Deus, na verdade, vê.

Todavia, após alguns anos de caminhada com o Senhor, descobri que minha compreensão da oração de Jesus mudou. Se Jesus estava realmente pedindo uma plena unidade de todos os crentes do mundo, então, até hoje o Pai não O ouviu. Se a petição Dele foi que todos os crentes seguissem juntos, reunindo-se em unidade e relacionando-se bem uns com os outros, então por dois mil anos a oração de Jesus não foi respondida.

Talvez alguns imaginem que, finalmente, agora que estamos no final desta era, aconteça algo que provoque a grande unificação dos crentes. Mas o fato é que provavelmente a situação só irá piorar à medida que o fim se aproxima. No final desta era, os cristãos irão começar a se odiar, ao ponto de um entregar o outro à morte (Mt 10:17-21). Nesta era, a oração de Cristo nunca será respondida por um aparente show de unidade.

Então, como é que pode ser compreendida a oração de Jesus? O que é que Ele estava pedindo ao Pai? Para começar, precisamos ver que Jesus é um com o Pai. Ele disse: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10:30). O Filho sempre teve (exceto por um breve momento na cruz), e ainda tem, a mais íntima comunhão com o Pai.

Eles estão em constante comunhão. A união entre Eles é tão completa e íntima que a mente humana se exaure e suas palavras falham quando tentam descrevê-la. A união e a comunhão entre Jesus e o Pai estão além da compreensão humana.

Há uma união completa, íntima e eterna. Esta intimidade é tão absoluta que Jesus insiste em que “Quem me vê a mim vê o Pai...” (Jo14:9). Esta união é tão completa que, quando Jesus estava na Terra, suas palavras e obras eram simplesmente uma expressão do Pai (Jo 14:10). Incrivelmente, Jesus nunca era motivado pela Sua vida humana recebida de

Maria, mas estava sempre vivendo pela Vida do Pai (Jo 6:57). Jesus e o Pai têm completa unidade de espírito, coração e mente. Todos os Seus pensamentos, sentimentos e ações estão em harmonia. Não há independência de mente, emoções ou ações nesse relacionamento.

Este é um relacionamento de amor eterno. O Pai ama o Filho e Lhe deu todas as coisas (Jo 5:20, 3:35). Tudo o que o Pai é e tudo o que Ele tem pertence ao Filho (Jo 13:3).

A intimidade entre Pai e Filho é tão extrema que somos ensinados que Jesus é "...a expressão exata do Seu Ser [do Pai]" (Hb 1:3). As Escrituras até vão mais longe, ensinando que o Filho é a total e completa expressão de tudo o que o Pai é. Lemos: "...porquanto Nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade" (Cl 2:9). E também: "...porque aprovou a Deus que, Nele, residisse toda a plenitude" (Cl 1:19).

Esta pequena meditação é uma tentativa de ajudar o leitor a compreender o sentido da oração de Jesus. Ele não estava orando para que nós concordássemos ou aguentássemos melhor uns aos outros, por mais importante que isso possa ser. Ele não estava pedindo ao Pai que todos os cristãos se juntassem debaixo de uma única bandeira ou debaixo de um só teto.

Estava intercedendo por algo muito superior. Sua oração ao Pai era por algo que é tão grande, que é quase inimaginável. Jesus estava pedindo que nós pudéssemos ser trazidos a esta mesma união e comunhão que Ele tinha com Seu Pai.

Está certo. O desejo de Jesus é que Seus seguidores sejam trazidos por Deus para participar dessa santa união e comunhão. Ele estava pedindo que também pudéssemos gozar da intimidade que Ele tem com Seu Pai. Sua petição era que esta santa unidade que Ele e o Pai têm se expandisse para incluir também os Seus discípulos.

Com este pensamento sublime em mente, vamos ler juntos: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua Palavra; *a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós...* (Jo17:20,21). Este versículo não está falando sobre crentes tentando concordar uns com os outros, mas sobre algo muito mais elevado e mais santo. Essa não é uma unidade "horizontal", mas uma unidade "vertical".

Então Jesus continua: "E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um". E como essa unidade pode ser alcançada? "Eu neles, e tu em

mim, para que eles sejam perfeitos em unidade [Conosco]...” (Jo 17:22.23-VRC). Você vê que Jesus é verdadeiramente um com Seu Pai. E Ele tem amado tanto o Seu povo, que deseja ardentemente que ele também entre e participe desta santa unidade com Ele e Seu Pai.

Isto é verdadeiramente boas novas. É uma parte importante da mensagem do Evangelho, pouco compreendida. Jesus tem convidado aqueles que acreditam Nele a nascerem de novo e a se transformarem de maneira tal que possam participar de Sua união com Seu Pai. Este é o lugar da Sua Noiva na família de Deus.

Qual é o resultado de nos tornarmos um com Jesus e Seu Pai? É que nossas vidas se transformam. Nossa natureza e caráter se tornam diferentes. Assim como Jesus era “a imagem” ou a completa expressão do Pai, assim também podemos nos tornar, através desta unidade com Ele, uma real expressão Dele mesmo. À medida que crescemos em Cristo, nos tornamos mais e mais um com Ele. Os pensamentos Dele se tornam os nossos pensamentos. Seus sentimentos, opiniões, desejos e propósitos também se tornam nossos. Quando esse processo se completa, nos tornamos uma pequena expressão de Jesus. Então podemos afirmar como Paulo, que “...e vivo, *não mais eu*, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20-VRC).

A modificação de nosso caráter e natureza se torna, então, um exemplo para o mundo. Quando não somos mais nós que vivemos, mas Jesus quem realmente vive, Se move e Se expressa por meio de nós, está provado que Jesus é real. Por causa de nossa unidade com Deus, o mundo poderá saber que o Pai enviou Jesus e nos tem amado assim como Ele ama Seu Filho (Jo 17:23). Então, o mundo crerá que Jesus é O enviado de Deus (Jo 17:21).

Cristãos concordando uns com os outros nunca convencerão o mundo. Qualquer grupo ou clube tem algum tipo de coesão. Mas, a evidência real de que Jesus é o Filho de Deus e de que Ele tem todo o poder no céu e na Terra acontece quando Seus seguidores entram nesse tipo de união e comunhão com Ele, como Ele tem com o Pai.

UM RESULTADO

Um resultado de cada cristão se tornar mais unido com Cristo e o Pai é o seu crescimento em unidade com os outros. Nossa unidade com Jesus produzirá uma unidade com os outros irmãos e irmãs. Talvez uma roda de bicicleta possa ser uma boa analogia para nos ajudar a compreender isso. À medida que os raios da roda se aproximam mais do eixo, eles também se tornam mais próximos uns dos outros. Do mesmo modo, quando cada um de nós se torna mais íntimo de Jesus, também passa a ter mais unidade com os outros.

Entretanto, essa unidade de uns com os outros não é, conforme já vimos, um tipo de unanimidade, uniformidade ou conformidade. É a conseqüência do trabalho de Deus para trazer cada um de nós à unidade Consigo mesmo. Não é resultado da insistência em que crentes tentem viver em concordância uns com os outros, motivados por algum tipo de liderança ou sistema, mas um produto da obra do Espírito Santo.

É verdade que unidade é parte dos desejos de Deus para Seus filhos. Porém é igualmente evidente que essa unidade não pode ser alcançada por cristãos imaturos, semelhantes a crianças. Nossa leitura anterior de 1 Coríntios nos dá ampla evidência deste fato.

Crentes infantis nunca experimentarão a verdadeira unidade. A tendência deles para o egoísmo sempre trabalhará contra a genuína unidade. Eles discordarão sobre coisas triviais; lutarão por alguma posição de superioridade; irão invejar uns aos outros; falar mal uns dos outros; serão facilmente machucados uns pelos outros; e muitas outras coisas mais. Os bebês cristãos nunca serão bem sucedidos em ser “um”. Suas naturais tendências carnis sempre prevalecerão, porque elas ainda são mais fortes do que o homem interior, espiritual.

A única solução para nos unir é a maturidade espiritual. Todos nós precisamos procurar crescer em Cristo de modo que o amor Dele por Seus filhos se torne o nosso amor. Precisamos amadurecer espiritualmente de maneira que a nossa unidade com Jesus e com o Pai se traduza em uma unidade com os outros, também. Este caminho talvez seja comprido e difícil, mas é o único modo de alcançarmos a verdadeira unidade com nossos irmãos em Cristo.

A verdadeira unidade vem da intimidade com o Pai. Conforme andamos em

comunhão com Ele, sentimos o Seu coração. Começamos a compreender Seus sentimentos e desejos. Passamos a conhecer Seu amor por cada um de Seus filhos. O resultado de tal comunhão íntima será que seremos capazes de ter unidade com os outros.

É responsabilidade de crentes maduros demonstrar e manter essa unidade. Eles são os “...que conhecem Aquele que é desde o princípio” (1 Jo 2:13-NVI). Então, eles devem ser os líderes em mostrar aos outros como amar, perdoar, sustentar, acreditar e ter unidade com o resto da Igreja.

É seguindo o exemplo de crentes maduros que os mais jovens podem ser bem sucedidos em viver em amor e harmonia. Tal liderança na área do amor e da unidade é uma parte essencial da experiência da verdadeira Igreja.

A verdadeira unidade é a prova real de nossa maturidade espiritual, quando somos capazes de amar os irmãos. Este amor não será apenas por aqueles que concordam conosco e convivem conosco, mas por todos. Este amor também será manifesto até por aqueles que discordam de nós, ou mesmo, nos odeiam. A intimidade com Deus, manifesta na maturidade cristã, é o único fator que pode produzir a verdadeira unidade.

8.

COMPROMISSO

O adesivo mais comum que os homens usam hoje para manter unido o corpo de Cristo é o compromisso. Quase todo grupo ou “igreja” deseja que os crentes se reúnam com eles para assumir um compromisso com seu grupo particular. Isso pode incluir um compromisso com a posição doutrinária, com o líder ou outra figura de autoridade, com alguma prática religiosa, compromisso com um propósito ou “visão” ou com um grande número de coisas.

A variedade de itens com os quais os crentes são exortados a se comprometer é sem fim, mas varia muito pouco o modo como isso funciona. Os cristãos são, com frequência, vigorosamente exortados a se comprometer com alguma “igreja”, grupo ou segmento do corpo de Cristo, de maneira a serem separados do resto.

O compromisso desses indivíduos com o grupo é o adesivo usado para manter os membros unidos. É a insistência neste compromisso que os líderes usam para capturar e conservar os membros de seu grupo. Uma vez que alguém é convencido da exatidão de um caminho, doutrina ou prática e se compromete com isso, passa a ser considerado “membro” daquele grupo específico.

Para ser livre para deixar o grupo, os membros necessitam desfazer esse compromisso. Em algumas instituições isso é bastante fácil. Em outras, o compromisso requerido é muito forte e alguns acham extremamente difícil se desprender dele quando desejam sair. Em vez de cada um ser livre para seguir a única Cabeça verdadeira, esses crentes caíram na escravidão imposta por uma organização humana.

Freqüentemente os participantes de um grupo são desencorajados de várias maneiras a ter qualquer relacionamento de intimidade com outros grupos. Eles são exortados a permanecer fiéis à “igreja” com a qual eles têm um compromisso. São ensinados a não ser como “grilos de igrejas”, que pulam de um encontro a outro. Espera-se que esses membros

participem das atividades do grupo em que estão, evitando outros, que podem ser vistos como uma ameaça. Dessa forma, a liberdade de viver e experimentar a única Igreja verdadeira é limitada para esses crentes.

Por ser esse tipo de compromisso a base para a unidade de tantos grupos cristãos, vamos gastar um pouco de tempo para, juntos, investigar esse assunto.

O PRIMEIRO COMPROMISSO

A Bíblia nos ensina dois tipos de compromisso. O primeiro é sermos totalmente compromissados com Deus. Ele nos pede isso e Ele é digno de nossa total fidelidade. Nós lemos: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento” (Lc 10:27). Certamente isso quer dizer um compromisso total de nosso ser para com o nosso Criador.

Você não pode amar alguém com todo o seu ser, desta maneira tão completa, sem ao mesmo tempo comprometer-se totalmente com ele.

Além disso, somos exortados a nos oferecer como “um sacrifício vivo” em Seu altar (Rm 12:1). Este texto também fala de um tipo de compromisso que é completo, sem deixar nada reservado. Certamente cada leitor pode concordar que Deus está nos chamando para um completo compromisso de nossos corações e que Ele é digno de recebê-lo.

Estamos falando aqui de amor e compromisso ao mesmo tempo, porque eles estão intimamente relacionados. Você não pode ter um sem possuir o outro. Um exemplo disso é o matrimônio. Duas pessoas podem ter um relacionamento sexual sem a aliança do casamento, mas o verdadeiro amor envolve um tipo de compromisso profundo e vitalício.

Se dizemos que amamos alguém e, ainda assim, não desejamos ter com ele(a) algum compromisso, então nossas palavras são mentirosas. Isso mostra que amamos mais a nós mesmos do que à outra pessoa e que a estamos usando para o nosso próprio entretenimento ou gratificação.

Sem tal compromisso, a qualquer momento em que o outro cesse de nos agradar com os sentimentos ou serviços que desejamos, somos livres para deixá-lo. Assim, após ter

usufruído de tudo o que ele tinha para nos dar, nós o abandonamos, porque ele deixou de nos satisfazer. A idéia de amor sem compromisso é uma farsa.

Isso também é verdade em nossa atual discussão. Se dizemos que amamos a Deus, mas não temos com Ele um total compromisso, então nosso amor é extremamente imperfeito. Na mesma proporção em que O amamos, devemos nos entregar a Ele. Quando deixamos de entregar incondicionalmente a Ele o nosso inteiro coração, revelamos que o nosso amor por Ele também é bastante incompleto.

Nosso amor por Jesus é o que realmente nos liga a Ele, em absoluto abandono de tudo o que somos, de tudo o que temos e de tudo o que esperamos. É o nosso amor por Ele que nos faz abrir-nos e render-nos a Ele sem reservas, de maneira que Ele possa controlar todos os nossos pensamentos, sentimentos e decisões. É essa profunda paixão pelo Senhor que nos leva a viver em completa transparência e abertura para Ele. Esse é o compromisso do verdadeiro amor. É esse compromisso que é a base de nossa união ou unidade com Deus.

A EXPERIÊNCIA DA IGREJA

Isso também é a base para uma genuína experiência da Igreja. Sem qualquer força externa, tal como figuras de autoridade ou estruturas organizacionais colocando exigências sobre nós, o nosso amor por Deus é a única coisa que nos faz andar em Seus caminhos. Se nós O amamos, iremos servi-Lo, iremos segui-Lo e iremos procurar por Ele.

Os resultados de nosso amor por Deus são: meditação em Sua Palavra; tempos de oração e de buscar à Sua face; procura de qualquer oportunidade para servir aos outros em Seu nome e até mesmo manifestar Sua vida e natureza. Nosso estilo de vida e nosso viver diário revelam nosso relacionamento com Ele.

A experiência da Igreja verdadeira somente pode ser sentida por aqueles que amam a Deus ao extremo. Essa é uma verdade imensamente importante! Qualquer coisa menor que um compromisso integral com Ele não irá funcionar.

Tudo o que a Igreja é flui Dele. Ele é a fonte da Vida da Igreja. Portanto, se não andarmos constantemente em intimidade com Ele, o fluir de Vida e de direção será

interrompido. A menos que permaneçamos ligados à videira, o fluxo dessa fonte será esporádico ou faltará. Isto fará com que nossa experiência com Seu corpo também seja parcial e defeituosa.

Se nosso coração é aprisionado por outras coisas, iremos procurar por elas em vez de ou paralelamente a nosso relacionamento com Jesus. Com o passar do tempo, as outras coisas que amamos irão nos afastar Dele. Para continuar com a caminhada espiritual, precisamos continuamente nos arrepender e desistir de qualquer coisa que possa competir com o nosso amor por Jesus. *Somente caminhando em amor e compromisso total com Cristo é que poderemos experimentar a plenitude da realidade de Seu corpo, Sua Igreja.*

Demas era um homem com o coração dividido. Ele era um dos colaboradores de Paulo (Cl 4:14; Fm 24). Demas havia trabalhado alguns anos com Paulo para implantar o Reino de Deus. Mas, dentro dele havia um desejo secreto. Escondido em seu coração estava o amor pelo mundo. E então, um dia, quando este desejo floresceu, ele abandonou a obra do Senhor e foi tentar satisfazer seu anseio por bens, riquezas e, talvez, fama. Lemos: “Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou...” (2 Tm 4:10).

Se o nosso coração está totalmente dedicado a Jesus, seremos impelidos a procurar o Senhor a cada dia, estaremos procurando um modo de satisfazê-Lo, servindo ao Seu corpo. Estaremos gastando o nosso tempo, dinheiro e energia na construção da Sua morada eterna.

Se não temos esta dedicação, terminaremos servindo apenas a nós mesmos. Conseqüentemente, não experimentaremos a verdadeira Igreja que é conduzida por Jesus e cheia da Sua presença. Muitas outras motivações e desejos irão comandar nosso tempo, energia, dinheiro e atenção.

Quando somos libertos da escravidão desses outros capatazes exigentes, o que é que fazemos? Onde está o nosso coração? Se está faltando um compromisso nosso com Jesus, isto irá impactar a nossa condição de experimentar a realidade espiritual da verdadeira Igreja.

A FALTA DE COMPROMISSO

A ausência de um compromisso total com o Senhor é uma doença comum na Igreja de hoje. Quando cada membro do corpo de Cristo não está procurando e seguindo Sua liderança a cada dia, a Igreja viva não pode funcionar. Quando a conexão íntima com a Cabeça é quebrada, interrompe-se o fluxo de Vida e de direção.

Assim como um corpo humano não pode funcionar apropriadamente quando os membros não estão conectados à cabeça, o corpo de Cristo também não o pode. A menos que cada um mantenha um relacionamento íntimo e constante com Jesus, Ele não pode guiá-los e nem Se expressar por meio deles. Assim, a manifestação do Seu corpo – a única Igreja verdadeira – não pode acontecer, ou acontece de maneira bem limitada.

A falta de compromisso se torna manifesta quando não ocorre nada de significativo em termos espirituais. Quando essa falta é evidente, muito pouco evangelismo é feito. A ministração da Vida de Deus de uma pessoa para a outra é ausente. O uso dos dons, o auxílio, a doação e todas as outras evidências da obra do Espírito Santo são bem pouco evidenciadas. Quando os membros são resistentes ou estão fora do alcance do toque da verdadeira Cabeça, a Vida do corpo não flui por meio deles. Assim, a expressão da verdadeira Igreja é limitada.

O resultado desta deficiência é que os homens freqüentemente tentam empregar organizações e estruturas humanas para compensar essa falta. Alguns sentem necessidade de mais ação. Eles compreendem que a Igreja está num estado inerte. Faltando uma visão celestial, começam a usar métodos terrenos para tentar corrigir o problema. Começam a incentivar os crentes a se envolver mais com programas ou trabalhos. Começam a organizar atividades e encontros para estimular os cristãos a fazer o que eles acham que deveria ser feito.

Uma infinidade de métodos naturais é usada para fazer com que o corpo pareça agir, o que deveria acontecer natural e automaticamente. Os líderes e as organizações começam a manipular as atividades dos membros para tentar alcançar o que está faltando. O resultado de tais esforços é uma imitação mecânica da Igreja viva.

Em vez de resolver o problema, geralmente tais métodos humanos apenas servem para esconder a lacuna. Inumeráveis crentes hoje estão sendo levados adiante por

organizações religiosas, mesmo tendo muito pouco compromisso com Jesus, se é que eles têm algum. A estrutura do grupo lhes fornece encontros e atividades que lhes dão uma aparência de servidores de Jesus.

Suas consciências – que deveriam lhes causar preocupações, devido à resistência à verdadeira liderança de Deus – são suavizadas pelo grupo, que os considera como “bons membros”. Sua participação no grupo se torna uma substituta para a verdadeira caminhada com o Deus invisível. Isso se torna uma espécie de muleta para esses cristãos.

Os adeptos são providos de meios que os impulsionam dia a dia, mas que realmente não resolvem o problema mais profundo do coração. A estrutura religiosa não expõe qualquer resistência oculta ao governo total de Deus na vida das pessoas.

Freqüentemente, tais organizações se tornam um tipo de deus para os membros amarem e seguirem. Tornam-se substitutas para a verdadeira liderança de Jesus. Alguns começam a amar tanto a “sua” igreja, que se torna impossível ouvir de Deus a verdade concernente à Igreja Dele. Não é incomum que tais participantes religiosos resistam, lutem contra e até odeiem alguém que possa sugerir que Deus tem algo melhor para eles.

A organização religiosa dessas pessoas providenciou-lhes uma outra maneira de assegurar-lhes que elas estão bem com Deus, quando realmente *não estão* bem com Deus. Conseqüentemente, eles se apegam a isso com toda a força. Elas experimentam a “justificação pela igreja”.

A CURA VERDADEIRA

A cura para aqueles que não têm uma completa consagração a Jesus não é um caminho substituto. Não resulta de preencher suas vidas com atividades religiosas, fazendo uma pressão humana natural para levá-los a conformar ou participar. A cura vem de ajudá-los a virem a Jesus, arrependem-se do que possa estar atrapalhando e, então, se entregarem totalmente a Deus.

É absolutamente necessário que cada cristão chegue à completa renúncia do controle de suas vidas, entregando-o a Jesus Cristo. Até chegarem a este ponto de comprometimento com o seu Senhor, os crentes não podem genuinamente experimentar a

verdadeira Igreja em toda a sua plenitude. Não há outra maneira de chegar a esse alvo.

Já que a verdadeira experiência de Igreja é algo que flui do “lado” de Jesus, somente aqueles que estão constantemente bebendo Dele serão capazes de aproveitar todos os seus benefícios. A menos que estejamos conectados à divina fonte de Vida, não poderemos conhecer resultados sobrenaturais. Quando nossos corações e nossas mentes estão distraídos ou fascinados por outras coisas, então o fluir de Sua Vida é restrito. Conseqüentemente, nossa experiência com a única Igreja verdadeira também será limitada.

A verdadeira Igreja é uma entidade espiritual. Portanto, para participar dela, devemos constantemente “estar no Espírito”. Precisamos continuamente estar cheios do Espírito Santo de Deus e ser dirigidos por Ele. Isso requer um completo compromisso de nosso coração, de nossa vida e de nossa alma para com Ele. Se estamos andando na carne, isto é, sendo levados por nossos próprios pensamentos e sentimentos, então acharemos difícil aproveitar verdadeiras experiências espirituais. Estando presos à Terra pelos desejos de nossos corações, seremos impedidos de conhecer e de aproveitar as realidades espirituais.

Apenas oferecendo continuamente a Deus o nosso ser completo, podemos andar em Sua plenitude e, portanto, aproveitar tudo o que Ele está fazendo em Seu corpo. A experiência da Igreja não enfraquecida só é conhecida por aqueles que estão completamente apaixonados por Jesus.

Conseqüentemente, é da maior importância que trabalhemos para trazer todos os crentes a esse compromisso. É essencial que a nossa ministração aos outros inclua esse ingrediente tão importante. Se desejamos trabalhar junto com Deus para construir Sua morada eterna, precisamos buscá-Lo para saber como podemos atrair outros a uma completa entrega de tudo o que eles são para Jesus.

CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Esse mesmo compromisso total do coração e da alma a Jesus faz-se necessário para experimentar o verdadeiro crescimento espiritual. Até que estejamos realmente prontos para que Ele trabalhe em nós completamente, nosso progresso espiritual será muito limitado.

Isso acontece porque, quando o Espírito Santo começa Sua obra transformadora em nós, Ele deseja fazer uma obra completa. Ele quer transformar todo o interior do nosso ser. Quando encontra qualquer resistência, Sua obra em nós se interrompe. Deus nunca irá um centímetro além de nossa vontade. Quando temos áreas em nossos corações que não estão prontas para se abrir a Ele, Ele não poderá Se mover.

Deus nunca força ninguém a aceitá-Lo. Ele nunca fará algo para ou em nós que não desejemos cem por cento que Ele faça. Portanto, nosso crescimento espiritual é interrompido por nossa falta de consagração. Quando encontra qualquer resistência de nossa parte, Ele simplesmente espera até que nossos corações mudem. Embora Ele certamente trabalhe para nos atrair ao tipo de compromisso total necessário, para que Sua obra continue, Ele não violará nossa vontade, de maneira alguma.

Uma vez conheci uma pessoa cuja vida era um testemunho dessa experiência. Tal pessoa (não eu) recebeu a nova vida de Jesus, nasceu de novo. Entretanto, estava cheia de resistência à obra de Deus. Teimosias, medos, orgulho e muitos outros problemas estavam à espreita dessa criança espiritual. O pensamento de uma entrega total e desembaraçada de seu coração a Deus trouxe pânico à sua mente.

Isso lhe trouxe muitos conflitos emocionais e stress, mas nenhum crescimento espiritual. O Espírito de Deus estava sempre tentando levá-la à total submissão, mas aquela pessoa lutou contra esse tipo de transparência com unhas e dentes. Essa condição se prolongou por 20 anos.

No entanto, pela Sua misericórdia, um dia o amor de Deus começou a conquistar esse cristão. O seu coração foi vagorosamente enternecido pela graça de Deus. Então, um dia aquela pessoa decidiu dar um passo muito importante – a completa abertura de seu coração para Deus. Naquele momento, a salvação sobrenatural começou a se concretizar.

O processo de transformação que havia sido tão truncado começou a se desenvolver realmente. Depois de feita uma consagração total, mudanças reais e tangíveis começaram a se manifestar nessa vida. Todos os benefícios da verdadeira submissão a Jesus começaram a se tornar reais. Sua caminhada verdadeira com o Senhor e a experiência de Sua completa salvação somente começaram depois de um total compromisso com o Senhor.

A experiência desse crente não é única. Com o passar dos anos, vi inúmeros

casos similares. O verdadeiro progresso espiritual somente pode ser levado a cabo por aqueles que se renderem completamente a Jesus.

Esse compromisso, então, é a base para a genuína caminhada com o Senhor e também a base para a verdadeira experiência da Igreja. Sem isso, estamos apenas nos enganando, sendo freqüentemente levados adiante em nossa vida cristã por muitos adereços e artifícios religiosos que nada fazem para transformar realmente nossas vidas.

O SEGUNDO COMPROMISSO: AMOR FRATERNAL

O segundo tipo de compromisso que a Bíblia nos ensina é o compromisso de uns com os outros. Somos ensinados a amar ao próximo como a nós mesmos (Lc 10:27). Esse amor também fala de compromisso. Precisamos ter a obrigação de cuidar do nosso próximo como cuidamos de nós mesmos. Essa responsabilidade é especialmente verdadeira na Igreja, entre os crentes. Deus exige que tenhamos "...igual cuidado, em favor dos outros" (1 Co 12:25). Somos também exortados a amar uns aos outros ardentemente, com coração puro (1 Pe 1:22). Em todo lugar no Novo Testamento somos ensinados a exercitar o amor fraternal. Assim, conforme estivemos vendo, isto é um compromisso com os outros. O Novo Testamento é tão repleto de exortações referentes a este tipo de compromisso de amor para com os outros membros do corpo de Cristo, que é quase impossível fazer uma lista completa dessas referências.

Mas, como é possível amar todas as pessoas tão diferentes que Jesus resolveu colocar em Seu corpo? Algumas vezes parece que Ele escolheu as pessoas mais difíceis de serem amadas. Entretanto, Ele requer que nós as amemos tanto quanto Ele tem nos amado. Lemos: "Novo mandamento vos dou; que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros" (Jo 13:34). Essa parece ser uma tarefa impossível, no entanto, é um elemento essencial para experimentar a única Igreja verdadeira.

A fonte de tal amor sobrenatural é o próprio Deus. Deus sente um amor profundo e apaixonado por Seu povo, a Sua Igreja. Antes do começo do mundo, Deus deve ter olhado para o futuro e observado a Sua Noiva. Enquanto a olhava, um amor profundo e apaixonado deve ter nascido em Seu interior. O intenso amor que sente por ela tem sido Sua motivação

para toda a obra que Ele tem feito na humanidade e pela humanidade através das eras. Esse é “...o amor de Deus, que está em Cristo Jesus” (Rm 8:39), quando Ele veio à Terra para morrer por toda a humanidade.

Dessa forma, quando caminhamos a cada dia em comunhão íntima com Deus, sentimos Seu amor por cada um de Seus filhos. Nossa intimidade com Ele irá resultar em absorver e, então, expressar Seus mais ternos sentimentos.

À medida que O conhecemos melhor a cada dia, o incomensurável amor que Ele sente por Seu povo começará a encher os nossos corações. É o próprio Deus quem nos ensina a amar uns aos outros (1 Ts 4:9). Com o passar do tempo, esse amor começará a se tornar uma grande parte de nossa motivação na obra junto com Jesus.

Assim, descobrimos que existe um segundo compromisso que devemos ter, que é bíblico e essencial: um compromisso firme e total de amar todos os outros membros do corpo de Cristo. É necessário que cada um de nós faça esse compromisso claro e consciente com Deus, de amar a todos os Seus filhos. Quando assumimos isto, nos colocamos em posição de receber o amor de Deus pelos outros. Quando concordamos com Deus em Sua atitude para com o Seu corpo, isto abre caminho para que Seu amor flua por meio de nós.

Sem tal compromisso é bem possível que prevaleçam nossas reações humanas às outras pessoas. É provável que o nosso homem natural comece a se expressar. Para que possamos viver na Igreja verdadeira e realmente experimentá-la, esse profundo compromisso precisa ser feito.

Se não o fizermos, mais cedo ou mais tarde acontecerá algo, como alguém fazer ou dizer algo para nos ferir ou ofender, que nos fará deixar de amá-lo e de nos manter próximos a ele. Então daremos as costas a ele e ocorrerá uma divisão no corpo de Cristo.

O amor natural humano nunca passará no teste. Quando andarmos junto com outros crentes, muitos problemas e ofensas irão ocorrer (Mt 18:7). Inúmeras coisas acontecem para desafiar nosso amor pelos outros. Muitos cristãos ainda são pecadores, orgulhosos, egoístas, enganadores, teimosos, cheios de opinião e, portanto, um desafio para o amor.

À medida que vivemos no corpo de Cristo, sem dúvida, sofreremos muitas coisas vindas dos outros crentes. Eles podem se aproveitar de nós, usando-nos para seus

propósitos. Podem mentir a nós, nos iludir, abusar do nosso amor, nos compreender mal e muitas outras coisas. Somente o amor de Deus irá resistir a tais testes.

Se quisermos o amor divino fluindo dentro de nós, em todas as circunstâncias, temos que assumir um compromisso diante de Deus. Esse é o compromisso de amar a todos os Seus filhos. Então, quando nossos recursos se esgotarem, como certamente irão; quando não mais pudermos amar, ou suportar; sentiremos a Sua provisão de amor sobrenatural. Quando estamos comprometidos com os outros, Ele sempre nos supre com este amor. Já que Seu amor nunca falha, está sempre disponível para o experimentarmos.

Se está faltando de nossa parte compromisso com Deus e com o Seu povo e não chegamos ainda à verdadeira compreensão do que requer viver o Evangelho de Jesus, não seremos capazes de entrar na plenitude de tudo o que Ele tem para nós. Não experimentaremos muitos benefícios espirituais e nem o prazer de Sua casa. Nossa falha nessa área irá nos roubar muito gozo e maturidade espiritual.

Aqueles que perdem estas coisas preciosas estão em um perigo real. Eles, muito provavelmente, irão procurar um substituto. Se falharem em cumprir os dois compromissos que estivemos discutindo, eles também irão se frustrar em suas vidas espirituais. A experiência deles com a casa viva de Deus será imperfeita.

Faltando essa experiência, é possível que eles procurem preencher a lacuna com algum tipo de organização, liderança ou estrutura religiosa. Se a verdadeira realidade do corpo de Jesus não é a nossa experiência, a tendência natural é procurar externamente por algo mais fácil.

Compreendemos que, para experimentar a realidade da verdadeira Igreja, há um segundo compromisso envolvido: é o compromisso com nossos irmãos e irmãs em Cristo. Não é um compromisso com uma instituição, um grupo, um método, um líder ou um caminho, mas um compromisso com outros indivíduos.

Precisamos nos comprometer a amá-los total, absoluta e completamente. Isso inclui indivíduos de todos os tipos, tanto os mais agradáveis, quanto aqueles que demonstram ser muito difíceis de amar.

A QUEM DEVEMOS AMAR?

A Igreja de Jesus hoje é muito grande. Há milhões de crentes que fazem parte dela. Temos entendido que Deus requer de nós amar a todos os crentes. No entanto, amar milhões de pessoas ao mesmo tempo é alguma coisa teórica e não prática. Embora nossa atitude de coração possa ser correta diante de Deus, tendo vontade de amar a todos, não há um caminho simples para expressar esse amor de forma real.

Na cidade onde vivemos, pode haver milhares ou até mesmo milhões de outros cristãos. É impossível encontrar com todos eles, ministrar e servir a todos ou cuidar de cada um. Obviamente, nossa capacidade, como seres finitos que somos, é limitada. Então, como devemos fazer para exercitar esse amor?

Jesus nos ensinou a amar o nosso próximo (Mt 22:39), mas quem é esse próximo? É aquele outro cristão que Deus traz para participar de nossas vidas. Enquanto andamos com o Senhor, Ele nos leva a ter contato com outros crentes. Se e quando somos sensíveis a Ele, saberemos quando é Ele que está orquestrando esses contatos. Seremos hábeis para perceber que é Deus quem traz pessoas para se juntarem a nós. Lemos que "...Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade" (I Co 12:18-NVI).

Como vimos nos capítulos anteriores, Jesus é o único que está construindo o Seu corpo. Ele é o único que sabe como fazer essa construção. Nossa parte é estar sensível a Ele e corresponder ao que Ele está fazendo.

Nem sempre virão pessoas segundo nossas escolhas; nem pessoas de quem necessariamente gostemos, ou que nos darão prazer; ou até mesmo que consideremos de fácil relacionamento. O que é importante é que Deus estará trazendo alguém para se juntar a nós, e isso pode ser para o benefício e o crescimento de quem Ele trouxe. Possivelmente, algumas pessoas precisem de um tipo de ministração que podemos lhes dar. Talvez, iremos aprender com elas também e receber da porção que já têm de Cristo, ou crescer em paciência e suportar sofrimentos pela falta da presença de Cristo em suas vidas. Mas, certamente, cresceremos em experiência, seja por meio de bênçãos ou dificuldades, convivendo com essas pessoas.

Quando Deus traz alguém a nós, somos então chamados a amar esta pessoa. É nossa obrigação nos empenhar em servi-la. Não somos livres para eleger ou escolher a

quem iremos amar e servir. Como servos de Deus, devemos obedecer a Ele em nosso compromisso com aqueles que Ele coloca diante de nós. Nosso papel é expressar o amor de Deus a toda e qualquer pessoa que Ele traga para estar ao nosso lado.

Podemos confiar que Deus sabe o que está fazendo. Ele é o arquiteto e o construtor de Sua casa e sabe que relacionamentos são estratégicos para os Seus propósitos. Ele compreende quais partes são importantes para cada um de Seus objetivos e sabe como cada relacionamento espiritual funcionará em conjunto para edificar o todo. Deus nos trará cooperadores.

Ele nos trará também pessoas com muitos problemas e necessidades; alguns que necessitam da nossa porção de Cristo; alguns que até nos desapontarão; outros que irão provocar mudanças em nós; alguns que nos abençoarão; e outros que nos ajudarão também. Nossa responsabilidade é simples: nos comprometer a amá-los com o amor de Deus.

Nossa responsabilidade de amar os outros não se restringe somente àqueles que concordam conosco. Não é tampouco limitada àqueles com quem nos encontramos regularmente, que gostam de nós, aqueles cuja companhia apreciamos, ou que imaginamos podem ser convencidos por nossas posições, doutrinas ou práticas cristãs.

Qualquer pessoa que Deus trazer até nossas vidas, exigirá de nós um amor e um serviço humilde, deixando os resultados com o Senhor. Enquanto fazemos isso, Jesus construirá Sua Igreja por meio de um invisível e oculto caminho, e ela um dia será revelada em todo o seu glorioso esplendor.

A COLA DA IGREJA VERDADEIRA

O amor fraternal, então, é a cola que mantém unida a Igreja verdadeira. É este verdadeiro amor de um pelo outro que irá nos fazer manter nossa camaradagem. É este amor eterno e infalível que irá nos estimular a servir o corpo de Cristo e que irá nos induzir a renunciar às nossas vidas, para que outros possam crescer até chegar a ser tudo o que Jesus é. É o amor a Deus e aos outros que irá nos fazer manter relacionamentos, desejar

encontrar outros para louvor, edificação e oração, e para uso de nossos dons e ministérios para construir o corpo.

Aqui não há necessidade de autoridade posicional ou institucional. Não há lugar para algum tipo de estrutura natural ou de “compromisso” humano em manter as pessoas juntas. O amor de Deus não é algo artificial. Não é nada que o homem possa produzir ou mesmo imitar. Não é algo feito por mãos humanas. A Igreja cheia de amor é o lugar onde Deus mora e onde irá morar por toda a eternidade.

A evidência da realidade da verdadeira Igreja é o amor fraternal. Esse amor eterno sendo derramado através do corpo de Cristo é a prova de que o próprio Deus está trabalhando. É o sinal seguro de que Ele é quem está no controle e que Ele é quem fez essa obra. O homem não pode imitá-la.

Tal amor produz a mais aprazível das “igrejas”. As Escrituras dizem: “Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união! É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e desce à orla de seus vestidos. Como o orvalho de Hermom, que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre” (Sl 133).

A intimidade de viver se relacionando com os outros no amor de Deus é uma das mais sublimes experiências humanas. É uma das mais verdadeiramente prazerosas coisas que podemos conhecer. A intimidade entre um e outro que essa experiência produz e a transparência das vidas e dos relacionamentos que surgem são simplesmente algo maravilhoso.

Não há nada que se possa comparar com o viver entre as pessoas, no amor de Deus. Este é o objetivo. Esta é a experiência da única Igreja verdadeira, o tipo de vida para a qual Jesus está nos chamando. A nossa fiel obediência a Jesus nessa área se torna parte de nossa recompensa. Cada cristão deve ser capaz de participar e de aproveitar completamente da comunhão espiritual de uns com os outros.

Qualquer outro método para tentar manter o povo de Deus unido é falso. É uma imitação. É um esforço humano para tentar produzir algo que deveria ser um fruto automático de uma vida espiritual. Se realmente conhecemos Deus intimamente, iremos amar os irmãos, com um amor que é a única substância que pode ser usada para manter o povo de Deus reunido de uma maneira legítima e eterna.

Portanto, uma grande parte do nosso trabalho é incitar uns aos outros para amar como Cristo ama (Hb 10:24). É nosso privilégio demonstrar em nossas vidas o amor divino, de maneira que outros tenham um exemplo a seguir. É parte de nosso trabalho para o Senhor exortar e encorajar cada irmão e irmã a conhecer esse amor e a expressá-lo. Este é o chamado mais elevado e mais santo.

APENAS DONS NÃO IRÃO TER SUCESSO

Muitas pessoas hoje estão tentando construir a Igreja e mantê-la unida com seus dons espirituais. Elas estão fazendo o melhor possível para edificar os outros crentes. Mas, alguns cometem o engano de pensar que isso será suficiente. Tentam construir uma igreja atraindo os outros pelo uso de seus dons e, então, tentam levá-los a um compromisso com elas e com o ministério delas, como um meio de edificar o corpo.

Queridos irmãos, não é suficiente simplesmente ter algum tipo de dom espiritual. Não é suficiente ter um ministério “ungido”. Simplesmente ser capaz de pregar ou ensinar; curar os enfermos; predizer o futuro ou expulsar os demônios; não é suficiente para construir a verdadeira Igreja.

Todas essas coisas podem ser feitas por aqueles que não sabem como viver no amor de Deus. Inacreditavelmente, todas elas podem ser efetuadas por alguns que não vivem em intimidade com Jesus. As Escrituras são bem claras: se nosso “ministério” é simplesmente um exercício de nosso dom e não o resultado do fluir do amor eterno em nós e por meio de nós, é uma coisa vã e vazia. Na verdade, não é nada (1 Co 13:2).

Não é raro encontrar, na Igreja atual, homens e mulheres que usam os dons recebidos de Deus para se promover. Exercem as habilidades espirituais que receberam para impressionar os outros e, portanto, exaltar a si próprios. Querem ser vistos e ouvidos. Querem que os outros pensem que são verdadeiramente espirituais. No entanto, tudo isso é simplesmente evidência de sua imaturidade. Estão falhando no amor de Deus.

O amor verdadeiro não se comporta desta forma. Ele não “se ufana”, não “se ensoberbece” (1 Co 13:4). Aqueles que são motivados pelo amor de Deus não são egoístas.

Seus motivos são apenas ministrar a Vida e a natureza de Deus para os outros crentes e para um mundo decadente.

O exercício dos dons espirituais sem amor é um exercício religioso vazio. É como o som de um sino ou de um trompete que rapidamente desaparece (1 Co 13:1). O tipo de ministério que irá produzir resultados eternos é o ministério feito em amor. É o resultado do amor de Deus fluindo em nós e por meio de nós que irá construir a habitação eterna do Altíssimo.

COMPROMISSO COM O GRUPO

Mas, conforme mencionamos no princípio deste capítulo, há um terceiro tipo de compromisso sobre o qual tantos insistem hoje. É o compromisso de um crente com uma certa “igreja”, grupo ou ministério. O que dizer da idéia de dedicação de nossas vidas a um grupo específico? As Escrituras nos ensinam que devemos nos comprometer com determinada igreja, ministério ou caminho? Não, absolutamente! Pelo contrário, tal compromisso é proibido!

Nosso alinhamento, com qualquer grupo que não seja o corpo de Cristo como um todo, é expressamente proibido. É o que a Bíblia chama de “divisão”. É a causa de “facções” dentro do corpo. É o tipo de atividade que é destrutiva para a causa de Cristo. Paulo repreende os crentes de Corinto por praticarem tal coisa. Lá eles estavam se alinhando com certos líderes distintos. Diziam: “...sou de Paulo, eu sou de Apolo e eu sou de Cefas” ou “eu sou de Cristo” (1 Co 1:12).

Paulo nos ensina que tal comprometimento a um subgrupo de crentes é carnal e infantil. Isso demonstra que aqueles cristãos ainda estavam longe do alvo. Ainda não tinham maturidade para ver as coisas do ponto de vista de Deus. Não tinham uma visão celestial da Sua verdadeira Igreja.

Em nenhum lugar da Palavra de Deus somos exortados a dar nossa fidelidade a qualquer grupo, igreja ou ministério, além da simples exortação de amar uns aos outros. O alinhamento de nosso compromisso com uma igreja ou um grupo específico é claramente

contrário aos ensinamentos do Novo Testamento. Quando fazemos isso, automaticamente estabelecemos um tipo de barreira entre nós e outros cristãos. Nossa fidelidade a qualquer coisa além de Jesus Cristo e Seu corpo inteiro, cria uma espécie de separação ou “denominação”.

Literalmente, denominação é uma distinção e separação de algo pelo uso de nomes. Por exemplo, damos às pessoas nomes ou mesmo apelidos para diferenciá-las umas das outras. Quando formamos grupos separados dentro da Igreja e lhes damos nomes para separá-los do resto, criamos “denominações”.

Em maior ou menor grau, tais práticas nos removem do ministério que o resto do corpo tem para nos oferecer. Reciprocamente, também limitamos a disponibilidade de nossa porção para outros. Tais divisões no corpo de Cristo limitam o fluir do Seu amor. Elas inibem a ministração da Vida que os membros dão uns aos outros. Quando os crentes se juntam em grupos que são separados do resto do corpo, eles limitam grandemente o trabalho de Deus. Por essa razão, tais compromissos são contrários à Sua vontade.

Nós não temos necessidade de confiar em tais compromissos para tentar manter grupos unidos. Não devemos olhar para tais métodos e meios humanos para segurar membros e manter crentes em “nosso” grupo. O amor de Deus fará isso. Lembre-se que é Ele quem coloca os membros do corpo conforme Lhe apraz (1 Co 12:8). Podemos confiar em Sua habilidade para fazer isso de uma maneira que irá beneficiar a todos. Se vivemos no amor, o próprio Jesus irá fazer Seu corpo crescer e prosperar.

O compromisso dos crentes com um grupo ou uma organização facilmente substitui os dois compromissos essenciais que estivemos discutindo. Comprometendo-se com um grupo, os cristãos freqüentemente negligenciam seu compromisso com Cristo e com os outros. Conforme vimos nos capítulos anteriores, tais compromissos carnis são, geralmente, mais fáceis de fazer e de manter, do que os espirituais que estivemos discutindo aqui.

Um compromisso carnal com um grupo pode ser assumido e mantido sem nenhum compromisso de amar a Deus completamente e de amar os irmãos como amamos a nós mesmos. Qualquer coisa que possa se tornar um substituto para o melhor modo de Deus deve ser evitada.

9.

REUNIÕES

Deus é espírito (Jo 4:24). Ele existe em uma realidade que não é física. É um “lugar” que fica além do espaço e do tempo. É uma dimensão espiritual. Desde Sua ressurreição da morte e Sua vinda em Espírito, Jesus também vive nessa esfera espiritual. Embora Ele certamente esteja presente agora, neste mundo, Sua presença entre nós e dentro de nós não é física, mas espiritual.

Além disso, nós também, depois que nascemos de novo, nos tornamos criaturas espirituais (Jo 3:6). Tendo sido “nascidos do Espírito”, já entramos em uma nova realidade que não é terrena ou física, mas espiritual. Esse “lugar” espiritual é uma esfera onde o crente pode ir e no qual ele pode morar. Já que temos essa nova capacidade espiritual, podemos entrar na região onde Deus está e ter contato e comunhão com Ele.

Se queremos experimentar a presença de Deus, precisamos entrar no reino espiritual onde Ele existe. Embora Deus possa ser visto em Sua criação e por Seus atos visíveis, incluindo milagres, curas etc., Ele não pode ser verdadeiramente conhecido pessoalmente, exceto nessa dimensão espiritual.

Por exemplo, os filhos de Israel viram os “atos” de Deus, por terem testemunhado os acontecimentos durante a saída do Egito e a jornada através do deserto. Por meio daqueles sinais, eles aprenderam um pouco sobre Deus. Mas Moisés tinha o privilégio de conhecê-Lo intimamente. Ele conhecia os “Seus caminhos”, por passar tempo na presença de Deus (Sl 103:7). Lemos que o Senhor falou a Moisés: “...face a face, como um homem fala a seu amigo” (Êx 33:11).

A realidade do “Espírito” é o único lugar onde Deus pode ser reconhecível. Entre os seres humanos há uma grande tendência a pensar que Ele pode ser encontrado através de uma série de fórmulas, práticas ou ensinamentos. Alguns imaginam que Ele pode ser encontrado em algum tipo de catedral, templo ou construção religiosa. Isso não é verdade!

O próprio Jesus explicou isso à mulher que Ele encontrou junto ao poço de Jacó (Jo 4:21,23). Ela conjecturava sobre o lugar correto para adorar. Em sua mente, estava perplexa sobre o local físico ou sobre qual posição doutrinária era apropriada para agradar ao Altíssimo.

Mas Jesus lhe contou que havia ocorrido uma mudança. Uma nova era havia surgido. Por meio da obra de Cristo, os seres humanos não estavam mais confinados ao plano físico, mas deveriam contatar Deus de uma nova maneira e em uma nova posição. De agora em diante, os verdadeiros adoradores deveriam adorá-Lo “em Espírito e em verdade”.

Jesus explicou que a presença de Deus não estava mais em “Jerusalém” ou “naquela montanha”. Isso significa que entrar hoje no Espírito não é uma questão de localização, prática, doutrina, credo ou artifício. Estar no Espírito não depende de estar em um determinado lugar (uma construção religiosa, por exemplo) ou da posição religiosa em que nos encontramos (referente a uma série de doutrinas bíblicas). Estar no Espírito é uma questão de realmente entrar na presença de Deus, a qual é Espírito.

Estar “no Espírito” não significa ter um tipo especial de experiência emocional. Não significa que somos dominados por êxtase, alegria ou sensação física. Não é o resultado de trabalhar um tipo de sentimento, gerado por estar cantando alto, dançando, gritando etc. Em vez disso, significa que estamos entrando na presença de Deus em nosso espírito. Significa que estamos em comunhão espiritual com Jesus.

Embora Deus possa dar, e muitas vezes realmente nos dê, emoções agradáveis quando estamos em Sua presença, as quais podemos associar com esta presença, tais sentimentos não são um sinal fidedigno de que tenhamos chegado lá. Não deveríamos estar procurando por eles.

Estar “no espírito” não significa que nos sentimos de uma certa maneira ou que somos levados adiante pela emoção de uma situação particular ou de um evento especial. Não quer dizer também que nossos sentimentos são atiçados ou que somos estimulados de alguma maneira por nossos irmãos ou por estarmos juntos com um grupo, nem implica estar em harmonia com outros ao redor de nós ou com um ambiente especial.

Estar no espírito simplesmente significa que, devido à nossa abertura para Jesus, entramos na realidade espiritual onde Ele está e estamos em comunhão com Ele. Esta experiência pode vir ou não com sensações ou sentimentos específicos.

Estar “no Espírito” também não é um fenômeno racional, lógico, intelectual. Não depende de pensarmos corretamente sobre determinadas coisas. Para chegar a essa experiência, não precisamos estudar, memorizar ou analisar várias doutrinas ou passagens bíblicas. Não depende de nossa compreensão mental. Quando estamos no espírito, Deus fala conosco e podemos receber esclarecimentos em nossa mente, mas entrar em Sua presença não é um exercício mental.

A chave para ser capaz de entrar na presença de Deus e permanecer nela é o fato de nossos corações e nossas vidas estarem completamente rendidos a Ele. Em vez de nossas mentes ou emoções, o ingrediente importante aqui é a nossa vontade. Quando o nosso ser completo está submisso ao controle do Espírito Santo; quando nossa alma e nosso corpo são Dele; quando não temos barreiras secretas, resistências, medos e pecados; então podemos facilmente e com bastante freqüência, entrar no Espírito. Podemos viver na presença de Deus.

Quando chegamos ao ponto de nossa experiência cristã, em que já nos entregamos totalmente a Ele, andar no Espírito se torna bem mais fácil. Quando temos confiança no amor de Deus por nós e assim O encarregamos totalmente de nossa liderança e cuidado; quando nossa fé é tão grande que estamos prontos para que Ele faça qualquer coisa que deseje fazer em nós e por meio de nós; então entrar e viver no Espírito é fácil e natural. Até que todo crente chegue ao ponto da completa submissão de sua vontade a Jesus, ele terá problemas em entrar e em permanecer na presença de Deus.

Então nós compreendemos que existe um “reino” específico ou uma esfera, na qual Deus mora e na qual podemos entrar e viver. É um tipo de “quarta dimensão”. É o lugar que a Bíblia chama de “estar no Espírito” (Rm 8:9). É lá que está o reino de Deus e que Ele Se torna real para nós, quando lá entramos.

Neste volume não temos espaço para examinar muito detalhadamente o que significa estar “no Espírito”. Portanto, eu gostaria de encorajar qualquer leitor que não esteja seguro sobre o que isso significa, a ler o meu livro *De Glória em Glória*, especialmente os capítulos sobre a separação entre alma e espírito. Lá você encontrará dois capítulos inteiros devotados a esse importante assunto.

A EXPERIÊNCIA DA IGREJA

Tudo isso tem uma real aplicação ao presente tópico: a experiência da Igreja. A Igreja também é um ser espiritual e também existe em um plano ou reino espiritual. Embora haja uma manifestação da Igreja no mundo tangível em que vivemos, a realidade e a experiência da Igreja existem somente no Espírito. Permita-me repetir isso. A realidade e a experiência genuína da Igreja acontecem somente no Espírito.

Sim, já que os crentes têm corpos físicos, a Igreja aparece no mundo natural. O que seus membros dizem ou fazem tem um efeito aqui na Terra. Mas a fonte de sua vida e de sua inspiração é espiritual. Na essência, ela realmente pertence a um outro reino. Sua parte natural, que hoje é visível fisicamente, isso é, o corpo humano, logo passará e será substituído por um outro, espiritual, que corresponde à sua verdadeira natureza.

Portanto, para ter valor no reino de Deus, todas as palavras e ações desse ser espiritual devem se originar no Espírito. A fonte do falar e do agir da Igreja deve emanar da presença de sua Cabeça invisível. Qualquer coisa que tenha origem na realidade natural, terrena, não tem valor algum para promover os propósitos eternos de Deus. Somente aquelas que emergem da comunhão com Jesus, no Espírito, irão sobreviver ao teste do Dia do Julgamento.

A EXPERIÊNCIA CORPORATIVA

Como estivemos discutindo, é possível e até mesmo necessário que todos os crentes conheçam, entrem e vivam na presença de Deus. Mas, ainda mais do que isso, é possível que os crentes entrem *juntos* no Espírito Santo. Quando dois ou mais cristãos entram na presença de Deus coletivamente, essa se torna a experiência da genuína Igreja (Mt 18:20).

Essa é a substância da qual é feita a verdadeira Igreja. Quando os crentes são bem sucedidos em abrir seus corações a Deus, ao estarem juntos, eles podem entrar em Sua presença coletivamente. Eles podem "...se assentar [juntos] nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Ef 2:6).

Esse fato é crucial. O único lugar onde está a realidade de Cristo é “no Espírito”. Assim também, o único lugar onde nós podemos conhecer a realidade da Igreja, é também “no Espírito”. Essa realidade simplesmente não é encontrada em nenhum outro lugar. Aqueles que estão no Espírito estão sendo guiados e preenchidos pelo Espírito Santo. É essa liderança e amparo que produzem a Igreja. Isso é a essência da única Igreja verdadeira.

Pode ser que alguns cristãos se reúnam, cantem canções, orem, e preguem. É possível que tenham alguns “ministérios”, tais como assistência aos pobres, aos adolescentes, ao coral, ou a um grande número de atividades, que são comumente associadas a “uma igreja”.

Mas, se estas coisas não resultam da direção do Espírito Santo; se elas não estão sendo confirmadas pela real presença de Deus; se não são verdadeiramente uma expressão da Vida Divina; então essas pessoas não estão realmente experimentando a Igreja. Estão apenas participando de uma imitação humana dela.

Não quero ofender ninguém quando digo isso. Acontece que tenho um desejo ardente dentro de mim de que todos os filhos de Deus experimentem a Sua plenitude. É muito importante que cada crente conheça as duas realidades: da presença de Deus e da maravilhosa experiência da Igreja verdadeira. Para conhecê-las, precisamos saber para onde olhar. Precisamos saber como chegar ao destino que procuramos e entrar no Espírito juntos – na real presença de Deus.

Hoje há muitos substitutos meramente humanos para essas realidades. Há muita coisa sendo feita em nome de Jesus que parece boa, e uma grande abundância de atividades cristãs sendo aclamadas como “obras de Deus”. Tantas destas coisas podem parecer bíblicas, de um ponto de vista humano. Elas parecem boas e corretas.

Entretanto, literalmente, milhões de crentes por todo o mundo saem dos cultos dominicais insatisfeitos. Seus espíritos não são espiritualmente alimentados. Enquanto a liderança e os que circulam ao redor dela proclamam que a vontade de Deus está sendo cumprida, incontáveis crentes ainda continuam famintos e sedentos por experimentar mais da realidade de Cristo.

Isso acontece simplesmente porque esses crentes estão olhando para o lugar errado. Estão procurando pela solução no reino errado. Vão de igreja em igreja, de ministério em ministério, procurando por uma “igreja-lar” – um lugar onde se sintam bem e satisfeitos.

Mas a solução para isso não é um lugar novo, um novo pregador ou uma nova prática ou crença. A resposta está no Espírito. A realização de seus desejos está nesta outra dimensão: a genuína presença do próprio Deus.

Quantos crentes precisam aprender a viver e a caminhar no Espírito! Que grande necessidade há hoje de que os crentes compreendam como entrar juntos na presença de Deus! Como é enorme a urgência de que os cristãos saibam como se reunir, sendo dirigidos pelo Espírito Santo e cheios de Sua presença!

Precisamos estar no Espírito quando estamos reunidos, de maneira que possamos experimentar a realidade da Igreja. Quando estamos Nele, e somente quando estamos Nele, estamos satisfeitos. Isso acontece, porque tudo aquilo que Ele é somente estará disponível a nós, individual ou corporativamente, quando estivermos nessa dimensão invisível, que é o Espírito.

A experiência corporativa de estar no Espírito pode ser efetuada por dois ou três crentes. Por exemplo, sempre que estamos com outros cristãos e todos caminhamos no Espírito, há a doçura da comunhão espiritual. Espontaneamente, estaremos compartilhando com as outras pessoas o que temos visto, ouvido e conhecido sobre o nosso Deus. Isso é quase automático. Quando os outros estão abertos para o Senhor e nós também, o fluxo de Vida de um para o outro é natural e instintivo.

Ninguém tem que organizar coisa nenhuma. Nada necessita ser planejado. Quando andamos no fluir da Vida Divina, quando os que estão ao nosso redor também estão abertos a esse fluir, a comunhão espiritual é espontânea. Quando dois ou três estão juntos, eles podem orar; cantar; compartilhar as coisas maravilhosas que Deus tem feito por eles; ministrar a outros a sua porção de Jesus. Isso é a experiência normal da Igreja. Tais encontros espirituais podem acontecer em qualquer tempo e em qualquer lugar. A única exigência é que os participantes estejam no Espírito.

Por outro lado, é possível e até comum que crentes se reúnam e nunca entrem nessa dimensão. Podem comer juntos uma refeição, praticar esportes e mesmo participar de alguma conversa interessante. Eles podem orar, cantar e ouvir algum tipo de discurso sobre

assuntos bíblicos. Mas, se falham em entrar juntos na presença de Deus, tudo isso não tem valor eterno. Eles não experimentam a Igreja verdadeira. A falha está em permanecer na dimensão natural, física, da alma e do corpo. Eles não são bem sucedidos em estar no Espírito.

JESUS PODE LIDERAR NOSSAS REUNIÕES

Uma chave importante para aproveitar encontros espirituais, quando nos reunimos com um grupo de cristãos, é deixar Jesus liderar nossos encontros. Ele pode realmente conduzir nossas atividades coletivas assim como um regente pode dirigir uma orquestra sinfônica. Essa experiência não é para acontecer uma vez ou outra, mas deveria ser uma parte normal e constante de nossa vivência como Igreja.

Quando nós e os que estão reunidos conosco estamos na presença de Deus, podemos sentir Sua direção. No Espírito, podemos sentir quando Ele quer que falemos, cantemos, oremos ou mesmo que fiquemos quietos. Em nosso espírito, compreendemos o que Jesus está dizendo e fazendo a qualquer momento. Desta forma, podemos fluir em Seu desejo, nos harmonizando com a vontade de Deus a cada momento.

A direção de Jesus é essencial em nossas reuniões cristãs. Sem ela, somos deixados apenas com a orientação humana. Quando falhamos em entrar na dimensão espiritual e em discernir a autoridade e a liderança do Espírito Santo, podemos apenas empregar técnicas naturais para conduzir nossas reuniões. Embora possamos dar a impressão de nos aproximar da realidade espiritual, as experiências da Igreja são, no final das contas, insatisfatórias e inúteis. Verdadeiramente, "...a carne para nada aproveita" (Jo 6:63).

Hoje, Jesus é invisível, embora seja muito real. Apesar de ser intocável no reino natural, físico, Ele é abundantemente perceptível quando estamos no Espírito. Quando Ele vem às nossas reuniões cristãs, Ele não vem para observar ou para Se entreter. Nem é Sua intenção sentar-Se no "último banco" para certificar-Se de que as coisas estão sendo feitas corretamente. Em vez disso, Ele vem ao nosso meio como Líder e Rei. Ele não vem para observar, mas para liderar. Seu papel não é observar, mas guiar e dirigir tudo.

Quando somos bem sucedidos em entrar em Sua presença e em permitir que Ele cumpra o Seu papel em nosso meio, nossos encontros são extremamente satisfatórios. Ele conhece a necessidade de cada membro, sabe como ministrar a cada coração. Então, quando Ele é o Líder, pode inspirar alguém para falar, orar, profetizar ou mesmo cantar para ministrar às necessidades de cada um.

Provavelmente Ele prepara de antemão pessoas para executarem tarefas espirituais. Somente Deus sabe o que está em cada alma. Somente Ele compreende as dores, as necessidades ou mesmo as alegrias que lá estão. Portanto, quando Ele está orquestrando tudo o que é dito ou feito, o verdadeiro ministério espiritual surte efeito. Todos os tipos de necessidades humanas são verdadeiramente atendidas.

Essa verdade se aplica a cantar louvores, tanto quanto a pregar, ensinar ou qualquer outro ministério. Por exemplo, cada um pode ter um salmo, um hino ou uma canção. Quando uma pessoa é inspirada pelo Espírito a sugerir uma canção ou a começar a cantar, então esta canção será uma experiência espiritual ungida. Será uma bênção para todos. Será algo que Jesus escolheu, com palavras que irão ministrar a muitas necessidades, e a unção irá elevar cada espírito.

Lemos: “Que fazer, pois, irmãos: quando vos reunis, um tem um salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação” (1Co 14:26).

Se, por outro lado, as pessoas simplesmente escolhem um hino favorito para cantar ou selecionam canções antecipadamente, a oportunidade para Jesus liderar diminui muito. Conseqüentemente, as bênçãos também são menores ou mesmo inexitem. O silêncio é melhor do que qualquer cântico escolhido pelo homem natural. Quanto mais conseguirmos permitir que Jesus lidere nossas reuniões, mais abençoada e mais elevada será a nossa experiência.

A mesma coisa acontece com qualquer pregação ou ensino. Ninguém deveria dominar uma reunião com sua eloqüência e seus dons. Deve haver lugar para que todos possam ter a chance de contribuir. Lemos: “Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados” (1 Co 14:31). A palavra “profetizar” aqui significa “falar por Deus”, o que pode incluir pregação e ensino, tanto quanto ministrar “profeticamente”.

Nenhum homem tem todas as revelações. Ninguém, além de Jesus Cristo, tem todos os dons e ministérios. Deus formou o Seu corpo de maneira que os membros sejam dependentes uns dos outros. A porção de cada membro é necessária para que todos sejam edificados. Portanto, quando dois ou três ou muitos mais estão na presença do Senhor, deve haver oportunidade para que cada um, guiado pelo Espírito Santo, ministre a sua porção de Jesus para todos os demais.

Quando o Espírito de Jesus Se move entre os membros de Seu corpo, Ele leva um ou outro a ministrar de acordo com o seu dom, ministério ou revelação. Seguindo a direção do Espírito Santo, cada “junta” de provisão (Ef 4:16) pode ser usada para edificar os outros.

Não deveria haver confusão. Tudo deveria ocorrer “com decência e ordem” (1 Co 14:40). Já que existe uma Cabeça que está coordenando as atividades dos vários membros, percebe-se uma harmonia divina. Quando Jesus é o autor, existe uma sincronização sobrenatural de todas as coisas que acontecem. Embora o diretor seja invisível, quando todos os membros entram no reino espiritual onde Ele está, então todas as coisas são feitas de uma maneira ordeira.

Há um verso interessante em Provérbios, que fala sobre esse assunto. Lemos: “Os gafanhotos não têm Rei, contudo marcham todos em bandos” (Pv 30:27). As multidões desses insetos não têm um líder visível, mas se movem juntos em harmonia, como se o tivessem. Há algum impulso invisível que os guia.

Do mesmo modo, o líder do corpo de Cristo não é visto hoje por olhos humanos. Mas, quando os membros do Seu corpo se movem e ministram segundo a liderança de Seu Espírito, quando estiverem sintonizados com Sua autoridade, então é vista uma harmonia maravilhosa. Não há nada contraditório ou discordante. Não há necessidade de que os crentes estejam competindo para serem vistos ou ouvidos.

Somos ensinados que cada um pode “profetizar” ou contribuir com sua porção. “Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro” (1 Co 14:30). Veja, quando o Espírito de Deus está liderando uma reunião, todos devem estar sensíveis à Sua direção. Ninguém pode dominar sobre os outros, usar o tempo apenas para as suas revelações e ministérios, mas todos devem estar prontos para consentir que alguém mais

intervenha para apoiar o fio da revelação que Deus está dando e também para contribuir com sua porção.

Não há necessidade de organização humana. Não há exigência de planejamento e organização antecipada. Não há necessidade de que um homem ou um grupo de homens tentem controlar os demais. Na verdade, tais esforços serão mostrados no dia do Julgamento como um grande obstáculo para a obra de Deus.

Jesus é infinitamente capaz de liderar Sua Igreja em suas reuniões. É essencial que cada membro aprenda a estar no Espírito Santo e a ser dirigido por Ele. É necessário apenas que cada um seja movido pela Vida eterna de Deus. Quando os membros são dirigidos pela única Cabeça, todos os seus movimentos e ministérios estão em harmonia uns com os outros.

Uma pessoa que é movida pelo Espírito em uma reunião de crentes deve ministrar ou falar como “entregando oráculos de Deus” (1 Pe 4:11-VR). Ela deve ser cuidadosa, de acordo com sua maturidade espiritual, para não incluir opiniões, idéias ou direções carnis. Deve ministrar de acordo com a proporção de sua fé (Rm 12:6). Além disso, deve ser vigilante para não continuar falando ou cantando, quando o Espírito Santo já Se moveu para uma outra direção ou assunto.

É muito comum que uma pessoa, quando sente a atenção do grupo sobre ela, se enamore do sentimento de importância. É muito fácil a carne ser estimulada, quando somos usados por Deus. Conseqüentemente, não é raro que membros do corpo sigam além daquilo que Deus deseja dizer e continuem divagando, aproveitando a notoriedade. Isso é prejudicial para todos.

Por outro lado, às vezes é difícil que um membro mais tímido consiga dizer alguma coisa. Talvez ele ou ela seja naturalmente disposto a ser reticente ou tímido. Tal membro deve ser encorajado a contribuir com o que sente que Deus está lhe dando. Ele ou ela precisam saber que sua porção, que pode parecer tão pequena, é algo de valor para todos.

Quando os membros mais fortes do corpo dominam todas as reuniões com seus dons e ministérios, é quase impossível que os fracos possam crescer em compartilhar suas porções. Portanto, os mais fortes devem ser muito sensíveis para dar aos mais fracos a oportunidade de ministrar nas reuniões também.

MAS, ALGUNS SÃO ABENÇOADOS EM OUTROS LUGARES

Sem dúvida, alguns cristãos debatem sobre a necessidade de se reunir da maneira que descrevemos. Podem argumentar que eles e outros certamente têm sido abençoados e receberam ministrações em reuniões que eram estruturadas e organizadas.

Talvez a situação do “ministério de um só homem” tenha trazido a eles algum benefício espiritual. Mas esses encontros não se comparam à experiência de “corpo” que acabamos de descrever, embora tenham sido benéficos.

Não quero, de maneira alguma, contender com tal afirmação. Deus certamente não está confinado a nenhum modo ou fórmula particular. O lugar onde nos reunimos não é a chave. Em muitos locais onde os crentes se reúnem há, uma vez ou outra, alguma abertura para que o Espírito Santo Se mova e trabalhe.

Não estamos insistindo em que Deus não estará presente a menos que as coisas sejam feitas de acordo com certos padrões. Pelo contrário, Ele trabalha nas organizações humanas e através delas, tanto quanto pode. Por amar demais todos os Seus filhos, Ele usa cada abertura e oportunidade que se apresente para edificá-los.

Claro que precisamos insistir na verdade de que todos os ministérios de algum valor eterno são iniciados pelo Espírito Santo. Mas é verdade que, algumas vezes, em circunstâncias variadas, grupos de cristãos “organizados” também têm sucesso em experimentar estar no Espírito. Em um grau ou outro, eles manobram para permitir que o Senhor os lidere.

Talvez o pastor ou o pregador tenha recebido uma mensagem de Deus. Possivelmente os líderes do louvor saibam como fluir no Espírito Santo. Essas e outras situações podem fornecer alguma dose de ministração espiritual.

A seguinte verdade é extremamente importante: *na medida em que qualquer grupo cristão se sai bem ao entrar coletivamente na presença de Deus, nessa mesma medida eles experimentarão a única Igreja verdadeira.* Na mesma extensão que conseguem se submeter juntos à liderança de Jesus, eles conhecerão a realidade espiritual de Sua presença. Quando alguém está ministrando algo que recebeu de Deus e seguindo a Sua

liderança, outros serão beneficiados. Qualquer reunião de crentes, em qualquer lugar, pode conhecer e desfrutar dessas bênçãos.

O que estamos procurando aqui, no entanto, é como maximizar essa experiência. Em vez dessas bênçãos serem esporádicas e imprevisíveis, queremos vivenciá-las todo o tempo. Em vez de meramente chegar de vez em quando à presença de Deus, talvez sem nem mesmo saber como chegamos lá ou porque chegamos, precisamos compreender como aproveitar isso continuamente.

Queremos aumentar ao máximo nossa experiência no Espírito Santo. Para conseguir isso, precisamos remover todos os impedimentos. Qualquer obstáculo meramente humano deve ser descartado.

Por exemplo, a organização humana certamente limitará a habilidade de Jesus para liderar. Louvores planejados anteriormente e cheios de fórmulas também irão inibir. O domínio da reunião por um homem ou um ministério, não importa o quanto ele seja ungido, será, na melhor das hipóteses, apenas uma manifestação parcial do corpo de Cristo.

Temos que lançar fora todos os adereços religiosos tradicionais que possam substituir ou interferir na realidade da presença de Jesus Cristo. Jogando fora todos os impedimentos, podemos abrir oportunidade para que nossa verdadeira Cabeça tome Seu lugar entre nós.

SOMENTE TIRAR OBSTÁCULOS NÃO É SUFICIENTE

Entretanto, não estamos insistindo em que simplesmente remover obstáculos será suficiente. Muito mais do que isto está envolvido. Também necessitamos ter sucesso em entrar na presença de Deus. Precisamos realmente *estar* no Espírito. Precisamos verdadeiramente nos submeter à liderança de Jesus. Se não o fizermos, não seremos beneficiados em reuniões onde estamos juntos de maneira informal, sem nenhum tipo de fórmulas e adereços religiosos. Jesus não é atraído por uma simples posição “anti-religiosa” que possamos tomar.

Aqui também encontramos uma questão. Em que intensidade um grupo realmente está no Espírito? Isso irá depender dos indivíduos envolvidos. Irá variar de acordo com o

nível espiritual dos participantes. Se esses cristãos estão andando com Jesus, se O estão obedecendo no seu dia a dia, se eles não têm barreiras e impedimentos para a autoridade Dele, então sua experiência coletiva será maravilhosamente intensificada.

Mas, quando os participantes não gozam a genuína caminhada espiritual, se os membros são egoístas, cheios de suas próprias vontades, teimosos, orgulhosos e resistentes a Deus, então ao se reunirem também irão sofrer por causa dessas lacunas. Simplesmente se reunir nos lares ou “sair do sistema religioso” não irá compensar essas deficiências.

Uma vez mais eu gostaria de repetir: na intensidade em que qualquer reunião de crentes consiga entrar na presença de Deus e discernir Sua liderança, nessa mesma intensidade esses crentes serão abençoados com a experiência da única Igreja verdadeira. Por outro lado, no mesmo grau em que eles falharem em entrar em Sua presença e seguirem a liderança da Cabeça, suas experiências como Igreja serão falhas.

Em aproximadamente trinta e cinco anos testemunhando “a igreja nos lares” e outros tipos de reuniões informais, temos aproveitado muitas experiências maravilhosas. Tivemos o privilégio de vivenciar muitos encontros conduzidos pelo Espírito Santo e cheios de Sua presença. Esses encontros cheios da presença de Deus nos deram um ardente desejo de ter mais e mais e também de almejar ver outras pessoas aproveitando esta bênção. Eles nos deram o sabor da genuína casa de Deus.

No entanto, ao longo dos anos, também vimos muitas reuniões “informais” que eram destituídas da presença de Deus. Elas não eram cerimoniais, religiosas e formais, mas também não eram abençoadas. Embora os participantes tenham se saído bem em deixar o que eles chamavam de “sistema religioso”, também não pareciam conseguir ir mais além. Eles não tinham sucesso em viver algo mais válido e real.

Em muitos destes casos, suspeito que a causa da deficiência foi que os membros individuais não se submetiam verdadeiramente a Jesus em suas vidas diárias. Eles não sabiam como fazer isso e, assim, não estavam caminhando diariamente no espírito. Talvez se orgulhassem por terem escapado de alguma religião formal, mas falharam em entrar na realidade espiritual, no Espírito, onde está a única Igreja verdadeira. Talvez tenham deixado o Egito, mas nunca cruzaram o Rio Jordão para entrar na terra prometida.

OUTRO ARGUMENTO

Talvez alguns argumentem que muitos, senão a maioria dos cristãos, não são suficientemente maduros para se reunir sem uma estrutura humana. Eles podem afirmar que a maioria dos crentes, por não saber como andar e como viver no Espírito, só pode se reunir de uma forma religiosa. Portanto, concluem que tais encontros espirituais não funcionarão. Eles acreditam que o homem precisa dar uma “mãozinha” nessas coisas e providenciar alguma estrutura e organização.

É verdade, infelizmente, que muitos crentes não são pessoas espirituais. Somente uns poucos conseguem estar no Espírito freqüentemente e menos ainda conseguem viver nesse estado espiritual. Mas há uma boa solução para esse fato. Em vez de providenciar uma estrutura humana e superficial para compensar tal problema, precisamos procurar em Deus como resolver o problema. Precisamos ser capazes de levar outros a um relacionamento com Cristo que seja verdadeiramente espiritual.

Aqueles que conhecem os segredos de uma vida genuinamente espiritual devem ouvir de Deus como ministrar aos outros essa realidade. Devem orar, buscando a face de Deus, para ter unção e sabedoria necessárias para levar outros à presença de Deus. Eles precisam se tornar servos de outros, mostrando a eles, por meio de palavras e ações, “um caminho mais excelente”.

Uma das melhores maneiras de se ensinar algo a alguém é lhe mostrando um exemplo. Em inglês existe uma expressão: “Uma foto vale mil palavras”. Se um grupo de crentes, seja grande ou pequeno, pode começar a aproveitar o tipo de louvor verdadeiramente espiritual que estivemos descrevendo, então os que visitam a reunião podem por si mesmos ver que tal coisa pode funcionar. Eles podem testemunhar em primeira mão a possibilidade da Cabeça liderar Seu corpo. Tal comovente testemunho é muito mais poderoso do que um livro cheio de ensinamentos.

O fato de Deus, nosso Pai, estar procurando adoração espiritual deveria nos causar uma tremenda impressão. Ele está mesmo procurando diligentemente por homens e mulheres que O adorem da maneira como descrevemos. Nós lemos: “...porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4:23).

Se isso é algo importante para Ele, se é algo que está em Seu coração, então

porque também não deveríamos procurar por isso? Não deveríamos nós também dedicar nosso tempo e atenção ou mesmo nossas vidas e ministérios a esse fim? Se alguma coisa é importante para Deus, não é razoável que também seja importante para nós? Não há dúvida de que a resposta deveria ser um retumbante “sim”!

MATURIDADE TRAZ RESPONSABILIDADE

É natural que em qualquer reunião de crentes haja uma diferença no nível de crescimento espiritual entre eles. Há sempre aqueles que são mais maduros e aqueles que têm pouca maturidade espiritual. Enquanto estão reunidos, há aqueles que são mais sensíveis à direção do Espírito Santo e aqueles que têm menos discernimento.

Uma consequência disso é a possibilidade de cometer erros. De vez em quando, alguém perde a direção de Deus. Eles podem falar de acordo com seu próprio coração ou experiência, e não conduzidos pelo Espírito.

É aí, então, que devem agir aqueles que têm mais maturidade. Aqueles que têm verdadeira maturidade e aguçado discernimento espiritual devem saber como manter os encontros na trilha do Espírito Santo. Quando alguém se afasta do caminho e começa a tomar muito tempo com algo que não está fluindo do céu, eles devem, gentilmente e com muito amor e bondade, levar o processo de volta para o Espírito. A sua responsabilidade diante de Deus é exercer um tipo de “supervisão”, uma espécie de “vigilância” espiritual, de maneira que a autoridade de Jesus seja mantida.

Não estou dizendo que cristãos mais maduros têm sua própria autoridade. Eles não devem estar no controle das reuniões. Entretanto, sempre há alguns que são mais sensíveis ao Espírito Santo do que outros, que não têm o mesmo crescimento na vida espiritual.

É essencial que seja mantida a autoridade da Cabeça. Quando isso não acontece, a reunião inteira irá descer dos céus para a terra, do espiritual para o natural. Então, aqueles que têm maturidade se tornam responsáveis por ajudar a guiar aqueles que não possuem discernimento igual para permanecer no Espírito.

Por exemplo, vamos supor que alguém novo venha a uma reunião. Talvez não

saiba como seguir a liderança do Espírito Santo. Então, em um dado momento, começa a falar. Talvez dê seu testemunho ou alguma outra coisa. É bom que tenha uma oportunidade. Ninguém deveria ser cortado rapidamente.

Mas, se alguém começa a vaguear interminavelmente sobre qualquer assunto que não esteja emergindo do Espírito Santo e, portanto, não esteja edificando as outras pessoas, não se deve permitir que continue. A autoridade do Espírito Santo deve ser mantida, se quisermos aproveitar reuniões verdadeiramente espirituais.

Então, alguém com discernimento pode, de um jeito natural e inofensivo, levar a direção da reunião novamente para o Espírito. Pode-se dizer algo como: “Acredito que tenhamos perdido a direção para onde o Senhor nos guiava neste momento. Vamos orar juntos e tentar compreender o que Deus quer dizer ou fazer agora”. Jesus pode mostrar, de uma maneira bondosa e gentil, como trazer a reunião de volta para a Sua direção. Frequentemente, uma simples palavra ou oração, não necessariamente dirigida ao “divagante”, pode ser suficiente.

Naturalmente é verdade que nunca iremos ter reuniões perfeitas. Sempre cometeremos enganos. Ninguém é perfeitamente maduro e sintonizado com o Espírito Santo. Mas isso não é fatal. Não deve ser um imenso problema. Não devemos ser extremamente preocupados sobre isso. Nossa meta é permitir que a Cabeça tenha a liderança, tanto quanto possível, dado o nosso crescimento espiritual e as circunstâncias.

Se cometemos erros, nosso Senhor compreende isso. Ele está ciente de nossas fraquezas. Na próxima vez em que estivermos juntos com outros cristãos, teremos uma outra oportunidade maravilhosa de buscar novamente a Sua face juntos.

Uma outra coisa que devemos levar em conta é que as reuniões serão diferentes umas das outras. Provavelmente não haverá duas iguais. Porque nosso Líder é uma pessoa viva, Sua vontade é sempre nova. Talvez passemos uma reunião inteira orando. Uma outra vez, poderemos usar a maior parte do tempo louvando. Em outra ocasião, talvez a ministração da Palavra de Deus seja enfatizada. Na reunião seguinte, talvez essas três coisas, ou mesmo alguma coisa mais, estejam em evidência. Qualquer reunião que caia constantemente em um padrão, deveria ser um alerta para nós. É um sinal de que devemos buscar por mais liderança de Deus entre nós.

Você não pode limitar ou prever a ação de Deus. Ele nunca Se enquadra em sua

caixinha. É impossível saber o que Ele fará a seguir. Quanto mais formos capazes de nos abrir para Ele e de permitir-Lhe ser a nossa fonte e o nosso guia, mais ricos e mais satisfatórios serão os nossos encontros com outros cristãos. Cada vez que estamos reunidos em Seu nome, Ele está em nosso meio para nos guiar ao que Ele tem para nós naquele momento.

A propósito, reunir-se em nome de Jesus não significa ter o nome Dele escrito na porta. Não significa simplesmente adicionar “em nome de Jesus” ao final de nossas orações. Estar “em nome de Jesus” quer dizer que realmente estamos Nele, e estar Nele significa que estamos no Espírito.

Se usamos Seu nome sem a realidade de Sua presença, isso é em vão. Não há uma mágica especial em algumas palavras. Nunca deveríamos usar o nome de Jesus como se ele tivesse um tipo de encantamento ou fosse uma expressão mágica. O poder do Evangelho é o fato de que Jesus Se levantou dos mortos e, portanto, está presente no mundo hoje. Ele é poderoso e real. Estar no nome de Jesus é estar Nele! É Nele que está o verdadeiro poder.

REUNIÕES DO TAMANHO DO CORDEIRO

Mencionamos a importância de cada membro do corpo ser capaz de compartilhar sua porção quando se reúne com outros. Obviamente, isso só é possível quando o número de pessoas é limitado. Em uma grande multidão, é impossível que todo mundo participe. Devido a esta limitação, um irmão sugeriu encontros “do tamanho do cordeiro”.

O pensamento por trás disso é que, no Velho Testamento, os israelitas foram instruídos a matar o cordeiro da Páscoa. Se a família fosse muito pequena para comer o cordeiro inteiro, deveria se reunir com outras pessoas. Dessa forma, eles teriam gente suficiente para consumir todo o cordeiro.

Quando um grupo de crentes cresce de maneira que a participação de cada um já não é mais possível, eles podem se reunir em mais de um grupo. Não há necessidade de que todos os crentes se reúnam a cada semana. No Novo Testamento, parece que os cristãos utilizavam casas para as suas reuniões, por serem elas locais disponíveis e

convenientes. Uma casa de bom tamanho pode conter qualquer reunião “do tamanho do cordeiro”.

Alguns podem perguntar quando é que os crentes devem se reunir. Isto também deveria estar sujeito à liderança do Espírito Santo. Quando os cristãos estão andando em intimidade com Jesus, eles sentem um desejo constante de se reunir com outros. Sentem um desejo espontâneo de estar com irmãos que também amam a Deus. Desejam compartilhar o que Deus tem feito em suas vidas e o que tem lhes revelado. Eles têm fome de saber como o Espírito está trabalhando na vida de outros.

Se essa urgência não é evidente, isso mostra que os relacionamentos desses cristãos com o Senhor estão precisando de atenção. Simplesmente organizar locais e datas de reuniões não irá resolver essa deficiência fundamental.

Quando muitos crentes estão desejando se reunir, as reuniões acontecerão freqüentemente. Um irmão pode telefonar a vários outros, convidá-los para sua casa. Alguns simplesmente podem sentir um desejo de ir à casa de um outro irmão após o trabalho. Talvez se surpreendam ao encontrar lá outros que também tiveram a mesma direção. Tais reuniões podem ocorrer a qualquer hora ou em qualquer lugar. Conforme vamos seguindo a Jesus, Ele irá orquestrando tudo isso.

No livro de Atos, lemos que os convertidos se encontravam diariamente, de casa em casa (At 2:46). Essas pessoas eram entusiastas. Elas tinham conhecido o Deus do Universo de um jeito pessoal. Isto realmente impactou e transformou suas vidas. Era importante para elas e tinha conseqüências gloriosas e eternas. Portanto, o desejo de estar com outras pessoas, receber ministração e compartilhar tudo com os outros era insaciável. Era algo espontâneo.

Ninguém organizava essas reuniões. Elas não eram programadas, monitoradas e controladas pelos apóstolos. Aqueles crentes não precisavam ser exortados, bajulados ou ordenados a se encontrar. Seus corações e suas mentes tinham sido aprisionados pela experiência deles com Jesus, então eles se reuniam sempre que podiam. Estavam sempre procurando por essa oportunidade. Os cristãos de hoje devem ter a mesma motivação. Qualquer coisa menor do que isso pode facilmente se tornar um exercício vazio.

Se os crentes não têm o desejo de estar com outros freqüentemente, isso é um sinal de problemas espirituais. Quando a comunhão com outros não é algo pelo qual seus

corações anseiam, isto é uma evidência de que a comunhão deles com Jesus também é imperfeita.

Se estar no corpo de Cristo e servi-Lo não é uma prioridade na vida dos cristãos, isso é prova de que os corações deles foram aprisionados por outras coisas além da vontade de Deus. Quando os cuidados do dia a dia com o trabalho, com a família, com os entretenimentos etc., dominam completa ou parcialmente o impulso espiritual de estar junto com outros crentes, então “os espinhos” sobre os quais Jesus nos advertiu, estão sufocando Sua palavra (Lc 8:7).

REUNIÕES EM GRUPOS MAIORES

Se os crentes sentem a liderança de Deus para que se reúnam em grupos maiores, isso pode ser uma bênção. Mas isso traz alguns desafios. Por necessidade, quando um grande número de crentes se reúne, apenas uns poucos serão capazes de ministrar. Isso é uma coisa lógica. Entretanto, tais reuniões não são proibidas pelas Escrituras. No entanto, o princípio básico de tudo ser dirigido por Jesus, o Cabeça, continua o mesmo.

Aqueles que são ungidos por Deus para ministrar no louvor, no ensino, na pregação, em tais situações, ainda devem ser mantidos no mesmo padrão. Quando alguém sente que está sendo conduzido a usar seus dons em tais circunstâncias, precisa ser cauteloso para que o Senhor o esteja dirigindo, e não a sua ambição e o seu desejo de ser visto ou ouvido. Seu verdadeiro alvo deve ser servir aos outros e não obter lucros financeiros ou emocionais.

Um exemplo de como tais coisas podem ocorrer são as reuniões vivenciadas por um irmão do País de Gales, chamado Arthur Burt. Periodicamente ele faz conferências ao redor do mundo. Entretanto, em suas conferências não há palestrantes convidados. Qualquer pessoa presente, que sinta ter uma palavra vinda de Deus, pode falar. Porém, ele impõe uma restrição. Ele diz algo assim às pessoas presentes: “Quando você dá um passo à frente, você tem cinco minutos para bombear. Se você não tirar água dentro deste tempo, sente-se!”

Reuniões com muitos crentes, onde apenas uns poucos ministram, apresentam

alguns desafios tremendos e extremamente sérios. Um deles é que há uma tendência muito forte entre os crentes de serem passivos e deixarem que outros façam a obra. Tais reuniões podem facilmente reforçar essa tendência. Muitos crentes passam rapidamente a confiar em que outros tomarão conta de tudo.

Outro desafio é que alguns membros possuidores de mais dons logo estabelecem um tipo de hierarquia ou clero. Por achar muito fácil liderar e por gostar da oportunidade de fazer isso, eles naturalmente começam a dominar a assembléia. Isso facilmente se torna uma situação semelhante ao arranjo “clero/leigo”, que é tão excessivo hoje, reprimindo o funcionamento do corpo.

Um outro risco é que tais encontros podem cair na rotina e, com a passagem do tempo, o domínio de Cristo sobre todas as coisas vai desaparecendo. Conseqüentemente, qualquer um envolvido na organização de tais reuniões deve estar constante e intensamente ciente de que deve evitar todas as coisas que se tornam repetitivas. Deve-se fugir a todo custo de todas as coisas que substituam a liderança da Cabeça.

Tais assembléias com muitos crentes deveriam ocorrer apenas quando Jesus ordena e não de uma forma regular e programada. Os grupos menores, em que todos podem participar, deveriam ser a experiência normal e freqüente. Os encontros maiores, quando ocorrem, devem ser somente suplementares.

ENCONTROS DE MINISTRAÇÃO

Nas Escrituras também encontramos um outro tipo de reunião que poderia ser chamada de “reunião de ministração”. Por exemplo, enquanto os crentes se reuniam diariamente de casa em casa, no livro de Atos, os apóstolos também estavam ensinando “diariamente, no Templo” (At 5:42).

Em outros lugares do livro de Atos, lemos sobre Paulo pregando toda noite para um grupo de crentes. Também aprendemos que, num dado momento, Paulo usou o edifício de uma escola para praticar seu dom de ensino (At 19:9). Ainda, em outra situação, ele alugou sua própria casa com esse propósito (At 28:30).

Esses agrupamentos de crentes não eram “reuniões do corpo”. Não eram

situações em que cada membro funcionava, contribuindo com sua porção. Em vez disso, eram circunstâncias onde um homem ou alguns homens com ministérios especialmente ungidos serviam aos outros de um único modo. Talvez seja isso o que a maioria das reuniões da “igreja” de nosso tempo procura imitar.

Mas, em vez de ser uma amostra do corpo, isso é simplesmente o ministério de um ou mais homens cheios de dons. Podemos nos referir a esses encontros como “reuniões de ministração”. Esse tipo de agrupamento é espiritual e importante. Quando alguém tem uma ministração que é tão ungida quanto necessária para o corpo, ele (ou ela) é livre para fazer isto. Novamente, tudo deve ser feito de acordo com a liderança do Espírito Santo.

Tais reuniões nunca devem se tornar substitutas para os encontros do corpo. Os pequenos encontros “de casa em casa”, nos quais todos têm oportunidade para participar, são uma parte essencial da experiência da única Igreja verdadeira. Essas reuniões deveriam ser a parte principal de nossa prática de Igreja. Os membros mais fortes e mais talentosos nunca deveriam ser dominadores, de maneira a suplantar o funcionamento de todo o conjunto.

SUPORTE FINANCEIRO

Quando o ministério é praticado por um membro muito ungido, isso deve ser feito às expensas daquela pessoa. Já que é o seu ministério, ele é responsável diante de Deus por sustentá-lo financeiramente. Não quero dizer que outros não possam contribuir. O que eu digo é que a Igreja ou o corpo como um todo não é responsável por essas despesas. Essa é a responsabilidade da pessoa que está conduzindo o ministério. Tal pessoa deve ter um chamado genuíno de Deus para fazer aquela obra determinada e, portanto, deve ter fé de que Deus irá sustentá-la. Se não tiver esta fé, então não deveria estar fazendo a obra.

Em nenhuma circunstância, alguém deve colocar pressão de qualquer espécie sobre os outros crentes para que o ajudem financeiramente. Nenhuma insinuação sutil ou argumentos sinceros por dinheiro são permitidos. Eles nunca deveriam levantar “ofertas” antes ou depois de ministrarem. Se um indivíduo não tem fé para conduzir uma determinada obra para Deus, então deve parar de fazê-la. O corpo de Cristo certamente pode contribuir

para a obra de Deus, mas somente quando são movidos a fazer isso por Ele, e não coagidos por homens.

É verdadeiramente bíblico que as pessoas que recebam ministração podem ajudar financeiramente aqueles dos quais recebem uma bênção. Lemos: “Mas aquele que está sendo instruído na Palavra, faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui” (Gl 6:6). Esse “compartilhar” certamente poderia incluir ajuda financeira.

Mas, biblicamente, esse auxílio nunca deveria ser em forma de salário. Enquanto doações ocasionais são permitidas, a idéia de salário vai além do que é saudável e bíblico. Quando alguém recebe “um salário” – que é uma soma de dinheiro fixa, regular e segura – não tem mais necessidade de depender de Deus.

Pouco a pouco começa a confiar no homem. Sua visão inevitavelmente se volta do Senhor para aqueles que estão pagando o seu salário.

É virtualmente impossível que isso não ocorra. A pessoa (ou pessoas) que está suprindo nossas necessidades diárias é aquela que nos controla. Quando Deus está nesta posição, tudo está bem. Mas, quando os homens são aqueles que têm a chave do cofre, então eles é que estão em posição de poder sobre nós.

Em tais situações, a habilidade da pessoa que está ministrando se torna comprometida. Ela pode se tornar um “mercenário” que precisa ficar bem com aqueles de cujo dinheiro depende. Em vez da necessidade de manter um relacionamento bom, íntimo e obediente com Jesus, ela simplesmente precisa ficar bem com aqueles de quem recebe um salário.

Pessoas assim não são mais livres para dizer apenas o que Jesus manda dizer. Tornam-se reticentes para falar qualquer coisa que possa ofender alguém, que pode, de repente, parar de sustentá-las. Gradualmente se transformam em “bajuladores de homens” (Ef 6:6). Quando alguém está genuinamente “vivendo por fé”, deve ser fé em Deus e não fé na boa vontade de outros para sustentá-lo.

MEMBROS DOMINADORES

É um grande erro alguém que tenha um dom ou um ministério poderoso organizar

“uma igreja” em torno de si. Embora seja muito comum tal prática de se tornar o líder de um grupo, no qual a maioria das atividades gira ao redor do ministério do líder, isto não é bíblico. Embora o chamado e os dons desta pessoa possam ser genuínos e válidos, eles não lhe foram dados para que se torne a única fonte de ministração para algum grupo especial. Esta prática fere o padrão das Escrituras em vários pontos. Número um: limita “os membros” a um ministério particular. Para serem saudáveis, os crentes necessitam das porções de todo o corpo.

Número dois: exalta um homem a uma posição que não é bíblica, levando-o a um lugar na assembléia, do qual apenas Jesus é digno. Então, inconscientemente, muitos começarão a olhar para um homem e a depender desse líder em vez de depender de Jesus.

Número três: reprime qualquer outra pessoa do grupo, cujos dons também são válidos, mas não suficientemente excepcionais para disputar a atenção dada ao líder. Comumente as demais pessoas se tornam frustradas e procuram realização em outras áreas, ou partem para estabelecer suas próprias “igrejas”, onde podem usar seus dons, algumas vezes até dividindo o primeiro grupo nesse processo.

OS NICOLAÍTAS

Que eu saiba, no Novo Testamento existe apenas uma coisa que Jesus Cristo disse que Ele odeia. Esta coisa é mencionada nas cartas às sete igrejas: são as ações e a doutrina dos nicolaítas, mencionados em Apocalipse 2:6,15. Já que a história daquela época não se refere a nenhum grupo de pessoas chamadas “nicolaítas” especificamente, tem havido muita especulação sobre quem são eles. Acredito que a resposta sobre a identidade deles está no significado da palavra “nicolaíta”. Por favor, analise comigo, enquanto investigamos esta possibilidade.

A palavra NIKAO, no original grego, significa “conquistar, subjugar ou levantar-se acima de”, enquanto a palavra LAOS (da qual deriva a palavra “leigo”), significa “público geral” ou “a assembléia das demais pessoas”. Portanto, a palavra “nicolaítas”, que é composta por essas duas palavras, se refere àqueles que se levantam sobre e subjagam os leigos ou as pessoas comuns. Isso parece descrever a situação que estivemos examinando.

Por nossas discussões anteriores, é fácil perceber porque Jesus Cristo pode odiar esse tipo de arranjo. Tal situação reprime o funcionamento de Seu corpo, o qual é Sua expressão na Terra.

O efeito imediato disso é que a maior parte dos membros da Igreja é mantida inativa, e um homem só, ou um seleto grupo de homens, é elevado a uma posição de fazer quase tudo. Então temos uns poucos homens tentando viver a vida da Igreja no lugar da maioria. Obviamente, isto não é aprovado e impede grandemente a obra de Deus.

O SONHO DE JACÓ

Enquanto Jacó estava fugindo de seu irmão Esaú, ele passou uma noite no deserto. Lá ele usou uma pedra como travesseiro. Enquanto dormia, teve um sonho maravilhoso. No sonho, via: “Eis posta na Terra uma escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela” (Gn 28:12). Quando acordou, imaginou que aquele era um lugar especial. Ele o chamou de “Betel”, que significa “a casa de Deus”.

Vejam, quando estamos verdadeiramente sendo a casa de Deus, quando estamos preenchendo as exigências de estar no Espírito e de ser conduzidos pela nossa Cabeça, naquele lugar e naquele momento, os céus se abrem. A presença de Deus se torna real para nós. Realmente experimentamos ser “a casa” ou a habitação de Deus, de uma maneira coletiva – o Betel de hoje.

Nestas ocasiões, há verdadeiramente um céu aberto. A presença de Deus é muito real. Sua autoridade ou “trono” são conhecidos por nós. Está ocorrendo revelação, iluminação e compreensão espiritual. Além disso, os espíritos ministradores, os anjos, estão indo e vindo – “subindo e descendo” – trazendo mensagens do trono e talvez “carregando” as orações e as petições dos crentes de volta para Deus. Claro que aqui estamos descrevendo algo espiritual com palavras terrenas. Talvez os detalhes exatos desse tráfego angelical não possam ser conhecidos totalmente. Todavia, em tais situações celestiais, a proximidade dos anjos ministradores é muito real.

Nós, o povo de Deus, temos o maravilhoso privilégio de entrar juntos em Sua presença. Quando nos reunimos, podemos gozar o “céu aberto”, onde as coisas invisíveis do

Seu reino se tornam reais para nós. Conforme entramos juntos no Espírito, inimagináveis maravilhas de Jesus e a Sua vontade estão à nossa disposição para as possuímos. Nós, insignificantes seres humanos, podemos aproveitar a realidade de sermos a habitação do Deus Altíssimo. Não devemos nunca nos satisfazer com menos do que isto.

O PLANO PILOTO DE DEUS

Aqui estou incluindo um testemunho de um homem, Nick Jensen, que entrou em contacto conosco. Embora isso não possa ser considerado como um exato exemplo do que Deus faria em cada situação, é certamente um testemunho poderoso do que Ele realmente fez em um lugar. Já que nosso Senhor pode fazer e fez isso por essas pessoas, Ele o pode fazer em toda a Terra, em muitas situações diferentes. Estou incluindo esta carta, conforme ele a escreveu, com poucas alterações:

Queridos irmãos, Saudações em nome de Jesus. 02 de março de 1987.

Algumas décadas atrás, um pequeno grupo de “cristãos renovados” estava reunido, naquele que, segundo um guia de mapas turísticos em geral – era um “lugar nenhum”. Estavam no meio dos campos viçosos de Somerset, na Inglaterra, não muito longe do conhecido propriedade rural de Horlicke. O lugar era chamado Chard South.

O pastor deles teve um chamado do Senhor para jejuar, a fim de que ele pudesse ter os seus ouvidos espirituais abertos. Ao final de várias semanas de total abstenção de qualquer tipo de alimento, que não fosse o pão do céu, o Senhor falou ao seu servo. O resultado daquela comunicação fez South Chard conhecida nos quatro cantos da Terra. Qual foi aquela mensagem celestial? Como a maioria das ordens vindas de um quartel general, essa era semelhantemente pequena e doce e dizia: “Deixe [a liderança de] suas reuniões comigo”!

Então, em seguida, os habitantes de South Chard viram o seu pastor entrando no pequeno hall, em um domingo de manhã, às 10:00, carregando em seus ombros, não uma cruz, mas um serrote. Ele prosseguiu deliberadamente para a frente, para o púlpito, de onde sempre havia dirigido o culto e, sem muita pompa, começou a serrar, até que a parte superior do púlpito caiu ao chão com um grande barulho.

Satisfeito com o seu trabalho, sentou-se em um dos bancos, para nunca mais aparecer como o condutor de uma reunião da igreja.

Dizer que a congregação ficou atordoada, provavelmente seria uma afirmação um pouco abrandada. Interrogações eram vistas em todas as faces. Alguns até mesmo temiam que a prolongada ausência de alimentos houvesse perturbado algum reflexo natural de seu pobre pastor. Mas, lá estava ele sentado.

Então eles também se sentaram por algum tempo e ficaram meditando, até que uma velha alma caridosa começou a sussurrar o hino “Silenciosamente agora eu espero por ti”. Com isso, uma porção do povo de Deus na Terra havia dado seus primeiros passos vacilantes em direção à reunião da verdadeira igreja!

O Reverendo Sidoby Puree abdicou em favor do Condutor celestial. Funcionou? Bem, um forasteiro vai descrever o que experimentou em uma manhã de um domingo comum em South Chard.

O saguão estava abarrotado com pessoas se abraçando, carinhosas, risonhas, brilhantes e felizes. Você nunca teria imaginado que esse lugar tão barulhento fosse o ambiente para uma reunião de “igreja”. Alguns ficavam em pé, outros se sentavam e outros ainda pareciam andar por toda parte, contando anedotas ou coisas assim.

Eu estava procurando pelo pastor ou pelo líder do coral, esperando que fizessem calar os dissolutos e anunciassem o hino de abertura, mas ninguém parecia se incomodar com a desordem geral e ninguém foi à frente para anunciar coisa alguma. Repentinamente, cada um parecia ter se dado conta da presença dos outros, quando uma santa quietude seguiu o alegre tropel e um notável silêncio espontâneo seguiu-se aos sons de um mercado. Logo a seguir, ouvimos a voz delicada de uma irmã idosa que, sozinha, começou a cantar a canção: “Faça jorrar a alegria, ó minha alma, na presença do Senhor há alegria para sempre, faça jorrar, faça jorrar”.

E, por favor, preste atenção nisto: ninguém se uniu a ela nesta abertura, nem mesmo o organista! Somente quando ela iniciou pela segunda vez, foi que os outros se uniram a ela e foi só então que ouvimos o órgão, como se este dissesse: “Eu não inicio, sempre sigo”. E religiosamente manteve essa afirmação durante todo o culto.

Agora, o coro que havia começado tão frágil, rapidamente se transformou em um som sempre crescente, estimulado por palmas ritmadas e constantes. Ninguém lá parecia

respeitar a prática pentecostal, universalmente aceita, de só repetir o estribilho uma ou duas vezes no máximo.

Eles apenas seguiram adiante, aproveitando a presença do Senhor e cantando “Faça jorrar”, tão repetidamente, que perdi totalmente a conta do número de bis. Todos eles pareciam estar descuidados da presença dos outros adoradores, porque seu cântico era visivelmente dirigido exclusivamente ao e pelo Senhor.

Realmente não sei como eles chegaram ao final daquele cântico de abertura, mas uma hora eles pararam. Somente quando pararam, veio uma palavra profética do céu – alta e poderosa – com o Senhor convidando o Seu povo a aproveitar ao extremo a Sua presença e, puxa, que plenitude!

Eles cantaram hinos e canções de cor, pois não havia hinários, folhas de cânticos ou retroprojektor de espécie alguma. Para aprender, eles simplesmente usavam os primitivos meios de repetição. Na opinião deles (compreendi depois), livros de canções e projetores os afastavam da liberdade de louvar e adorar. Por quê? Porque com o uso constante de muletas, não se aprende a andar e, nesse caso, a dependência de textos representa um sério obstáculo para a completa liberação e abandono ao Espírito.

Eles estavam assentados num círculo redondo com um grande espaço no centro, e a razão para isso eu logo tive que descobrir – com os meus olhos tão grandes quanto a Torre redonda de Copenhagen – porque logo a seguir um jovem corpulento começou a dançar como se pesasse somente 50 quilos.

Muitos se juntaram a ele, e neste momento o coro já havia se repetido pelo menos 37 vezes, e o céu parecia ser mais real do que a Terra. Repetição não é uma palavra correta para descrever isso. Antes, era um contínuo desenvolvimento da alegria expressa em canto e dança.

Depois desse júbilo, “jorrou” um período de silêncio, cuja duração não sou capaz de determinar, porque somente depois de um bom tempo percebi que todos nós – as crianças também – tínhamos nos movido para algo semelhante à eternidade.

A propósito das crianças, elas estavam sentadas sozinhas nos únicos lugares reservados no saguão, de onde tinham uma visão melhor dos procedimentos que estavam ocorrendo.

Por outro lado, estavam totalmente unidas aos adultos e pouca ajuda veio de seus superiores. Eles nunca foram conduzidas para salas especiais de crianças, provavelmente porque discursos previamente preparados, comumente chamados de sermões, eram proscritos nas reuniões da igreja Chard.

Havia profecias em abundância. Leituras bíblicas também aconteciam, e pequenos testemunhos ou exortações eram atirados aqui e ali de uma maneira diversificada, mas em ordem.

A reunião foi encerrada tão misteriosamente quanto havia começado, porque, depois que um irmão compartilhou algo dos profetas e se sentou, eles – um e depois todos – permaneceram em pé, conforme fazemos quando o cortejo do chanceler está deixando a sala. E foi assim. A reunião terminou porque o Condutor Celestial já havia distribuído o Seu maná celestial e “partiu”. Então porque iríamos ficar juntos, esperando meros bocados terrestres? E, de novo, por favor, cuidadosamente, note que ninguém foi convidado a dizer uma prece de encerramento.

Enquanto a reunião estava acontecendo, eu repetidamente me perguntava: “Onde estão os líderes deste grupo de pessoas? Onde estão os responsáveis?” Porque tais homens eram genuinamente proeminentes em sua ausência, e aquela ocorrência era absolutamente um fato perturbador para um ex-luterano que virou batista, membro ativo da puríssima e carismática ADHONEP.

Lutei para entender esse fenômeno uma porção de tempo, até que eventualmente clareou-se para mim: a coisa toda havia sido meticulosamente “teleguiada” do céu, durante todo o tempo. Eu, batizado no Espírito, crente que, estive 26 anos estudando a Bíblia, tive que admitir que mesmo um total pagão teria reconhecido: “Não há cabeça humana aqui. Deus está no meio deles de verdade.”

Deixei a assembléia de South Chard visivelmente abalado até o mais profundo do meu ser, porque se isso era o que Deus queria – e não havia dúvida em minha mente sobre isso – então éramos todos, sem exceção, culpados da manipulação da igreja. “Pai”, eu disse, “por favor, me dê uma palavra de confirmação!” E aqui está o que recebi – de todas as Escrituras sagradas – “Que fareis, pois irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem...”(I Co 14:26). Não pude proclamar outra coisa a não ser: “O plano piloto de Deus foi

estabelecido e pode ser encontrado em pelo menos um lugar na Terra, não num lugar especial, mas gloriosamente real.”

A única questão que ainda pairava em minha mente era: “Quando vamos encontrar essa nova planta no plural?” (Com isto ele queria dizer: “Quando vamos encontrar esse acontecimento em toda a Terra?”)

10.

VIVENDO EM AMOR

Quando Jesus estava caminhando fisicamente aqui na Terra, Ele deu a Seus seguidores um novo mandamento. Ele os instruiu: "...assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros" (Jo 13:34). Já tocamos brevemente nesse tema num capítulo anterior, mas agora vamos discutir detalhadamente o que significa essa admoestação. Embora possa parecer um mandamento direto e razoavelmente simples, na prática é algo que é impossível de ser feito.

Pode ser fácil amar os que são atraentes, interessantes ou agradáveis a nós. É possível até que sejamos capazes de amar os outros até um certo ponto. Mas, amar todos os nossos irmãos e irmãs em Cristo, tanto quanto Jesus os ama, está longe, muito longe de nossa capacidade humana.

Parte do problema é que Deus parece acolher a muitos que não se encaixam bem com a nossa opinião sobre quem é digno de ser amado. No mínimo, todos aqueles a quem Jesus ama são pecadores. Além disso, muitos deles têm sérios problemas e deficiências. Outros possuem personalidades e disposições que são desagradáveis e/ou ofensivas. Alguns têm áreas em suas vidas que não foram transformadas e, então, são vulneráveis ao inimigo da obra de Deus.

Quando desejamos andar em amor, encontramos esses e outros inúmeros desafios para o cumprimento da simples ordem de Jesus para nos amarmos uns aos outros. Qualquer um, que tenha realmente tentado amar os outros, deve ter entrado em contato com alguns cristãos que parecem impossíveis de amar.

No entanto, existe esperança. Jesus não nos deu apenas um mandamento. Ele também nos deu um novo tipo de amor. Esta nova variedade de amor é descrita no Novo Testamento com uma palavra especial – *ágape*. Esse amor não é algo que o homem natural possua. Não é algo que um simples ser humano possa gerar dentro de si mesmo. É um tipo

especial de amor sobrenatural que apenas Deus possui e que enche o Seu coração. Na verdade, Ele é tão cheio deste amor *ágape*, que a Bíblia diz que “Deus é *amor* [ágape]” (1 Jo 4:8). Esta palavra expressa Sua natureza essencial.

Então, quando decidimos obedecer ao mandamento de Jesus e amar os outros, temos que receber Dele esse tipo de amor. Nosso amor natural, humano, nunca será capaz de atingir o objetivo. Somente o amor do próprio Deus pode atingir essa mais alta e mais nobre exigência.

Para conseguir esse amor sobrenatural, precisamos caminhar em contínua comunhão com nosso Salvador. Já que Ele é a fonte desse amor, precisamos estar sempre ligados a Ele para recebê-lo. Enquanto mantemos com Ele a nossa conexão espiritual, um suprimento inesgotável de amor está à nossa disposição. Já que Ele é eterno, fonte inacabável deste amor, temos acesso à toda porção que desejamos ou necessitamos.

Receber esse amor não é uma coisa que acontece uma vez. Nem é algo que conseguimos através de uma série de experiências “espirituais” e depois o possuímos para sempre. Para que nós, meros seres humanos, possamos caminhar em amor, precisamos também andar em intimidade diária com a Fonte deste amor, que é o próprio Deus.

Esse fato é tão essencial, que a Palavra de Deus nos conta que, se amarmos nossos irmãos em Cristo, essa é a prova de que realmente conhecemos a Deus. Lemos em 1 João 4:7,8: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus [intimamente]. Aquele que não ama, não conhece a Deus [intimamente], pois Deus é amor”.

Acrescentei a palavra “intimamente” para ajudar o leitor a compreender o que está sendo comunicado aqui. A palavra grega para “conhecer” pode ser usada para significar as relações mais íntimas, inclusive aquelas entre um homem e uma mulher (Mt 1:25; Lc 1:34). O amor sobrenatural de que necessitamos é algo que flui de uma comunhão íntima, pessoal e constante com o nosso Salvador.

É óbvio que há muitos crentes – pessoas que verdadeiramente nasceram de novo – que não amam os outros. É dolorosamente visível que uma grande parte dos cristãos seja egoísta, egocêntrica, infantil, rude, áspera, irritável e muitas outras coisas que demonstram a falta do amor divino por seus irmãos. Infelizmente, é essa a condição de uma grande parte da Igreja no mundo atual.

Embora alguns possam insistir em que tais pessoas não podem ser realmente “salvas”, uma análise honesta e cuidadosa da situação nos leva a acreditar que essa não é realmente a raiz do problema. Muitos já encontraram Jesus. Eles verdadeiramente nasceram de novo. Mas, tristemente, não estão caminhando em intimidade com Ele. Não andam diariamente no Espírito. Não compreendem como comungar com Ele continuamente. Eles deixam de aproveitar a disponibilidade de Sua constante presença.

Devido a essa falha, eles não exibem o amor sobrenatural de Jesus uns pelos outros. Esses crentes são simplesmente bebês. Não amadureceram espiritualmente o suficiente para ter o suprimento contínuo do amor de que necessitam. Crianças pequenas sempre são egocêntricas. Elas raramente pensam nos outros, mas apenas em si mesmas. É quase impossível para uma criança exibir um amor cuidadoso pelos outros, por terem elas mesmas tantas necessidades. Portanto, cristãos infantes não expressam muito esse amor.

A evidência da verdadeira maturidade espiritual – a prova de que conhecemos a Deus intimamente e que estamos caminhando em comunhão com Ele – é o amor. A exibição do amor é um sinal seguro, uma evidência perceptível de que nós temos um relacionamento pessoal com Jesus.

Este amor é tão poderoso, que podemos amar não somente crentes que são amigáveis ou amáveis, mas também os que são difíceis de gostar. Quando nos encontramos cheios do amor de Deus, conseguimos amar aqueles que não são bondosos conosco, aqueles que tiram vantagem de nós e que abusam de nossos esforços.

Podemos amar aqueles que não concordam conosco; se opõem a nós; e aqueles que pecam contra nós de várias maneiras: nos ofendem; nos tomam emprestado e nunca trazem de volta; nos desapontam; nos rejeitam; nos maltratam. Podemos amar as pessoas mais indesejáveis, se há em nós o amor de Deus. Esse amor, cuja fonte é Deus, é tão poderoso e sobrehumano que, estando cheios dele, podemos até mesmo amar os nossos inimigos (Mt 5:44).

O AMOR NA IGREJA

Aqui nesse livro estamos falando sobre a experiência da única Igreja verdadeira. A

chave para esta experiência é andar em intimidade com Deus e ser conduzido por nossa verdadeira Cabeça, Jesus Cristo. Por ser a comunhão com Deus a fonte da verdadeira Igreja, é lógico admitir que aqueles que estão conseguindo viver a real experiência da Igreja estarão também cheios de amor.

Agora descobrimos um fato importante: aqueles que estão realmente aproveitando a realidade espiritual da Igreja são homens e mulheres cheios do amor divino. Então podemos concluir que a manifestação do amor é o teste de autenticidade da nossa experiência como Igreja. Quando estamos cheios de amor uns pelos outros, isso demonstra que estamos tendo sucesso em desfrutar a única verdadeira Igreja. A evidente expressão do amor de Deus é o testemunho de que o que estamos fazendo é obra de Deus.

Todos os crentes bem sucedidos em caminhar em comunhão com Deus e junto uns com os outros irão manifestar esse amor. Este é um sinal seguro de que eles estão aproveitando a única Igreja verdadeira. É uma indicação verdadeira de que o que estão vivendo é genuíno. Esse amor não é algo que o homem possa produzir. Sua origem é somente divina. Portanto, quando ele está em evidência, você pode confiar que Deus está fazendo a Sua obra entre aqueles que estão manifestando esse amor.

VERSÍCULOS DO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento está cheio de admoestações para que caminhemos em amor. Pode ser a exortação mais comum da Nova Aliança. Já afirmamos que a ordem de Jesus foi que nos amássemos uns aos outros. À medida que vamos lendo, encontramos muitas outras admoestações, exortações e exemplos.

Lemos: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12:10). “A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros, pois quem ama o próximo tem cumprido a lei” (Rm 13:8). “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Rm 13:9). “O amor não pratica o mal contra o próximo, de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Rom 13:10). “Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, ...” (1 Co 14:1).

Também aprendemos: “Todos os vossos atos sejam feitos com amor” (1 Co

16:14). “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5:13). “...com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor” (Ef 4:2). “...todo o corpo efetua o seu próprio aumento, para a edificação de si mesmo, em amor” (Ef 4:16). “... e andai em amor, como também Cristo vos amou...”(Ef 5:2).

E, mais adiante, somos exortados: “E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção” (Fp 1:9); “...completai a minha alegria, de modo que...tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento” (Fp 2:2); “... para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor...” (Cl 2:2); “...acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3:14); “...e o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos...” (1 Ts 3:12).

E ainda somos admoestados: “No tocante ao amor fraternal, não há necessidade de que eu vos escreva, porquanto vós mesmos estais por Deus instruídos que deveis amar-vos uns aos outros” (1 Ts 4:9). “Ora, o intuito da presente admoestação visa o amor que procede de coração puro, e de consciência boa e de fé sem hipocrisia” (1 Tm 1:5). “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10:24). “Seja constante o amor fraternal” (Hb 13:1). “Tendo purificado a vossa alma pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente...” (1 Pe 1:22).

Resumindo, somos ensinados: “Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes...”(1 Pe 3:8). “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidões de pecados” (1 Pe 4:8). “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus” (1 Jo 4:7).

Os parágrafos acima não são, de maneira alguma, uma lista completa de todos os versículos do Novo Testamento que nos encorajam a praticar o amor *ágape*. No entanto, certamente são suficientes para mostrar que a manifestação do amor divino está bem no centro da mensagem do Evangelho. É uma expressão do coração de Deus.

Nos capítulos anteriores, estudamos diferentes métodos usados pelos homens para manter uma “igreja” unida. Há inúmeros artifícios que as pessoas usam para fazer com

que os cristãos se dediquem uns aos outros ou a um grupo. Quando qualquer trabalho para formar um grupo de crentes é iniciado pelo homem, é sempre necessário usar métodos humanos para manter o grupo unido.

Mas, como também já vimos, a verdadeira cola que mantém unido o corpo de Cristo é o amor sobrenatural. O verdadeiro vínculo da cristandade é o amor (Cl 3:14). É o amor de Deus que enche os nossos corações e nos faz servir aos irmãos, ter comunhão e nos reunir com outros crentes.

Quando estamos caminhando “na luz”, temos genuína “comunhão uns com os outros” (1 Jo 1:7). Estar “na luz” implica ter uma intimidade constante e transparente com Deus. Esta intimidade, então, produz o fruto do amor em nossas vidas. O resultado desse fruto é a expressão da Igreja viva, a habitação do Deus Altíssimo.

MUITOS DESAFIOS

Quando decidimos caminhar em amor, encontramos muitos desafios. O mandamento para amar será testado muitas vezes, de muitos modos diferentes, durante muitos anos. À medida que andamos com o Senhor, iremos experimentar uma variedade de circunstâncias e encontrar um grande número de cristãos, com todo tipo de personalidade, pecado, fraqueza e problema.

Esses queridos irmãos irão impactar nossas vidas de maneira tal que sequer pensamos sonhar. Alguns cristãos podem aproveitar-se financeiramente de nós; podem nos extorquir algum dinheiro; podem nos roubar; podem nos tomar emprestado e nunca pagar; podem até mesmo pedir algum dinheiro “para a obra de Deus” e gastá-lo em seu próprio benefício.

Alguns irmãos podem tirar vantagens emocionais de outros, talvez capturando romanticamente seus corações, saindo com eles e, em seguida, os abandonando. Alguns podem se casar com eles e, em seguida, enganá-los, quebrando a aliança do casamento e levando-os à experiência do divórcio. Outros podem caluniar, maltratar e espalhar boatos a respeito de outros crentes.

Enquanto está tentando servir a Deus, você e seus motivos podem ser mal

compreendidos por outras pessoas. Você pode ser criticado, ridicularizado e até mesmo odiado. Irmãos com os quais você pensava ter um relacionamento muito bom podem voltar-se contra você. E eles podem ainda levar outras pessoas a se voltarem contra você também.

Líderes cristãos a quem você respeita podem levá-lo à escravidão em seus programas e em suas obras. Podem até seduzir você a um relacionamento sexual ilícito ou induzir você a fazer algo ilegal para ajudá-los. Alguns podem rejeitar e até expulsar você do grupo deles se, por acaso, você não mais concorda com eles em algumas doutrinas ou práticas.

Os meios que os cristãos têm para pecar contra você são infinitos. Esses foram apenas uns exemplos do que pode ocorrer quando nos relacionamos com outras pessoas.

Então, como é que podemos continuar a viver em amor? Como podemos superar o trauma emocional e a dor causados por esses crentes com os quais nos relacionamos em nossas vidas? Qual é a solução de Deus para a angústia, a dor no coração, a mágoa e o sofrimento que nos acomete, quando tentamos andar em comunhão com outros? Como podemos continuar a viver em amor?

O REMÉDIO MAIS PODEROSO

Na batalha para superar os ferimentos e os desapontamentos, que inevitavelmente iremos encontrar em nossos relacionamentos com outros cristãos, Deus nos proporciona um remédio muito poderoso. É um remédio tão poderoso, que é capaz de tratar o pior tipo de dor emocional. É um fortificante que pode curar nosso homem interior, de um modo que consideramos impossível.

Esse remédio é chamado “perdão”. Quando somos feridos por outros, seja lá pelo que for, freqüentemente experimentamos várias reações emocionais. Primeiro, sentimos dor. Depois, a tendência é se irar. É natural começar a desejar agredir aquela pessoa física ou verbalmente ou até tentar feri-la de uma maneira indireta.

Uma técnica bastante comum é querer contar aos outros como aquela pessoa nos feriu ou abusou de nós, tentando levá-los a se posicionar contra o ofensor para, desse modo, obter algum tipo de retaliação ou extrair alguma simpatia.

É comum que a ferida continue em nossos corações por um longo tempo, até mesmo por muitos anos. Isso dá lugar ao ressentimento, à amargura e, freqüentemente, ao desejo de vingança. Quantas vezes os cristãos têm orado ao seu Pai Celestial para julgar, castigar, ferir e até mesmo matar um outro cristão pelo que este fez a eles? Obviamente, isso não é o que se conhece por “caminhar em amor”.

A solução para todas essas reações humanas é o perdão. Está certo: temos que perdoar ao ofensor. Nosso perdão irá curar o nosso homem interior; irá medicar nossas emoções; irá retirar a amargura, a ira e a contenda. A nossa liberação de perdão para a pessoa que nos ofendeu irá realmente se tornar a melhor ajuda que podemos obter. Isso fará por nós mais do que jamais pudemos imaginar.

Perdoar alguém pode parecer que fazemos algo pela outra pessoa, mas, na realidade, isso fará muito mais por nós: nos trará a cura emocional de uma maneira que nada mais poderá fazê-lo.

O perdão genuíno nos liberta: da escravidão do nosso ego à nossa velha natureza; dos nossos sentimentos preciosos; dos nossos “direitos dados por Deus”; e da nossa disposição natural. Ele renovará nosso amor por Deus e por outras pessoas; irá trazer um bálsamo sobrenatural que tratará nossas feridas, de maneira que nem nos lembraremos delas; irá nos libertar do “eu”, que é realmente parte da velha criatura e necessita desesperadamente ser negada, precisa morrer!

O perdão é um dos grandes segredos do cristianismo. Sem ele, nunca seremos bem sucedidos em caminhar em contínua intimidade com Jesus. Veja você, Deus ama o perdão. É parte da natureza Dele. Ele enviou Seu único Filho para morrer em nosso lugar, a fim de nos perdoar e depois nos salvar. Portanto, para permanecer em doce comunhão com Ele, precisamos nos tornar também perdoadores.

Jesus nos ensina: “E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai Celestial vos perdoe as vossas ofensas” (Mt 11:25). A expressão “quando estiverdes orando” indica que estamos tentando entrar na presença de Deus. Naquele momento, não podemos estar mantendo um rancor ou a falta de perdão para com o nosso irmão. Se mantemos, isto impedirá nosso relacionamento com o nosso clemente Salvador. Acharemos difícil entrar e permanecer na presença de Jesus. Já que Ele morreu para perdoar àquela pessoa, nós também devemos perdoá-la. Viver nessa atitude de

perdão irá nos ajudar em nossa procura de viver na única Igreja verdadeira, que está na presença do Deus perdoador.

Também aprendemos que nosso perdão aos outros é um requisito para sermos perdoados. Jesus diz: “Mas, se não perdoardes, também o vosso Pai celestial não vos perdoará as vossas ofensas” (Mc 11:26). Se continuarmos a clamar por “justiça”, recusando-nos a perdoar aos outros, então nós também receberemos a verdadeira justiça.

Entretanto, ninguém que tenha compreensão de seu próprio pecado irá realmente desejar tal justiça para si. Se queremos que os outros tenham aquilo que merecem, também receberemos aquilo que verdadeiramente merecemos. Pelo seu próprio bem, eu o advirto: não procure por isso!

Além disso, somos ensinados que, se não perdoarmos, isso se transformara em um tormento pessoal, que nos levava a uma prisão emocional ou até mesmo física. Talvez valha a pena rever agora a parábola que Jesus ensinou, em resposta à uma questão de Pedro, que trata dessa verdade:

Então Pedro, aproximando-se dele, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe hei de perdoar? Até sete? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete.

Por isso o reino dos céus é comparado a um rei que quis tomar contas a seus servos; e, tendo começado a tomá-las, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos; mas não tendo ele com que pagar, ordenou seu senhor que fossem vendidos, ele, sua mulher, seus filhos, e tudo o que tinha, e que se pagasse a dívida. Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, tem paciência comigo, que tudo te pagarei. O senhor daquele servo, pois, movido de compaixão, soltou-o, e perdoou-lhe a dívida.

Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem denários; e, segurando-o, o sufocava, dizendo: Paga o que me debes. Então o seu companheiro, caindo-lhe aos pés, rogava-lhe, dizendo: Tem paciência comigo, que te pagarei. Ele, porém, não quis; antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Vendo, pois, os seus conservos o que acontecera, contristaram-se grandemente, e foram revelar tudo isso ao seu senhor.

Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste; não devias tu também ter compaixão do

*teu companheiro, assim como eu tive compaixão de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos verdugos [torturadores], até que pagasse tudo o que lhe devia. **Assim vos fará meu Pai celestial, se de coração não perdoardes, cada um a seu irmão.** (Mt 18:21-35-VR).*

Veja só, a falta de perdão traz problemas com Deus. Se não perdoarmos, Ele promete nos entregar aos “torturadores” para que nos levem à prisão. Isso significa que, à medida que o tempo passa, nos encontramos em prisão espiritual e também em intensas dores emocionais ou até físicas.

Perdoar aos outros nos dará alívio, não apenas do sofrimento emocional, mas também de muitos outros sofrimentos, até mesmo físicos, que nos venham escravizar. Trará cura emocional e física. Também nos libertará daquilo que somos e nos transformará à imagem de Cristo. Restaurará nosso relacionamento com Deus.

É interessante notar que não é o “ofensor” que será disciplinado por Deus. Ao contrário, é a vítima, a que se recusa a perdoar. Na nossa maneira de pensar, aquele que provoca a ofensa é o que merece o castigo, mas no coração do Pai, a recusa do perdão parece ser ainda mais digna de julgamento.

Quando não conseguimos perdoar aos nossos irmãos que pecaram contra nós, não apenas sofremos individualmente, mas provocamos uma ruptura na unidade do corpo. É uma mancha feia nas vestes da Noiva de Cristo. A falta de perdão destrói a comunhão inerente à experiência da verdadeira Igreja. Tal falha poderá rapidamente se espalhar para outros, se nós “compartilharmos” nossos problemas com eles, quando “desabafamos”, tentando fazer com que fiquem do nosso lado em qualquer dificuldade.

O ensinamento bíblico é muito claro. Quando os irmãos pecam contra nós, temos que ir até eles e confrontá-los sobre sua ofensa (Mt 18:15). Isso significa que não temos que falar com outras pessoas. Não devemos compartilhar nossos problemas com os outros em primeiro lugar. A ofensa deve permanecer entre os envolvidos.

Se a pessoa se recusa a ouvir nossa reclamação, então temos permissão para procurar mais alguém para nos ajudar a explicar o problema ao ofensor. Se ele ainda se recusa a ouvir, então, e somente então, temos permissão para “contar à igreja o que aconteceu” (Mt 18:17), para que o corpo como um todo possa auxiliar a resolver o conflito.

Somente se ele rejeitar o testemunho da igreja coletivamente é que temos

permissão de limitar nosso contato com aquela pessoa. Entretanto, isso não significa que não devemos perdoá-la. Mesmo que ela não esteja desejosa de reconhecer seu pecado, nunca deveríamos ser escravizados pela falta de perdão.

A falha em perdoar irá envenenar nossas próprias almas e retardar nosso progresso espiritual. Embora possamos não gozar a mesma comunhão espiritual com a pessoa que nos ofendeu como tínhamos anteriormente, nunca podemos permitir que a falta de perdão impeça nosso relacionamento com Jesus e nosso desenvolvimento espiritual.

Você saberá se verdadeiramente perdoou alguém quando puder falar sobre tal pessoa sem expressar ira ou amargura. Saberá que está livre, quando puder conversar amorosamente sobre alguém ou sobre uma situação do passado, sem certa quantidade de cólera insinuando-se em seu falar e em sua atitude. Terá certeza de que está livre, quando puder amar aquela pessoa com um coração puro.

O perdão é algo que pode não vir facilmente. Você pode não experimentar uma imensa onda de emoção lhe impelindo a perdoar. No entanto, o perdão é baseado em uma simples decisão. Precisamos decidir obedecer a Deus e perdoar. Uma vez que voltamos nossa vontade nesta direção, o suprimento sobrenatural de Deus virá. Sua graça irá nos assistir, uma vez que escolhemos o Seu caminho.

Talvez tenhamos que perdoar a alguém inúmeras vezes. Pode ser que apenas pouco a pouco abriremos mão dos nossos sentimentos feridos. Pode ser muito difícil abrir o coração e deixar nossa dor sair. Mas, à medida que tomamos essa decisão, cada vez mais profundamente o amor de Deus irá preencher a lacuna, que era antes apenas “carne moída” emocional.

Freqüentemente, as pessoas se apegam aos seus ferimentos, usando-os para fortalecer uma frágil barreira emocional, que erigiram para se proteger de uma futura injúria. Elas mantêm seus sentimentos feridos, esperando que a outra pessoa se sinta mal e seja punida desta maneira; por permanecem fechadas emocionalmente, acreditando que estão mais seguras assim. Tudo isso é simples tolice humana. Tal ginástica emocional não irá, de maneira alguma, nos proteger ou solucionar o problema. A única solução está em Jesus. Precisamos perdoar aos outros como Ele nos perdoou. Essa é a única e maravilhosa cura para toda dor emocional, amargura e ira. Você será muito feliz quando obedecer a Ele.

Uma parte desse quadro que muitos parecem perder é que Deus usa as coisas

que nos acontecem para o nosso próprio bem. Ele permite que algumas coisas aconteçam em nossas vidas. Talvez elas nos pareçam muito terríveis. Mas, de Seu ponto de vista, Ele vê áreas em nossas almas que necessitam de transformação.

Talvez seja o nosso temperamento ou o nosso egoísmo e egocentrismo. Talvez tenhamos áreas de pecado que pensamos conseguir esconder de Deus. Nem posso imaginar todas as diferentes possibilidades em jogo. Mas há uma coisa que é abundantemente verdadeira: Deus usa todas as nossas circunstâncias para o nosso bem (Rm 8:28)!

Quando aprendemos a obedecer a Ele, ao enfrentar as situações e dores, ganhamos tremendamente. Não somos mais as mesmas pessoas que éramos antes. Quando aprendemos a perdoar todas as coisas em nome de Jesus, algum dia iremos louvá-Lo pela obra que Ele fez em nossas vidas através desses eventos que, em determinado momento, pareciam vir do inferno. Iremos agradecê-Lo por ser misericordioso o bastante para nos permitir passar por tais experiências, vendo o quanto de Sua natureza ganhamos através delas.

O OUTRO LADO

Há também o outro lado da questão do perdão. Como ficam aqueles que cometeram um pecado ou uma ofensa? Quando estamos caminhando à luz de Deus, vamos nos tornando mais sensíveis aos momentos em que ofendemos os outros. Quando uma palavra ou uma ação nossa não é feita em amor, deveríamos ter a convicção do pecado em nossas consciências. Devido à nossa intimidade com Jesus, Seu Espírito irá incomodar nossa consciência até que admitamos nossa culpa e nos arrependamos diante de Deus e daqueles a quem ferimos.

O desejo de responder à sensação de ter agido mal em nossas consciências é um elemento essencial para uma caminhada verdadeiramente espiritual. Quando nos recusamos a reconhecer nosso erro; quando resistimos ao Espírito Santo falando em nosso espírito; quando endurecemos os nossos corações quanto à necessidade de arrependimento; então começamos a danificar nosso relacionamento com nosso Senhor.

Para admitir o pecado, precisamos nos humilhar. Precisamos nos arrepender diante de nossos irmãos a quem ofendemos e isso requer a revelação de nossas fraquezas e de nossos erros. Quando somos muito orgulhosos ou teimosos para fazer isso; quando, pelo contrário, insistimos em ver nossa própria justiça em qualquer situação; então começamos a perder nossa intimidade com Deus. Quando apenas nos justificamos e inventamos desculpas por nossas atitudes e por nossas palavras, isso revela uma falta de humildade e de brandura.

As atitudes de orgulho e autojustificação trabalham para nos excluir da presença de Deus. Ele irá se afastar das pessoas que se inclinam para essas disposições e que as expressam. “Deus resiste aos soberbos...” (Tg 4:6). Isso significa que, se recusarmos nos humilhar, Ele irá resistir aos nossos esforços para entrar em Sua presença. Vai se tornar difícil encontrá-Lo e também será difícil encontrar Suas respostas para nossas necessidades. Sua graça para enfrentar muitas situações irá se tornar rara e nossas vidas se tornarão mais e mais difíceis de suportar.

Essa perda de comunhão com Ele significa que não mais O encontraremos facilmente para caminhar no Espírito. Sem esse elemento essencial, então começaremos a perder a experiência da Igreja genuína, que somente é encontrada no Espírito. O resultado inevitável de tal endurecimento de nossos corações é que começaremos a caminhar na alma, sendo motivados pelo homem natural. Autojustificação, em qualquer situação onde outra pessoa foi ferida, irá nos fazer perder a nossa alegria e comunhão.

Em muitas situações, ambas as partes, ligadas a qualquer pecado, disputa ou equívoco, podem estar erradas. Pode ser que todos os envolvidos não tenham agido completamente em amor. Conseqüentemente, todos necessitam de arrependimento e de pedir o perdão do outro. O fato de que um outro pecou contra você não alivia você de sua culpa de ter pecado contra ele também. Talvez você também tenha que pedir perdão em determinada situação.

Muitas vezes as pessoas se desculparam pelos seus pecados, apontando os erros dos outros. Tais desculpas podem servir para nos desculpar aos nossos próprios olhos, mas não funcionam para nos justificar diante de Deus. Pode ser que em uma ou outra situação, alguém tenha pecado contra você, e você tenha reagido pecando contra ele. Possivelmente ele se recusou a admitir o erro dele. Isso não livra você de sua culpa. Você não tem permissão para esperar até que o outro veja as faltas dele. Para manter o seu

relacionamento espiritual com Cristo, você precisa se humilhar e se arrepender diante de Deus e da outra pessoa, mesmo que ela insista em dizer que está com toda a razão. O pecado dela contra você nunca irá desculpar o seu erro contra ela. É mesmo possível que o ato de você se humilhar diante dela fará com que ela proceda da mesma maneira.

Estas duas coisas: a falha em perdoar e a falha em admitir culpa e pedir perdão irão impactar sua alegria e a sua participação na única Igreja verdadeira. Se esses pecados não forem tratados, irão interromper sua comunhão com Deus e com os outros crentes. Com o passar do tempo, sua falha em obedecer irá relegar você a uma posição de fora da intimidade da Igreja verdadeira e a uma vida que é, em boa parte, governada pela alma, em vez do Espírito.

SERVINDO OS OUTROS

Quando Jesus veio a esta Terra, Ele tinha um propósito específico. Ele veio para servir os outros. Seu objetivo não era servir-Se, nem mesmo ser servido pelos outros, mas dedicar Sua vida para ministrar sobre as necessidades dos outros. Seu grande amor pela humanidade o impeliu a esse estilo de vida.

Depois que Jesus iniciou o Seu ministério, todas as horas em que estava acordado foram envolvidas nesse serviço. Aonde Ele ia; a quem Ele falava; o assunto de Suas orações; se Ele comia ou dormia; Sua vida inteira foi comprometida com o encontro das necessidades alheias. Portanto, é evidente que, quando estamos caminhando no Seu amor, também as nossas vidas sejam inteiramente dedicadas a servir os outros.

Esse é um ponto muito importante. É onde “o pneu encontra a pista” em nossa vida cristã. Se estamos caminhando em amor, haverá alguma evidência disso em nossas atividades. Será óbvio para todos que estiverem ao nosso redor que nós temos o compromisso de servir a Jesus, servindo o Seu corpo.

O serviço ao corpo de Cristo pode tomar muitas formas. Usualmente se relaciona ao exercício de nossos dons espirituais.

De fato, Deus deu a todos os crentes um ou vários dons, com este propósito: servir uns aos outros. Temos que usar as habilidades espirituais que Jesus nos deu para

beneficiar outros cristãos e até mesmo as pessoas que ainda não O conhecem.

Pode ser que passemos muito tempo em oração pelas necessidades de outros; ou que Deus nos tenha chamado para manter o nosso foco nas necessidades materiais de alguém; ou sejamos ungidos para ensinar, para aconselhar ou para profetizar; ou tenhamos o dom de cura ou de milagres; ou que o nosso foco primário seja ofertar financeiramente. É infindável a variedade de maneiras pelas quais Deus pode nos usar. É impossível enumerar todas elas.

Mas, uma coisa está muito clara: ninguém é chamado para não fazer nada. Ninguém do corpo de Cristo é livre para simplesmente servir a si mesmo e a sua própria família. Cada um é requisitado por Deus para usar seu tempo e talento a fim de servir os outros. Do mesmo modo que Jesus colocou o serviço ao próximo como Seu objetivo, Sua meta e ambição de vida, assim também devemos nos dedicar a ministrar aos outros. Essa é a verdadeira expressão do amor divino, o amor *ágape*.

O AMOR E A CRUZ

Tal devoção aos outros não é natural. Não é algo com que a alma caída se delicie. Então, quando começamos a falar sobre o amor e sobre servir, a cruz de Cristo salta aos olhos. Para viver uma vida de serviço, precisamos negar a nós mesmos. Precisamos morrer para os nossos próprios desejos, prazeres e necessidades. Isso requer a morte de nossa velha vida e natureza, de maneira que a Vida e a natureza de Cristo possam predominar.

Quando Jesus andou por esta Terra, Ele tinha um destino final: a cruz. Ele veio para nos servir, e Sua dedicação a esse serviço foi tão extrema, que Ele estava pronto para morrer por nós. Esta prontidão para morrer foi a expressão máxima de Seu amor. Então, quando estamos dispostos a viver Sua Vida e a servir o Seu corpo, esse também irá se tornar o nosso destino.

Em 1 João 3:16, lemos: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e *devemos dar nossa vida pelos irmãos*”. Você vê, para amar com o amor de Jesus, também precisamos renunciar às nossas próprias vidas. Precisamos morrer para nós mesmos. Precisamos abdicar de nossos direitos de viver para nós e de servir somente a nós

mesmos. Pelo contrário, precisamos usar o nosso tempo, energia, dinheiro, dons e atenção para ministrar Jesus Cristo aos outros.

Esse é o verdadeiro Cristianismo. Na verdade, é o único Cristianismo. A negação de nosso ego, a renúncia aos nossos “direitos”, e um estilo de vida não egoísta são resultados do amor divino. O amor de Deus em nós irá nos impelir a colocar de lado os nossos interesses e prazeres e a usar as nossas habilidades e energia para abençoar outras pessoas.

Seu amor irá nos fazer usar tudo o que Ele gratuitamente nos deu, não para satisfazer nossos desejos carnis, mas como ferramentas para servir. Mais uma vez, não devemos usar a liberdade que Deus nos deu para servir a nós mesmos, mas, em vez disso, servir uns aos outros em amor (Gl 5:13).

Aqueles que estão caminhando em amor irão procurar oportunidades para servir os outros. Estarão atentos ao Espírito Santo, às outras pessoas, procurando maneiras de serem usados por Deus para ajudar os outros. Já que suas vidas são dedicadas a isso e também suas metas e seus objetivos, eles estarão ainda mais sensíveis aos impulsos do Espírito Santo para estar a serviço de Seu reino.

Precisamos esclarecer bem que o serviço é algo conduzido pela nossa Cabeça espiritual. Isso não é simplesmente uma exigência legalista. Conforme acontece com outros aspectos do corpo de Cristo, essa parte também deve ser espiritual. Isso significa que nosso serviço precisa ser dirigido e cumprido pelo Espírito Santo. Simplesmente se esforçar para ser um tipo de servo não é o suficiente. Precisamos aprender a viver no Espírito e a ser dirigidos por Ele, de maneira que nossas vidas e nosso serviço tenham valor eterno.

Claro que o serviço não é algo que se espera de bebês. De fato, a falta de dedicação ao serviço em prol dos outros revela que a pessoa ainda está na infância espiritual. Quando nosso foco e nosso deleite não é servir os outros, mostramos que não fizemos progresso espiritual. À medida que amadurecemos em Cristo, cada vez mais nossos desejos refletem os Dele. Nosso coração irá mais e mais expressar o Seu coração. Então, qualquer falta de devoção ao corpo de Cristo, simplesmente demonstra que também existe uma grande falta de maturidade espiritual.

Naturalmente, nosso “ministério” irá crescer junto com o nosso homem espiritual. Quanto mais crescemos, nosso serviço será mais eficaz. Quando amadurecemos, sentimos

mais facilmente como e quando Jesus quer que nós sirvamos. Além disso, nosso serviço se torna mais eficaz, à medida que está mais e mais sintonizado com a vontade do Pai Celestial.

É bom notar que nossos dons espirituais não nos foram dados para impressionar os outros e não nos foram concedidos a fim de que pudéssemos ser vistos e ouvidos. Não recebemos dons para atrair seguidores; para nos mostrar mais espirituais; ou para nos levantar na Igreja de maneira a exigir que outros nos sirvam. Nossos “ministérios” não nos foram dados para usá-los como um meio de nos exaltar.

Um servo ou um escravo ocupa, em qualquer casa, um lugar humilde. Sua função é tornar mais fácil e melhor a vida dos outros. Sempre que alguém usa o que Deus lhe deu em benefício próprio, mostra um claro sinal de imaturidade espiritual. É uma indicação segura de que a pessoa não está andando em intimidade com Jesus, o qual veio para ser servo dos outros. O ego dessa pessoa está ainda dominando sua vida.

Certa vez, um irmão disse: “Todo ministério foi dado para atender uma necessidade. Mas não é a necessidade do ‘ministro’, de ser visto e ouvido”.

O AMOR É ...

O amor é a natureza de Deus. Portanto, a genuína expressão desse amor tem certas características que refletem a natureza divina. Há um certo “sabor” ou “aroma” em alguém que esteja caminhando no amor sobrenatural, que talvez seja muito difícil definir, embora seja muito real. Há sobre uma pessoa assim algo que é uma exibição da divindade de Cristo.

Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, detalha muitas dessas características, de maneira que podemos ser capazes de identificá-las. Não apenas podemos reconhecê-las nos outros, mas também usar tais detalhes para avaliar nossas próprias vidas. Naqueles versículos, podemos examinar nossas vidas e ver se exibimos muito ou pouco da natureza de Deus. Cada uma dessas características define um aspecto da natureza de Cristo, que deveria ser evidente em nós.

Para começar, lemos que: “...o amor é paciente, é benigno...” (1 Co 13:4). Na

caminhada com o Senhor, encontraremos muitas situações que nos farão sofrer, algumas vezes muito duramente. Muitas dessas ocasiões são provocadas por outras pessoas. É muito fácil, quando alguém nos provoca dor, termos uma reação maldosa. Isso é especialmente verdadeiro quando o sofrimento dura um longo tempo. Talvez o tempo seja de um, dois, dez ou mesmo trinta anos.

Em tais situações, o amor de Deus sofre pacientemente e continua a ser bondoso com a outra pessoa que está nos causando dor. O amor humano nunca pode fazer isso. Ele desaponta e, freqüentemente, desaponta rapidamente. Mas o amor sobrenatural de Deus continua a amar e a ser bondoso, mesmo quando se depara com um sofrimento prolongado. O amor Dele é o único amor que se comporta desta maneira.

Pode ser que o seu sofrimento não seja provocado por uma outra pessoa. Talvez você esteja doente ou sentindo dores. Mas a expressão de bondade ainda deve ser sua. Se nos tornarmos ranzinhas, impacientes e difíceis por causa de nossa dor, isso será uma evidência de que precisamos de muito mais intimidade com a fonte do amor real, que é Jesus.

Somos também ensinados que: "...o amor não arde em ciúmes..." (1 Co 13:4). Já que Jesus é muito humilde, Sua natureza em nós não deve ser invejosa em relação aqueles que têm mais do que nós. Os que são cheios de Sua Vida não se preocupam se alguém tem mais dinheiro ou bens mundanos. Eles não se frustram quando outros são bem sucedidos e eles, não. Não estão lutando para possuir tanto quanto ou até mais do que outros possuem.

Não se preocupam quando outra pessoa é mais notada, mais usada por Deus, mais elogiada ou mais reconhecida. Não se tornam amargos quando outros são beneficiados e eles, não. Têm alegria em ver que alguém está sendo abençoado, porque seus corações estão batendo em harmonia com o seu Criador.

Aprendemos ainda que "o amor não se ensoberbece..." e que não é orgulhoso (1 Co 13:4). Isso mostra que os que estão caminhando no amor de Deus não estão à procura de reconhecimento. Não são orgulhosos do que possuem, em termos de bens materiais; não são cheios de si por causa de sua inteligência, beleza pessoal ou qualquer outra vantagem humana; não são arrogantes por causa dos seus dons espirituais ou pela maneira como Deus os está usando. Essas pessoas não estão procurando oportunidades de serem vistas

ou ouvidas e não querem, de maneira alguma, impressionar outras pessoas. Ao contrário, o sabor da verdadeira humildade permeia a vida deles e o seu ministério.

O amor também “...não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses...” (1 Co 13:5). O amor divino não é agressivo. Não demanda “seus direitos”, em determinadas situações. Aqueles que estão cheios de tal amor não ofendem os outros, insistindo em que seus métodos e desejos estejam corretos e devam ser cumpridos; não pleiteiam suas idéias e opiniões como as únicas corretas; não usam o próximo em benefício próprio; não procuram a sua própria satisfação em qualquer situação; mas preferem assegurar-se de que os outros estão sendo abençoados.

Aqueles que caminham em amor não se exasperam (1 Co 13:5). Não se ofendem facilmente. Quando são tratados miseravelmente; quando são ignorados; quando são mal compreendidos; quando alguém peca contra eles; não ficam instantaneamente irritados e irados. Por serem humildes, seu orgulho não é ferido.

Tais pessoas verdadeiramente amorosas não reagem de forma natural à provocação; não tentam retaliar quando outros as machucam ou ferem; não “dão o troco”. Ao contrário, com os olhos do Espírito, essas pessoas enxergam além da situação aparente e sentem o coração amoroso de Deus para com as pessoas que abusam delas. As pessoas cheias do amor de Deus são muito inocentes e sem malícia.

Pessoas assim vivem um amor que “...não se ressentem do mal...” (1 Co 13:5). Não são rápidas em imputar aos outros motivos errados; não gastam tempo julgando pensamentos e intenções alheios; não perdem tempo imaginando que os outros pensam mal deles nem lhes imputando vários pecados. Realmente existe uma atitude pura, um tipo de “santa inocência” para com o mal, que permeia a vida daqueles que andam em amor.

Obviamente, o amor “...não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade...” (1 Co 13:6). Pessoas realmente amorosas não ficam felizes quando alguém cai em pecado. Quando coisas ruins acontecem com aqueles que se opuseram a elas e lhes fizeram feridas, isso não as faz felizes. Não se agradam em ver que aquelas pessoas “finalmente” estão recebendo o que merecem.

Em vez disso, oram por seus inimigos. Seu amor não permite que elas gostem de ver as dores, dificuldades e falhas daqueles que as maltrataram e abusaram delas. Elas se alegram quando os vêem crescendo espiritualmente e se regozijam quando os outros são

instruídos e abençoados. Sentem-se alegres porque a obra de Deus segue adiante e a escuridão é derrotada. A alegria delas não acontece quando o mal sucede a outros, mas quando estes são trazidos para uma maior intimidade com Deus.

O amor “...tudo sofre...” (1 Co 13:7). Crentes que são cheios do amor de Deus terão uma tolerância sobrenatural. Não renunciam facilmente às outras pessoas. Uma coisa se tornou muito clara para mim depois de muitos anos. É que, do ponto de vista de Deus, as pessoas não são descartáveis. Nós não somos livres para simplesmente nos livrarmos das pessoas de que não gostamos ou que nos ofenderam.

É inevitável que ocorram muitos problemas em nossa caminhada com o Senhor e em nosso contato com os outros. As pessoas irão pecar, errarão, poderão dizer ou fazer coisas que nos ferirão, possivelmente, de maneira muito profunda. No entanto, apesar de tudo isso, não somos livres para simplesmente descartá-las. O amor suporta todas as coisas.

É muito fácil perder a fé no que se refere à nossa situação e à condição dos outros. No entanto, Paulo nos ensina que o amor “...tudo crê...” (1 Co 13:7). Podemos estar certos de que, quando Deus começa um projeto, Ele tem intenção de acabá-lo. Quando Ele entra na vida de uma pessoa, já sabe o que vai fazer para cumprir os Seus propósitos. Portanto, quando estivermos andando em intimidade com Deus, iremos sentir Sua eterna persistência. Iremos receber Dele fé para acreditar que Sua vontade será cumprida.

Essa fé que Deus nos dá gera esperança dentro de nós (1 Co 13:7). Essa esperança é que a glória de Deus será reproduzida em nós através de todas as dificuldades e tribulações pelas quais passamos (Rm 5:2). Aqueles que andam em comunhão com Deus têm a esperança de serem transformados em Sua gloriosa imagem. Sabemos que, algum dia, nosso “pote de barro” será quebrado e a obra gloriosa que Deus fez dentro de nós irá resplandecer como o sol (Mt 13:43).

Por meio de nossa fé, vemos o futuro. Vislumbramos o que é a verdadeira glória e somos capturados e mantidos cativos por essa visão. É a nossa intimidade com o nosso Criador que nos dá essa esperança. A esperança não só existe em relação a nós mesmos, mas aos outros crentes também.

O amor “...jamais acaba...” (1 Co 13:8). É a nossa confiança no amor de Deus que nos motiva a perseverar. Somos capacitados por Seu amor a tolerar toda e qualquer

necessidade e acontecimento. Apenas através de nossa comunhão com Ele podemos desenvolver essa tolerância.

Sem tal intimidade, a força humana nos decepciona. Sentimos que não podemos aguentar mais. Mas quando nos saímos bem ao entrar na presença de Deus, então encontramos o suprimento para suportar até o final (Mt 10:22). Em Deus existe um suprimento infindável do Seu amor, simplesmente ilimitado. Ele "...jamais acaba...".

Simplesmente não há uma maneira do ser humano viver do modo descrito acima. Somente a Vida e a Natureza de Deus podem cumprir tal meta, de modo tão sublime. Assim, para viver dessa maneira, precisamos estar continuamente conectados à fonte eterna. Se queremos transmitir Sua natureza; se desejamos exalar o doce perfume de Seu caráter; se gememos por ser uma acurada demonstração de Seus sentimentos e pensamentos; precisamos cultivar e manter uma comunhão íntima e amorosa com Jesus Cristo.

Aqueles que andam em amor se tornarão exibições da Natureza de Cristo. Serão cheios de bondade, gentileza, paciência e doçura. Os outros sentirão neles algo tão atraente, que desejarão também uma maior intimidade com o seu Salvador. A exibição de Cristo é algo que o Espírito Santo faz dentro de nós.

Todo esse processo não é resultado de dedicação ou esforços humanos. Simplesmente decidir tentar mais arduamente será insuficiente. Não há nada no homem natural que possa imitar isso adequadamente. Portanto, para exibir essa maravilhosa natureza, precisamos andar em uma intimidade cada vez maior com Deus. Precisamos persistir Nele, recebendo continuamente o fluir da Vida Divina, que irá nos transformar à Sua imagem.

A CASA DE DEUS

Se você fosse solicitado a viver numa casa com algumas pessoas estranhas, onde você escolheria viver? Você gostaria de estar com aqueles que constantemente discutem e lutam entre si? Gostaria de um ambiente onde houvesse sempre uma propensão ao ódio, tensão, animosidade ou medo? Será que uma atmosfera de orgulho, inveja, disputas e brigas o atrairia? Claro que não!

Você, é claro, iria escolher um lugar onde as pessoas se amassem. Procuraria uma casa onde houvesse paz e harmonia, e iria procurar um lugar onde fosse aceito e calorosamente bem-vindo.

Isso também é verdadeiro para com Deus. Onde Ele Se agradaria de morar? Entre quais pessoas Ele estaria satisfeito em viver? Com que grupo de pessoas Ele estabeleceria Sua morada eterna? Sem dúvida, será entre aqueles que amam uns aos outros. Um ambiente de amor, que reflète Sua própria Natureza, irá certamente agradá-Lo. Ele será atraído por pessoas que vivem em amor e unidade.

Esse, certamente, é o lugar onde Ele vai morar. Essa é a Sua verdadeira casa, onde Ele planejou viver eternamente. Todos nós fazemos bem em ocupar nosso tempo construindo tal casa para Ele. Mais uma vez, lemos: “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos! É como o óleo precioso sobre a cabeça, o qual desce para a barba, a barba de Arão, e desce para a gola de suas vestes. É como o orvalho do Hermom, que desce sobre os montes de Sião. Ali, o Senhor ordena a sua bênção e a vida para sempre” (Sl 133).

Essa atmosfera de união amorosa é “boa e agradável” para nós e também para o próprio Deus. Aqui, neste capítulo, tentamos definir, de um modo simples, o que é o amor divino. Talvez, para muitos leitores, esse padrão pareça muito alto e inatingível. Eles podem imaginar que irão freqüentemente se decepcionar com tão alto padrão. No entanto, não devemos nos desencorajar e simplesmente nos contentar com o pouco que temos.

De novo, precisamos lembrar que o próprio Deus é a fonte desse amor. Não é algo que possamos produzir por nós mesmos. Então, nosso trabalho é simplesmente permanecer Nele. Precisamos estabelecer e manter uma intimidade com Jesus. Precisamos aprender a entrar em Sua presença. Então iremos encontrar um suprimento ilimitado de amor de uns para com os outros.

UMA SÉRIA CONSIDERAÇÃO

Finalmente, chegamos a uma consideração muito séria. Se não andamos em amor; se a manifestação do amor divino não é vista em nós; se não amamos nossos irmãos;

então essa é uma indicação de que nosso cristianismo está falido. Quando não amamos, isso é prova de que perdemos contato com Deus. Se não demonstramos amor, estamos andando em trevas e perdemos o rumo espiritual (1 Jo 2:9).

Nós lemos: "...aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1 Jo 4:20). Muitos crentes não estão andando em intimidade com Deus hoje em dia. Seu progresso espiritual está paralisado ou é interrompido por muitos fatores.

Talvez eles não estejam perdoando os irmãos que os têm ofendido. Possivelmente não se arrependeram de coisas que fizeram no passado. Isso inclui não apenas o arrependimento diante de Deus, mas também diante daqueles contra os quais tenham pecado. Inclui também a restituição de qualquer coisa roubada ou tirada erradamente de alguém. Um completo arrependimento diante de outros e a restauração de tudo é um ingrediente essencial para o progresso espiritual.

É possível que alguns estejam parados espiritualmente, porque ainda amam este mundo. Estão correndo atrás do sucesso e do dinheiro. Seus corações estão divididos, não estando completamente fixados em Jesus. Nessa situação, eles têm dificuldade de receber algo do Senhor (Tg 1:6,7). Sua vida espiritual é fracassada devido à divisão de suas atenções e afetos.

O número de causas possíveis para a falha ou a interrupção da vida espiritual é muito grande. Mas, a evidência que expõe essa condição é a mesma: qualquer um que não ame seus irmãos está com um sério problema espiritual. Está longe de Deus; não caminha em intimidade com Ele. Seu cristianismo é realmente uma farsa. Qualquer suposto "andar com o Senhor" que não manifesta o Seu amor, é apenas um show vazio – uma falsa aparência. Quando não amamos, estamos desviados, longe do caminho.

Não podemos olhar para os que estão ao nosso redor e nos basear no padrão deles. O fato de que muitos outros cristãos não amem; não expressem a Natureza de Deus; sejam apenas assistentes regulares da igreja; ainda caminhem na carne; não pode ser modelo para nossa vida espiritual.

O único parâmetro para mostrar se estamos ou não verdadeiramente caminhando com Deus é se amamos ou não os nossos irmãos. A expressão deste amor sobrenatural é a evidência de uma correta posição diante de Deus.

DONS ESPIRITUAIS NÃO SÃO A PROVA

Nunca devemos julgar nossa condição espiritual pelo fato de manifestarmos dons espirituais, termos unção para pregar ou ensinar ou termos muitas revelações. Todas essas coisas, embora sejam dons dados por Deus, não estão diretamente relacionadas com o nosso crescimento espiritual diante Dele. Apenas a evidência do amor divino é o verdadeiro teste de nossa condição espiritual.

Muitos confundem o fato de experimentarem uma unção, um dom ou uma revelação, com a indicação de que Deus está satisfeito com eles. Em vez do amor verdadeiro e divino ser o padrão, eles confiam no fato de que possuem e usam dons espirituais, para provar que estão retos diante de Deus. Entretanto, esse não é o teste verdadeiro .

Em 1 Coríntios 13, aprendemos que, ainda que tenhamos dons extraordinários (por exemplo, curar os enfermos, levantar os mortos e mesmo mover montanhas), sem amor, tudo isso é vão. No mesmo capítulo, lemos que podemos compreender coisas maravilhosas da Bíblia, as quais nos permitem pregar de uma maneira impressionante. Possivelmente, muitos tenham grande respeito pelo nosso ministério. Mas, sem o amor de Deus, todos os dons e ministérios são simplesmente como o som de um instrumento musical, que é ouvido por um momento e depois desaparece, ou como o vento que passa.

Hoje há muitos homens e mulheres que se afastaram da intimidade com Jesus e até mesmo caíram em pecado, tal como o do adultério etc. Entretanto, seus dons ou ministérios ainda “funcionam”. Assim, eles se iludem, pensando que Deus está satisfeito com eles. Já que há alguma “unção” sobre eles, não podem estar errados. No entanto, o único teste verdadeiro, capaz de mostrar se estamos na posição correta diante de Deus, é manifestar a todos o Seu amor, altruisticamente. Esta virtude somente pode ser obtida por um contínuo relacionamento íntimo com Jesus.

Portanto, precisamos: procurar por isso com todo o nosso coração; pedir ao nosso Salvador para nos mostrar o que existe dentro de nós que impede o fluir do amor divino; e, se necessário, orar e jejuar para que Deus possa limpar nossa vida de todos os impedimentos que estão atrapalhando o fluir do Seu amor. À medida que caminhamos em

progressiva transparência e intimidade com Jesus, Seu amor irá se expressar por meio de nós para a Igreja e para o mundo.

11.

COISAS QUE DESTROEM

Neste livro, temos falado sobre a gloriosa experiência da verdadeira Igreja. Temos examinado muitos aspectos da noiva de Cristo, que são verdadeiramente extraordinários, notáveis e agradáveis. A sublime intimidade com Deus e com os outros crentes é algo que flui livremente do coração do Pai e que deveria ser uma experiência natural para todos os cristãos.

No entanto, na prática, nem sempre é isso o que acontece. A experiência da Igreja verdadeira deveria acontecer facilmente, entretanto, geralmente não acontece em absoluto ou se perde rapidamente nos lugares em que chegou a existir.

Crentes vivendo em amor e realizando encontros com a simplicidade divina deveria ser uma experiência normal e comum. Isso deveria ser muito fácil e natural, já que não requer nada dramático, espetacular ou caro. No entanto, na prática, é uma das coisas mais difíceis de serem encontradas na Terra.

O problema está em que Deus tem um inimigo. O diabo está constantemente batalhando, tentando destruir o que vem de dentro do coração de Deus. Sendo a noiva muito amada por Deus e a experiência da verdadeira Igreja um veículo tão poderoso para causar crescimento e perfeição em Seu corpo, Satanás sempre dá o melhor de si para destruir qualquer expressão dessa experiência.

O diabo não só tem muitos demônios e anjos caídos para ajudá-lo em sua obra destrutiva, como também encontra muitos cristãos que estão sempre prontos para ajudá-lo e aptos a fazê-lo. Não estou dizendo que esses crentes estejam intencionalmente cooperando com o diabo, mas que eles são pessoas, em cujas vidas Satanás encontra muitas coisas com as quais pode trabalhar. Qualquer parte de nossa alma, ainda não transformada e pecadora, é algo que o diabo pode usar, e ele o faz. Quando nossa natureza pecadora

permanece intacta e ainda não nos arrependemos completamente de nossos pecados, então somos uma presa fácil para o inimigo de Deus.

Muitos crentes podem ser usados, e freqüentemente o são, para destruir a obra de Deus. Talvez a sua experiência na Igreja cristã verifique esse fato desastroso. Quando os crentes são infantis, carnais, não transformados e com pouca comunhão íntima com Deus, eles são facilmente usados pelo diabo. Por estarem dentro da Igreja, tendo acesso a muitas vidas e a muitos corações de outros crentes, que fazem parte do corpo de Cristo, eles são instrumentos perfeitos para as obras de Satanás.

DESTRUIDOR No 1 – A LÍNGUA

Um dos usos comuns que o diabo faz de cristãos carnais é difamar os outros. O diabo ama uma língua não transformada. Nada é melhor para ele do que fofocas, maledicências, alguém que discorra sobre as falhas dos outros e conte a todos sobre as coisas ruins que ouviram a respeito de alguém.

Vejam só, os crentes naturais, que vivem na esfera da alma, ainda são muito parecidos com as pessoas mundanas. Eles gostam de imaginar que são melhores do que todos os outros e acreditam que, criticando os outros, estão se elevando. Compartilhando seus pensamentos, que aviltam outros, estão tentando convencer você de que são superiores àqueles que estão difamando. Imaginam que, colocando os outros “para baixo”, estão se elevando. Entretanto, o que estão realmente fazendo é revelando uma infância espiritual e a distância da verdadeira intimidade com Deus.

Muitos cristãos, quando ouvem algo ruim sobre um irmão ou irmã, mal agüentam esperar para contar a alguém. É como se os seus lábios estivessem coçando, desejando ardentemente contar aos outros. Provérbios 16:27 diz: “O homem depravado cava o mal, e nos seus lábios há como que fogo ardente”. Eles descobrem um certo prazer em expor as faltas e as falhas dos irmãos. Deliciam-se em tentar demonstrar como os outros são fracos e como são pegos em determinados pecados.

A Bíblia nos ensina que “...a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12:34). Ninguém, a não ser Deus, pode ver dentro dos nossos corações. A nossa vida interior é

invisível aos outros. Mas, quando falamos, revelamos o que há dentro de nós. Portanto, aquilo que dizemos é uma clara demonstração daquilo que somos. Aquilo que sai de nossa boca é uma expressão transparente do que está em nosso coração. Então, quando fazemos mexericos ou críticas ou falamos coisas que difamam a outros, isso revela que nossas almas ainda não foram transformadas.

Esse é o motivo pelo qual Tiago fala tão vigorosamente sobre a língua. Ele explica que ela é um órgão incontrolável. Ela é freqüentemente “posta em chamas pelo inferno” (Tg 3: 5,6), o que quer dizer que ela é uma parte de nós freqüentemente usada pelo diabo, cujo destino é o inferno.

Depois, ele afirma que, se somos capazes de controlar nossa língua, isso revela que somos pessoas nas quais Deus fez uma obra maravilhosa. Ele tem nos aperfeiçoado, transformando-nos à Sua imagem. Vejam, se fomos transformados por dentro, nada de mal poderá sair de nós. Mas, se permanecemos carnais, então nosso discurso irá revelar essa falha.

Quando falamos algo maldoso sobre um irmão ou uma irmã, estamos falando sobre um membro do corpo de Jesus.

Portanto, estamos também falando sobre Ele. Estamos usando nossas palavras para golpear e dividir a estrutura de Sua Igreja. Estamos sendo usados por Satanás como uma arma para ferir e destruir os outros membros.

Nossas palavras são as ferramentas que separam e dividem os crentes. Elas são instrumentos do diabo, usadas para fazer com que as pessoas pensem mal umas das outras. Nós nos “mordemos e devoramos” uns aos outros (Gl 5:15), sendo estimulados pela nossa natureza caída, pela gratificação carnal, pela diversão e pelo sentimento de superioridade.

Tudo isso, então, serve para destruir o amor, quebrar a unidade, semear discórdia e, em geral, derrubar a obra de Deus. Quando difamamos e fofocamos, em vez de construir a Igreja, nós a colocamos abaixo e a profanamos. Em vez de edificar o corpo de Cristo, nós o ferimos. Esta é a obra do diabo. Ele veio para matar, roubar e destruir (Jo 10:10). Quando permitimos que nossa língua fale maldosamente ou de maneira a humilhar os outros, somos simplesmente instrumentos do príncipe das trevas. Estamos sendo usados como peões dele para derrubar a obra de Deus.

O AMOR COBRE

Como já vimos, o caminho de Deus é o caminho do amor. Deus ama o Seu corpo, a Sua Igreja. Quando você ama alguém, não fala mal dele(a). Imagine que você tenha um filho a quem você ama. Talvez ele tenha pecado, de uma maneira ou de outra. Ele escorregou em sua caminhada espiritual e cometeu um erro. Por amá-lo, você não sai por aí espalhando essa notícia. Não conta a todas as pessoas que conhece a respeito de suas falhas ou de seus lapsos morais. Em vez disso, encobre o pecado dele, mantendo-o entre você, ele e Deus.

A Bíblia nos ensina que "...o amor cobre multidão de pecados" (1 Pe 4:8). Quando estamos cheios do amor de Deus, não anunciamos e nem expomos os pecados dos outros. Em vez disso, nós os cobrimos. Sendo motivados pelo amor divino por nosso irmão em Cristo, lidamos com a situação e com ele, envolvendo o mínimo possível de pessoas e tendo uma atitude de humildade e de amor.

Isso não quer dizer que devemos tolerar o pecado. Certamente alguém que esteja pecando necessita de uma conversa, necessita ser admoestado, repreendido, aconselhado ou tratado de várias maneiras. No entanto, porque nós mesmos somos pecadores necessitados de misericórdia, precisamos lidar com eles do mesmo modo. Sem um ar de superioridade, mas com humildade e amor, precisamos nos dirigir a alguém que esteja em pecado e tentar convencê-lo a se arrepender.

De maneira alguma, devemos noticiar e contar ao mundo sobre o pecado de uma pessoa. Em vez disso, por amá-la, devemos fazer o melhor possível para resgatá-la do laço do diabo e restaurá-la para uma intimidade com Deus. Esse tipo de amor zeloso é uma expressão do coração de Jesus.

Conforme vimos, a Igreja é mantida unida pelo amor. Nossa comunhão amorosa com outros é a substância que faz com que os crentes se liguem uns aos outros. Então, o diabo, constantemente, tenta quebrar esse compromisso. Ele irá colocar nas mentes dos crentes fracos vários pensamentos de crítica, julgamento e fofoca. Então, já que esses crentes são vulneráveis a tais pensamentos, ele os estimula a verbalizá-los aos outros. Então, eles também agem como "acusadores" dos irmãos (Ap 12:10).

Quando ouvimos algo ruim sobre alguém, nossa reação natural é de nos afastar

dessa pessoa. Começamos a pensar que, se ela é tão deficiente, quem deseja ser íntimo dela? Se têm fraquezas e problemas tão sérios, podemos nos ferir ou nos decepcionar, se continuarmos a nos relacionar com ela. Então, nossa reação é fechar nossos corações para pessoas assim, e a tendência é passar menos tempo com elas.

Desse modo, Satanás usa os crentes para atacar verbalmente outros crentes e derrubar a “liga” da Igreja. Quando muitos crentes são fracos e carnais, então o corpo de Cristo estará cheio de tais falatórios. Essa é uma das ferramentas mais poderosas que o diabo possui e uma coisa que é extremamente destrutiva para uma genuína experiência de Igreja.

Portanto, aqueles que desejam experimentar a realidade da Igreja, devem tomar uma decisão importante e firme: escolher nunca falar mal de um irmão ou de uma irmã. Lemos: “...não difamem a ninguém...” (Tt 3:2). E também: “...não faleis mal uns dos outros” (Tg 4:11). Essa decisão é absolutamente essencial. Precisamos constantemente observar a nossa língua. Precisamos vigiar para que nossa boca não expresse palavras de reprovação a ninguém, mesmo que nossa mente esteja cheia delas e nossa língua esteja ansiosa para dizê-las.

Quando fofocamos, julgamos ou difamamos alguém, pecamos contra ele e contra Deus. Se deixarmos esse tipo de palavra escapar, precisamos imediatamente nos arrepender diante de quem nos ouviu e diante do Senhor. Somente desse modo poderemos manter a unidade amorosa que Deus tem para nós.

SEMEANDO DISCÓRDIA

Há algumas coisas que Deus odeia. Uma delas é “...o que semeia contendas entre os irmãos” (Pv 6:19). Quando permitimos que o diabo nos use como instrumentos, nos colocamos em oposição a Deus e a todos os Seus propósitos. Quer saibamos disso ou não, estamos cooperando com o reino das trevas. Quando temos o hábito de falar mal dos outros e de fofocar sobre suas falhas, então somos membros regulares do grupo de trabalhadores do diabo.

Tristemente, há muitos crentes que fazem mais para promover o reino das trevas

do que para o reino de Deus. Já que não se convenceram dos seus pecados, incluindo os hábitos de discursos pecaminosos, eles não se arrependem diante de Deus. A falta de arrependimento impede a transformação deles. O resultado direto disto é que eles não são eficazes em qualquer obra que façam para o Senhor. Mas, pior ainda, eles são freqüente e poderosamente usados por Satanás para derrubar o que Deus está tentando construir.

Vamos deixar bem claro: o fato de ser verdadeiro aquilo que dissemos a respeito de alguém não justifica que falemos sobre ele. Muitos supõem que, se o mexerico ou o julgamento que estão compartilhando com alguém é verdadeiro, então está tudo certo com Deus. Aqueles que imaginam isso se decepcionam lamentavelmente. Qualquer palavra nossa, que denigra aqueles a quem Deus ama e destrua relacionamentos amorosos entre os irmãos, é uma obra das trevas.

Muitas das faltas e falhas dos outros, sobre as quais tomamos conhecimento, são realmente verdadeiras. Muitos rumores e falatórios sobre irmãos são baseados em algum fato real. Mas, o amor evita falar a respeito. Novamente, “o amor cobre pecados” (1 Pe 4:8). Deus, nosso Pai, ama a cada um de Seus filhos o suficiente para morrer por eles. A menos que também cheguemos a essa posição, nunca seremos bem sucedidos em viver a realidade da única Igreja verdadeira. Em vez disso, permaneceremos suscetíveis à influência de Satanás.

NÃO JULGUEIS

Nenhum de nós está em posição de julgar algum irmão ou irmã. Não somos capazes de ver dentro de seus corações. Não conhecemos seus desejos íntimos, seus problemas, seus medos e suas experiências. Portanto, não podemos realmente conhecer seus motivos para fazer o que fizeram ou para dizer o que disseram. Somente Deus está em posição de julgar corretamente. Vamos deixar o julgamento com Ele.

Jesus nos ensina: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também” (Mt 7:1,2). Isto significa que, a menos que nos arrependamos, Deus irá usar os mesmos padrões, com os quais julgamos os outros, para nos julgar. A exata medida, que

usamos em termos de julgamento dos motivos e das ações dos outros, será usada para nos expor diante do Universo.

Todos somos pecadores. Todos temos falhas e fraquezas. Portanto, não estamos em posição de fazer julgamento dos outros, que também são fracos. Lemos: “Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal do irmão ou julga a seu irmão fala mal [usando] da lei e julga [segundo] a lei; ora, se julgas [usando] a lei, não és observador da lei, mas juiz” (Tg 4:11).

Não temos permissão para julgar os outros, usando os padrões do Velho Testamento ou mesmo segundo o que acreditamos ser “os princípios do Novo Testamento”. Nosso padrão deve ser o amor de Deus. Somente vendo através de Seus olhos e sentindo o amor de Seu coração, podemos agir e falar de uma maneira que Lhe agrade.

Não há dúvida de que existem momentos em que as palavras e as ações dos outros O desagradam. Há ocasiões em que devemos repreender, exortar ou corrigir alguém. Entretanto, isso não nos dá a liberdade de compartilhar com outros a respeito das ações da pessoa que pecou. Nossas palavras devem ser dirigidas à pessoa que está em pecado, e não ao resto do corpo.

Então vimos que um dos principais modos pelos quais a unidade do corpo de Cristo é destruída é pela nossa língua descontrolada. Nossas palavras são instrumentos poderosos que Satanás pode usar para favorecer seus propósitos. Portanto, precisamos procurar a Deus, para que Ele transforme nosso interior.

Precisamos orar para que o Espírito Santo seja expresso por meio de nossa boca. Devemos vigiar para não deixar que nossa boca expresse todos os pensamentos que vêm à nossa mente. Somente submetendo nossos pensamentos e nossas palavras ao controle do Senhor Jesus, poderemos construir a Sua casa em vez de derrubá-la.

DESTRUIDOR No 2 : A AMBIÇÃO

Uma outra coisa que trabalha poderosamente para destruir a casa de Deus é a ambição humana. Os seres humanos freqüentemente têm, dentro de si, certos desejos: desejam ser admirados; gostam de ser vistos e ouvidos; amam quando as pessoas pensam

e falam bem deles; adoram honra, atenção e até mesmo adoração que venham de outros seres humanos.

Alguns amam elevar-se sobre os outros para controlá-los e dominá-los. Sentem-se orgulhosos quando os outros os olham com inveja, por causa de sua fama e de sua posição. Não são poucos os que se empenham com toda a capacidade para atingir status no mundo atual.

Esses desejos são obras da carne corrompida. Eles são feios, pútridos, expressões nojentas da natureza pecadora, que mora em homens e mulheres não transformados e profanos. É a manifestação de tal ambição na Igreja que freqüentemente serve para dividir e destruir a obra de Deus. O impulso, que muitos possuem, de se levantar e dominar sobre os outros é a causa de muita divisão, confusão e falta de progresso espiritual na Igreja atual.

Quando nascemos de novo, recebemos dons e habilidades espirituais de Deus. Essas dádivas nos são concedidas para que possamos servir uns aos outros, de maneira que todos cresçam na plenitude de Cristo. Entretanto, quando alguns crentes têm em seu coração um desejo e uma ambição de se realçarem, de serem notados e até mesmo admirados, então eles começam a usar esses dons para tentar impressionar os outros e, assim, obter os resultados que estão buscando. Eles querem fazer uma obra poderosa “para Deus”.

Por exemplo, vamos supor que alguém tenha recebido um poderoso dom para pregar ou ensinar. Quando essa pessoa abre sua boca no exercício de seu ministério, há uma unção sobrenatural que acompanha o seu dom. Naturalmente, os outros ficam impressionados. Então, quando esse filho de Deus não é humilde, quando existe em seu coração uma ambição de se exaltar, ele começa a usar o dom de Deus para atingir suas metas pessoais.

Homens e mulheres assim estão sempre procurando uma audiência maior. Eles estão ávidos para aceitar todos os convites, a fim de mostrar a sua proeza espiritual. Estão sempre ansiosos para causar boa impressão ao maior número possível de pessoas, deste modo aumentando sua fama e sua esfera de influência. Tal tendência não se limita a pregadores e mestres, mas também aos que têm dons de cura, profecia, milagres, cantos etc.

A atitude de coração que os crentes precisam ter é inteiramente diferente. Lemos: “Nada [isso realmente significa nada] façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2:3).

Vejam, orgulho, a ambição de ser visto e ouvido e de dominar sobre outros não têm lugar nenhum na vida de um verdadeiro seguidor de Jesus!

Vamos, juntos, pensar nisto. Quem foi o primeiro a usar os dons e talentos que Deus lhe deu para atrair um grupo de seguidores? Quem foi aquele que tinha inteligência, boa aparência e habilidades espirituais para atrair e prender um grande número de adeptos e de devotos?

Esse ser cheio de dons e habilidades foi o próprio Satanás. Ele foi o primeiro a usar o que Deus liberalmente lhe deu para conseguir seguidores. Portanto, é lógico concluir que aqueles que seguem o mesmo caminho não estão seguindo os passos de Jesus, mas de alguém muito maligno.

Quando a ambição é o motivo por trás das obras de alguém, muitos problemas ocorrem. Um deles é que o corpo de Cristo começa a ser dividido. Obviamente, nem todo cristão se impressionará com uma pessoa assim, então automaticamente ela tenta conseguir um grupo especial da Igreja somente para ela. Trabalha para separar para si uma parte do corpo de Cristo, que está encantada com sua pessoa e com sua obra ou “ministério”. Esse, então, se torna o “seu” grupo ou a “sua” igreja, resultando em uma divisão dentro do corpo.

Aqueles que estão assim divididos se tornam limitados em seu contato com os outros. O ministério que recebem também é limitado, vindo apenas de uma ou de umas poucas fontes aprovadas. Assim, o seu crescimento espiritual é restrito, já que não têm acesso a muitas facetas do corpo completo de Cristo. A divisão da Igreja em facções que abraçam e seguem certos líderes cheios de dons é um condição muito comum hoje.

Um outro problema ainda mais sério é que esses líderes que se levantam para atrair seguidores começam a substituir a liderança de Cristo na vida de seus adeptos. É bastante fácil para muitos crentes, especialmente aqueles que não são maduros, começar a olhar para uma liderança humana e confiar em sua direção. Quando esses líderes se levantam, exibindo dons espirituais e poderes sobrenaturais, isso apenas serve para estimular tal confiança mal colocada.

Hoje Jesus é invisível. Não O conhecemos fisicamente, mas O conhecemos por

meio do Espírito Santo. Sua invisibilidade é necessária para que Ele seja onipresente. Se Ele fosse visível, como era há dois mil anos, somente poderia estar em um único lugar, em um determinado tempo. Mas, agora que Ele é “o Espírito” (2 Co 3:17), pode estar presente com todos os seus filhos ao mesmo tempo. É por meio de Sua presença espiritual que Jesus lidera e dirige cada crente. É a Sua liderança invisível que produz a realidade da única Igreja verdadeira.

Toda vez que uma pessoa começa a substituir Jesus na liderança de Seu corpo, problemas sérios começam a surgir. A habilidade da Cabeça para dirigir cada membro torna-se restrita. Além disso, o foco de cada membro do corpo muda: de procurar somente a Deus, para olhar para fontes humanas. Isso, então, paralisa, confunde e impede o completo funcionamento da Igreja. E isso atrapalha os membros a seguir cada direção e nuance da Cabeça.

Os seres humanos possuem certas limitações físicas. Somente podem olhar para uma única direção por vez. Existem outras criaturas, como os lagartos e os peixes, que podem olhar em duas direções de uma só vez, mas as pessoas não podem. Embora isso seja uma limitação, pode trazer aplicações espirituais.

Não é possível que os cristãos tenham duas “cabeças” ou fontes de direção e ministério. Eles simplesmente não podem focar simultaneamente em duas direções. Não é possível ter dois senhores (Mt 6:24), pois estes iriam continuamente competir pela supremacia no coração humano, até que um deles vencesse. Usualmente, aquele que tem a presença mais tangível, vence, porque os seres humanos são muito mais sintonizados ao mundo físico, do que ao mundo invisível do Espírito.

No capítulo 5, já estudamos sobre o significado da palavra grega “anticristo”. Este seria alguém que estaria tomando o lugar pertencente a Cristo na assembléia. Tal substituição é extremamente prejudicial às vidas daqueles que estão sendo governados por meros seres humanos, pois o crescimento espiritual deles fica muito truncado e a habilidade para ouvir e seguir o Senhor se paralisa.

Mas também isso é extremamente perigoso para a vida espiritual da pessoa que está se levantando para tomar o lugar de Cristo na assembléia. Embora hoje, na “era da graça”, não vejamos o julgamento de Deus caindo sobre nós por causa de nossos erros e

pecados, quando Ele voltar para julgar o Seu povo, nossas falhas em obedecer às Suas claras instruções terão sérias e eternas conseqüências.

O desejo carnal dos cristãos de se elevar e dominar sobre os outros estava também presente na Igreja primitiva. Já estudamos sobre as obras e as palavras de Diótrefes, que tomou o controle e começou a dominar uma igreja, conforme descrito em 3 João. Mas existiram outros, que, sem humildade e compreensão espiritual, também tiveram ambições naturais.

O EXEMPLO DE PAULO

Paulo era um homem que ministrava às igrejas como um servo. Ele nunca se exaltou. Frequentemente aparecia como “fraco” e era muitas vezes ultrajado e desprezado pela sua falta de aparência de comandante, que intimida a outros (2 Co 10:10). Seu serviço para o corpo era o de ajudar as pessoas a se ligarem a Cristo, como uma noiva se liga a seu marido (2 Co 11:2). Ele não procurava se tornar um grande e famoso líder. No entanto, Deus lhe revelou que outros, que viriam depois, iriam procurar exatamente essa posição.

Quando Paulo visitou os líderes em Éfeso, a caminho de Jerusalém, explicou-lhes esse perigo futuro. Eles estavam todos juntos na praia, chorando e expressando amor uns pelos outros. Naquela situação, ele disse: “Eu sei que, depois de minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas [sutilmente alteradas] para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um [sobre esse perigo futuro]” (At 20:29-31).

Segundo Paulo, os indivíduos que viriam, seriam pessoas que iriam distorcer as Escrituras e a verdade de Deus. Iriam usar as verdades bíblicas, sutilmente modificadas, para justificar e fortificar a posição deles de se levantar e de atrair seguidores. Seriam cristãos ambiciosos e usariam seus dons, e tudo que Deus havia lhes dado, para satisfazer seus desejos carnis por fama e posição.

Paulo constantemente advertia sobre esse perigo com lágrimas. Ele sabia que, mais tarde, viriam alguns que não teriam as mesmas atitudes de coração que ele tinha. Eles não iriam ter a mesma compreensão da importância de manter a liderança de Cristo. E ele estava certo. Mais tarde, lemos na carta de Paulo a Timóteo: “Estás ciente de que todos os

da Ásia me abandonaram...” (2 Tm 1:15). Lembrem-se que Êeso estava no local denominado “Ásia” naqueles tempos. Conforme Paulo profetizou, alguns se levantaram naquelas igrejas para atrair seguidores para si próprios, que acabaram se afastando de Paulo.

E, como em qualquer outra situação semelhante, esse tipo de líder busca defender seu “gramado” e “proteger” seu rebanho de outros, que podem ser vistos como “ameaças” para sua liderança.

Então, começam a minar a influência de outros. Usando palavras, insinuações, conclusões sutis ou mentiras completas, atacam qualquer um que possa ser visto como uma ameaça. Naquele caso, como Paulo era influente por causa de seu relacionamento com Jesus e por seu ministério ungido, aqueles líderes, na Ásia, tinham que fazer as pessoas abandoná-lo.

Em Colossenses 2:18-19, lemos: “Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal, e *não retendo a Cabeça*, da qual todo o Corpo, suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus.”

Estes versos parecem descrever um “bicho”, o qual nunca vi, em mais de trinta anos de ministério. Parecem falar sobre alguém que é falsamente humilde, no entanto, ensoberbecido, adorando anjos e alegando ter visões. Embora houvesse poucos que se encaixassem nessa categoria, parece estranho que Paulo use parte de sua pequena carta para advertir sobre tal “pássaro raro”.

Mas, talvez com um pouco de ajuda, possamos ver aqui algo muito mais comum. Primeiro, compreendemos que tais pessoas não estavam “retendo a Cabeça”, que significa que falhavam em manter a liderança de Jesus. Além disso, estavam interrompendo o relacionamento dos outros com a verdadeira Autoridade, assim privando-os (dominando a seu bel-prazer VRC) das recompensas espirituais por tal submissão. Essa é exatamente a situação sobre a qual estamos discutindo.

Essas pessoas ensinavam uma “falsa humildade”, que poderia ser facilmente compreendida como um encorajamento para outros se submeterem a elas. Além disso, ensinavam a adorar “os anjos”. A palavra “anjos” quer dizer, literalmente, no Grego, “mensageiros”, que muitos eruditos bíblicos vêem como “pastores” ou líderes de igrejas.

Então, aqui nós provavelmente temos uma descrição exata do erro de que estamos falando: homens e mulheres que se exaltam; que encorajam outros a se humilharem diante deles e mesmo a louvá-los e a exaltá-los; que se colocam, na vida dos irmãos, no lugar pertencente à verdadeira Cabeça; e acabam desligando os crentes de Jesus e levando-os a perderem uma atual e futura recompensa.

Infelizmente, esse “bicho” não é assim tão raro. A interrupção do fluir da autoridade da Cabeça é algo que paralisa e destrói o verdadeiro funcionamento do corpo de Cristo. É uma prática extremamente comum, mas perigosa, que causa confusão, limita o crescimento espiritual e retarda a completa expressão de Cristo aqui na Terra. É um costume que gera lutas e contendas entre aqueles que promovem sua própria liderança e também entre os seus seguidores.

Quando homens tomam o lugar de Jesus na Igreja, muitos resultados ruins são vistos. Esse equívoco leva à competição por mais membros e por ministérios maiores, além de invejas, ciúmes, contendas e lutas.

Nós lemos: “Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja, amargura e sentimento faccioso, não vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins” (Tg 3:14-16).

É muito triste, mas tenho ouvido histórias sobre encontros de pastores e líderes cristãos, que mantêm posições de autoridade sobre as congregações. Nessas convenções, líderes gritavam e debatiam, lutavam com os punhos, xingavam uns aos outros e até mesmo puxavam facas e armas, lutando para obter ou manter posições de poder. Outros, compravam, vendiam e negociavam congregações por dinheiro, para tentar conseguir mais influência e rendas. Esse tipo de sabedoria é, certamente, terrena, animal e demoníaca.

Os cristãos devem estar alertas e cientes deste sério problema: homens ambiciosos procurando dominar e conduzir a Igreja. Isto é uma prática tão comum no mundo atual, que muitos não vêem nada de mal nela. No entanto, é uma das coisas que mais destroem a casa de Deus e arruinam Suas obras entre nós.

Então, os crentes precisam aprender essas verdades, precisam urgentemente compreender essa mensagem. Todo cristão deve ser zeloso para evitar esse erro e

permanecer longe daqueles que insistem nele. Tal esclarecimento irá alimentar grandemente nossa experiência da Igreja verdadeira.

A compreensão bíblica de que os homens não devem ter sua própria autoridade servirá como um tipo de “quarentena divina”, servirá para isolar aqueles que têm ambição e manobram para dominar sobre os outros. Quando os crentes compreenderem claramente a questão da autoridade espiritual, será difícil que alguém se exalte e domine sobre outros. Por isso, erros desse tipo devem ser limitados em seu alcance.

A IDÉIA DE COBERTURA

Na Igreja atual há um ensino popular: cada pessoa deve estar debaixo de um tipo de “cobertura”. O pensamento por trás disto é que todo homem deve estar submisso a um líder ou a um grupo de líderes que supervisionam sua vida. O que se crê é que, através dessa supervisão, muitos erros, excessos e pecados serão evitados. Imagina-se que, pela submissão a outros homens, pode-se estar protegido e guiado apropriadamente. Por ser esse ensino tão predominante hoje, é necessário gastar algum tempo examinando tal tema.

Então, o que o Novo Testamento ensina sobre “cobertura”? Existe, de fato, uma passagem muito importante, que trata especificamente desse assunto, embora ela não seja bem compreendida. Em 1 Coríntios 11:3-7, lemos sobre a importância das mulheres usarem um tipo de cobertura na cabeça, quando estão orando ou profetizando, para demonstrar a submissão delas a um homem, seja ele o marido, o pai etc. Essa cobertura, então, é o símbolo da submissão dela a um homem.

A razão pela qual usei aqui a palavra “símbolo” é que é possível uma mulher cobrir fisicamente sua cabeça e não ser submissa de maneira alguma. Uma mulher pode ser extremamente rebelde e, ainda assim, usar algum tipo de véu ou chapéu. Portanto, é lógico concluir que qualquer tipo de cobertura que ela utilize é apenas símbolo da atitude de seu coração. A verdadeira cobertura significa que ela humilhou seu coração diante de seu marido, ou de seu pai, e que ela deseja deixar que ele seja a sua cabeça, em todos os sentidos dessa palavra, os quais estivemos estudando.

Na primeira parte dessa passagem bíblica, os homens estão proibidos

terminantemente de usar qualquer tipo de cobertura. Quando os homens estão exercendo dons espirituais na igreja – orando ou profetizando, por exemplo – eles são proibidos de cobrir a cabeça (vs. 4). Por que isso é assim? Porque a verdadeira Cabeça deles é Cristo (vs. 3). Se eles usam uma cobertura, eles desonram a Cabeça verdadeira (Jesus).

Deixe-me repetir: qualquer “cobertura” física é simplesmente um símbolo da posição do coração. Seguindo a nossa lógica anterior, isso significa que, se eles se colocam debaixo da cobertura de ou em submissão a outro homem, eles envergonham a verdadeira Cabeça. Eles “desonram” Cristo, que é a Cabeça deles (vs. 4).

Quando um homem se coloca “debaixo de” ou em submissão a outro homem, declara que a sua verdadeira Cabeça não é suficiente. Ele está colocando a sua confiança em um outro alguém. Se uma mulher tem um marido e coloca-se em posição de submissão a outro homem (o que ocorre no caso de adultério, por exemplo), ela envergonha o seu marido. Em essência, declara que seu marido não é suficientemente viril para liderá-la e satisfazê-la.

Do mesmo modo, qualquer homem que substitua a liderança de Cristo tomando um outro homem como sua “cobertura”, está causando a maior desonra a Ele. É uma afronta, uma declaração de que ele prefere e tem mais confiança na liderança de um ser humano, do que na verdadeira Cabeça. Entretanto, nosso Senhor Jesus é totalmente capaz de ser a Cabeça e o líder de todo homem (vs. 3).

Enquanto muitos crentes, ao longo dos anos, têm usado essa passagem para argumentar e provocar divisões, tratando a respeito das mulheres e de seus chapéus ou véus, parece que poucos têm compreendido o ponto principal desse ensino.

Paulo começa seu discurso com o problema dos homens, e não das mulheres. Sua primeira instrução é sobre a possibilidade de um homem desonrar a sua verdadeira Cabeça, ao aceitar uma outra “cobertura”. Em seguida é que ele traz o assunto das mulheres, usando-as como exemplos para explicar mais exatamente o significado de seu ensino.

Se ignoramos a advertência ali sobre os homens, que se submetem a uma figura de autoridade que não seja Cristo, perdemos completamente o significado da mensagem. Certamente a principal preocupação de Paulo não era sobre homens usando chapéus no culto, mas sobre eles aceitarem outra Cabeça no lugar de Cristo.

DESTRUIDOR No 3 A DESOBEDIÊNCIA

Temos discutido a gloriosa possibilidade de experimentar Jesus como a Cabeça de Seu corpo, em todas as coisas. Temos visto como é possível, desejável e essencial que Ele lidere tudo e todos. Ele irá nos liderar individualmente e à Igreja como um todo.

Entretanto, quando optamos por Sua liderança, começamos a andar em terra santa. Quando deixamos a idéia humana de seguir a um homem e decidimos seguir o Rei, entramos em um relacionamento muito sério com Ele. Quando declaramos que Ele é o nosso líder, precisamos obedecer às instruções que Ele nos dá. Ele deve ser realmente o nosso líder!

A necessidade de ouvir e obedecer a Jesus não é verdadeira apenas para cada indivíduo, mas também para a congregação como um todo. Toda vez que a autoridade de Jesus é rejeitada, Ele simplesmente Se afasta e Se aproxima de outros que estejam prontos e desejosos de ouvir e obedecer. Conforme afirmamos anteriormente, Ele não é limitado pelas nossas maneiras de praticar a igreja ou mesmo pela nossa “revelação” concernente a esse tema. Simplesmente compreender Sua vontade não é suficiente. Precisamos também *fazer* Sua vontade, seguindo Sua liderança a cada dia.

Ao longo dos anos, tenho visto vários grupos de crentes, que se encontravam mais ou menos informalmente, simplesmente desaparecer. Alguns deles estiveram se reunindo durante anos e, subitamente, se foram. Frequentemente, esse desmoronar das reuniões e dos relacionamentos é algo que ocorre inesperadamente.

Por que isto acontece? Porque Jesus, durante um período de tempo, falava claramente a eles, dando as direções que desejava que eles tomassem. No entanto, eles não ouviram, não obedeceram. Então, Ele Se afastou e os grupos caíram em pedaços. Por não terem nenhuma estrutura humana para mantê-los unidos, quando Jesus Se retirou, eles desmoronaram.

A razão para a desobediência pode variar. Talvez alguns estivessem tão satisfeitos com o modo como as coisas iam que não desejavam mudar. Outros talvez tivessem uma resistência pessoal ao que Jesus estava dizendo. Mas, por qualquer que seja a razão, eles teimosamente recusaram se mover na direção de Deus e, assim, Ele simplesmente Se afastou deles. Faltando a presença e a direção do Senhor, esses grupos se dissolveram.

Alguns de seus membros estão, até hoje, coçando a cabeça, tentando entender o que aconteceu.

Jesus falou à igreja em Éfeso: “Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas” (Ap 2:5).

Isso significa que aquela igreja iria simplesmente desaparecer. E, à igreja da Laodicéia, Ele disse: “...estou a ponto de vomitar-te da minha boca...” (Ap 3:16), assim indicando que eles seriam rejeitados. O Senhor estava dando algumas instruções a esses crentes. Se eles não as ouvissem, iriam sofrer as conseqüências que Ele prometeu.

Queridos irmãos e irmãs, essas coisas são muito sérias. Não podemos brincar com Deus. Talvez, enquanto participamos de construções humanas “para” Ele, possamos agir e fazer conforme nos agrada. Possivelmente podemos brincar com o nosso “cristianismo”. Mas, quando entramos em um relacionamento de aliança com Ele, então, somos obrigados a ouvi-Lo e a fazer Sua vontade, movendo-nos no temor do Senhor.

Na Igreja primitiva, algumas vezes aconteciam repentinos julgamentos divinos. A história de Ananias e Safira, que mentiram sobre o que fizeram com seu dinheiro, é um exemplo extremo disso (At 5:1-11). Numa outra ocasião, em 1 Coríntios 11: 29-30, lemos que Deus julgou os crentes que não discerniam corretamente o Seu corpo. Eles não tratavam os demais crentes como se fossem membros de Cristo, mas apenas como outros seres humanos.

Devido a essa falha, eles comiam e bebiam de seu próprio “julgamento”. Muitos se tornavam fracos e doentes. Alguns até morriam por causa de seu pecado de maltratar a outros. Embora esses julgamentos, de fraqueza, doença e morte, pudessem tipificar, e provavelmente o faziam, problemas espirituais, que alguns poderiam sofrer, não há dúvida de que Paulo também estava se referindo à doença física real e à morte. Esses julgamentos resultavam da desobediência dos crentes a Jesus.

Muitos têm curiosidade em saber o motivo pelo qual raramente vemos, hoje, tais julgamentos severos. Por que é que tantos crentes estão tão distantes da obediência – pecando tanto contra os outros, quanto contra Deus, de maneiras tão diversas – e, no entanto, não vemos o julgamento divino caindo sobre eles? A resposta para isso poderia ser a de que muitas “igrejas” que vemos hoje não são realmente obras do Senhor. São, talvez,

obras que algum homem ou algum grupo de homens está fazendo *para* Deus, mas não são a obra *de* Deus, não são algo que o próprio Deus esteja fazendo.

Portanto, já que não é a Sua obra, Deus não sente necessidade de defendê-la. Ele não sente impulso de julgar severamente seus erros. Já que realmente não é a Sua obra, em muitos sentidos da palavra, então, Ele não sente necessidade de proteger o Seu testemunho. Ele não precisa defender Seu nome de ser degradado, já que não é verdadeiramente o dono da obra.

O TEMOR DO SENHOR

Quando decidimos deixar Deus ser nosso comandante, precisamos caminhar em temor ao Senhor. Quando decidimos caminhar na verdade, entronizando-O entre nós, precisamos agir com a consciência de que Ele realmente *está* entre nós. Conseqüentemente, Sua presença, Sua liderança e Sua direção devem ser seriamente respeitadas. Precisamos altamente valorizar a Sua posição e a Sua vontade em nosso meio.

Viver na presença de Deus e debaixo de Sua autoridade é uma proposta séria e solene, não um jogo. A Igreja é preciosa para Ele. Não é algo que possamos tratar despreocupadamente. Embora seja muito amoroso, Ele também é o Juiz. Portanto, só devemos entrar em um relacionamento de aliança com Ele com um coração sincero e com disposição para segui-Lo por onde quer que Ele vá. Sem dúvida, Jesus é cheio de misericórdia, paciência, gentileza e brandura. Certamente Ele não vai nos virar as costas apenas por ver que somos um pouco teimosos, imprevidentes, medrosos ou qualquer outra coisa. Enquanto Ele vê alguma possibilidade de seguirmos Seu caminho, Ele continuará trabalhando conosco.

Mas, quando a nossa resistência à Sua vontade é forte e prolongada, então podemos esperar algumas conseqüências. Quando começamos a resistir a Ele e a destruir a obra Dele, Seu julgamento não pode estar muito longe. Uma das coisas mais tristes é que Jesus simplesmente Se afasta para operar em outros, possivelmente em outras partes do mundo, que possuem abertura para aquilo que Ele deseja fazer.

Mais uma vez, desejo enfatizar que Jesus não está limitado à nossa doutrina. Ele

não é constrangido pelo fato de que nós temos uma visão ou prática “correta”. Ele somente é atraído por aqueles cujos corações são humildes e quebrantados diante Dele. Ele irá trabalhar com qualquer um que seja dócil e desejoso de mudar e de cooperar com Ele em Seu caminho.

COMO DEUS FALA

Jesus, nosso Cabeça, Se comunica pessoalmente conosco de muitas maneiras diferentes. Mas, quando Ele fala à assembléia, quase sempre fala por meio de uma outra pessoa. Por exemplo: Ele dificilmente fala audivelmente a um grupo, como um todo. Em vez disso, Ele usa homens e mulheres, membros do corpo, pra transmitir Sua palavra ao Seu corpo. Conforme vimos, Ele fala freqüentemente por meio dos membros que têm mais intimidade com Ele. Ele usa vasos que estão mais abertos e disponíveis para Ele expressar a Sua autoridade.

Todos nós devemos ouvir e responder à direção de Deus, dada por meio desses membros. Quando a igreja falha em prestar atenção à direção do Senhor, Sua expressão é limitada. Quando os participantes de qualquer comunidade de crentes não obedecem à voz do Senhor, fluindo por meio de um irmão ou outro, a experiência coletiva de Sua presença diminui. Mas, quando estamos sintonizados com a voz do Senhor, todos seremos capazes de receber Suas instruções por meio de outras pessoas e Lhe obedecer (Ec 5:1).

Não é raro entre os cristãos a dificuldade em reconhecer e em se submeter à genuína autoridade espiritual. Isso acontece porque as pessoas, por meio das quais ela flui, são pessoas humildes, que não estão se exaltando. Elas não assumem uma atitude especial de superioridade ou grandeza; não possuem uniformes especiais ou títulos; não transpiram a sua própria importância; e não têm aquela quase imperceptível afetação dos que são ricos, famosos ou têm posição de poder.

O homem natural responde facilmente a essas expressões superficiais de importância e de autoridade. Mas, como aqueles que simplesmente transmitem a autoridade de Jesus não exibem essas características, é muito fácil os crentes imaturos e desprovidos de espiritualidade não reconhecerem a autoridade manifesta neles e ignorarem suas palavras. É muito comum perder a voz do Senhor falando por meio de alguém que não

pareça ser espetacular.

Isso se torna um desafio real para a Igreja. Não devemos olhar simplesmente para a aparência de nossos irmãos. Quando falhamos em ouvir Deus falar por meio de homens e mulheres humildes, perdemos direção e bênçãos. Se não estamos em estreita sintonia com o Espírito, é fácil ignorar Sua voz e, conseqüentemente, não aproveitar Sua liderança.

É essencial que deixemos nossos conceitos seculares sobre como Deus fala e por meio de quem Ele o faz e permaneçamos abertos para o fluir de Sua palavra por meio dos irmãos. Se não o fazemos, então nossa experiência de Igreja será grandemente limitada.

Muitas vezes, talvez mais freqüentemente do que pensemos, Deus fala por meio de pessoas que não são consideradas “líderes”. Talvez os vasos costumeiros não estejam tão abertos para a revelação específica ou para a direção que Ele deseja dar. Ou pode ser que Ele deseje nos testar para ver se podemos ouvi-Lo e não estamos apenas confiando na direção daqueles que são mais maduros. Mas, seja qual for a razão, Deus pode falar e, às vezes fala, por meio de um membro que pode não parecer muito especial.

Talvez tal pessoa que Deus escolhe para usar seja nova na fé; talvez não seja considerada uma pessoa “espiritual”; ou talvez tenha algum tipo de deficiência física ou não seja especialmente bonita ou apreciável.

O resultado disso é que precisamos continuamente ser sensíveis ao Espírito Santo. Precisamos estar sintonizados para ouvir Sua voz e estar prontos e desejosos de ouvi-Lo e de Lhe obedecer, não importa a maneira que nos fale. Devemos ser submissos uns aos outros, no temor do Senhor (Ef 5:21).

Realmente, receber a direção de Deus por meio de uma outra pessoa exige muita humildade. Uma pessoa orgulhosa sempre terá dificuldade em receber uma palavra de correção ou direção de uma outra. Qualquer soberba de nossa parte serve como um bloqueio, impedindo nossa receptividade ao Espírito de Deus falando por meio de outros. Pedro nos admoesta dizendo: “...e sede todos sujeitos uns aos outros, e *revesti-vos de humildade...*” (1 Pe 5:5-VRC). Necessitamos ter humildade, genuíno temor ao Senhor e disposição para receber a Palavra Dele e para segui-Lo.

A desobediência destrói a obra de Deus. Ela corta o fluxo da Vida divina que é a fonte da Igreja e de tudo o que é genuíno em nossa experiência cristã. Quando nós, individualmente, nos tornamos resistentes à liderança do Senhor, nossa vida espiritual sofre

as conseqüências. Perdemos o companheirismo com Ele e acabamos por caminhar apenas guiados pela alma.

Além disso, quando qualquer grupo cristão começa a recusar a direção do Espírito Santo, ele está em grande perigo: corre o risco de Jesus Se afastar e deixá-lo sem a Sua presença e liderança tangíveis. A retirada da presença divina de qualquer grupo cristão é desastroso. Sem ela, o grupo irá simplesmente se desmantelar ou começar a confiar em métodos humanos, tais como liderança e autoridade naturais, para mantê-lo unido.

NAS REUNIÕES

Nos capítulos anteriores, falamos da necessidade da liderança do Espírito Santo em nossas reuniões. Tais reuniões, conduzidas pelo próprio Senhor, são cheias de Sua presença e beneficiam a todos. São uma experiência maravilhosa e um privilégio divino. Em tais encontros, todos têm a oportunidade de compartilhar e de ministrar.

Entretanto, há algo que não podemos abrir mão: a autoridade de Jesus deve ser mantida. Precisamos preservar a soberania Dele sobre nossos encontros. Se não o fizermos, a sublime experiência será destruída. Aqueles que são mais sensíveis a Ele precisam ter a audácia e a fé para não deixar alguém assumir o controle da reunião e desviá-la da trilha do Espírito Santo.

Há um perigo aqui, que encontrei muitas vezes ao longo dos anos: alguns homens e mulheres, em situações em que não há um líder aparente, vêem isso como uma oportunidade para se expressarem. Talvez imaginem poder se tornar os líderes necessários ao grupo. Provavelmente, adorem falar e ser vistos e ouvidos. Pode ser que sejam jovens na fé e não saibam como seguir o Espírito Santo. Ou talvez eles comecem falando ou orando no Espírito, mas prossigam baseados em algum estímulo emocional e terminem na carne.

Por qualquer que seja a razão, haverá ocasiões em que uma pessoa começa a falar, cantar ou orar, sem parar mais, de um modo não conduzido pelo Senhor. Se essa situação perdurar por muito tempo, extinguirá o Espírito Santo, destruirá a obra de Deus e arrastará a todos para um nível natural e humano. E a presença de Deus será perdida. Se quisermos nos reunir na presença de Deus, precisamos manter Sua autoridade.

Portanto, quando ocorrer tal situação, aqueles que têm discernimento e maturidade espiritual devem agir. Com gentileza, bondade e toda consideração para não ferir a pessoa, eles devem trazer a reunião de novo para a direção do Senhor. Isso pode ser feito com uma simples oração ou uma palavra. Pode ser necessário falar diretamente ao irmão ou irmã. Qualquer coisa precisa ser feita para interromper a ação que está tirando o grupo do domínio de Jesus e trazê-lo de volta para o Seu curso.

Conforme foi mencionado antes, há espaço para erros. Não precisamos acusar qualquer um imediatamente, quando eles se desviam. Não precisamos nos precipitar. Mas, se for permitido que a liderança humana e carnal perca por muito tempo, toda a reunião será prejudicada.

Quando isso acontece freqüentemente, as pessoas perdem o entusiasmo para se reunir, já que seus espíritos continuam insatisfeitos. Em breve o trabalho do Senhor estará destruído pela falta de atitude por parte dos crentes que têm mais discernimento para preservar a autoridade do Espírito Santo.

Há ainda muitas outras coisas que servem para destruir a obra de Deus. Isso inclui: permitir “raízes de amargura” (Hb 12:15) em nossos corações; falhar em perdoar outros; permitir que o pecado continue, sem confrontar os que estão em pecado; permitir dissensões públicas sobre doutrinas, idéias e muitas outras coisas. É impossível detalhar e lidar com todas as possibilidades aqui neste livro.

Entretanto, Jesus é capaz de liderar o Seu povo. À medida que caminhamos em intimidade com Ele, Jesus nos orientará a lidar com cada situação e cada necessidade. Que nós possamos entregar nossas vidas e nossos corações cada vez mais à liderança e ao cuidado Dele.

12.

CONSTRUINDO SOBRE A FUNDAÇÃO

Quando se referiu ao problema de divisões e ensinou os novos crentes em Corinto sobre como construir a Igreja, Paulo disse: “Porque ninguém pode lançar outro fundamento além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3:11). Em qualquer tipo de construção, a fundação é, talvez, a parte mais importante. É o ponto essencial do início de tudo aquilo que será feito depois.

É precisamente neste ponto que tantas denominações, grupos e “igrejas” têm, talvez inadvertidamente, se desviado do plano de Deus. A grande maioria dos grupos cristãos de hoje se baseia em um conjunto de doutrinas, práticas, revelações, sistemas de liderança ou outras coisas semelhantes. A base deles – o pensamento fundamental que os mantém unidos – não é simples e puramente uma pessoa: o Senhor Jesus Cristo.

Claramente, todos os grupos cristãos têm algum alicerce em Cristo, ou não poderiam ser considerados cristãos. Entretanto, muitos têm colocado *outros* fundamentos lado a lado com a pessoa de Jesus, como base de comunhão (Ez 43:8). Eles estabeleceram outros critérios como alicerce para suas reuniões e seus relacionamentos com os outros. Então, constroem suas organizações particulares sobre essas fundações paralelas e defeituosas.

Sem uma fundação apropriada, tudo o que é construído em cima, corre risco de desabamento. Se a fundação não foi corretamente assentada, toda a estrutura será imperfeita e colocada em risco. Seja o que for construído sobre ela, nunca poderá ser feito apropriadamente, a menos que a fundação seja primeiro derrubada e refeita de maneira apropriada.

A pessoa de Jesus Cristo (e não a doutrina sobre Ele) é a nossa única fundação. A mensagem deste livro pode ser resumida neste único pensamento: precisamos voltar a

Jesus Cristo em nosso trabalho de construção. Ele é a fundação. Ele é a substância. Ele é a fonte. Ele é a forma. Ele é a Cabeça. Ele é tudo em tudo. Para mim, esse é um dos aspectos mais importantes da compreensão sobre a Igreja que estivemos discutindo: o centro está em Cristo: "...para em todas as coisas [Jesus] ter a primazia" (Cl 1:18).

COMO CONSTRUIREMOS?

Então, como vamos construir? Primeiro, apresentamos homens e mulheres à pessoa de Jesus Cristo. Explicamos a eles como precisam se arrepender completamente de seus pecados, diante de Deus, para serem perdoados e receberem dentro deles a Vida eterna de Jesus. A seguir, nós os incentivamos a se abrir completamente a Ele, entregando suas vidas em total submissão à Sua vontade. Isso deixará livre o caminho para Ele fazer Sua obra transformadora dentro deles, sem qualquer tipo de impedimento.

O passo de total consagração a Deus é indispensável. Até que estejam completamente submissos ao governo de Cristo, eles não poderão entrar muito profundamente na experiência da verdadeira Igreja. Por ser o corpo totalmente dependente de Jesus para a sua direção diária e para a sua própria vida, quando os cristãos têm uma submissão a Ele parcial ou incompleta, a experiência de Seu corpo também será parcial.

Depois do passo da verdadeira consagração, os novos crentes deverão ser ensinados a viver em um relacionamento de amor com Deus e uns com os outros. Uma vida de amor e serviço uns aos outros, e até mesmo aos não crentes, é a única meta genuína de vida que qualquer cristão deve buscar. Este é o foco e a direção de qualquer cristianismo verdadeiro. À medida que permitimos Cristo viver em nós o tipo de vida centralizada nesse objetivo, os outros serão capazes de ver um exemplo a ser imitado e seguido.

Tudo isso é realmente muito simples. E seria ainda muito mais simples, se tantos outros métodos de construção não fossem tão comuns, obscurecendo a visão das pessoas. Um dos maiores obstáculos a esse estilo de vida é a presença de estruturas erradas que provocam confusão e cegueira a muitos filhos de Deus.

Conseqüentemente, uma grande parte de nossa obra parece estar desabando, ao invés de estar prosseguindo em sua construção. Precisamos derrubar tudo o que é humano

e secular e voltar para Jesus Cristo. Antes de construir o novo, temos que remover o entulho do passado. Precisamos nos empenhar para trazer todo mundo de volta para a simplicidade que está em Cristo (2 Co 11:3). Enquanto simplesmente vivemos a Vida de Cristo em submissão a Ele e em unidade uns com os outros, a verdadeira Igreja começa a ser vista.

PRECISAMOS SEGUIR O MESMO PLANO

Depois de termos assentado a maravilhosa fundação de Jesus Cristo, então podemos começar a construir. Mas, com quem podemos trabalhar? Quem se juntará a nós na construção da morada eterna de Deus? Aqui encontramos um outro ingrediente importante. Conforme mencionamos anteriormente neste livro, podemos amar a todos, servir a todos, receber a todos e até nos reunirmos com todos, porque eles são amados por Deus. Mas, com relação à construção, há um outro requisito.

Para construir junto com outra pessoa, precisamos seguir o mesmo plano. Precisamos construir com os mesmos padrões. Se não for assim, muitos esforços e muito tempo serão perdidos. Acabaremos frustrados e desiludidos.

Imagine que você queira construir um barco. Você consegue uma planta e começa a construção. Digamos que o seu vizinho queira ajudar. Naturalmente, você irá apreciar a sua ajuda. Mas, e se a maior parte daquilo que ele fizer for perdida? Ele pode cortar as tábuas de uma maneira diferente daquela que o seu plano especifica. Ele pode unir as partes de uma maneira que você terá que desmontar e refazer. Não apenas isso, ele pode pegar coisas que você já fez e refazê-las de um jeito errado.

Então, você coça a sua cabeça e imagina o porquê disso. Por que será que esse vizinho tão prestativo faz tudo errado? Por que será que, em vez de ajudar, ele parece estar atrapalhando? Então, um dia, você descobre a razão. Ele tem um outro conjunto de planos. Ele pensa que você está construindo um avião, e não um barco. Em vez de trabalharem juntos, vocês estão trabalhando sem se entenderem. Muito tempo, esforços e materiais foram perdidos.

Por esta ilustração podemos ver que, para trabalhar junto com outros irmãos na construção da casa de Deus, precisamos todos ter a mesma visão. Precisamos ter visto o

mesmo plano e estar trabalhando nele. Se não for assim, iremos experimentar muita frustração e muito pouco progresso. Existe uma grande quantidade de homens e mulheres de Deus que se desencorajaram na obra do Senhor, porque tiveram muitas frustrações ao trabalhar com outras pessoas.

Quando os outros têm um padrão “denominacional” e trabalham com materiais seculares e lideranças humanas, você terá muitas dificuldades em trabalhar nesse contexto. Alguns tentam trabalhar dentro desses sistemas humanos ou até tentam mudá-los, mas é muito raro alguém obter sucesso assim.

Sempre existe, em quase todos os grupos, oportunidades de orar por outros. Normalmente, é possível edificar alguns em suas vidas particulares e ajudá-los em suas jornadas, em algumas situações. No entanto, estruturas humanas artificiais limitarão e inibirão um progresso maior em direção à meta de Deus.

Então, a melhor coisa a fazer é encontrar pessoas que tenham a mesma visão. As coisas fluirão muito mais facilmente se pudermos localizar e trabalhar junto com outras pessoas que têm o mesmo plano. Com relação aos que têm uma visão diferente, você poderá abençoá-los, orar por eles e confiar que O Senhor irá cuidar deles e de suas obras para Ele. O seu papel é simplesmente obedecer a Deus naquilo que Ele tem mostrado a você.

Se você não conhece ninguém que tenha recebido a mesma visão, então é bom você começar a orar. Ore para Deus colocar você em contato com outros crentes que estejam buscando a Jesus da maneira descrita aqui. Você pode ficar surpreso ao descobrir que existem milhares de crentes como você, cujos corações anseiam ver a casa de Deus construída e completa.

Se não há um grupo maior disponível, você deve orar por um irmão que possa trabalhar junto com você. Um é o bastante, porém dois ou três é bem melhor. Vocês podem, então, caminhar juntos, buscando a face de Deus, permitindo que Ele construa todos juntos, na Sua fundação. Isso levará tempo, possivelmente anos de vida e de interação conjunta.

O viver juntos não é fácil. Mas não há atalho. Você deve permitir que Jesus os estabeleça Nele, de um modo sólido e real, que somente Ele pode fazer. Portanto, devemos nos preparar mentalmente para isso.

Precisamos pagar o preço emocional e espiritual que isso envolve. Também precisamos desejar investir bastante tempo, provavelmente muitos anos, até mesmo toda a nossa vida servindo a outros, enquanto Deus faz a Sua obra neles e também em nós.

ONDE ENCONTRAREMOS ESSES OUTROS?

Eis algumas questões que vêm à mente de muitas pessoas quando elas pensam na experiência da Igreja sem liderança humana: “Com quem vamos nos reunir? Com quem teremos comunhão diária e relacionamentos? Quem são aqueles a quem devemos servir em amor?” A resposta é bastante simples. O próprio Deus irá trazer essas pessoas às nossas vidas.

Seguindo Cristo, iremos encontrar muitas outras pessoas no decorrer de nossas vidas. Algumas delas serão pessoas trazidas a nós por Deus; podem ter algumas necessidades com as quais podemos lidar; podem estar famintas daquilo que Deus está nos mostrando; elas podem já ter uma visão semelhante à nossa e estar procurando alguém com quem possam colocá-la em prática. As possibilidades aqui são incontáveis, mas o resultado é o mesmo. À medida que andamos no Espírito, teremos uma “revelação” espiritual de que essas pessoas estão sendo colocadas por Deus ao nosso lado, por razões que somente Ele conhece.

Não temos o direito de separar e escolher pessoas que nos agradam, nem a liberdade de rejeitar aqueles que têm problemas sérios ou que podem ser considerados difíceis. Quando nós, andando em intimidade com Deus, tomamos conhecimento de que Ele colocou alguém em nossas vidas, precisamos amar e servir essa pessoa em Seu nome.

É claro que, como seres humanos, só podemos ter um número limitado de relacionamentos íntimos. Nossas capacidades são finitas. Se temos apenas poucos irmãos realmente íntimos, isto será suficiente. Então, podemos concentrar nosso ministério e nosso amor naqueles com quem temos intimidade, edificando uns aos outros debaixo do governo de Deus.

Naturalmente, também teremos relacionamentos com outros que estão mais “distantes” espiritualmente. Não estou dizendo que deveríamos ter um círculo de amigos

íntimos que concordem conosco e excluir o resto. A questão é que sempre teremos irmãos mais intimamente ligados a nós e outros que têm uma conexão menos íntima.

Aqueles com os quais temos uma grande intimidade irão, da mesma forma, ter relacionamentos com outros que estão mais distantes de nós. Estes, por sua vez, terão outros com os quais têm mais comunhão, e assim por diante. Em breve, haverá uma rede completa de crentes inter-relacionados, amando e servindo uns aos outros.

Talvez uma boa analogia para isso seja um muro de tijolos. Cada tijolo tem um tijolo em cada lado e ainda um outro tijolo em cima e outro embaixo. Esses outros tijolos também têm tijolos tocando-os, que também terão outros tijolos em contato com eles. O todo, então, é que faz o muro. À medida que os crentes vivem em uma comunhão de amor com os que lhes são íntimos, o todo, então, fará a Igreja.

Ninguém (além de Jesus) necessita criar ou controlar esses relacionamentos. Não há necessidade de que alguém tente organizar ou planejar tal coisa. É o próprio Deus quem junta os membros do corpo conforme Lhe agrada (1 Co 12:18). Ele é quem está no controle dos relacionamentos. À medida que Ele traz outras pessoas para perto de nós, e permitimos que Ele construa uma comunhão íntima entre nós, Sua morada eterna está sendo construída.

A casa de Deus é viva, algo “orgânico”, por assim dizer. Não há um manual para ensinar como fazer. Não há planos específicos, com descrições passo a passo, que possamos executar para ter certeza que as coisas estejam sendo feitas corretamente. Só o Espírito Santo pode produzir, e certamente o fará, se Lhe dermos nossos corações e nossas mentes, os relacionamentos e a comunhão de que estamos falando aqui. Precisamos ter fé, pois se O seguirmos dia a dia, Ele irá construir a Sua Igreja, conforme Ele prometeu.

Embora muitas pessoas esperem por algo pré-definido, organizado e planejado, a casa de Deus nunca poderá ser construída desse modo. Não existe um método sistemático que possamos usar para produzir aquilo que Ele deseja. Somente mantendo um relacionamento diário de fé com nossa Cabeça é que podemos conceber essa experiência gloriosa.

A inteligência humana e a habilidade organizacional devem ser descartadas. Todos os atributos maravilhosos da noiva de Cristo só podem ser conhecidos por aqueles que caminham em comunhão íntima com Jesus.

OS MEMBROS QUE TÊM MAIS DONS

É claro que às vezes haverá membros do corpo com dons e ministérios que vão muito além de outros irmãos com os quais têm intimidade espiritual. Naturalmente, Deus os irá direcionar a usar seus dons para servir o Seu corpo de uma maneira mais ampla. Preguar, ensinar, curar são ministérios que toda a Igreja deve aproveitar. Ninguém está sugerindo, de maneira alguma, que tais ministérios de maior alcance são desnecessários ou rejeitáveis.

Entretanto, isso não nega a necessidade daqueles que têm tais ministérios estarem conectados em comunhão espiritual mais íntima com um pequeno círculo de irmãos. O fato deles terem um ministério que abrange a muitos não significa que não necessitem de uma comunhão íntima com irmãos especialmente próximos. Ninguém deveria negligenciar tal comunhão espiritual com outros e se concentrar somente em “seu próprio ministério”.

Crentes que agem assim correm um grande risco de se tornarem isolados, como uma ovelha longe do rebanho e, portanto, uma presa fácil para o inimigo. Nossa comunhão com outros crentes, em maior intimidade, irá providenciar uma maneira viva de Deus trazer edificação, inspiração e mesmo correção às nossas vidas. Tal comunhão é uma experiência essencial para todo e qualquer crente.

NOVA TRANSPARÊNCIA

Quando estamos andando junto com outros, o que esperamos é encontrar grandes bênçãos. Certamente, teria uma generosa quantidade de graça e satisfação em nossa comunhão. Mas, algo mais pode ocorrer. Podemos começar a ver o pecado e enxergar as fraquezas e as falhas dos outros. Suas vidas se tornarão mais e mais transparentes para nós.

Isto ocorrerá por duas razões. Primeiro, quando Deus nos coloca mais perto de outras pessoas, temos uma comunhão freqüente, senão diária. Assim, a proximidade resultará em um conhecimento mais profundo desses irmãos. É possível algumas pessoas se reunirem com outras durante anos, talvez sendo membros da mesma estrutura religiosa, sem conhecer os pecados e as faltas dos outros. Mas, quando entramos em comunhão

espiritual no corpo de Cristo, é inevitável que comecemos a saber mais uns dos outros, nossas qualidades e nossos defeitos.

A segunda razão é que isso é obra do Espírito Santo. Ele veio para “convencer o mundo do pecado” (Jo 16:8). Então, quando começamos a nos abrir para Ele e para a Sua obra edificadora, o pecado começa a ser exposto. À medida que “andamos na luz” (1 Jo 1:7) junto com outros, esta luz revela muitas coisas. Ela “torna manifesto” (Ef 5:13) o que havia sido anteriormente escondido.

Quando começamos a descobrir que nossos irmãos não são perfeitos; quando vemos que eles são pecadores como nós; quando sua natureza caída e não transformada começa a se expressar; qual é a nossa reação? O homem natural tende a retroceder. Nossa natureza humana gostaria de estar distante dessas pessoas com tais problemas desafiadores. Mas esta não é a resposta de Deus, nem a Sua solução.

É aqui que descobrimos o verdadeiro teste de amor por Deus e de nosso compromisso com os irmãos. É aqui que vemos se estamos prontos e desejosos de viver e construir a casa de Deus.

Aqui temos a maravilhosa oportunidade de derrotar nossas reações naturais. Podemos, pela graça de Deus, perdoar os outros; olhar para eles através dos olhos de Deus; negar a nós mesmos as nossas respostas humanas; e procurar a graça de Deus para tratá-los como Ele o faria. Um outro modo de pensar sobre isso é que nós podemos amá-los como a nós mesmos (Mt 22:39).

Esse é um desafio real. Eis a verdadeira prova de nossa cristandade. Se não pudermos amar nosso irmão, nunca experimentaremos a plenitude da única Igreja verdadeira. Se falharmos aqui, nunca seremos edificados juntos sobre a fundação de Deus.

Quando simplesmente nos afastamos daqueles que são um pouco difíceis ou pecadores, nunca seremos bem sucedidos em ver a casa de Deus edificada. Na falta de estruturas artificiais que mantenham o povo reunido, só temos o amor de Deus, do qual podemos depender. O genuíno corpo de Cristo edifica-se a si mesmo em amor (Ef 4:16).

Mais uma vez, vemos que é aqui que a cruz de Jesus aparece. Quando vivemos com outros no amor de Deus, nosso “ego” precisa ser crucificado. Para ser bem sucedido vivendo em amor, precisamos morrer. Nossas reações naturais, opiniões e desejos devem ser deixados num túmulo. A alma caída não pode superar tal teste. Somente a Vida de Deus

dentro de nós é capaz de viver em amor e harmonia com todos aqueles a quem Ele escolheu.

SENDO EDIFICADOS JUNTOS

Seguindo a trilha do amor e da negação de nós mesmos, depois de algum tempo descobriremos que nossa união e comunhão cresce com outros irmãos de mentes semelhantes. Perceberemos que Deus está nos dando uma vitória sobre nossas reações humanas às falhas e fraquezas deles. Teremos ouvido todas as acusações que o diabo levantou contra eles; teremos observado todos os seus pecados e fraquezas óbvias; estaremos cientes de suas falhas humanas; e, ainda assim, nós os amaremos.

Isso, então, é o princípio da edificação feita por Deus; é uma construção sobre a fundação Dele, Jesus Cristo; é uma união eterna entre nós e Deus e entre nós e os outros; é algo que passou nos testes desse mundo e se tornou eterno. Quando já tivermos visto a verdade sobre os outros e continuarmos a amá-los; quando o diabo já tiver compartilhado conosco sobre todos os pecados e as falhas deles; quando já tivermos superado nossas reações e sentimentos; o que permanecerá é algo que irá durar para sempre.

Quando cooperamos com Jesus e permitimos que Ele nos edifique juntos dessa maneira, então a Igreja se torna menos vulnerável e, com o passar do tempo, invencível aos ataques do inimigo. No Velho Testamento, as pedras para o Templo foram cuidadosamente colocadas. Elas eram cortadas, serradas e, possivelmente, lixadas, até que se encaixassem perfeitamente. Quando eram colocadas em seus lugares no Templo, costumava-se dizer que elas se encaixavam tão bem, que nem mesmo a lâmina de uma faca poderia ser colocada entre elas.

Vejam, os ataques do diabo são como a lâmina de uma faca. Ele adora colocar suas insinuações sobre algum irmão de nosso relacionamento. Quando suas palavras encontram espaço em nossas mentes e em nossos corações, então ele começa a torcer essa faca para nos fazer separar. Essa é a sua principal técnica para destruir a obra de Deus: nos “revelar” as falhas e os pecados dos outros. Então, ele usa essa informação para destruir o amor que nos deveria manter unidos.

Mas, quando somos bem sucedidos em viver em amor; quando as acusações do diabo não encontram mais lugar em nossos corações; quando ele já usou todos os seus esforços, mas falhou em nos separar; então as portas do inferno começam a tremer. Quando derrotamos as palavras que ele usa para acusar os outros, então ele fica com pouquíssimo poder; quando não mais concordamos com os pensamentos que ele coloca em nossa mente; quando paramos de reagir aos seus assaltos de maneira humana e natural; quando continuamos a amar nossos irmãos mesmo em meio aos ataques ao caráter deles; então o reino do diabo está em apuros. É aí que homens e mulheres cristãos alcançam a vitória e vencem o inimigo de Deus. A casa de Deus está, então, sendo edificada de uma maneira sólida e real.

Como vimos, o amor é a única cola que mantém unido o verdadeiro corpo de Cristo. Sem ligas artificiais, sem líderes, sem práticas ou métodos para manter os crentes unidos, somente o amor de Deus irá funcionar. Assim, o diabo dá o melhor de si para atacar essa rara e preciosa conexão.

Se nós, agindo na carne, cooperamos com ele e criticamos, difamamos, fofocamos e falamos mal de nossos irmãos, separamos a única coisa que pode nos unir. Esse tipo de falatório é pecado e deve ser evitado a todo custo. Quando nos descobrimos envolvidos nisso, a única solução é um completo e profundo arrependimento. Somente quando podemos vencer nessa esfera é que vemos a casa de Deus sendo edificada em amor.

ADICIONANDO MAIS PEDRAS

Quando dois ou três irmãos começam a experimentar vitória na área de amar uns aos outros, isto é o começo de algo muito real e precioso. Quando cinco ou seis ou mesmo doze começam a aproveitar um relacionamento de amor divino, então isso demonstra que a fundação de Deus foi bem estabelecida, uma base muito sólida, à qual Deus pode acrescentar muito “peso”.

Por exemplo, vamos supor que alguns irmãos estejam em comunhão entre eles e com Jesus. Subitamente, talvez entusiasmados com a revelação do que Deus está

desejando, um grupo inteiro de crentes resolve se unir a eles. Vamos dizer que esses novos crentes sejam cerca de cem pessoas.

Se esses poucos irmãos originais não estiverem bem edificados juntos, se o inimigo ainda tem alguma munição que eles não conseguiram vencer, então o grupo poderá não passar no teste.

Mais cedo ou mais tarde, o diabo irá manobrar para usar alguma cunha entre esses primeiros irmãos. Eles irão discordar sobre alguma doutrina, direção, liderança ou situação.

Logo acontecerá uma ruptura da comunhão. Os cem que chegaram depois também estarão confusos e divididos. Eles, que pensavam estar chegando a um lugar de amor e unidade, verão em vez disso, lutas e contendas. Uns ficarão de um lado, e outros, do outro. Isso resultará em uma divisão do corpo e na destruição da obra de Deus.

Antes que o Senhor possa acrescentar mais “peso”, os primeiros poucos blocos (irmãos) devem ser bem assentados na fundação. Devem estar solidamente unidos no amor de Deus. Precisam ser pacientes e permitir que Jesus faça uma obra completa em suas vidas individuais e entre eles. Então, e somente então, eles serão capazes de suportar outros “blocos”.

Esse é um primeiro passo essencial na edificação da obra de Deus. Não pense que pode saltá-lo. Você não pode acelerar ou passar por cima desse processo. A menos que alguns irmãos estejam juntos, completamente ligados no amor de Deus, qualquer coisa que seja construída sobre eles não durará muito tempo. Essa é precisamente uma das principais razões pelas quais muitos grupos resplandecem por um pouco de tempo, parecendo ter uma boa revelação e estar fluindo no Espírito Santo e, então, de repente, desaparecem. Os primeiros poucos irmãos da fundação não foram bem entrelaçados no amor de Deus.

Jesus passou três anos e meio com Seus discípulos. Durante aquele tempo, sem dúvida houve conflitos de relacionamentos entre eles. Então Jesus os preparou. Ensinou-os a amar, a perdoar, a oferecer a outra face, a ser meigo e humilde. Ele lhes ensinou muitas coisas sobre como viver bem em comunhão espiritual. Ele usava cada situação como uma oportunidade para ensiná-los a viver em harmonia. Por exemplo, havia freqüentes contendas entre os discípulos sobre poder, grandeza e autoridade. Alguns pareciam desejar uma posição de proeminência.

Lidando com essas situações, Jesus os repreendeu diante de todos. Ele afirmou repetidamente e com clareza que em Seu Reino o maior deveria se tornar o menor. Ele também lhes deu exemplos poderosos de serviço e de humildade (Jo 13:3-17). Assim, depois de Sua morte e ressurreição, aqueles irmãos tiveram uma edificação sobrenatural. Eles tinham uma história conjunta de viver na presença do Senhor.

No dia de Pentecostes, havia cento e vinte discípulos em uma “sala superior” (cenáculo). A maioria, senão todos eles, havia passado muito tempo com os outros e também com o Senhor. Eles haviam experimentado sólidos relacionamentos sobrenaturais ou “edificações”. É evidente que eles tiveram, pois, naquele dia, o Senhor escolheu acrescentar cerca de três mil novos crentes ao número deles (At 2:41).

Surpreendentemente, esses cento e vinte suportaram esse peso. Os apóstolos não começaram a competir uns com os outros sobre quem teria a maior influência ou quem seria o maior. Uma doutrina insignificante ou outra não os dividia.

Os problemas que surgiam não os faziam discordar e separar-se em duas ou três igrejas diferentes. Os desafios que enfrentavam não os induzia a desconfiar uns dos outros, a contender uns com os outros ou a afastar alguns deles da Igreja. Isto acontecia porque eles se amavam uns aos outros. Eles haviam passado um tempo juntos na presença de Jesus, e Ele havia feito uma obra eterna em seus corações.

Isso é o que todos necessitamos hoje. É essencial tirarmos proveito dos poucos irmãos com quem temos comunhão. Esse é o lugar de aprovação. Esses irmãos são aqueles com os quais Deus nos colocou, e é com eles que precisamos aprender a viver em harmonia e amor. Quando essa pequena parte da construção de Deus estiver bem fundamentada, então pode ser que o Senhor acredite que tal parte de Sua casa tem um alicerce forte o bastante para suportar mais peso.

Talvez pensemos que tudo isso seria mais fácil se pudéssemos encontrar alguns cristãos mais agradáveis e se pudéssemos juntar alguns menos problemáticos, menos pecadores, menos teimosos e mais sensíveis. Mas, Deus é quem coloca os membros, um por um no Corpo, conforme lhe apraz (1 Co 12:18).

Os que Ele trouxe para junto de nós são aqueles com os quais devemos ter comunhão; com quem precisamos vencer e superar conflitos; e com quem permitimos Deus operar em nossos corações, até que nos amemos como Ele nos ama.

Jesus sabe o que precisa ser feito em nossos corações. Ele também conhece as necessidades dos outros. Então, quando Ele nos coloca juntos, Ele vê como vai usar os nossos dons e a nossa união para ministrar ao resto. Ele vê como os outros podem nos abençoar também.

Deus já planejou como os problemas e os pecados de outros nos ajudarão a crescer. Ele já tem conhecimento de como as fraquezas e os problemas deles irão impactar nossas vidas, fazendo-nos morrer para nós mesmos, a fim de poder amá-los. Ele designou que esses relacionamentos sejam os mais eficazes para tratar os nossos problemas, promovendo o nosso verdadeiro crescimento espiritual.

Assim, vemos que estamos exatamente onde Deus quer que estejamos. A menos que Ele nos dê uma clara direção para nos mover para algum outro lugar, a situação onde estamos é perfeita. Se encontramos pessoas com o mesmo plano e a mesma visão da casa de Deus, é ali que precisamos estar e permitir que Deus faça a Sua obra em nós e por meio de nós.

Quando Ele nos considerar prontos; quando estivermos transformados à Sua gloriosa imagem; quando não formos mais suscetíveis à obra do inimigo; então Ele poderá nos usar para ser eficazes nas vidas de um número maior de pessoas.

ROMPENDO A COMUNHÃO

Então, quando é que temos permissão para cortar o relacionamento com alguém? Qual é o ponto em que os pecados de outra pessoa são tão grandes que não se espera que os suportemos mais? Quando é que desistimos de alguém? A resposta deve ser “quase nunca”. Nós só podemos desistir de amar nossos irmãos, quando o próprio Deus desiste deles. Deus não desiste facilmente.

Entretanto, Jesus dá algumas regras para a continuação de nossa amizade com alguém que nos ofende. Nós lemos: “Se teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se

estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar também a ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano” (Mt 18:15-17).

Aqui temos uma fórmula para lidar com o irmão que peca contra nós. Primeiro vamos até ele e não a qualquer outra pessoa. “...se ele se arrepender, perdoa-lhe” (Lc 17:3). “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18:22).

No entanto, se ele não quiser ouvir, devemos levar conosco duas ou três testemunhas. Se o irmão, ainda assim, não recebe a nossa reclamação, somos autorizados a levar o assunto para um grupo maior. Finalmente, só depois destes três passos, nos é permitido cessar de nos aproximar dele em amor.

É meu entendimento que o “você” final, no versículo 17 de Mateus capítulo 18, é singular. Isso significa que você, pessoalmente, pode afastar-se do relacionamento com aquela pessoa, se você já seguiu o procedimento acima. Isso não parece ser um método de exclusão de alguém da Igreja em geral. Essa não é uma fórmula para aplicar a “disciplina da Igreja” em cima dessa pessoa. Embora seja frequentemente aplicada dessa maneira, parece que, nesse caso, somente você (singular) está dispensado de manter comunhão com aquela pessoa.

UM IRMÃO “DEVASSO”

Parece haver também outras situações onde nossa comunhão com os outros não se mantém. Há uma passagem onde Paulo nos ensina: “...que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes” (2 Ts 3:6). Quando alguém não está caminhando em comunhão com Jesus e, portanto, “não está caminhando na luz” (1 Jo 1:7), torna-se muito difícil ter comunhão com ele.

A palavra “desordenadamente” acima quer dizer caminhar em pecado consistente e sem arrependimento. Pelo fato do coração dele não estar procurando pelas coisas de Deus, realmente não há benefício algum em tentar construir junto com ele. Embora possamos ser usados por Deus para resgatá-lo desse mau comportamento (Tg 5:19-20), faltando arrependimento na parte dele, nenhuma associação de longa duração serve para construir algo eterno. Se persistimos, corremos o risco de ser contaminados também com o

pecado dele.

Esse princípio se aplica a muitas situações. Quando se torna muito óbvio que um irmão ou uma irmã não está verdadeiramente procurando o reino de Deus, não precisamos gastar o nosso tempo e energia tentando manter comunhão com eles. Quando eles resistem à autoridade de Jesus e estão claramente sendo conduzidos pela carne, então não podemos construir junto com eles também. Se repreender e admoestar não produz arrependimento, então, manter uma intimidade com tais pessoas não edificará a casa de Deus.

Paulo também ensina, referindo-se àqueles que se opunham aos seus ensinamentos: “Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro” (1 Tm 6:3-5). Desses, é bom nos afastarmos!

Nenhum cristão que ande na carne pode colaborar com você na construção da casa de Deus. Paulo então ensina que é melhor não gastar seu tempo com esse tipo de pessoa. Isso não significa que você não deva continuar a amá-los e a orar por eles. Simplesmente quer dizer que precisamos investir nosso tempo e energia servindo àqueles cujos corações estão abertos para Jesus e para o Seu reino.

As Escrituras não estão reivindicando aqui algum tipo de atitude severa e detestável, de rejeição e ódio, o que é muito comum hoje, em vários grupos cristãos, para com aqueles que deixaram de concordar com eles. Não há nenhum pensamento sobre interromper toda comunicação, tratando-os brutalmente ou com desamor, quebrando laços familiares e afastando-os, como se eles fossem uma praga. Tais atitudes não refletem o coração de Deus. Em vez disso, essa parece ser uma reação natural e branda a respeito daqueles cujos corações não estão buscando o governo de Cristo.

Quando os outros não estão em submissão e em comunhão com a Cabeça do corpo, as relações espirituais se tornam quase impossíveis. Nós, portanto, somos aconselhados a, em vez de tentar manter algum tipo de amizade carnal, simplesmente concentrar nosso tempo e esforços naqueles que estão buscando a Jesus. A resposta automática, espiritual, é trabalhar junto com aqueles que estão “caminhando na luz”.

AUTOPODADURA

De um modo geral, a Igreja verdadeira experimenta uma autopoda. Usualmente, não precisaremos gastar tempo preocupando-nos em excluir alguém. Eles normalmente irão se excluir. Se nós e aqueles com quem temos comunhão íntima estamos vivendo em legítima comunhão com Jesus, não sobra espaço para a carne. Haverá ao nosso redor uma atmosfera de santidade e de compromisso.

Qualquer um que entre em contato conosco deve sentir isso. Se eles o fazem e são atraídos, isso é muito bom. Mas, pela minha experiência, muitos não têm essa atitude de coração. Alguns não estão prontos e nem desejosos de se render completamente a Jesus. Isso não é bem o que estão procurando, nem algo pelo qual estejam esperando. Embora possam se sentir atraídos pelos relacionamentos amorosos que vêm, freqüentemente não se sentem confortáveis com um compromisso total para com o Senhor.

Então, essas pessoas não permanecem entre nós. Embora os vejamos lá uma vez ou outra, eles mesmos parecem se excluir do companheirismo, por sua falta de desejo por Jesus e somente por Ele. A verdadeira comunhão só pode ser conhecida por aqueles que têm uma reciprocidade de compromisso total com Jesus e de uns para com os outros.

Na Igreja primitiva talvez essa situação não fosse tão simples. Naquela época, havia somente um grupo de pessoas que era chamado de “a igreja”. Então parece que havia a idéia de que todo aquele que nascia de novo tinha que se encaixar num só grupo. Mas hoje, os crentes têm muitas opções. Se não se sentem atraídos pelo que estamos fazendo, há milhares de outros grupos onde podem procurar aquilo que desejam. Eles podem encontrar um grupo que satisfaça suas expectativas.

Um exemplo disso pode ser alguém que esteja procurando um lugar de autoridade e reconhecimento. A princípio, ele ou ela pode imaginar que uma atmosfera de abertura e amor é uma plataforma perfeita para iniciar um “ministério”. Ao se deparar com a experiência da verdadeira Igreja, porém falhando em enxergar a liderança invisível de Jesus, talvez se confunda, imaginando que a aparente ausência de liderança indique que ele ou ela mesma pode assumir tal posição.

Depois de descobrir que isso não irá funcionar, provavelmente essa pessoa partirá para procurar um lugar mais adequado. Em 1 João 2:18,19, lemos: “...também, agora, muitos

anticristos [aqueles que tomam o lugar de Cristo] têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora. Eles saíram de nosso meio, entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos.”

VOLTANDO-SE PARA SATANÁS

Em uma ocasião, Paulo recomendou que os crentes dessem um passo radical. Quando alguém estava pecando espalhafatosamente e sem arrependimento, ele os instruiu a entregá-lo “...a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor” (I Co 5:5).

Em outra situação, dois homens, Himeneu e Alexandre, tinham caído em pecado óbvio. Eles se recusaram a ouvir a voz de suas próprias consciências e a se arrepender de seus pecados. A autojustificação neles foi tão longe, que suas vidas acabaram em blasfêmia a Jesus e à Sua obra. Não há dúvida de que Paulo e os outros cristãos tentaram adverti-los e resgatá-los, mas foi inútil. Então, Paulo foi levado a tal ponto de desespero que decidiu entregá-los a Satanás, para “...serem castigados, a fim de não mais blasfemarem” (1 Tm 1:20).

Parece que o pensamento por trás desse ato extremo é que Deus iria remover a proteção física daqueles dois indivíduos. Então Satanás poderia atacá-los de várias maneiras, possivelmente incluindo doenças, ferimentos ou morte. Por causa do sofrimento que tal punição poderia produzir, esperava-se que essas pessoas abandonassem seu pecado e se arrependessem.

Entretanto, podemos “entregar a Satanás” tudo o que quisermos. Mas somente quando Deus, que conhece e julga os nossos corações e os nossos motivos, decide que tal coisa é boa para a pessoa que está sendo punida, é que Ele deixará isso acontecer. É Deus quem está protegendo todos os Seus filhos. O fato de alguns decidirem que um dentre eles necessita de punição pode não refletir as atitudes do coração do Pai.

O lado positivo é que esse tipo de oração deixa toda a disciplina nas mãos de Deus. Isto não indica alguma ação evidente que o próprio grupo pratique para punir alguém.

Não acredito que qualquer um de nós possa chegar rapidamente a tal oração. Mesmo se chegarmos a esse ponto, não deveria ser com uma atitude de ódio, ira ou contenda, mas com a esperança de que esse remédio cure e salve aquele que está sendo julgado dessa forma.

Notem a atitude amorosa de Paulo em 2 Coríntios para com aquele crente que ele havia anteriormente entregue a Satanás. Parece que esse homem, que havia dormido com a mulher de seu pai, havia se arrependido. Assim, imediatamente Paulo desejou perdoá-lo e recebê-lo de volta à comunhão. Ele diz: “De modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza. Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor” (2 Co 2:7,8).

A DISCIPLINA NA IGREJA

Durante todos esses anos em que estive caminhando com o Senhor, ouvi muitas coisas sobre a “disciplina na igreja”. Diferentes grupos de cristãos têm achado adequado retirar um irmão ou uma irmã de suas reuniões. As justificativas para isso são variadas, mas a prática é quase sempre a mesma. Algum irmão ou irmã é expulso do grupo, e então o resto não tem mais nada a fazer com eles. A intenção parece ser sujeitar o ofensor à maior dor emocional possível.

Freqüentemente, tais expulsões são feitas para proteger uma liderança estabelecida. Ao invés de refletirem o coração de Deus, são meramente um jeito de ficar livre de alguém que não está se conformando ao programa. Assim, é simplesmente uma maneira conveniente para o líder manter sua própria autoridade.

Embora já tenhamos encontrado uma situação na qual Paulo parece recomendar uma ação do corpo assim para com um irmão pecador, certamente isso não foi feito de uma maneira maliciosa, odiosa ou cruel. Segundo as outras cartas de Paulo, especificamente 1 Coríntios, capítulo 13, aprendemos que o amor de Deus deve dominar todas as nossas palavras e ações.

Todo e qualquer passo tomado deve ser feito com a esperança de resgatar e restaurar o ofensor. Nosso agir deve refletir o coração de Deus.

Certamente existem ocasiões quando o pecado de um irmão, que recusa a se arrepender, leva os outros crentes a parar de manter comunhão com ele. Entretanto, tal decisão da parte do corpo deve ser guiada pela Cabeça. Nunca devemos ter pressa em excluir alguém que Jesus ama. Tais passos não podem ser o resultado de uma disputa de poder, inveja, falta de perdão ou qualquer outro motivo carnal.

Somos livres para descontinuar a comunhão somente quando o próprio Jesus tiver mostrado que o coração daquele indivíduo é perverso. Isso significa que ele não está genuinamente procurando Jesus nem o reino Dele e está só aproveitando o relacionamento com outros por motivos egocêntricos.

A DISCIPLINA NA IGREJA PERTENCE À CABEÇA

Minha conclusão é que a disciplina na Igreja pertence à Cabeça. Jesus é o único responsável por qualquer disciplina que possa ocorrer. Embora tenhamos esse exemplo de Paulo, induzindo algum tipo de oração conjunta com respeito a um irmão pecador, está claro que a resposta àquela oração permaneceu no controle de Deus. Não eram os irmãos que executavam algum tipo de julgamento sobre outros. Isso ainda permanecia nas mãos de Deus.

No capítulo anterior, falamos sobre o fato de Jesus ter mandado julgamento sobre alguns crentes. Tal julgamento sobreveio àqueles que estiveram bebendo e comendo seu alimento juntos de maneira indigna (1 Co 11:29-30). Esses irmãos estavam falhando em respeitar os outros e em tratá-los como membros do corpo de Cristo. Eles não agiram com os outros como se estivessem agindo com o próprio Jesus. Falharam em “discernir” o corpo do Senhor (1 Co 11:29). Portanto, tornaram-se fracos, adoeceram e até mesmo morreram.

No livro de Apocalipse, temos outro exemplo de julgamento divino. Jesus adverte “Jezabel” e aqueles que cometem pecados sexuais com ela, sobre julgamentos futuros, se eles não se arrependerem. Lemos: “Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram...” (Ap 2:22).

Não há dúvida de que esses versos de Apocalipse têm aplicações espirituais mais profundas do que um simples exemplo de adultério, mas a mensagem é clara e afirma que é

o próprio Jesus quem irá exercer Seu julgamento. Ele é quem “sonda mentes e corações” (Ap 2:23). Ele é capaz de discernir os motivos de cada um. Portanto, Ele, e somente Ele, é digno e capaz de executar o julgamento apropriado quando isso é necessário. Tais julgamentos ocorrem mais apropriadamente quando o trabalho feito é Sua obra.

Algumas histórias que tenho ouvido parecem confirmar esse pensamento. Vou tentar contar uma delas agora. Um amigo meu aqui do Brasil, foi visitar a África do Sul há alguns anos atrás. Foi junto com um grande grupo de crentes para testemunhar um avivamento que estava acontecendo lá.

Na percepção dele, aquela era uma genuína obra de Deus. Eles não tinham nenhuma liderança oficial. Era o próprio Deus quem dirigia suas vidas e os seus encontros. A vida centralizada em Cristo e a comunhão entre eles realmente o impressionaram. Enquanto estava lá, contaram-lhe uma história.

Cerca de uma semana antes da chegada dele, um pastor de uma outra igreja havia vindo a uma das reuniões. Já que essas reuniões eram abertas para quem quisesse dar uma mensagem de exortação, esse pastor levantou-se para pregar. Não muito tempo depois de ter iniciado a sua mensagem, ele caiu morto na frente de todos. Mais tarde, soube-se que ele estava vivendo em uma situação, de adultério. Parecia que Deus havia julgado essa situação, sem que ninguém precisasse fazer a Sua obra em Seu lugar.

Creio firmemente que necessitamos deixar as nossas próprias mãos fora da obra de Deus. Jesus é quem está construindo a Sua Igreja. Ele é o Ungido para realizar essa tarefa. Então vamos simplesmente segui-Lo em obediência. Ele fará o resto.

Não há necessidade de que tentemos nos disciplinar uns aos outros. Esse pensamento é infantil e ridículo. Se alguém se arrependeu, devemos perdoá-lo imediatamente. Se ele continua no pecado, precisamos orar para que o próprio Deus trate com ele à Sua maneira. Quando levamos essas situações a Ele, Ele sabe como lidar com elas e tem o poder para fazer isso.

NOSSAS OBRAS SERÃO JULGADAS

Embora tenhamos nossa parte a executar, construir a Igreja é realmente obra de

Deus. Não é algo que façamos *para* Ele, mas algo que Ele faz *por meio de nós*. Vamos novamente nos lembrar de que Jesus disse: “...edificarei a minha igreja...” (Mt 16:18). Conforme vimos nos primeiros capítulos, Ele é a força, Ele é o centro, Ele é a substância, Ele é o foco, Ele é a Vida e Ele é o Cabeça de tudo.

Jesus é a fundação que permanece. Somos exortados a ter cuidado com o que construímos sobre essa fundação. Somente construindo com a substância do próprio Jesus, é que podemos erigir algo que passará no teste da eternidade.

Essa é uma advertência extremamente importante. Embora muitos não tenham dado importância ao que isso significa ou aos resultados da desobediência nessa área, é um fator essencial em nossa construção junto com Deus. Cada crente deve ter essa verdade firmemente implantada em sua mente, de tal maneira que ela guie suas palavras e comportamentos.

Quando Jesus voltar, Ele irá julgar nossas obras pela abrasadora intensidade de Sua presença. Tudo que não foi “feito em Deus” (Jo 3:21) será certamente consumido pelas chamas. Nessa ocasião, haverá um embaraço extremo, um momento de grande vergonha, se descobirmos que muitos dos nossos esforços foram simplesmente manifestações de nossa natureza humana.

Se nossos trabalhos para Deus foram meramente o resultado de nossa própria inteligência, educação ou habilidade; se eles são apenas realizados por aquilo que o homem natural pode fazer; se são apenas o fruto da sabedoria e do esforço humanos; naquela ocasião o desgaste e a ineficácia de nossas obras rebeldes serão evidentes diante de todos.

Portanto, é uma incumbência para cada um de nós nos humilhar diante de Deus. Precisamos nos arrepender completamente de tudo aquilo que fizemos sem que a fonte tenha sido Ele. Precisamos desesperadamente parar com toda obra que seja simplesmente de madeira, feno e palha. Todo esforço que seja meramente um empenho humano deve ser abandonado.

Em seguida, precisamos cultivar uma intimidade com o próprio Jesus, que se tornará a fonte e a inspiração para todo o nosso serviço em Sua casa. Precisamos aprender a permanecer ligados à videira, de tal maneira que o fluir da Vida Dele em nós irá produzir frutos sobrenaturais (Jo 15:5). Precisamos desenvolver uma comunhão espiritual com nosso Senhor e Rei, que guiará nossas palavras, obras e passos.

Desta forma, e somente desta forma, quando estivermos diante Dele naquele dia, receberemos uma recompensa eterna. Não seremos envergonhados, tendo nossas obras queimadas em Sua presença. Nós O ouviremos dizer, diante de todo o Universo, que observa e espera: “Muito bem, servo bom e fiel...entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25:23).

POSFÁCIO

À medida que diferentes irmãos e irmãs, em várias partes do mundo, foram lendo os primeiros esboços deste livro, tive o privilégio de receber vários tipos de comentários. Talvez, surpreendentemente, a maioria das respostas tenha sido positiva. Parece que homens e mulheres de toda parte do mundo estão ávidos por esse tipo de experiência de Igreja. Um número incontável de pessoas está insatisfeito com a atual condição da Igreja de Jesus e está procurando por algo que seja mais eterno e edificante espiritualmente.

No entanto, parece haver uns poucos que ainda têm problemas com a idéia de uma libertação completa de toda liderança humana e institucional. Eles parecem sentir que deve haver um pouco de autoridade posicional no corpo de Cristo, para que as coisas não escapem ao controle ou para lidar com algumas situações especiais. A idéia de uma completa ausência de qualquer figura de autoridade humana parece-lhes impensável.

Essas afirmações são normalmente sustentadas em alguns versículos bíblicos que já examinamos anteriormente neste livro. Era minha esperança que as explicações oferecidas aqui e uma melhor tradução desses versículos já mostrados fossem adequados para saciar as mentes e os corações daqueles que estão genuinamente interessados em obedecer ao Senhor nessas questões.

Entretanto, já que esse é um assunto muito importante, parece bom tocar nele brevemente ainda no final do livro.

A prática da autoridade humana posicional não pode ser bíblica, por várias razões essenciais, talvez ainda não totalmente esclarecidas. Primeiramente, ela viola o princípio de que Jesus é a única fonte de Vida de Seu corpo. Qualquer coisa que se origine de alguma outra fonte – por exemplo uma figura de autoridade humana – não pode produzir algo que tenha valor espiritual. Ao contrário, é um sério engano. É um ato que, embora possa parecer bom, produz somente obras de madeira, palha e feno.

Esse fato é muito importante. É um princípio essencial, inalterável. Apenas a “fonte de Vida” faz surgir a nova criação. Todas as outras fontes, não importa quão boas, corretas ou “qualificadas” possam parecer, são completamente inapropriadas. Elas são impotentes e

incapazes de gerar algo verdadeiramente espiritual ou eterno.

Em segundo lugar, qualquer exercício de autoridade meramente posicional viola a vontade livre dos crentes. Tal autoridade trabalha de uma maneira que Deus nunca faz.

Vamos juntos pensar nisso. A autoridade humana ou “posicional” somente poderia ser necessária quando alguém não desejasse obedecer à autoridade espiritual de Jesus, fluindo por meio de Seu corpo. Se alguém não obedece a Deus falando-lhe através de Sua Palavra, de Seu Espírito, de outros crentes etc., então poderíamos imaginar que alguém mais tangível pudesse dar a essa pessoa um pequeno “empurrãozinho” na direção correta. Alguém poderia aplicar uma pequena força humana para ajudá-la a fazer a coisa certa.

No entanto, isso é algo que Deus mesmo nunca faz. Quando alguém não deseja obedecer, Ele nunca o força. Jesus nunca faz alguém ir um centímetro além do que deseja ir, ainda que seja para o seu próprio bem. Mesmo que alguém esteja para cometer um sério pecado, Deus não desce do céu para impedi-lo. Pense um momento sobre isso. Se Deus não faz determinada coisa, será que nós devemos fazer algo em Seu lugar? Você se lembra do Jardim do Éden? Lá estava Eva com aquela fruta proibida na mão. Sua boca estava aberta para provar um pedaço. Ela estava à beira de destruir a nova criação de Deus. Uma vez que provasse o fruto, restaria à humanidade apenas a morte e todo tipo de pecado, incluindo guerras, estupros, violências, roubos, mentiras, assassinatos, enganos, ódios, traições e tudo mais.

Mas, veja bem, Deus não a impediu. Ele não usou nenhuma “forcinha” para influenciar sua escolha. O Criador, que tinha todo direito de exercitar uma autoridade sobre ela, não o fez.

Nenhuma pressão humana para forçar alguém a fazer algo, mesmo que seja a vontade de Deus, terá um valor eterno. Mesmo que possamos persuadir alguém a obedecer, fazendo algo que obviamente é correto, se existir dentro dele qualquer resistência a esse caminho, então ele não ganhará benefício espiritual algum. Qualquer “obediência a Deus”, que não venha do coração, é inútil. Não fará nada para transformá-lo. De modo inverso, quando o coração está aberto e pronto para obedecer, a autoridade posicional é completamente desnecessária.

Por violar esses dois claros, essenciais e invioláveis princípios, o exercício da autoridade posicional não pode ser considerado como algo que seja proveniente de Deus.

Portanto, precisamos reajustar nossos pensamentos para que se conformem à Sua vontade revelada.

Não podemos ser prisioneiros do ensino e da prática comuns. Pelo contrário, precisamos compreender todos os versículos bíblicos apenas em conformidade com princípios absolutamente espirituais e também com os ensinamentos de Jesus que estivemos examinando nos capítulos anteriores.

CONTRIBUIR

Uma outra questão que se levanta sobre a vida comum no corpo de Cristo é sobre “contribuir”. Muitos têm sido ensinados a doar para alguma instituição. Foram ensinados que devem doar seu dízimo à igreja onde congregam. Se, porém, não têm “igreja” para fazer a doação, o que devem fazer? Nossa resposta a isso não deve ser considerada como um ensino completo sobre o assunto “contribuir”. Não é nosso propósito aqui analisar a questão dos diferentes tipos de ofertas nem de quanto devemos dízimar.

O principal enfoque desse aspecto é que devemos aprender como seguir o Espírito Santo em nosso “dar”. Assim como Ele deve ser o Senhor em cada parte de nossas vidas, também as nossas ofertas em dinheiro devem ser conduzidas por Ele. Deus irá nos mostrar como e onde dar. Pode ser para os pobres; para ajudar as necessidades dos irmãos ao nosso redor; para sustentar alguém que se deu à obra do Senhor. Por exemplo, alguém trabalhando como um missionário ou dedicando-se a alguma obra espiritual pode estar necessitando de ajuda financeira.

Verdadeiramente o dízimo pertence à casa de Deus. Mas a casa de Deus é o povo Dele, não algum tipo de organização. Os homens e mulheres que pertencem a Ele é que são a Sua casa. Portanto, dar a eles significa dar à casa de Deus.

Se fazemos parte de alguma organização religiosa que tem despesas com aluguel, contas de energia e salários de funcionários, temos a responsabilidade de pagar nossa parte das despesas. Assim como os membros de um clube têm a obrigação de pagar a mensalidade para que se beneficiem das estruturas do clube, também qualquer um que

esteja se beneficiando da participação em um grupo organizado deve ser responsável por sua parte nas despesas.

Entretanto, não podemos chamar esse pagamento de “dar a Deus”. Se estamos apenas pagando a nossa parte, se somos nós os beneficiados, então estamos dando apenas a nós mesmos. Dar a Deus é um tipo de oferta da qual não deriva benefício pessoal algum.

MINISTÉRIOS MAIS AMPLOS

Conforme foi mencionado em um capítulo anterior, pode ser que alguns irmãos e irmãs tenham um dom muito evidente para um ministério ungido. Certamente esse dom é importante e necessário para todo o corpo de Cristo e até mesmo para os descrentes.

Entretanto, um fato parece salientar-se quando se fala em ministérios assim. No Novo Testamento, tanto no ministério de Jesus quanto no dos apóstolos, nenhum ministério foi exibido como um show ou um espetáculo. O uso de dons sobrenaturais e imponentes nunca foi com o intuito de impressionar os outros para atrair a atenção e ganhar fama e fortuna.

Quando Jesus curava algumas pessoas, Ele lhes dizia que não deveriam falar sobre a cura (Mt 8:4; Lc 8:56). Ele fez muitos dos seus milagres em segredo. Até mesmo insistiu para que não contassem que Ele era o Cristo, antes que Ele partisse (Mt 16:20). Mesmo quando curou publicamente, não o fez como um tipo de espetáculo ou para chamar a atenção sobre Si. Ele não fez nenhum esforço para ganhar fama ou seguidores pelo uso de Seus dons.

Os apóstolos da Igreja primitiva não faziam um espetáculo de circo ou peça de teatro com os dons que Deus lhes havia dado. À medida que Deus os usava no curso normal da vida, eles usavam seus dons para a glória Dele e não de si mesmos.

Então, isso leva à conclusão óbvia de que nós também não devemos usar nossos dons de maneira a nos glorificar. Talvez cantemos ou preguemos muito bem. Possivelmente temos dons de cura e de milagres. Precisamos estar constantemente vigilantes para usar esses dons somente de modo que glorifiquem a Deus e não a nós mesmos.

Quando percebemos que estamos sendo o centro das atenções ou desviando a

glória devida, somente a Deus, precisamos nos arrepender diante Dele e procurar um modo de usar os nossos dons, de tal maneira que não produzam esse repugnante resultado natural. Certamente o Senhor concedeu dons a Seu povo para que os usassem de maneira a cumprir os Seus propósitos e a promover o Seu Reino de modo maravilhoso e glorioso.

A IGREJA NÃO IMPRESSIONANTE

À medida que aprendemos a viver em amor com nossos irmãos e irmãs, podemos ser estimulados com essa nova experiência e com a revelação que estamos recebendo. Pode ser que, porque nos entusiasmos com essa rica experiência do corpo de Cristo, esperemos que muitos outros cristãos desejem também viver assim. Podemos até mesmo pensar que esse pequeno início se tornará algo tão impressionante que irá chacoalhar o mundo. Assim como os primeiros discípulos, podemos imaginar que agora é a hora de Jesus voltar e assumir o controle de Sua Igreja, fazendo as coisas acontecerem.

Entretanto, isso pode não ser bem o que acontecerá. Indubitavelmente, à medida que obedecemos ao nosso Senhor, aprendendo a nos reunir em torno Dele e em submissão a Ele, iremos ver Sua mão se movendo poderosamente e muitas vidas sendo transformadas.

No entanto, isso pode não se tornar algo muito impressionante aos olhos do mundo ou mesmo de outros crentes. Nossa experiência pode nunca atingir um pico de popularidade de maneira que a Igreja do mundo todo seja instantaneamente transformada. Nossa maneira de servir ao Senhor e uns aos outros provavelmente nunca se tornará popular e universal. Devemos preparar nossos corações para isso.

Primeiramente, os métodos de Deus usualmente não são cheios de pompa. Ele é humilde e procura comunhão com aqueles que também são humildes. Deus não deseja fazer algum tipo de estardalhaço nem ostentar Seu poder e glória. Seu objetivo é transformar homens e mulheres à Sua imagem. Então, é possível que, quando Ele estiver no controle de Sua Igreja, os resultados não sejam impressionantes, em termos de reconhecimento mundial, popularidade etc.

Isso talvez seja comparado ao alimento da primeira páscoa instituída por Deus. Ela era uma refeição santa, sublime. Entretanto, era pouco atraente ao homem natural. Sim,

havia carne assada, mas sem nenhum tempero, talvez nem mesmo sal. E também havia ervas, mas elas eram amargas e nada atraentes. Como complemento, havia um tipo de pão duro, sem qualquer fermento para fazê-lo mais palatável.

Um outro aspecto a considerar é que muitos filhos de Deus não estão verdadeiramente procurando ser agradáveis ou interessados em andar em intimidade com Ele. É triste, porém verdadeiro, que muitos, que já receberam a Cristo como Salvador, não O estejam seguindo de todo o coração, como Rei de suas vidas.

Embora mantenham uma aparência de cristianismo, quer dizer, indo às reuniões da Igreja de vez em quando ou se afastando dos pecados mais graves, seus corações não estão cativos a uma intimidade diária com Jesus. Conseqüentemente, não se entusiasma com o tipo de experiência da Igreja que estamos recomendando. Veja você, os caminhos de Deus não atraem o homem carnal. Eles oferecem pouco, basicamente nada, para atrair a nossa carne. Isso também é verdade com relação à experiência de Igreja, a qual é conduzida por Ele e preenchida com Ele. Haverá muito pouco para atrair crentes carnais ou infantis.

Não haverá uma superabundância de eventos sociais, divertimentos e/ou “grupos de apoio”, para manter a atenção deles. Somente serão atraídos aqueles que estão seriamente interessados em agradar a Jesus. Portanto, esse modo de viver a vida de Cristo com os outros nunca será universalmente popular.

TEMPO JUNTOS

Uma das poucas coisas que temos para oferecer a Deus é o nosso tempo. Ele não necessita de nossa energia e de nossos esforços humanos. Mas o tempo é um elemento essencial na experiência da verdadeira Igreja. Para poder servir uns aos outros, ajudar a edificar a vida dos outros, usar nossos dons e ministérios, procurar conhecer os outros no Espírito etc., precisamos gastar tempo uns com os outros. Simplesmente não há substituto em nossa procura por mais realidade em nossa experiência de Igreja, do que o tempo passado junto com os outros. Não há outra maneira pela qual os relacionamentos necessários para sustentar a Igreja viva possam ser mantidos.

Aqui encontramos uma das chaves mais importantes para experimentar a

verdadeira Igreja: precisamos ter tempo para estar juntos! Portanto, a disponibilidade de nosso tempo para Deus, a ser usado nas atividades acima mencionadas, é crucial. Isso significa que precisamos reorganizar nossas prioridades. Não podemos deixar que outras necessidades e pressões nos dominem.

Há muita verdade no ditado: “As pessoas acham tempo para aquilo que é importante para elas”. Por exemplo, alguém que goste de pescar, levanta-se antes do amanhecer, fica acordado até tarde da noite e faz muitos outros sacrifícios para poder fazer aquilo que ama. Aquilo no que investimos nosso tempo revela o que é mais importante para as nossas vidas.

Muitos irmãos são mantidos prisioneiros por seus próprios negócios. Devotam a eles todo o seu tempo e atenção. Outros se distraem da obra de Deus por causa de entretenimentos. Outros ainda gastam seu tempo em várias necessidades e exigências desta vida.

Entretanto, todo crente que deseja experimentar e viver em uma Igreja mais viva, deve ter como prioridade gastar seu tempo junto com os outros crentes. Se não fizer isso, muito pouca coisa que tenha valor eterno irá ocorrer. Se não devotarmos tempo para estar uns com os outros, a Igreja verdadeira não será vista de uma maneira ampla.

O tempo juntos poderá ser para simples camaradagem. Pode ser um tempo de oração conjunta. Pode ser para encontros, aconselhamentos ou uso de dons e ministérios. O que fazemos quando estamos juntos não é tão importante, quanto o fato de termos tempo disponível para estar uns com os outros. É evidente que outro ingrediente essencial é Jesus estar dirigindo esses momentos. Em qualquer momento, em que dois ou mais crentes consigam entrar, juntos, em Sua presença, Ele irá ministrar-Se a eles e por meio deles, edificando, desta forma, o Seu próprio corpo. Quando estamos Nele juntos, aproveitamos isso imensamente.

Portanto, os que são sérios em viver Cristo junto a outros crentes são pessoas que devotam seu tempo a conhecer Jesus intimamente e a servir o Seu corpo diariamente. Sem tal comprometimento de tempo com o Senhor, nada de valor eterno ocorrerá. A obra do Espírito entre nós será seriamente retardada.

Quando nosso tempo é ocupado com outras atividades, não importa quão lógicas e justificáveis elas possam parecer, de um ponto de vista humano, o verdadeiro

funcionamento da Igreja será muito limitado. Crentes que estejam procurando por uma expressão mais viva do corpo de Cristo, devem rearranjar suas prioridades, de maneira que seu tempo seja disponível para ser usado para o seu Senhor.

Na verdadeira expressão do corpo de Jesus, não há uns poucos homens ou mulheres que façam toda a obra ou a maior parte dela. Cada um tem uma responsabilidade diante de Deus, de amar e servir. Conseqüentemente, o tempo que disponibilizamos para Ele se torna crucial.

**OUTRAS OBRAS
DO MESMO AUTOR EM PORTUGUÊS :**

DE GLÓRIA EM GLÓRIA – a transformação da alma –

Este livro traz uma abordagem séria e uma nova perspectiva para muitos conceitos ensinados na Igreja Evangélica de nossos dias. O leitor encontrará tópicos que, além de profunda reflexão, abrirão espaço para uma compreensão dos propósitos de Deus, muito mais ampla do que provavelmente você obteve até agora. Se você tem fome do conhecimento de Deus e um coração aberto e sincero para receber Sua verdade, temos total confiança de que Ele usará esse livro para revelar-Se de maneira mais completa e poderosa a você.

VENHA O TEU REINO – na terra como no céu –

Este livro não é simplesmente mais uma investigação sobre as profecias referentes aos últimos dias. Ao invés disto, é uma discussão a respeito de um aspecto do evangelho de Jesus Cristo muito negligenciado: o Evangelho do Reino. Na igreja atual, inúmeros crentes estão completamente ignorantes sobre a importância do Reino Milenar que virá, e sobre o impacto que este Reino deve ter em suas vidas atuais.

Este livro pretende preencher esta lacuna. Pode ser que em seus conteúdos se encontrem coisas novas e diferentes. Porém, isto não deve impedir aqueles que têm uma sede genuína de Deus e de Sua verdade. Este livro foi escrito na expectativa de que todos os que amam Jesus e estão em busca de conhecê-Lo mais profundamente, possam achar muitos benefícios.

ANTICRISTO

O vindouro aparecimento do Anticristo e estabelecimento de seu reinado têm sido matéria de veementes discussões ao longo da história da Igreja. Em nossos dias, que parecem apontar para a conclusão desta era, tal discussão tem se tornado ainda mais importante.

Neste livro, você irá encontrar uma discussão coerente e atual sobre muitas visões descritas do livro de Daniel. Tal análise poderá ajudar os leitores a entenderem os eventos que irão preceder a vinda do Anticristo, no contexto de nossa presente situação mundial.

AUTORIDADE ESPIRITUAL GENUÍNA

Sem dúvida, a submissão à autoridade é essencial para cada cristão sincero. No entanto, a quem devemos nos submeter? Hoje em dia, há tantas vozes afirmando ser a autoridade certa, mas como podemos distinguir a autoridade real das imitações?

Neste livro, você achará uma nova perspectiva, uma nova maneira de entender este assunto na Igreja atual. O foco desta mensagem é saber como reconhecer a liderança do Espírito Santo quando Se manifesta no Corpo de Cristo.

O desejo do autor é que Deus possa usar esse livro para ministrar mais de Si mesmo a você.

PARA RECEBER OS LIVROS SEM CUSTO
POR FAVOR, VISITE NOSSO WEBSITE: www.graodetrigo.com

CONTATO:

David W. Dyer

(027) 3299-3476

1-715-830-0126

email: davidwdyer@yahoo.com

Nos comunicamos em português.